

LEONARDO BARROS



O VAMPIRO  
IMPERADOR

nova século®

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**LEONARDO BARROS**

**O VAMPIRO IMPERADOR**

DA DESTRUIÇÃO DE SODOMA AO INCÊNDIO DE ROMA

  
novo século®  
SAO PAULO, 2015

O vampiro imperador  
Copyright © 2015 by Leonardo Barros  
Copyright © 2015 by Novo Século Editora Ltda.

---

**gerente editorial**

Lindsay Gois

**editorial**

João Paulo Putini

Nair Ferraz

Vitor Donofrio

**gerente de aquisições**

Renata de Mello do Vale

**assistente de aquisições**

Acácio Alves

**auxiliar de produção**

Luís Pereira

---

**preparação**

Fernanda Guerriero

**diagramação e composição de capa**

Equipe Novo Século

**revisão**

Márcio Campos

**ilustração de capa**

Alexandre Santos

---

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)**

Barros, Leonardo  
O vampiro imperador  
Leonardo Barros,  
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

1. Ficção brasileira I. Título.

15-01248

CDD-869-3

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

---

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.  
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111  
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil  
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323  
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br



E-ISBN: 978-85-42807-01-1

A Anna Laura, por ter me pedido para ler e interpretar cada novo trecho deste romance ao final das sessões de escrita. Suas expressões de espanto, seus sorrisos e suas lágrimas me deram a certeza de que eu estava no caminho certo.



# 1

**Ano 3000 a.C.  
Sodoma**

Um abutre negro e imenso agitou as asas e alçou voo, abandonando o galho da velha árvore. Sabia que aquela era a hora certa para encontrar seu alimento preferido: carne morta e putrefata.

A luz morna do sol, que estava prestes a se pôr, ainda refletia em suas penas, enquanto a ave planava e sentia o ar quente lambe-lhe as asas. Viu, alguns quilômetros adiante, o espelho de água que, para ela, era o limite do mundo. Sabia que não havia peixes ali, e que a água era salgada, o que tornava impossível bebê-la.

Com um pequeno esforço, o abutre negro ganhou altitude. Agora ele podia ver, abaixo de si, as árvores confluindo numa malha verde, como se todas as plantas, de tamanhos e formas diversas, fossem parte de um único organismo vivo que se arrastava pelas encostas dos morros. Avistou uma pequena e próspera cidade, onde camponeses criavam ovelhas. Às vezes, havia comida para ele naquela área, mas isso era raro, e acontecia apenas quando um dos animais quebrava a pata, era picado por uma cobra, ou quando parte do rebanho adoecia.

Bateu as asas com força, ganhando mais altitude. Não precisava voar baixo para localizar o alimento ou sentir o cheiro da carne, graças aos seus poderosos sentidos.

Teve a visão de todo o vale: os sopés das montanhas, os campos cheios de ovelhas e os muros que cercavam as cinco cidades.

Para a ave, o cheiro de uma das cidades era diferente das demais: a morte estava entranhada até nas pedras de suas edificações. Lá, era comum encontrar corpos de humanos mortos no meio da noite. Sabia que *o outro ser* bebia apenas o sangue, deixando a carne intacta. Ao sobrevoar essa cidade, o abutre ouviu os gritos dos homens, as risadas das mulheres, a música produzida pelos instrumentos de sopro e tambores. Sentiu o cheiro de fezes e urina, de comida e de flores, todos os odores se misturavam em suas narinas sensíveis.

Viu as pessoas se aglomerando.

Girou o corpo no ar e desviou sua rota de voo. Despencou num rasante e agitou as asas, pouco antes de aterrissar.

Ao fincar as garras na amurada de pedras, estas untadas com barro e betume, a ave esticou as asas e emitiu um grito agudo, abrindo o bico negro e recurvado.

– Deus! – gritou uma moça de cabelos castanhos, cheios de cachos, enquanto arregalava os olhos cor de mel. Sua boca era carnuda e pequena, seu corpo era magro e firme, com coxas fortes e ombros bem torneados. – Isso só pode ser um mau presságio! – Levou a mão ao peito.

O homem que estava por trás dela pôs as mãos em seus ombros, confortando-a.

– Está com medo que o abutre a coma, Vered? – havia um leve tom de ironia em sua voz. – Que venha, então! Eu nunca deixaria esse bicho chegar perto da mulher que eu amo. – Virou o corpo da moça e a beijou.

Ela o repeliu, mas não conseguiu conter o sorriso, que logo desapareceu.

– Mesmo assim... – Vered abaixou-se e pegou uma pedra do chão de terra batida, arremessou-a e, por pouco, não acertou o abutre. O som que a pedra fez ao se chocar com a parede espantou a ave. – Sei que os abutres preferem carne morta, Dotan. Não é da ave que tenho medo.

– Sua pontaria já foi melhor – ele brincou.

– Não queria acertá-lo. Queria apenas que fosse embora. Onde há abutres, há morte. – Vered cruzou os braços.

Dotan devolveu-lhe um semblante solícito.

– O vale inteiro está repleto de abutres. – Puxou-a e a abraçou. – O pássaro queria apenas ver a festa de perto. Todos os habitantes de Sodoma vieram pelo mesmo motivo.

•

As barracas do mercado central de Sodoma foram retiradas para dar espaço ao salão improvisado e ao palanque que fora construído em uma das extremidades do lugar. Havia centenas de vasos cheios de vinho até as bordas, três fogueiras assando cordeiros e uma dúzia de mesas enfileiradas, sobre as quais colocaram as cestas de pães. A praça estava cercada com tochas afixadas em sustentáculos de bronze que iluminavam todo o ambiente.

Sobre o palanque, um grupo de músicos tocava flauta e instrumentos de percussão, imbuindo os cidadãos de um sentimento festivo.

– Não acredito que meu pai me deixou ficar – disse Vered a Dotan, encarando-o com um sorriso.

– E o que ele poderia fazer? Levar você à força e obrigá-la a viver numa caverna? Às vezes acho que meu tio está louco – comentou o rapaz, levando a taça de vinho à boca.

– Não diga isso – retrucou a moça. – Minhas irmãs e minha mãe foram com ele, não foram? Eu poderia ter ido também – abaixou tanto o volume da voz ao dizê-lo, que tornou óbvio, para si mesma, que nunca teria aceitado deixar a cidade sem Dotan. – Você sabe que meu pai é um homem de fé, e que tudo o que ele faz está de acordo com a vontade de Deus.

– Todos nós acreditamos em Yahweh, Vered, mas dizer às pessoas que O *vê* e que *fala* com Ele já é demais. Acho que meu tio Ló é vítima dos males da idade. Você sabe que muitos homens perdem a memória e a razão depois de velhos, não sabe?

Vered sorriu, levando a mão à boca.

– Não seja maldoso.



Dotan bebeu um novo gole de vinho, depois colocou a taça de bronze sobre a mesa de madeira que fora coberta com peles.

– Não falo por mal, Vered. Acontece que... pense bem: meu tio disse que Deus tinha falado com ele, e disse que, se não encontrasse dez homens justos em Sodoma, toda a cidade seria destruída. Há milhares de pessoas aqui: pastores, artesãos, oleiros, costureiras, pedreiros e sábios.

Vered meneou a cabeça.

– O trabalho não é a única condição para que se chame um homem de *justo*, Dotan. O que meu pai procurava eram sodomitas que temessem Yahweh e o amassem. Pessoas que seguissem os preceitos da moral hebraica. Homens fiéis às suas esposas e capazes de ajudar um viajante doente ou faminto. Você sabe que este era o costume antigo: que aos viajantes se deveria dar abrigo e comida. Hoje, porém, fechamos os portões da cidade para aqueles que não têm como pagar sua estada. Este é o motivo pelo qual os hebreus que moram além dos limites de Sodoma nos criticam tanto: a usura nasceu nesta cidade, Dotan, e com ela vieram os excessos. É disso que meu pai tanto falava.

– Mesmo assim. Eu, por exemplo, sou justo. Justíssimo! – empertigou-se, levando as mãos aos cabelos lisos que insistiam em se derramar sobre sua frente, jogando-os para trás. – Talvez eu seja tão justo que valha por dois homens de fé. Será que não há homens como eu nesta cidade?

Vered se dobrou numa imensa gargalhada, puxou-o para perto e o beijou.

– Como você é humilde, querido – riu. – Mesmo assim, você se negou a ir com o meu pai, o que me obriga a ficar na cidade.

– Está rindo de quê? Estou falando sério! Olhe para mim. – Abriu os braços. – Sou um homem justo. Quantos jovens em Sodoma se disporiam a casar tão cedo?

Ela mostrou uma expressão de reprovação, apertando os lábios pequenos e grossos.

– Bom – ele emendou. – É claro que o faço por amor, mas...

– Melhor mudarmos de assunto – retrucou a moça. Surpreendeu-se ao sentir que alguém a puxava, por trás.

– Ele já apareceu? – perguntou Rodha.

Rodha tinha o corpo esguio e os seios fartos. Os olhos amarelados eram vivos, alegres, e, mesmo enquanto se dirigia a Vered, não conseguia desviá-los de Dotan. Era mais alta que a amiga e tinha um corpo mais forte também. Seus cabelos eram castanhos, mas, diferente dos de Vered, refletiam um tom avermelhado sempre que a luz do fogo incidia sobre eles. Três rapazes a acompanhavam.

– Oi – foi tudo o que disse Nadav, o mais alto do grupo.

Nadav, aliás, era o homem mais alto da cidade. Tinha fama de ser um bom rapaz, mas conhecido também por não aceitar desaforos. Falava pouco, e dificilmente sobre si mesmo. Seus cabelos eram negros, lisos e caídos sobre a fronte.

Yoel e Oren, os gêmeos, pareciam desconfiados, e mantinham-se junto a Nadav, como se temessem tudo e todos em seu redor, exceto o amigo brutamonte. Apesar da estatura mediana, pareciam pequenos ao lado de Nadav. Tinham o rosto afilado, olhos verdes, e os cabelos castanhos, muito claros, caíam sobre os ombros, em cachos.

Dotan recebeu os companheiros com um abraço caloroso.

– E então? – insistiu Rodha. – Ele apareceu?

Vered riu, enquanto se aninhava nos braços de Dotan.

– Por que tanta curiosidade?

Rodha arregalou os olhos e explicou:

– Dizem que ele tem mais de cem anos, acredita? Estou ansiosa para ver como é sua aparência. – Cruzou os braços. – Dizem até que ele é um demônio! Por isso ficou tão rico assim!

– Impossível – retrucou Dotan.

Vered tocou o ombro da amiga.

– Do que você está falando?

Rodha encarou Dotan por um instante. Observava, pelas aberturas laterais da túnica de couro curtido, o peito delineado e parte dos músculos do abdome.

– Fale, mulher! – insistiu Vered.

Rodha despertou.

– Não conheço ninguém que já tenha visto esse homem antes.

– Eu já o vi – revelou Dotan.

Nesse instante, Nadav levou a mão ao rosto, escondendo o sorriso.

– Onde?! – surpreendeu-se Vered. – Dizem que ele nunca sai da Casa dos Prazeres. Se você o viu, é porque...

Dotan deu um passo para trás.

– Eu nunca fui à Casa dos Prazeres de Hanni-Baal! – defendeu-se Dotan. – Bom... Não como cliente. Fui uma vez, durante o dia, levar as peles que um dos homens dele havia encomendado.

Rodha meneou a cabeça.

– Dizem que Hanni-Baal compra peles, joias e armas, mas nenhum mercador jamais teve de levar comida à Casa dos Prazeres.

Nadav reassumiu um semblante sério.

– Isso é boato – sua voz era gravíssima.

Rodha tocou o punho de Nadav, como se pedisse para concluir. O homem imenso paralisou quando sentiu o toque dela.

– Minha avó disse que era uma mocinha quando Hanni-Baal chegou a Sodoma. Era noite, e quando o homem bateu nos portões da cidade, estava acompanhado por duas mulheres jovens e muito bonitas. Uma delas tinha cabelos dourados, a outra tinha olhos repuxados. Mulheres exóticas que vestiam pouquíssima roupa. Não tinha dinheiro e, mesmo assim, os homens deixaram que adentrassem a cidade.

– Isso não faz do homem um demônio – disse Dotan.

Vered o encarou com sobrancelhas arqueadas.

– Dias depois – continuou Rodha –, segundo minha avó, Samuel, o patriarca da cidade, abrigou Hanni-Baal e suas acompanhantes em sua própria casa, mas ninguém sabe dizer por quê. Em menos de uma semana, a esposa de Samuel foi encontrada morta, diante da casa, com o pescoço quebrado. Comenta-se que ela subiu no telhado e se jogou de cabeça no chão, acometida por algum tipo de loucura. Muitos duvidaram que a história fosse verdadeira, mas quem iria enfrentar o patriarca? Após algumas semanas, Samuel deixou de sair de casa, e logo não era mais visto por ninguém. Hanni-Baal tornou-se o porta-voz do patriarca, e foi ele quem revelou aos moradores da cidade que Samuel tinha se suicidado, cortando o próprio pescoço.

– Oh! – Vered levou a mão à boca.

Yoel e Oren se entreolharam, boquiabertos.

– Hanni-Baal foi escolhido pelos anciãos como o novo patriarca de Sodoma. A antiga casa de Samuel foi ampliada e reformada, as janelas foram fechadas com pedra e betume, e os vizinhos ouviam o constante barulho de escavações.

– Os Porões do Paraíso – disse Dotan.

– Porões do Paraíso? – estranhou Vered, encarando-o.

– Ah, Vered, homens conversam – retrucou Dotan, sorrindo. – A Casa dos Prazeres tem uma série de túneis que levam a quartos subterrâneos, onde as mulheres recebem seus clientes. Segundo um amigo, cujo patrão é cliente da casa, a finalidade dos túneis e dos quartos subterrâneos é dar completo sigilo ao visitante. Pode-se gemer, berrar, até imitar o som de animais, aos brados, e ninguém poderá ouvi-lo.

– Uma vítima pode gritar por socorro e ninguém a ouvirá também – acrescentou Rodha.

– Bobagem – disse Dotan.

– Não é, não – insistiu Rodha. – Esse homem, que chegou a Sodoma sem posses, hoje é dono de quase todos os imóveis da cidade. Aos poucos, ele comprou o mercado, e fez dos poderosos seus devedores. Cada homem rico de Sodoma tem uma dívida com Hanni-Baal.

– Tem mesmo um pacto com Satã – irrompeu Yoel.

– Ou é o próprio demônio – completou Oren.

– Isso é impossível – Vered meditou por um instante. – Segundo Ló, meu amado pai, Satanás sugere pecados aos ouvidos daqueles que não temem a Deus, mas não pode andar entre os homens com sua própria carne. Esse é um dos motivos pelos quais inveja tanto os homens. Hanni-Baal é humano, como todos nós, e vive, para um dia morrer.

– Também ouvi histórias sobre ele – disse Nadav. – Dizem que se alimenta apenas de sangue humano, e que, à noite, se transforma num morcego gigante e sobrevoa a cidade à procura de vítimas.

O clima soturno criado pelo relato de Rodha, que contara as histórias da sua avó, foi destruído num segundo quando os amigos

se dobraram numa irresistível gargalhada.

De repente, a música parou. Um homem gordo e efeminado subiu ao palanque e anunciou:

– Sejam todos bem-vindos ao quinquagésimo aniversário do nosso querido Hanni-Baal, o benfeitor e maior de todos os protetores da nossa cidade.

Mal o homem acabou seu pequeno discurso, uma multidão explodiu em aplausos e ovações.

Viram o homem alto e magro subindo as escadas. Tinha o rosto anguloso com músculos bem marcados, o que lhe dava um ar másculo e austero. Vestia uma túnica longa e branca cujas mangas se estendiam até os punhos. A barba era negra, assim como seus olhos. E, com um convidativo sorriso, disse:

– Um homem só faz cinquenta anos uma vez. Por isso, decidi dividir com o povo que tanto amo a alegria que hoje sinto. Há uma nova lei na cidade: no dia do meu aniversário, não há limites para o prazer! Bebam até vomitar! Comam até não conseguir mais! As minhas meninas e os meus meninos estão à disposição de vocês, e da forma que desejarem! Proponho uma alegre brincadeira: hoje, e somente hoje, ninguém é de ninguém! O que acham? Sejam generosos como seu benfeitor! Vamos dividir tudo, absolutamente *tudo*, o que temos também!

O povo parecia enfeitiçado pelas palavras de Hanni-Baal. Gritavam e gargalhavam, abraçando uns aos outros, numa inexplicável e súbita alegria. Os músicos voltaram a tocar, e os escravos começaram a servir os convidados.

– Como assim “cinquenta”? – indignou-se Rodha.

– O povo fala demais – caçoou Dotan.

Todos dançavam e bebiam.

O grupo de amigos preferiu observar a festa, bebendo pouco e aproveitando o banquete. Os quatro rapazes e as duas moças pareciam ser os únicos a se manterem lúcidos em meio à bagunça. Dotan não via alegria maior do que o toque de Vered e o calor de seus lábios. E por um instante percebeu que não teria feito diferença alguma ter ido com o tio para o campo, contanto que a prima estivesse com ele.

Não demorou muito para que algumas mulheres mais afoitas se livrassem de suas roupas, sendo acompanhadas por seus parceiros.

– Deus, o que é isso? – irrompeu Vered, achando graça de tudo.

Casais se enlaçavam em beijos lascivos. Uma das mulheres da Casa dos Prazeres deitou-se nua em uma das mesas, jogou vinho sobre seu corpo e um pequeno grupo de rapazes se debruçou sobre ela, sorvendo o líquido de sua pele. Um rapaz insistia em submeter seu amigo ao ato, mas o outro o repelia.

– Vamos embora, Vered. Esta festa já foi longe demais – disse Dotan, puxando a moça pelo braço.

Ela o acompanhou.

– Por que tudo nesta cidade acaba em orgia? Coisa mais sem graça – complementou Rodha.

No momento em que o grupo de amigos se aproximou da saída do mercado central, surpreenderam-se quando um homem velho e barrigudo puxou Rodha pelo braço.

– Aonde vocês pensam que vão?

– Não ouviram a ordem do nosso mestre? Todos têm de dividir suas mulheres... – completou um homem pequeno e encurvado, pressionando a lâmina do seu punhal contra a barriga dela. Antes mesmo de terminar de falar, porém, sentiu o gosto de sangue na boca quando o chute poderoso de Dotan lhe fraturou a mandíbula.

– Para o inferno com seu mestre – disse Dotan.

O gordo levou uma mão à bainha do facão, fixada à cintura. Segurava o punho de Rodha com a outra mão. Num átimo, a moça se abaixou, deixando o punho contido à altura da própria cabeça e girou sobre os calcanhares, levantando-se em seguida. Com esse movimento, conseguiu girar o punho do homem para fora, obrigando-o a soltá-la.

O homem gordo elevou o facão à altura da cabeça e se preparou para descê-lo sobre o peito da moça, mas foi arrebatado pelo golpe do punhal de Nadav, em seu flanco direito, logo abaixo da borda inferior da última costela. O golpe foi tão brutal que o gigante soergueu o gorducho à altura do seu peito; em seguida, o empurrou, fazendo-o se desprender de sua arma.

Nadav observou o sangue na lâmina por um instante e tremulou os lábios entreabertos em fúria... Mas preferiu não dizer coisa alguma.

No chão, o magricelo tinha olhos arregalados, e a sua boca se escancarara numa trágica torção. O gordo se esvaía em sangue e parte de suas entranhas vazavam pela incisão do punhal.

Dotan sentiu o coração disparar ao ver os homens aparentemente mortos no chão.

– Vamos embora! – pediu Dotan, puxando Vered pelo braço.

Nadav olhou em redor e não encontrou Yoel e Oren. Via apenas os olhos esbugalhados do povo que os observava e cochichava.

– Não vou embora sem os gêmeos – disse Nadav a Dotan.

– Devem ter fugido – concluiu Rodha. – Eles sabem como fugir de uma confusão! Se ficarmos, seremos presos, Nadav. Venha!

Entraram numa viela que dava acesso à rua principal da cidade. No momento em que saíram do outro lado, surpreenderam-se com os vultos que pularam de cima de uma das casas e caíram à frente deles.

Tinham olhos negros e esféricos. Duas presas despontavam de suas bocas, nos lugares exatos em que se inserem os caninos. Em suas mãos se alongavam garras afiadas como punhais. Pareciam-se com os homens que restavam mortos no mercado, mas o rosto deles estava transfigurado. O queixo do magrelo e as tripas do gorducho tinham se regenerado.

– Demônios! – espantou-se Dotan.

– Não os machuquem – gritou Vered, soltando a mão de Dotan. – Não os machuquem e vou com vocês!

Nadav cerrou os punhos e contraiu os músculos do corpo. Esperava um sinal do amigo para retomar o ataque. Dotan, então, sacou o punhal e avançou contra um dos demônios. Nadav explodiu em fúria, sacando sua adaga e investindo contra a outra criatura.

Subitamente, os homens desapareceram no ar como fumaça.

Dotan e Nadav pararam ao sentir as lâminas das garras no pescoço, quando os homens os surpreenderam, agarrando-os por trás.

*São mais rápidos que um raio!*, pensou Dotan. O rapaz sentiu a garra em seu pescoço, penetrando a carne. Depois, a gota de sangue escorrendo. Uma língua enorme e pontuda varreu-a de sua pele.

O demônio magricelo mantinha Nadav sob suas garras quando disse:

– Vamos levá-los à Casa dos Prazeres. – Lambeu a orelha do gigante enquanto o abraçava, com braços e pernas, como se o escalasse.

Os olhos de Nadav tremiam em fúria.

Dotan ainda segurava o cabo do punhal, esperando a melhor hora para agir.

De repente, os demônios os soltaram e começaram a gritar, apavorados.

Dotan aproveitou o momento e se virou, desferindo um único golpe, com movimento em arco, alvejando o pescoço do demônio gordo e abrindo nele uma grande incisão. Neste momento, ele percebeu que a criatura ardia em chamas.

– Deus – disse Vered baixinho, abraçando-se a Rodha.

Nadav decepou a cabeça do demônio magricelo com um vigoroso golpe de punhal e o reduziu a um monte de pó.

O gordo ainda queimava quando tombou no chão, com as mãos no pescoço inciso, como se tentasse conter o sangue negro que jorrava. Jogou-se no chão, contorcendo-se em agonia. De súbito, estirou-se num espasmo, enegreceu dos pés à cabeça, e desmanchou-se num pó finíssimo.

– Graças a Deus! – irrompeu Nadav, exibindo no rosto um sorriso, ao ver as figuras de Yoel e Oren segurando dois pedestais de bronze.

– Antes um covarde vivo... – disse Yoel.

– ...Que um herói morto – completou Oren.

– Devíamos ter ido com meu pai – lamentou-se Vered. Ela chorava, escondendo o rosto com as mãos trêmulas.

Nesse momento, todos ouviram um estrondo. O céu noturno se iluminou, assemelhando-se a um fim de tarde.

– O que é isso? – assustou-se Dotan.



– Ora, mas que tipo de convidado tem o mau gosto de acabar com uma festa tão bonita como esta? – a voz grossa tinha um tom irônico e vinha da viela pela qual eles tinham acabado de passar. Até que surgiu o homem alto e elegante que todos viram no palanque. E ele prosseguiu: – Esses homens asquerosos que vocês acabaram de matar me rendiam uma fortuna, sabiam? E agora? Como vocês pretendem me pagar?

Dotan deu um passo adiante, pondo-se em frente à Hanni-Baal.

– Ninguém pode nos obrigar a fazer o que não queremos. Somos livres, donos do nosso corpo.

Hanni-Baal se dobrou numa gostosa gargalhada.

– Tão bonitinho. – Suas sobrancelhas se arquearam, dando-lhe um ar demoníaco. – Não seja ridículo, garoto. Enquanto conversamos, sua carne apodrece... A vida de um mortal é feita de desprazeres, de obrigações. E, quando você perceber que é tempo de aproveitar, seus ossos e suas carnes vão doer tanto que tudo o que você vai querer é tomar uma taça de vinho e dormir – riu. – E essa mulher que você tanto defende logo será gorda e flácida demais, a ponto de se tornar irreconhecível. Verá nela um martírio, não uma bênção... Seu Deus não existe! Porque, se existisse, não faria do homem um ser tão fraco e efêmero.

– Vamos embora – disse Dotan, puxando a mulher pelo braço.

A noite estava ainda mais clara. E, por um instante, Hanni-Baal recuou em direção às sombras da viela. Teve a nítida impressão de que a noite se transformara em dia, mas, ao olhar para o céu, percebeu que a lua ainda estava lá.

– Não terminei de falar, insolente! Não disse que vocês podiam ir!

Nadav e Dotan pararam, e se viraram com as mãos nos punhais. Yoel e Oren postaram-se por trás dos amigos, mas não largaram as tochas.

Hanni-Baal gargalhou.

– Não sejam ridículos... Tenho uma proposta a fazer: preciso de novos serviçais que substituam os homens que vocês mataram. Confesso que eu também não suportava aqueles dois. Façamos assim: o brutamente caladão fará parte da minha guarda pessoal. Você – disse, encarando Dotan – será meu novo agente de

captação... Afinal, preciso que alguém me traga sempre novas moças. Os gêmeos têm grande potencial, trabalhando na casa... Tem gente que paga caro por gêmeos, sabiam? E as moças... Bom, a função das moças é óbvia, não preciso dizer.

Dotan se enfureceu e não se conteve. Partiu para cima de Hanni-Baal, sendo acompanhado por Nadav.

O homem da túnica branca virou-se, desviando do golpe da adaga de Nadav, e o chutou, arremessando-o a metros de distância. Dotan o pegou por trás, mas, quando estava prestes a apunhalá-lo, foi arremessado para o alto, sem perceber direito como tudo acontecera... Na verdade, Hanni-Baal repeliu o corpo do rapaz quando o par de asas enormes de morcego, que jaziam escondidas sob a túnica, emergiu de suas costas. Suas mãos se alongaram em garras e seus olhos enegreceram. Rasgou a parte de cima da roupa e exibiu o torso definido. Agora sua pele vertera um tom de cinza e suas feições se tornaram duras e distorcidas. As asas se expandiram e pareciam medir cerca de dois metros cada uma.

Rodha irrompeu:

– O Satanás?!

Não, não era. Hanni-Baal era, na verdade, um *alado*, uma modalidade de bebedores de sangue que assumem uma forma demoníaca quando expõem as presas. São cruéis e violentos, quando sob essa forma. É necessário o sangue de dezenas de vítimas para aplacar sua fome.

Yoel e Oren estavam apavorados, mas decidiram atacar, golpeando o bebedor de sangue com as tochas.

O alado agitou as asas duas vezes seguidas, criando um sopro de vento que apagou as tochas e o elevou a alguns metros do chão. Pousou entre Rodha e Vered, abraçando-as com as asas.

Em seguida, uma explosão enorme se fez ouvir. E, alguns segundos depois, o chão estremeceu.

O demônio abriu as asas num reflexo.

As moças tombaram no chão.

Dotan levantou-se com dificuldade e correu na direção do demônio.

Hanni-Baal emitiu um grunhido sinistro, contraindo todos os músculos do corpo. Em seus olhos noturnos se viam ódio e morte, quando ele voou na direção do rapaz.

Dotan sacou o punhal e se preparou para o golpe.

De súbito, uma pequena bola de fogo, de vinte centímetros de diâmetro, despencou do céu e atravessou uma das asas do bebedor de sangue, fazendo-o perder a estabilidade de voo e rodopiar, desgovernado, chocando-se com uma parede.

– O quê?! – assustou-se Dotan. Olhou para o céu e viu milhares de pontos luminosos se espalhando.

Os gritos que vinham do mercado logo se multiplicaram.

E uma chuva de pedras incandescentes caiu do céu.

– Dotan! – gritou Vered, apavorada.

Rodha a puxou pela mão, obrigando-a a correr para longe.

As pedras rasgavam as paredes e os telhados das casas, como se fossem feitos de papel. Em poucos segundos, toda a cidade ardia em chamas.

Hanni-Baal achou melhor recolher as asas e correr, tentando se desviar das pedras. Olhava para o céu e, quando uma das pedras se aproximava, movia-se com uma velocidade sobre-humana e pulava para o lado, no último instante. Vez por outra, uma bola de fogo o atingia de raspão, arrancando nacos de sua pele cinzenta... Até que ele desapareceu, cruzando os muros da cidade.

Dotan viu Nadav desacordado, encostado à parede, e correu para socorrê-lo. Se ficasse ali, morreria. Quando se abaixou para recolher o corpo do amigo, ele viu a luz descendo do céu. Então, tudo em seu redor pareceu desacelerar.

A luz se espalhou até que tudo se tornasse branco...

O silêncio.

Uma paz sem precedentes o tomou. Não sabia explicar como nem por que, mas tinha certeza de que uma força superior o arrebatara. Via-se numa imensidão de luz e prazer. Teve o instinto de olhar para as próprias mãos e viu que uma luz branca reluzia. Aos poucos, suas juntas pararam de responder aos movimentos e ele sentiu todo o corpo paralisar.

A voz poderosa e limpa vaticinou:

– És uma estátua de sal.



## 2

**Ano 63 d.C.  
Roma**

Lucius tinha apenas doze anos. Crescera vertiginosamente nos últimos meses e ganhara músculos que o faziam parecer mais velho do que era. Quem não o conhecesse, talvez pensasse se tratar de um adolescente com quinze ou dezesseis anos, mas logo perceberia que o menino não tinha malícia e se comportava como toda criança da sua idade. Talvez fosse até mais inocente que a maioria dos outros garotos, pois vivia sempre sob os cuidados do pai e de Levy, o mais antigo escravo da casa.

Os cabelos loiros e encaracolados tombavam sobre os olhos verdes e esféricos, enquanto ele se acomodava no divã do jardim. Aproveitara-se da ausência do pai para mexer nos arquivos do escritório. Um deles era um antigo pergaminho que narrava uma história fantástica. Desenrolou-o e leu:

### **A ascensão e o declínio dos Cães de Anúbis**

No centésimo quarto dia da segunda colheita do reinado de Shoshenk I, uma catástrofe desceu sobre a cidade de Karnac. Sob a luz da lua cheia, os aldeões viram emergir, das águas sagradas do Nilo, cinco deuses em forma de cães gigantescos.

Diz-se que os gritos dos camponeses ecoaram pelo deserto durante toda a noite. Nas primeiras horas do dia seguinte, um

aldeão se ajoelhou diante do santuário de Anúbis e implorou ao sumo sacerdote Natsefamun que intercedesse a favor de seu povo.

O magnífico Shoshenk I, filho de Amon-Rá e soberano do Egito, foi informado do ocorrido e enviou seus homens a Karnac.

No centro da cidade, quatro homens e uma mulher pareciam desesperados e se lamuriavam numa língua desconhecida, que o sumo sacerdote reconheceu como divina. Estavam nus e seus corpos jaziam tingidos de vermelho.

Em seu redor havia dezenas de corpos esquartejados. Uma mulher mantinha os olhos abertos e expunha no torso a carne viva em lugar dos seios. O corpo de um homem sem pernas parecia ter se arrastado por toda a praça, deixando um rastro de sangue no chão. Homens e mulheres, velhos ou crianças, os deuses pareciam não fazer distinção entre aqueles que poderiam aplacar sua fome.

Um aldeão alegou que os deuses monstruosos possuíam contornos humanos, no momento em que o sol se ergueu sobre as águas do Nilo. Uma óbvia resposta do poderoso Rá, que se compadeceu do sofrimento do seu povo.

Levados à presença do faraó, os deuses reconheceram sua grandeza e não se opuseram à sua autoridade. Shoshenk I, o magnífico, decidiu que os deuses não deviam ser punidos, pois nenhum homem sobre a terra, nem mesmo o faraó, tinha permissão para fazê-lo. Em vez disso, ele ordenou a Natsefamun que os levasse ao templo de Ipet-Sut e lá os orientasse sobre os costumes egípcios. A língua deles deveria ser estudada para que se descobrisse a verdadeira missão dos seres divinos entre nós.

As suspeitas do sacerdote logo se comprovaram: os seres fantásticos eram encarnações de deuses verdadeiros. Ao serem contrariados, o corpo deles se transformava, até que assumissem a forma de cães.

Um deles, o cão de pelagem mais clara e que se mantinha sobre duas patas mesmo quando enfurecido, tentava sempre conter suas transformações e manter-se em forma humana. Era o líder da matilha e insistia para que o chamassem de Dotan nos momentos em que assumia a forma humana. O sacerdote, porém, em sua

imensa sabedoria, entendeu que ele era uma encarnação do deus Anúbis. Por isso, batizaram o grupo como Cães de Anúbis.

A fêmea era graciosa e mantinha controle sobre suas transformações, exceto nas noites de lua cheia. Foi a primeira a aprender a nossa língua. Obedecia apenas ao deus Anúbis e, por sua graça e inteligência, foi identificada como a encarnação da deusa Anput.

O maior e mais agressivo do bando era chamado de Nadav. E o sumo sacerdote o identificou como Seth.

Yoel e Oren eram os nomes dos gêmeos. Sempre assustados e ariscos, eles recorriam à forma canina com grande frequência. Logo perderam a capacidade de assumir a forma humana, mesmo sob a incidência da luz do sol, e se tornaram agressivos e incontroláveis, obrigando os outros Cães de Anúbis a os conterem com grossas correntes.

No templo de Ipet-Sut, foram alojados em aposentos especiais. Shoshenk I ordenou que fossem construídas celas de ferro para que os deuses fossem contidos durante as noites de lua cheia. No entanto, não havia corrente ou grade que os contivesse. E o sacerdote entendeu que os deuses demandavam sacrifícios.

Primeiro, os condenados à morte, os assassinos e os inimigos do faraó foram enviados ao templo de Ipet-Sut para aplacarem a fome dos Cães de Anúbis. Quando já não havia criminosos, o sacerdote resolveu enviar virgens em sacrifício.

Famílias ofereciam suas filhas como barganha em troca de uma colheita farta ou de qualquer outro tipo de graça.

Dotan, deus Anúbis encarnado, era acometido por crises de remorso e tristeza sempre que se alimentava de suas vítimas. Impelido pela culpa, o deus ordenou que os sacerdotes de Ipet-Sut o levassem à presença do faraó e pediu para ser sacrificado, pois preferia morrer a continuar presenciando aquele horrendo espetáculo. O faraó riu do pedido de Anúbis, motivo pelo qual o cão se enfureceu, e, por pouco, não ceifou a vida do magnífico monarca.

Anúbis foi vítima da sua própria maldição, até o dia em que lhe ofereceram a virgem Jamila como oferenda. Filha de um rico comerciante, a menina fora enviada trajando roupas de seda e joias

de prata. Um fato inusitado ocorreu: Anúbis recobrou a forma humana ao tocar o corpo da moça.

Convencido de que a prata era um metal sagrado capaz de conter sua maldição, Anúbis tentou convencer Anput, Seth e os cães gêmeos a usarem adornos de prata durante as noites de lua cheia.

Os outros deuses lhe obedeceram, mas logo desistiram ao sentirem a dor das queimaduras que o metal lhes causava.

A partir desse momento, Anúbis passou a sofrer ainda mais, pois tinha de ver os outros deuses aniquilando suas vítimas, enquanto ele sucumbia à dor, envolto em correntes e algemas de prata.

Obcecado pela ideia de pôr fim ao sofrimento das virgens, Anúbis ordenou a Sabef, um sacerdote de sua confiança, que mandasse confeccionar uma adaga com lâmina de prata e empunhadura de bronze.

Numa noite de lua cheia, Anúbis tentou matar os deuses gêmeos, pois os considerava as maiores aberrações.

Nadav, o poderoso deus Seth, intercedeu e os defendeu.

Rodha, a ponderada deusa Anput, perdeu o controle ao ver seu amado líder lutar sozinho contra três divindades de uma vez e se juntou a Anúbis.

Como uma matilha de cães monstruosos, eles destruíram parte do templo de Ipet-Sut, até que Dotan-Anúbis vazou o coração de Oren com a lâmina de prata.

Yoel se encheu de ódio, mas não teve forças para reagir e fugiu, desaparecendo no horizonte do deserto.

Nadav acusou Dotan de traição, jurou que se vingaria e correu à procura de Yoel.

Rodha se ajoelhou aos pés de Dotan-Anúbis e implorou que não a rechaçasse, mas o deus estava irredutível. Percebera enfim que tinham se tornado reféns de um povo que os adorava. E decretou que, a partir daquele dia, os deuses amaldiçoariam aqueles que lhe oferecessem vida humana em sacrifício.

Na manhã seguinte, e nos dias e anos que se sucederam, ninguém mais ouviu falar do paradeiro dos divinos Cães de Anúbis.



– De novo, mestre Lucius?! – repreendeu o escravo, que mantinha os braços abertos e fitava o garoto com sobrancelhas arqueadas. Era baixo, esguio e tinha cabelos encaracolados e brancos.

O menino teve o instinto de esconder o pergaminho sob a roupa, mas desistiu ao perceber quão ridículo aquilo seria.

– Ah... Eu...

O escravo se aproximou e estendeu a mão para que Lucius lhe entregasse os escritos.

– Sabe que seu pai não gosta que você mexa nas coisas dele. Principalmente nos pergaminhos. Há artefatos com mais de dois mil anos na biblioteca, e muitos já estão em avançado estágio de deterioração.

– Eu sei, mas... – Estendeu a mão, entregando o pergaminho.

Ao ver a face interna do antebraço de Lucius, o escravo Levy se assustou e o prendeu pelo punho:

– Que ferimentos são esses?!

O menino puxou o braço com força, livrando-se da mão de Levy e deixando o artefato cair no chão.

– Não foi nada. Me arranhei enquanto brincava no bosque – referia-se à floresta vizinha à casa de campo de seu pai, que ficava a alguns quilômetros da capital romana.

– Tenha mais cuidado, pequeno. Se algo de ruim acontecer a você, tenho medo de que seu pai...

– Estou bem.

Abaixou-se para apanhar o artefato, enquanto ouvia o menino dizer:

– Levy, meu pai está vivo há quanto tempo?

O escravo o encarou por um instante, depois deixou o olhar se perder nos símbolos gravados no pergaminho.

– Sei o mesmo que você: ele diz que tem memórias vívidas de fatos ocorridos há mais de mil anos. O que aconteceu antes disso é nebuloso e incerto... – Sentou-se ao lado do garoto. – Escute, eu mesmo tenho apenas cinquenta anos, mas às vezes sou assombrado por lembranças que penso nunca terem existido... Não atormente seu pai com essas perguntas.

– Tudo o que eu queria era ser um herói, como ele – suspirou. – Comandar legiões romanas, vencer guerras e desbravar novos mundos...

O escravo sorriu.

– Meu pequeno senhor já é um herói. Mas vai ter de entender que todos têm suas funções. A minha é, na ausência do meu mestre, educá-lo e protegê-lo. A sua será cuidar do patrimônio de seu pai, em Roma, no momento em que ele decidir nos deixar.

– Não entendo por quê...

O escravo riu.

– Ora, Lucius, isso é óbvio: um homem que não envelhece chama muita atenção. Eu era um rapaz quando conheci meu senhor, Dotan, e posso atestar que ele exibia no rosto o mesmo frescor que hoje vemos. Um dia ele irá deixá-lo em seu lugar e voltará trinta anos depois, assumindo uma nova identidade. Você o criará como seu filho, e, quando morrer, deixará para ele sua herança. É uma forma de se manter sem levantar suspeitas.

O ferimento em seu punho começou a incomodar, e Lucius coçou-o por um instante.

– Trinta anos é muito tempo. Posso fazer as duas coisas: guardar a riqueza do meu pai e ser um grande herói.

O escravo suspirou, deixando um sorriso melancólico se desenhar em seu rosto.

– Heróis morrem cedo. E, se não tratamos o dinheiro com a devida atenção, toda a riqueza se esvai no ar, como fumaça. – O escravo passou uma mão nos cabelos de Lucius, assanhando-os.

– Não é justo – foi tudo o que o garoto respondeu. Depois de um instante de silêncio, pediu: – Levy, conte *a história* de novo.

Pelo brilho estampado no olhar do pequeno *dominus*, Levy soube, de imediato, a qual história ele se referia. Sentou-se ao lado de Lucius e se acomodou no espaçoso divã.

– Você nunca se cansa de ouvi-la?

Meneou a cabeça em negativa.

Levy suspirou, e no instante seguinte assumiu uma postura solene, com o tronco reto e o queixo erguido.

– Os legionários haviam construído uma torre de observação com a madeira dos troncos do bosque, uma mata repleta de árvores nuas de folhas. O oficial legionário, comandante da centúria, via inúmeros tetos de palha e as modestas casas de madeira. A névoa mascarava as ruelas enlameadas e vazias da vila. Era possível ouvir as placas de peito dos legionários da guarda noturna retinindo, de encontro às cotas de malha, de tanto que os homens tremiam, maltratados pelo frio. Vez por outra, ouviam-se os uivos dos lobos se juntando numa única voz, como se chamassem por um membro perdido da matilha...

O menino sorriu.

– Quem o escuta falar, pensa que você estava lá.

– Quer mesmo que eu conte a história? – Depois de uma breve pausa, Levy continuou: – O posto de vigia não era função do comandante, mas, às vezes, o oficial insistia em fazê-lo. Muitos pensam que dominar um povo bárbaro é um desafio, mas o que é realmente difícil é mantê-lo submisso. Lutar contra os bretões se mostrou mais árduo do que parecia ser, e demorou alguns anos para que as legiões do imperador Claudius debelassem toda a resistência dos bárbaros da Britânia.

– O legionário romano é imbatível – interrompeu o garoto, com o dedo em riste.

O escravo elevou as sobrancelhas e sorriu, concordando.

– O elmo protege a cabeça...

Lucius se antecipou a Levy e disse:

– A *lorica segmentata*, com faixas de ferro presas por fitas de couro, é a armadura que protege o peito e os ombros. Debaixo dela, a couraça e a cota de malha dão proteção aos pontos em que as faixas de metal deixam espaços desprotegidos. A cota de malha se estende até as coxas, e as pernas são envolvidas pelas grevas. O escudo de madeira e ferro o defende contra os golpes de espada e machado, mas nada protege mais um legionário que seu treinamento e sua disciplina em combate.

– Muito bem – concordou Levy.

– Vamos, continue...

– Dotan observava a vila bretã, do alto da torre, quando ouviu um grito de mulher... – O escravo calou-se por um instante. – Na guerra, os homens se transformam em algo muito diferente do que costumam ser. O que os legionários chamam de “espólio de guerra” é, na verdade, uma licença de todo caráter humano. No calor da batalha, os oponentes são passados na lâmina dos gládios e das lanças romanas, e, ao final da matança, o fogo engole suas casas e fortificações. Tudo o que resta é tomado pelos vitoriosos como um prêmio por sua pretensa superioridade. Ouro, prata e peles são ótimos espólios, mas o pagamento que mais agrada ao conquistador é...

– A humilhação dos rendidos – completou o garoto.

Levy meneou a cabeça em afirmação.

– Tomam as esposas e filhas dos inimigos, enquanto o sangue de seus pais e maridos ainda mancha suas fardas e gládios. Quando o desejo é saciado, trancam as mulheres e crianças em jaulas, e as trazem para Roma, como escravas.

Tomado por uma súbita curiosidade, o garoto tocou o ombro de Levy e o interrompeu:

– Foi assim que você se tornou escravo também? É um espólio de guerra?

O homem sorriu.

– Em Roma, há muitas formas de se tornar escravo. Os magistrados podem condenar um plebeu livre à escravidão, como pagamento de uma dívida que não foi honrada no prazo combinado. Cidadãos também podem ser escravizados por vontade própria, mediante pagamento futuro ou premiação condicional, como fazem muitos gladiadores.

– Disso eu não sabia.

– Mas seja qual for a condição que leva uma mulher à escravidão, os filhos que ela gera serão escravos desde o nascimento. – Levy elevou as sobrancelhas, sorrindo, e o menino entendeu que falava de si mesmo. – Voltemos à história...

– Meu pai ouviu o grito de uma mulher! – disse Lucius, relembando o ponto em que o escravo desviara-se da história.

– Depois que uma cidade é tomada e as famílias dos vencidos são escravizadas, o comandante da legião oferece aos homens que se renderem a chance de retomarem a vida sob o domínio das tropas romanas. Não interessa a Roma dizimar outros povos, apenas dominá-los e taxá-los com tributos. Fortes e torres de observação são construídos nos limites das cidades, e os legionários passam a cuidar da segurança e da cobrança de impostos. Toda a violência que era necessária, no calor da conquista, passa a ser repudiada e considerada abusiva, mas alguns legionários têm dificuldade em entender isso.

– O grito de mulher – insistiu Lucius.

– Dotan logo percebeu que o grito vinha da maior edificação da cidade, a casa que antes pertencia ao líder daquele clã.

– Gael, o Impiedoso – interrompeu Lucius.

– Dois metros de altura, cabelos vermelhos e uma barba da mesma cor que se estendia até a altura do peito. Suas costas eram quase tão largas quanto o dorso de um urso, e seus braços eram como toras de madeira. Em lugar de um elmo, usava o crânio de um leão, cuja pele se estendia sobre suas costas. Manejava um machado de duas faces, e com a mesma arma decepou a cabeça de mais de vinte legionários, antes que o matassem. Apesar de sua condição nobre, o homem tomou a frente dos guerreiros do clã e foi um dos primeiros a investir contra a legião. Quando a cidade caiu, Dotan tomou conhecimento do título de Gael e mandou que seus homens providenciassem um funeral apropriado a um rei. Dotan garantiu a Morgana, a viúva de Gael, segurança, tratamento adequado à sua condição e um quarto das terras que seu marido possuía. Com a sucessão dos meses, os legionários começaram a se cansar do frio, da comida ruim e do repúdio dos bretões. Os saques e estupros recomeçaram, e mesmo Dotan, tão querido e respeitado por seus homens, foi incapaz de contê-los. O grito que Dotan ouvira, do alto da torre de observação, era de Morgana. Ao chegar à casa de Gael, encontrou três legionários no quarto da viúva. Um deles a continha, segurando seus braços, para trás. Outro tentava amordaçá-la, enquanto o terceiro se livrava das próprias roupas. Dotan ordenou que a soltassem e deixassem a casa, e assegurou

que os homens seriam punidos, mas os legionários reagiram, pleiteando seus direitos aos “espólios de guerra”.

Lucius cerrou os punhos e arqueou as sobrancelhas, indignado.

– Dotan sacou o gládio da bainha – continuou Levy – e ordenou que a soltassem. Ao verem que seu comandante estava obstinado a defender as promessas que fizera a Morgana, os homens perceberam o tamanho do erro que estavam prestes a cometer... Ou tentaram convencer seu general de que entendiam e recolheram suas armas. O que aconteceu a seguir foi tão súbito e inesperado que nem mesmo Dotan sabe dizer como ocorreu. Sob a cama, Gael costumava guardar um machado de duas faces e cabo longo. Uma réplica da arma que usava em batalha, mantida ao alcance das mãos, à espera de invasores. Morgana se aproveitou da distração dos homens e girou o machado no ar, rasgando a garganta de Dotan. Os homens deram um passo para trás, ao ver a pouca luz refletindo na lâmina da arma, mas Morgana conseguiu decepar a perna do homem seminu, enquanto gritava palavras incompreensíveis em seu estranho idioma. Com um corte profundo na garganta, Dotan tombou de joelhos, inerte. E manteve-se assim por alguns instantes. Vislumbrou, sob um manto vermelho de sangue que lhe manchava a visão, a dança mortal e alucinada de uma rainha bárbara. Os cabelos loiros e desgrenhados se agitando, o corpo forte e curvilíneo se movendo com precisão, quando desferiu um golpe de baixo para cima e abriu o corpo de outro centurião ao meio. Foi nesse instante que o terceiro homem trespassou as costas da mulher com o gládio, fazendo o cume brilhar, vermelho, no peito de Morgana. Dotan tentou gritar, ordenar ao homem que parasse, mas o ar fluía da sua garganta, borbulhando sangue. Foi nesse instante que ouviram o choro de um bebê. O centurião que apunhalou Morgana deixou o corpo da mulher tombar e andou até o berço, vizinho da cama. Tinha ódio no olhar, e tudo o que queria era exterminar a linhagem de Gael e atear fogo naquele lugar, mas Dotan conseguiu segurá-lo antes que...

– Antes que ele me matasse – concluiu Lucius.

Seguiu-se um silêncio mortal, até que o escravo sugeriu:

– Mestre Lucius, você tem a chance de ter uma vida próspera e segura. Tem a proteção e o amor de seu pai, e será um respeitável cidadão romano. Terá acesso a senadores e membros da guarda equestre, o que lhe oferecerá a chance de firmar negócios rentáveis e duradouros.

– Mas nada disso se compara a ser herói... Ou a ser adorado como um deus!

O escravo estranhou.

– Adorado? Do que você está falando?

Lucius apontou para o pergaminho nas mãos de Levy.

– Leia e vai entender.

Levy desenrolou o pergaminho e, ao contemplar as inscrições, deu uma gostosa gargalhada.

– Ah, pequeno *dominus*, você quase me enganou! Essa foi boa, muito boa mesmo. Quer dizer então que meu pequeno pupilo já lê hieróglifos antigos? – dobrou-se numa imensa gargalhada. Enrolou o pergaminho e arrematou: – Vou deixar o artefato no escritório e ver se não há mais nada fora do lugar... Depois, vamos nos sentar e estudar. Já está na hora da sua lição de grego. – E, enquanto se retirava, disse para si mesmo: – Lendo hieróglifos? Sei, sei... Quanta imaginação!

O menino pensou:

*Mas eu entendi tudo o que estava escrito ali...*



### 3

Pelo menos uma vez por semana, ele a levava à casa de campo. Naquela manhã, cavalgaram pela propriedade até chegarem aos campos de flores e lá fizeram um piquenique. Depois de uma taça de vinho, ele a possuiu sob um sol luzidio e morno.

Quando acabaram, sentaram-se sob uma imensa figueira e leram a *Lisístrata*, uma comédia do grego Aristófanes que narra a divertida história da mulher que lidera uma greve de sexo entre as esposas atenienses, influenciando os acontecimentos da Guerra do Peloponeso. A forma como Dotan narrava o texto era tão apaixonada e realista, que, por um instante, a jovem acreditou que ele presenciara os acontecimentos da guerra ou convivera com seus personagens.

Luna se deitou, deixando os cabelos loiros espalhados pela grama. Comia-o com os olhos, a todo o tempo, e sorvia suas palavras.

À tarde, deleitaram-se com uma generosa refeição e se acomodaram no quarto do dono da casa.

•

Dotan acordou assustado e sentou-se na cama.

– Vered!

O coração de Luna disparou.

– Por Júpiter, Dotan, quer me matar de susto? O que houve...? – Calou-se de repente ao perceber que tinha ao seu lado um homem desfigurado. Acabara de anoitecer, e o finíssimo feixe de luz que



entrava pela fresta da janela não era suficiente para deixar que ela o visse com clareza, mas percebeu que o amante se tornara muito maior e mais forte.

Ele apertava os lençóis da cama, arfava e grunhia.

Se ao menos ela o pudesse ver mais de perto...

De súbito ele se virou, dando-lhe as costas, e levantou-se da cama, cobrindo-se com o lençol.

Luna o observou fugir do quarto, movendo-se em uma velocidade sobre-humana.

– Espere!

– Me deixe em paz! – sua voz era gravíssima. – Não saia daí!

Ela correu até a porta, meneou a cabeça de um lado para outro, tentando localizar o amante.

– Espere! O que está acontecendo?

*Foi para o quarto do filho...*, ela pensou. *E quem é essa tal Vered?*

A casa estava parcialmente tomada pela escuridão e ela teve um pouco de dificuldade para encontrar a porta do quarto de Lucius. Abriu-a devagar, enquanto sentia seu coração acelerar.

O vento balançava uma das cortinas no quarto do garoto, o que fazia a luz da lua entrar por alguns momentos e desaparecer em seguida.

Lembrou-se de que o menino não estava ali, pois tinha ficado no *domus* do Monte Palatino, a casa de Dotan, em Roma.

Nessa hora, um vento forte entrou pela janela do quarto, levantando as duas cortinas ao mesmo tempo, e ela viu um corpo em pé ao seu lado. Deu um passo para trás, assustada, mas logo percebeu que se tratava de uma das fantasias de Lucius pendurada em um suporte de madeira.

Sorriu, aliviada, e pensou: *Deve ter ido procurar a tal Vered. Já sei: é uma das escravas... Mas não havia apenas homens na propriedade de campo? Vai ver ele comprou moças no mercado. Ah, safado! Ele não esperou nem que eu saísse?! Que falta de respeito! Ah, mas eu pego aquele...*

Luna encontrou Dotan no átrio da casa.

O lençol caído no chão mostrava o dorso nu de um homem jovem e bonito.

Ela parou por alguns segundos e admirou o corpo iluminado pela luz da lua.

Fitava o altar dos antepassados da sua *suposta família romana*. Os cabelos grisalhos de Dotan pareciam mais longos do que estavam no começo do dia. E isso ela estranhou.

Ele mantinha os punhos cerrados. Seus olhos tremulavam, embargados; as lágrimas corriam pelo rosto.

Luna olhou para o teto e, através do *pluvium*, observou o céu. Através da abertura que colhia a água da chuva, viu uma lua minguante.

*Está louco! Só pode estar louco...* Ela se aproximou dele, devagar. Pegou o lençol que estava abandonado no chão e murmurou:

– Você está bem?

Ele não respondeu.

Cobriu-o com o lençol.

– Está frio. Deixe as flores e os mortos sozinhos.

Ele estava confuso. Tentava se lembrar da vida que tivera, antes de despertar às margens do Mar Salgado e de se perder em meio ao deserto até alcançar o Egito. Lembrava-se com relativa clareza dos eventos ocorridos em Karnac e em Tebas. E sabia que Vered já não o acompanhava naquela época.

Hoje, a única lembrança que guardava da sua origem era o nome pelo qual atendia e os sonhos recorrentes com uma mulher que talvez nunca tivesse existido. Quando se acalmou, ele fitou a amante e ordenou:

– Vista-se. A noite já caiu e eu tenho trabalho a fazer. – Verteu um semblante tranquilo e delicado. Já não era o homem imenso que acordara ao lado de Luna.

– Mas hoje?

– O imperador vai se apresentar no Teatro de Marcellus. Toda a cidade vai estar presente!

Luna encostou-se a uma das numerosas colunas que circundam o átrio e disse, num óbvio tom de escárnio:

– Vai me dizer que você se tornou um apreciador da música de Nero?

– Não é isso. O imperador pediu a presença de três generais em seu camarote antes de sua apresentação. E eu sou um deles. Deve ser mais uma missão sigilosa. Você sabe que o imperador é sempre cheio de segredos...

*Vai se encontrar com outra mulher. Sei que sim!*

Ela permaneceu calada por alguns instantes, até que irrompeu:

– Pelo jeito, você tem seus segredos também...



## 4

Uma mulher pequena de corpo perfeito sentou-se em frente ao espelho de metal polido. Estava nua. Seu rosto ostentava uma pesada maquiagem: olhos pintados no estilo egípcio e boca encarnada em um vermelho intenso. Desmanchava as inúmeras tranças de seus cabelos e exibia no rosto um sorriso satisfeito. Sobre o móvel de madeira à sua frente restava um vaso de vidro azul, adornado com relevos, em vidro branco. O artesão esculpira uma elegante senhora que, assentada em uma cadeira, lia um pergaminho, enquanto uma escrava, ajoelhada, lavava seus pés. O marido estava sentado na cama, apoiado em uma imensa almofada forrada com seda. Era alto, loiro e estava um pouco acima do peso. As gotas de suor brilhavam sobre o rosto ruborizado pelo esforço que acabara de fazer. Sua pele refletia as luzes avermelhadas e oscilantes que vinham de um dos cantos do quarto.

Uma estátua de bronze, com cerca de um metro e vinte de altura, servia de suporte para doze lamparinas a óleo. Seu corpo e rosto foram esculpidos de acordo com as formas da dona da casa. Uma linda e nua deusa Vesta mantinha os braços estendidos e as mãos viradas para cima. O quadril estava girado para a direita, como se a donzela de bronze ensaiasse uma graciosa dança. As pequenas lamparinas a óleo tinham a forma exata de falos de bronze e foram penduradas em suas mãos, antebraços, braços e mamilos.

- Drucila...
- Sim?

– Quem ensinou você a se maquiar como uma rameira?

Ela riu.

– Gostou, não gostou?

O sorriso foi a resposta.

– Uma amiga. Mora aqui perto. Escute, Emilianus, o que importa é que a fantasia surtiu o efeito desejado. Já não nos deitávamos havia quatro dias! Como é que você quer que eu engravide desse jeito?

O sorriso do marido se desfez. Observou o dorso pálido de Drucila e se lembrou da primeira vez que a viu, na Espanha, quando a menina tinha apenas doze anos. Ele mantinha negócios com Gaius, pai de Drucila, um rico comerciante dono de terras também na Itália e na Grécia.

Drucila era a filha bastarda de Gaius e fruto do amor dele com Charla, uma camponesa de uma das suas fazendas de oliveiras. Gaius passava mais tempo na companhia de Charla e de sua amada filha Drucila do que em Roma, junto à sua família legalmente reconhecida. E, desde a primeira vez que Emilianus viu aquela menina branquíssima de cabelos negros, ele a amou.

Assim que Drucila completou catorze anos, Gaius a ofereceu como noiva a Emilianus. Agora, aos dezessete anos, via no marido o centro de seu universo e tinha, na maternidade, sua grande missão.

– O que houve? – ela viu o marido sentado, contornando os relevos do encosto da cama com as pontas dos dedos, pequenos homens e mulheres que se consumiam em posições variadas. – Calou-se de repente... Gostou ou não da fantasia de rameira?

Ele sorriu.

– Adorei – aproximou-se dela e a beijou. – Agora tenho que me arrumar.

– Aonde vai?

– Vou ao Teatro de Marcellus. Nero vai tocar harpa... De novo, imagina? Você vem comigo?

Ela riu.

– Por Júpiter! Posso declinar dessa vez?!

Ele meneou a cabeça sorrindo.

– Confesso que, se não fosse o trabalho, nem eu mesmo iria... Mas sou o médico pessoal do imperador, e esse é um privilégio que

só pode ser mantido com muita bajulação – riu, acompanhando a esposa. Envolveu-a num abraço e beijou seu pescoço. Encostou sua testa junto a dela e disse baixinho: – Mas se você vier, vai tornar meu dever mais agradável.

Ela o repeliu.

– Hoje, não posso. – Correu até o guarda-roupa e vestiu a túnica branca às pressas. – Tenho que ir ao templo de Júpiter, no Capitolino. Já pedi a Juno que me abençoasse com um filho, mas pelo visto essa é uma causa que somente o maior dos deuses pode resolver.

– Drucila, meu amor, esqueça essa história... Seremos sempre felizes. Com ou sem filho. Não deixe que isso se torne uma loucura.

O silêncio foi a resposta.

Jogou a estola sobre os ombros e cobriu a cabeça com um lenço.

– Pelo menos leve Abrão como segurança e peça-lhe para aprontar a liteira – disse o marido.

– Liteira? Prefiro ir andando, porque quem anda não engorda. E não será necessário um segurança, já que as ruas do Capitolino estarão abarrotadas de gente querendo ver a apresentação do imperador. Mas não se preocupe: Rachel e Esther me farão companhia.

•

Esther seguia Drucila de perto e a todo tempo se empenhava em manter perfeita a aparência da sua dona, tentando lhe arrumar o véu ou elevando a barra da sua túnica para que não se sujasse de terra. A escrava era magra e morena. Seus cabelos eram longos e lisos. Sua boca se assemelhava a um morango, de tão vermelha e carnuda. Parecia-se, de certa forma, com sua senhora.

– Mas, *domina*, por que estamos descendo o Capitolino se o templo fica mais ao topo?

– Não vamos ao templo de Júpiter – foi tudo o que respondeu.

Rachel seguia logo atrás. Mantinha as mãos juntas e os dedos entrelaçados, à frente do abdome. Os ombros encolhidos e o olhar baixo, escondido sob as madeixas loiras e cheias de cachos,

pareciam torná-la invisível. Apressou o passo, até emparelhar-se com Drucila.

– Minha senhora tem coragem de mentir ao marido?

Drucila riu.

– Uma mentirinha justificada pela mais sublime das causas.

As escravas se entreolharam, caladas.

Desceram o monte em direção à cidade baixa, embrenhando-se no Aventino. Nas ruas apinhadas, carroças transportavam mantimentos, escravos e toda sorte de carga. Diferente da área mais rica da cidade, no Aventino vivia e trabalhava a maior parte dos plebeus e escravos libertos. Pararam em frente a uma *insula*, um prédio com três andares construídos em madeira. Sobre a larga porta de entrada restava uma placa já carcomida em que se lia “Casa de Yara”.

Inúmeras *insulae*, ou “ilhas”, amontoavam-se dos dois lados da rua. Aquele era o tipo de prédio mais encontrado nas áreas pobres da cidade. Tinham a mesma estrutura: o andar térreo, mais espaçoso, era ocupado por um ponto comercial; algumas lojas tinham alicerces feitos com tijolos ou alternavam o uso de madeira e tijolos em sua edificação. Acima do estabelecimento havia sempre um ou dois pequenos apartamentos cujas paredes e vigas eram feitas de madeira; acima destes, havia outros quartos, menores e mais abafados.

O chão de barro mantinha-se na sombra, durante a maior parte do tempo, devido à proximidade entre as *insulae* vizinhas e à altura das edificações. O mau hábito dos moradores, que jogavam seus dejetos na rua, ajudava a manter a umidade e o mau cheiro constantes.

Um rapaz varria a entrada da Casa de Yara, enquanto uma senhora lhe dava ordens e gesticulava. A mulher, dona do estabelecimento, vestia uma longa túnica de cor marrom e apertada que se estendia até os tornozelos, torneando o corpo magro e limitando seus movimentos. Os olhos eram pintados de preto, à moda egípcia, e usava uma peruca de tranças curtas e ornadas com pequenas pedras. Sorriu.

– Boa noite, nobre senhora.

Drucila não respondeu ao cumprimento.

– Preciso falar com Adriani.

A mulher encarou o rapaz e ordenou:

– Vitorinu, vá chamar a moça.

– Mas, Yara – retrucou o rapaz, com uma voz estranha que não deixou dúvidas sobre seu gravíssimo retardo mental –, Vitorinu ainda não acabou de limpar...

– Vá, imbecil! Estou mandando!

Esther puxou sua senhora para perto.

– Mas isso aqui é um prostíbulo, *domina*.

– Eu sei.

Dois minutos depois, uma moça surgiu à porta. Seus cabelos eram negros e estavam arrumados em dezenas de pequenas tranças, caindo sobre os ombros fortes. Sua pele era escura, e seus traços delicados emolduravam os olhos de esmeralda. Usava uma túnica apertada e decotada que expunha os seios fartos.

– E então? Deu certo?

Drucila se aproximou e sorriu para a moça.

– Fiz do jeito que você sugeriu! A roupa, o cabelo e a pintura... Nunca tinha visto meu marido tão excitado!

A duas riram.

– Veio pedir novos conselhos? – Adriani lhe estendeu a mão espalmada. O gesto, Drucila entendeu, lhe dizia que aquilo custaria mais dinheiro.

A patrícia meneou a cabeça.

– Vim por outro motivo. Lembra-se de que você mencionou um ritual da última vez que conversamos?

– O culto de fertilidade da deusa Cibele?

Ao ouvir o nome da entidade, Yara arregalou os olhos e puxou Adriani para perto.

– Não quero saber dessas coisas na minha casa. Aqui, cultuamos a deusa Ísis. Não há lugar para deuses campestres nesta casa.

Adriani levou a mão ao decote e tocou, através do tecido grosso da túnica, o pingente que levava pendurado no pescoço.

– Cada um tem sua crença.



•

Pouco depois as quatro mulheres seguiam em direção aos limites da cidade. Drucila e Adriani na frente; Esther e Rachel logo atrás.

Drucila retirou o véu, deixando os longos cachos tombarem sobre o rosto suado e vermelho.

– Por Júpiter, não aguento mais andar.

Adriani riu, apontando para a entrada de uma gruta à margem da via.

– E nem vai precisar.

– *Domina...* – murmurou Rachel.

Esther interrompeu-a:

– Minha senhora, isso não pode ser seguro.

Drucila as ignorou.

Neste ponto, a estrada consistia numa via pavimentada com pequenas pedras, construída sobre uma faixa de terra mais elevada, planificada pela ação dos romanos. Quem saísse da estrada teria de deslizar por uma pequena ladeira que terminava numa área de mata alta, cheia de pequenas árvores e arbustos.

Drucila deslizou pelo aterro, enlameando a túnica branca. As escravas se jogaram em seguida.

As três viram de um plano mais baixo o momento em que Adriani desceu. Seus passos largos e ágeis revelaram o conteúdo da túnica: a nudez furtiva e as cintas de couro, que lhe agarravam as coxas e estavam repletas de pequenos punhais. Drucila se assustou por um instante, pois concluiu quão absurda tinha sido aquela ideia de se embrenhar no campo com uma mulher de índole reprovável. No entanto, Adriani prometera que o ritual lhe traria fertilidade, e, assim, Drucila poderia dar ao marido o filho que tanto queria.

Andaram na direção da gruta, até que pararam ao ver a mulher de vestido preto na entrada. Seu rosto estava coberto com um capuz.

– Um filho varão. É isso o que você quer? – perguntou a mulher, sem revelar o rosto.

Drucila arregalou os olhos.

– Como...? – Calou-se ao perceber que algo se esgueirava próximo aos seus pés.

– Não se mova – ordenou Adriani.

– Deus! – disseram as escravas hebreias ao mesmo tempo.

Foi nesse momento que Drucila viu a cobra se aproximando. Num átimo, o bicho criou uma espiral, esticando a cabeça, encarando a moça, expondo a língua bífida e balançando o chocalho. Escancarou a boca ao máximo, aspergindo gotículas de veneno, e seu pescoço deformou-se, abrindo duas extensões de pele que seguiam da nuca até alguns centímetros na direção do dorso. Assemelhavam-se a asas ou grandes orelhas. No momento em que a naja deu o bote, Drucila sentiu a lâmina passar rente ao seu rosto, cortando uma pequena mecha do seu cabelo e atingindo o réptil enquanto ele pairava no ar. O animal ainda se chocou com o peito de Drucila, mas tombou estático no chão. A faca entrara pela boca e trespassara seu crânio, impedindo o ataque.

Drucila deu um passo para trás.

Esther insistiu.

– Vamos embora, minha senhora. Isso não pode ser um bom sinal.

Adriani levou a mão ao pingente.

– Talvez a escrava tenha razão...

– Não vou desistir agora – disse Drucila, recobrando a coragem. Andou até a entrada da gruta e pediu à sacerdotisa: – Gostaria de me submeter ao ritual. – Retirou do cinto um pequeno saco de couro, cheio de moedas, e o entregou à misteriosa mulher.

Em meio às sombras do capuz, tudo o que se via era o sorriso iluminado pelo reflexo das moedas.

Adriani não soltava o pingente.

– Meu trabalho termina aqui. – Virou-se e pôs-se a escalar a ladeira que levava à via.



## 5

Duas pequenas tochas iluminavam a entrada e parte do interior da gruta.

Drucila viu uma pequena descida de terra batida que terminava numa escada de cinco batentes somente. Depois do último degrau, tudo estava imerso numa absoluta escuridão. Fez um gesto para que as escravas seguissem à frente.

Ouvia apenas o barulho dos passos e um som semelhante a gotas caindo sobre a superfície da água.

Logo sua visão se acomodou à pouca luz e ela enxergou a silhueta de uma mulher que trajava um longo vestido e mantinha o rosto encoberto com um capuz. Uma roupa idêntica à da sacerdotisa que as recebeu.

– Chegue mais perto – a voz da figura era rouca e aguda, como a voz de uma senhora idosa.

Ela obedeceu e, ao se aproximar, sentiu o cheiro pungente de sangue.

– Por Júpiter – levou a mão à boca, nauseada.

A velha elevou o rosto, mostrando sua pele enrugada pela primeira vez, e contraiu o rosto, aborrecida.

– Aqui, neste templo, não é permitido invocar outras entidades. Afinal, quer ou não se submeter ao ritual?

Meneou a cabeça em afirmação.

A velha se aproximou um pouco mais da moça e lhe tocou o rosto. Suas mãos tinham cheiro de morte.

– É cheia de viço e de alegria. Mas nem sempre a fertilidade tem a ver com vida e fortuna...

De repente, como se atendessem a uma ordem contida nas entrelinhas do discurso da anciã, uma tríade de mulheres surgiu das sombras e cercou a visitante.

O coração de Drucila disparou.

– Eu... Acho que não quero mais.

A velha ignorou a recusa da moça e a puxou para perto.

– Cuidado com o caldeirão! – Mostrou um imenso pote de ferro.

A moça sentiu o fedor de novo e concluiu que o recipiente estava cheio de sangue até a borda. O som irritante de goteira era o sangue que pingava do teto no caldeirão. Forçou a vista, mas não conseguiu enxergar o ponto exato de onde o fluido surgia.

*Sangue de animal*, foi o que pensou, sentindo os músculos relaxarem um pouco. *Fazem isso para impressionar!*

– Tire a roupa – ordenou a velha, enquanto enchia uma pequena cuba de barro com o líquido do caldeirão. As três mulheres ajudaram Drucila a se livrar da túnica branca. – É única... – disse alto, como se embalasse uma cantiga. Andou em torno da moça e desenhou símbolos com sangue no chão. – É mãe dos deuses... – agora a voz da anciã verteu um som vigoroso e jovial. E isso causou em Drucila um arrepio que lhe percorreu todo o corpo. – É fértil como a terra e eterna entre os seus! – Entregou a cuba a uma das sacerdotisas e voltou para perto do caldeirão.

As mulheres repetiam a cantiga, como uma ladainha, e mergulhavam os dedos no sangue, desenhando símbolos na pele branca de Drucila.

De repente, um frio hediondo se espalhou pela caverna.

A velha abriu um sorriso imundo, cheio de dentes podres.

– Ele disse que o problema não está no *seu* ventre...

– Ele?! Cibele não é uma deusa de aparência feminina?

– A divindade adota a forma que preferir – explicou a anciã. Assumiu trejeitos de louca, mantendo um olhar perdido, o rosto de lado, como se alguém lhe sussurrasse profecias. – Não! Isso não! E se eu... – Calou-se por alguns instantes. – Sim, meu Senhor, eu obedeço.

– *Domina*... – murmurou Esther. – Estou com medo...

Drucila ordenou que se calasse.

– Psiu...

A voz da sacerdotisa era pesada e triste.

– Vai ter que entrar no caldeirão. O *Pai* me revelou que você é a escolhida.

Nessa hora, as outras três mulheres conversaram, entre si, criando um burburinho irritante.

– Do que a senhora está falando?

– Na hora certa, você entenderá... Agora, vamos! Entre no caldeirão!

•

No Monte Aventino, em um antigo galpão que fora convertido em templo, um grupo de homens se reunia. Estavam todos sentados em redor da mesa, bebendo vinho e comendo pão com azeite, enquanto ouviam as palavras de Paulus de Tarso.

– ... E é por isso que eu lhes digo: a grande importância do culto reside no mistério da união e do sacrifício. Os Atos e as Cartas deverão ser levados aos presbíteros diariamente. Haja o que houver!

No primeiro século, após a morte de Iesus Christus, os apóstolos erigiram a igreja segundo os princípios do seu idealizador. Os cultos, que inicialmente eram ministrados em lugares públicos, passaram a ser repudiados pelo império e perseguidos pela sinagoga. Paulus de Tarso encontrou uma solução razoável para o problema, dividindo a missão de levar a palavra com os presbíteros, os bispos da primeira igreja. Ele tinha o hábito de ditar suas cartas aos acólitos, e estes *ajudantes* as levavam aos presbíteros. Dessa forma, o apóstolo podia pregar para uma quantidade imensa de pessoas, sem chamar a atenção de autoridades judaicas e romanas.

Petrus, o único homem à mesa que tinha conhecido Iesus, concordava com as palavras de Paulus de Tarso, balançando a cabeça o tempo todo.

– Devemos apenas nos lembrar de que, pelo menos uma vez por mês, a congregação deve se reunir. A divisão dos cristãos em

pequenos cultos pode facilitar a pregação, mas é também uma boa forma de criar desentendimentos quanto à interpretação da *palavra*...

– Senhores – falou Natanael, assim que entrou na sala. O rapaz era um dos escravos de Dotan, mas seu *dominus* sempre o liberava para participar das reuniões religiosas –, desculpem-me o atraso. Demorei, mas trouxe-as comigo. – Carregava algo envolto em um pano grosso, mas logo revelou os belíssimos artefatos. – O artesão disse que não era ferrugem. Bastou uma limpeza para que ficassem como novas!

– As Cruzes de Galeso?! – irrompeu Amnon, um jovem pequeno e magro, de rosto muito bonito. Vaidoso, admirava tudo o que era belo. – Nunca as tinha visto de perto. Posso? – Suas mãos quase tocavam o artefato.

Iacobus respondeu:

– Claro que sim.

Amnon vislumbrou as duas cruzes sobre a bancada. Tinham quarenta centímetros, em seus maiores eixos. Eram pesadíssimas e em todas as suas faces foram esculpidos desenhos que mostravam a trajetória de Iesus, do nascimento à crucificação.

– São lindas! Ontem mesmo sonhei com as Cruzes de Galeso...

Paulus arrumou-se na cadeira.

– Ora, então nos conte. Talvez Deus tenha abençoado você com o dom de profetizar! Conte!

O rapaz acomodou-se à mesa. E, enquanto o apóstolo Petrus lhe servia um pouco de vinho, começou a falar:

– Sonhei que andava a esmo, numa colina próxima à cidade. Eu me encontrava cercado por demônios e meu coração estava cheio de angústia e medo. Havia morte em todo lugar...

– Deus... – murmurou Paulus.

Amnon arregalou os olhos, de repente.

– Então uma estrela brilhou no céu e iluminou tudo em meu redor. Era lindo! Logo percebi que aquela luz era o Christus, Nosso Senhor, que descia do céu. Ele trazia as Cruzes de Galeso em suas mãos. Aproximei-me, ajoelhei-me diante Dele e vi quando as cruzes reluziram e se transformaram em ouro. Os artefatos derreteram nas

mãos do Senhor e se converteram em chamas que dançavam no ar, até que se enroscaram no meu pescoço e se transformaram num belíssimo colar.

– E depois? – perguntou Petrus, sorrindo.

– Depois nada. O sonho acabou – respondeu Amnon, catando um pedaço de pão.

– É uma promessa de livramento! – vaticinou Paulus de Tarso.

A maioria dos presentes concordou com o apóstolo.

Baruch, o rapaz assentado defronte de Amnon, encolheu-se e verteu em um tom pálido de repente. Era alto e forte, mas teve de encostar-se à parede para que não caísse. Ninguém entendeu a razão, mas o brutamonte teve um espasmo e vomitou sobre a mesa.



## 6

Dezenas de liteiras desciam as ruas do Monte Capitolino. A maioria das conduções de pequeno porte não passavam de cadeiras suspensas por hastes de madeira, carregadas por quatro escravos jovens e fortes.

Doze homens conduziam uma enorme liteira, coberta com cortinas de seda azul, e retesavam os músculos dos braços, expostos pelas túnicas de tecido amarronzado, na tentativa de equilibrar o transporte. Os seis escravos que transportavam as hastes traseiras eram brancos, de inexpressivos olhos azuis. Os homens posicionados na dianteira da liteira tinham pele cor de oliva e nariz largo. A contração dos músculos do rosto de cada um sugeria o grande esforço que tinham de fazer para sustentar o gordo senador e as duas acompanhantes que se divertiam no interior do transporte.

No sopé do Monte Capitolino, o Circo Flamínio se assemelhava a uma grande feira livre. Escravos ajudavam seus donos a descerem de suas liteiras, enquanto nobres, que vestiam togas drapeadas, conduziam suas esposas. As mulheres exibiam extravagantes penteados, brincos e braceletes de ouro, além dos belíssimos camafeus de marfim, esmeralda e rubi.

As vozes se misturavam, numa grande algazarra, enquanto os homens se cumprimentavam e se agrupavam à entrada do Teatro de Marcellus.

Inúmeros arcos se estendiam, em semicírculo, ao longo de mais de cem metros do primeiro andar do teatro, oferecendo livre acesso



aos visitantes. Havia inúmeros arcos e colunas nos dois andares superiores, todos edificadas com concreto romano e cobertos por uma camada de mármore branco.

Os senadores e cavaleiros foram os primeiros a entrar, seguidos pelos magistrados e tribunos. Depois, entraram os romanos cujo nascimento e cujo sobrenome lhes proporcionavam lugar de destaque, mais longe do palco que os políticos e altos oficiais, mas ainda mais perto da apresentação que a plebe.

Os últimos a entrar foram os plebeus de livre nascimento, que ocuparam o terceiro pavimento, distribuídos por uma gigantesca e desconfortável arquibancada de concreto.

Em seu camarim, Nero Claudius César Augustus, o imperador de Roma, levantou-se de um salto.

– Ai! É muita emoção! – Empurrou as três mulheres que o rodeavam e tentavam, em vão, maquiá-lo seu rosto. Andou até o espelho de metal polido e exasperou-se: – Por Júpiter! O que eu sou? Um ator de comédia popular? – referia-se aos protagonistas dos espetáculos públicos, tão comuns à época. Era costume exibirem-se espetáculos diversos, em palcos montados na rua. Comédias vulgares, cujos personagens faziam referência a nobres e senadores de Roma. Havia forte contextualização erótica e os atores se maquiavam com proposital exagero. Algo semelhante aos palhaços modernos.

Uma mulher morena, de cabelos longos e ondulados, aproximou-se do imperador e pegou suas mãos. Ela o fitou com seus olhos verdes e grandes, e estampou no rosto um sorriso.

– Sente-se. Eu mesma faço a maquiagem. Não está tão ruim. Basta tirar um pouco do excesso – explicou Poppea, a terceira esposa do imperador.

Ele a obedeceu.

Dotan permanecia em pé, próximo à entrada do camarote, e esperava as orientações de Nero. Estava vestido com uma couraça comum aos oficiais de alta patente, com detalhes em metal moldando-lhe os músculos do peito. Usava saio e sandálias, e segurava o elmo de general com as duas mãos à altura das coxas.

O general Antonius estava ao seu lado e o encarava com ar de cinismo. Achava graça do jeito efeminado do seu monarca.

Nero mantinha os olhos fechados, enquanto a esposa limpava seu rosto com um lenço. Aproveitou-se da proximidade para tocar as coxas de Poppea.

– Pare com isso!

Ele riu. Continuava com os olhos fechados, submetendo-se aos cuidados da esposa.

– E Titus, onde está? Eu fui claro quando disse que queria ver meus três melhores generais aqui hoje.

Dotan deu um passo adiante.

– Meu *princeps*...

Foi interrompido pelo homem que adentrou o recinto, pisando com força, até que parou em frente ao imperador e bradou:

– Ave, augusto!

– Ah! Que entrada dramática – disse Nero, sorrindo. – Afastou a esposa, com cuidado. – Obrigado, querida. – Andou até o general. – E então?

Titus foi sucinto:

– Três efetivos, com vinte legionários cada.

– Só isso? – retrucou o imperador.

– Tenho certeza de que basta. São os sessenta homens mais cruéis da guarda.

– Mas não há o risco de algum deles desistir? – Elevou as sobrancelhas enquanto falava, olhando o general de soslaio.

Titus sorriu e balançou a cabeça.

– Garanto que esses homens são monstros sem alma. Nenhum deles desobedeceria a uma ordem dada por um general romano. Se eu mando, pulam todos de um penhasco! Garanto!

Nero sorriu encantado.

Dotan deixou escapar um suspiro. Já conhecia o imperador e concluiu quais eram suas intenções.

Antonius estava agitado.

– Meu *princeps* sofreu alguma ameaça? – Levou a mão ao cabo do gládio, por instinto. – Por que não confiou em seus generais? Somente Titus podia saber? Eu...

O imperador o interrompeu:

– Não é isso. – Andou até uma bacia de barro que estava cheia de água quente. Imergiu os pés nela e gemeu.

As escravas se aproximaram do imperador e, enquanto ele falava, o despiram de sua estola vermelha e de sua túnica longa e branca.

– Hoje todos estão reunidos aqui para ver seu imperador.

– O maior dos artistas! – irrompeu Poppea.

Nero a ignorou.

– Dessa forma, os inimigos de Roma vão se aproveitar! Já fui informado de que, em noites assim, os cultos proibidos se multiplicam por toda a cidade. Titus conhece as três cerimônias que serão realizadas hoje, em diferentes pontos de Roma. Pedi ao general que fizesse sigilo e escolhesse os soldados mais apropriados para o *serviço*. Ele os instruirá sobre seus alvos.

Antonius ainda estava atormentado.

– E nós não merecemos a mesma confiança dispensada a Titus? Por quê?!

Nero riu.

– Pare com isso. Parece até uma mulher ciumenta. Escute: estou cansado de prender esses pagãos miseráveis e vê-los serem absolvidos pelo Senado! E, da última vez que planejei uma execução, os senadores foram informados por um traidor! – Cerrou os punhos e contraiu o rosto.

Nesse instante, Emilianus entrou no camarote e saudou o imperador com o mesmo gesto que Titus fizera. Vestia trajes parecidos com os dos seus consortes, mas não trazia consigo um elmo.

– Mil perdões pelo atraso, augusto, mas a culpa é do meu ajudante, que se enganou com o preparo da poção.

Um rapaz vestindo uma túnica branca e curta seguia o médico de perto e segurava uma cuba de barro, repleta do caldo fumegante.

Nero calou-se, fitando as pernas do ajudante. Até que irrompeu:

– Ah... Como eu dizia, não quero erros dessa vez! O Senado tem me dado muita dor de cabeça! E eu não vou deixar o império ser infectado por ratos pagãos!

Dotan, que até o momento estava calado, interferiu:

– Meu *princeps*, é de se esperar que o Senado sinta ânsia em lhe tolher a liberdade de julgar e executar, já que não lhes resta muita coisa para fazer – concluiu.

Dotan referia-se ao fato de que, ao longo do império de Octavius Augustus e de seus sucessores, os poderes do Senado diminuíram. Já não havia hereditariedade do cargo. A nomeação do cavalo de Calígula, *Incitatus*, para o cargo de senador ainda era lembrada e mexia com os brios do Senado. A inclusão de nobres gauleses e de outros representantes de nações bárbaras em sua câmara enchia a todos de revolta. Restaram ao Senado, apenas, a função de magistratura – na qual se empenhavam em se mostrar necessários – e o julgamento de matérias referentes aos crimes cometidos contra o império, na ausência do *césar*.

Apesar de não ser bonito, Nero parecia se orgulhar da própria nudez, enquanto as escravas lhe lavavam os pés. Saiu da bacia com água e abriu os braços, para que as moças o vestissem com uma túnica negra e comprida, cuja cauda arrastava no chão. Aproximou-se de Emilianus e resgatou a cuba com o preparado, sorvendo um gole generoso.

– Argh! Mas isto tem um gosto horrível! – Devolveu o caldo ao médico.

Emilianus empurrou-o de volta.

– O caldo de testículos de carneiro vai dar potência à voz. Basta ouvir um bicho desses berrando para ver que funciona. As ervas que eu adicionei à mistura limpam os pulmões e diminuem as secreções. Hoje, quando meu *princeps* tocar sua lira e sua voz se espalhar pela cúpula do Teatro de Marcellus, toda a cidade vai se emocionar.

Nero fez uma careta e encarou Emilianus por alguns instantes. Depois, tomou outro gole do preparado e pôs a cuba sobre a mesa. Sentou-se e observou o caldo, enquanto gesticulava, dispensando seus generais.

Os homens bateram com as sandálias no chão e elevaram uma mão espalmada à altura do peito.

– Ave, agosto! – disseram os três generais, ao mesmo tempo. E, no momento em que estavam prestes a passar pela porta, ouviram a voz do imperador dizendo:

– Não esqueçam: matem-nos todos! Quero ver cabeças rolando no chão!



## 7

Na gruta em que se reuniam as sacerdotisas de Cibele, a anciã insistia:

- Vamos, menina, entre no caldeirão.
- Mas...
- Antes de qualquer ritual, é necessário o batismo.

As três moças pegavam seus braços e pernas, até que Drucila permitiu que a levassem para dentro do caldeirão. Sentia o líquido morno e viscoso banhando seu corpo.

*Sangue de animal!*, pensava.

A velha pegou a cuba de barro e a encheu, mergulhando-a no sangue.

Nesse momento, o vento invadiu a caverna, agitou as chamas das tochas que iluminavam o recinto e criou um jogo de luzes bruxuleantes, que durou muito pouco. Foi nesse momento que a moça percebeu que duas asas imensas de morcego emergiam da sombra nas costas da velha e se projetavam na parede.

*É ilusão, só pode ser...*

Preparou-se para derramar o sangue sobre a fronte de Drucila.

- Quer mesmo ter um filho?

Respondeu ao mexer a cabeça num movimento de afirmação.

- E isso é a coisa mais importante para você?

Drucila não ponderou:

– Mais importante que minha própria vida! É tudo o que eu quero! Tudo! Se não fosse, eu não estaria aqui, estaria? Olhe para mim:

mergulhada num caldeirão nojento! Coberta de sangue de animal!

A sacerdotisa deixou escapar um sorriso.

Silêncio.

Uma última gota de sangue desabou do teto, criando um som característico que se espalhou pela caverna.

– Existem muitos universos e muitas realidades. E sempre que um deus trespassa o plano dos espíritos para nos contemplar com seu poder, um novo mundo se revela. São sete os deuses menores que a acolherão nessa jornada e sete serão os demônios que a perseguirão. E somente um destino a espera em todos esses mundos e realidades; o que muda é o caminho. Caberá a você trilhar o caminho que lhe convier. Um fato eu lhe garanto: se eu der andamento ao ritual, você será... *A única*.

– Assim como Cibele, Drucila será a mãe dos deuses! – gritou uma das jovens sacerdotisas que cercavam o caldeirão.

– Será fértil como a terra e eterna entre os seus! – gritaram todas, em uníssono.

Drucila sentiu um calafrio lhe correr a espinha.

– Deus seja louvado – murmurou Esther, abraçando-se a Rachel.

As duas afastaram-se de sua *domina* para se esconderem no fundo da gruta, onde se ajoelharam e começaram a rezar. As mãos de Esther tremiam, enquanto ela apertava a pequena cruz através da túnica de tecido grosso.

A anciã proferiu palavras num idioma antigo e já esquecido pelos homens. As escravas hebreias reconheceram algumas palavras naquela língua estranha, pois esta se assemelhava muito ao aramaico, a língua antiga dos hebreus. No entanto, era um dialeto gutural, com sons estranhos como roncões e estalos feitos com a língua pressionada contra o palato duro.

As sacerdotisas se ajoelharam em redor do caldeirão e criaram um barulho medonho, repetindo as palavras da anciã:

– Mãe dos deuses. Mãe do herdeiro Dele entre nós. Eterna entre os seus. Aceite!

– Sim! – gritou Drucila.

– Eterna entre os seus!

– Sim, eu aceito!

Todas calaram.

– Mas somente a morte – irrompeu a velha – fará de você uma divindade eterna entre os seus! – E apertou o pescoço de Drucila com as duas mãos, fazendo-a imergir no sangue.

Drucila lutou, mas não conseguiu se desvencilhar das mãos da anciã. Seu coração disparou, enquanto ela se debatia e tentava voltar à superfície. O gosto metálico, somado ao sufocamento, antecipou o ato de inspiração, e a moça engoliu sangue, engasgando-se. Enfiou as unhas nos punhos da sacerdotisa, para que a velha a soltasse, mas não adiantou.

Os ouvidos zunindo.

*Onde estão Rachel e Esther que não fazem nada? Vão me deixar morrer aqui?*

De repente, as mãos que a esganavam relaxaram, e Drucila se soltou. Enquanto tentava emergir do poço de sangue, sentiu o caldeirão balançar e girar, arremessando-a para fora, de barriga no chão.

Tossiu, depois puxou um monte de ar para dentro dos pulmões. Estava deitada sobre a poça de sangue quando sua vista começou a clarear e seus ouvidos pararam de zunir.

Ouviu os gritos desesperados.

– Não! Eu não fiz nada – tentou argumentar uma das Filhas de Cibele.

– Não me interessa – respondeu uma voz masculina.

*Chunc.* Aquele era o som característico de uma lâmina atravessando a carne.

A cabeça de mulher caiu diante de Drucila, que enxergou tudo com clareza: cerca de vinte centuriões invadiam a gruta. Atacavam em dupla: um soldado segurando uma tocha e um escudo; outro portando um gládio longo e pesado. Em segundos, mataram e deceparam a anciã e duas sacerdotisas.

– Não quero morrer! – gritou a última das Filhas de Cibele. – Por favor, não me mate!

– Essa até que é bonitinha! – brincou o legionário, pontuando o comentário com um soco na barriga da moça, que tombou de joelhos.



– General – um deles gritou. – Podemos brincar com essa vadia?  
– O imperador foi taxativo – respondeu Dotan. – Ordenou que *cabeças rolassem pelo chão*.

– Pelo cacete de Hades – praguejou o soldado, elevando a espada à altura da cabeça e descendo-a sobre o pescoço da moça.

Dotan tomou a tocha de um dos soldados e fez um gesto para que os homens esperassem. Foi nesse instante que ele viu sangue gotejando do teto e percebeu um corpo feminino decapitado, dependurado e amarrado pelos pés. Da ferida aberta em seu pescoço gotejava o sangue que enchera parte do caldeirão. Dotan andou até o fundo da caverna e viu as duas escravas escondidas, rezando. Viu o tanque de ferro caído e o corpo nu ajoelhado, besuntado com sangue. Dotan sentiu aquele cheiro e tentou ignorá-lo, mas era impossível resistir ao odor que aquela mulher exalava. E aquele aroma o excitava e o fazia lembrar-se das insanidades que um dia fizera, sob o domínio do lobo que habitava sua alma. Seus olhos verteram em um tom amarelado, e em sua boca despontaram presas afiadas. Desembainhou seu gládio, enquanto pisava no peito de Drucila, obrigando-a a deitar-se no chão. Elevou a espada e, no último instante que antecipava o golpe, ouviu:

– Não faça isso, Dotan! Sou eu!

Espantado, ele parou.

– Drucila?!

•

Dotan envolveu-a com uma manta e pediu para que os homens a levassem.

O soldado que a conduziu explicou:

– A senhora não deveria participar desse tipo de cerimônia. O imperador está perseguindo os cultos pagãos, devido aos sacrifícios e outros abusos. A senhora poderia ter morrido, sabia disso? Vamos, paramos na margem do Tibre. Assim a senhora e suas escravas poderão se banhar e se livrar desse monte de sangue. Chegarão à sua casa como se nada tivesse acontecido... – Aproximou-se um

pouco mais e murmurou: – Deram sorte de o general ser amigo do seu marido!

Um centurião se aproximou do oficial-comandante, que restava à entrada da gruta, e o questionou.

– General Dotan, o senhor não vem?

Tinha a certeza de ter sentido no ar uma presença conhecida e desagradável, mas não sabia definir bem o que era.

– Podem ir. Mantenha meu cavalo peado, à margem da Via Ápia. Sigo em alguns minutos e os alcanço.

•

Do alto do monte no qual a natureza escavara a gruta, Dotan observava os homens seguindo em direção à cidade. Ainda não conseguira definir que mal pressentia, mas tinha a absoluta certeza de que aquele lugar estava amaldiçoado.

O monte de pedra branca e calcária media vinte metros, da entrada da gruta ao seu ponto mais alto, onde descansava uma enorme pedra, cujo formato e diâmetro Dotan percebeu serem ideais.

O pedregulho media cerca de quatro metros em seu maior diâmetro. Nenhum homem comum seria capaz de movê-la sozinho. Na verdade, nem mesmo um grupamento de cinquenta homens seria capaz de fazê-lo.

Inspirou e se permitiu relaxar os braços ao lado do corpo. Fitou a luz da lua por um instante, depois fechou os olhos e ouviu os sons que o rodeavam. Deixou a força fluir em seu corpo, e os músculos se intumesceram. Lembrou-se por um momento do cheiro medonho de morte que impregnava a gruta e do cheiro instigante que tinha a pele de Drucila. Suas orelhas despontaram entre seus cabelos e as garras se alongaram em suas mãos. As presas afiadas. Os pelos se espalhando pelo corpo. Sentiu que seria melhor inibir a transformação. A forma híbrida lhe traria a força necessária, mas manteria distante o animal faminto que insistia em querer o controlar.

Agora, o ser fantástico, cuja silhueta se assemelhava à de um homem imenso e forte, e cujo rosto ainda mantinha os traços afilados e bonitos, tinha o corpo coberto por pelos brancos.

Cerrou os punhos e uivou, contraindo todos os músculos do corpo, depois se jogou contra a pedra imensa e a empurrou, fazendo-a despencar do alto do monte e vedar a entrada da caverna. Não havia uma brecha sequer entre os contornos da pedra e as paredes da entrada. Seria impossível alguém passar novamente por ali. E, como aquela era a única entrada da caverna, concluiu que nunca mais aquele lugar seria usado em rituais de magia.

Inspirou profundamente e se acalmou, recobrando sua forma humana.



## 8

**E**ra uma manhã fresca, mas ensolarada, quando Emilianus ordenou a Drucila que providenciasse um banquete para que recebesse os amigos. Quando a noite caiu, os festejos começaram. Não fazia muito tempo que o vinho era servido, e o general Titus já havia bebido demais. Lançava olhares lascivos para a dona da casa, como se a comesse com os olhos. Sua esposa tinha uma aparência extravagante e exibia os braços apinhados de pulseiras. Usava o colar com um imenso rubi que combinava com os brincos e insistia em dizer que *nenhuma* mulher em Roma, nem mesmo Poppea, tinha uma joia igual àquela.

Dotan e Luna foram os últimos a chegar. A moça permanecera a maior parte do tempo calada, intrigada com o jeito estranho que o amante vinha agindo.

O homem-lobo sentia-se incomodado com a presença de Drucila e evitava encará-la, mesmo que fosse por um segundo, pois, sempre que o fazia, lembrava-se do fedor mórbido da caverna sangrenta e da sensação maligna que sentiu naquele lugar. Apesar do cheiro de morte e maldição que impregnava a gruta, sentia todo o viço que exalava da pele de Drucila. Aquilo o deixava muito confuso.

Uma grande bandeja com o que parecia ser um peixe assado, rodeado por laranjas, foi posto sobre a mesa.

– Que tipo de peixe é este, Drucila? – perguntou Luna.

– Pensei que tinham lhe arrancado a língua, minha amiga – brincou Drucila.

Luna desviou o olhar por um instante e olhou para Dotan.

*Ele tem outra mulher. É isso ou está louco. Vou descobrir quem é a amante!*

– Luna – insistiu a anfitriã –, não me ouviu falar? – Sorriu e tomou um gole da bebida. – Não lhe darei a resposta, pois sei que você adora um desafio. Então, me diga que espécie de peixe é este! Responda corretamente, e eu lhe empresto minhas escravas por uma semana.

Luna cortou um pedaço pequeno e o levou à boca, curiosa. Agora mexia o rosto, degustando a iguaria, mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão.

Outros tentaram também, mas não souberam a resposta.

Nessa hora, Dotan sentiu os pelos de seus braços se eriçarem.

*Não é peixe!* Foi o que pensou. *O cheiro lembra carne humana...* E foi arrebatado pela visão:

*Um palacete cujas paredes foram adornadas com figuras de lobos negros, pintados em estilo egípcio. As gravuras, legendadas com hieróglifos, mostravam homens-lobo guiando carruagens em redor do sol; uns deles devorando bebês. Em outros desenhos, os licantropos se deitavam com mulheres que pareciam estar mortas.*

*Havia um altar sobre o qual se dispunham cinco tronos em semicírculo. Dotan se viu sentado no trono central, vestindo uma manta negra que cobria quase todo o corpo e deixava seus braços à mostra, pesados de joias. Os contornos dos olhos do homem-lobo estavam pintados de preto, como costumavam fazer os faraós. Ostentava uma coroa com duas projeções laterais semelhante a orelhas longas e pontudas. Da parte frontal da coroa se estendia uma haste que lhe cobria o nariz e tinha a ponta alongada como um focinho.*

*Ouvia os gritos desesperados de mulheres, e, de súbito, todos os lobos se ergueram com os pelos das costas eriçados e os punhos cerrados. Eles arregalaram os olhos amarelos e encararam Dotan, como se esperassem por permissão. Queriam recebê-las à porta do grande salão das bestas.*

*Yoel e Oren uivavam e babavam, alucinados.*

*Dotan levantou apenas uma das mãos, pedindo por silêncio. Os lobos se inclinaram, descendo dos seus troncos e andando nervosamente sobre quatro patas, em círculos, em redor do altar. Foi nesse exato momento que ele as viu entrar. Cinco mulheres se debatiam nos braços de homens fortes. Elas eram, a todo tempo, unguidas pelos gestos e cantos dos sacerdotes. Os lobos grasnavam e babavam ao sentir o cheiro das virgens em sacrifício.*

*O cheiro de carne humana.*

*De repente, o tempo pareceu desacelerar.*

*Os sacerdotes deixaram o salão às pressas, enquanto os soldados traziam cinco prisioneiros: exímios representantes da escória de Tebas e Karnac.*

*Ele podia ver os lobos se movendo lentamente, até que Nadav tomou a frente e destroçou um dos prisioneiros, arrancando seus braços e pernas com golpes de suas garras poderosas.*

*Os outros avançaram, esmagando a cabeça dos homens com os dentes, enquanto as moças se encolhiam, antecipando a própria morte.*

Despertou ao sentir que suas garras cresciam, afiadas, e irrompeu:

– É porco, não é?

– Viva! – agitou-se Drucila, batendo palmas.

– Não me sinto bem – ele disse, levantando-se.

As íris castanhas de Dotan refletiam um brilho amarelado. Suas narinas dilatavam-se com o cheiro da carne de porco. Agora podia ouvir o pulso de cada um dos convidados, e o que mais o instigava era o cheiro doce da pele de Drucila, tão jovem e vibrante. Sentia o calor que emanava do ventre da moça.

Salivou.

*Não! Já faz centenas de anos que eu não faço isso!*

Levantou-se.

– Sinto muito, mas tenho que ir.

– Não vá – pediu Drucila. – Fique um pouco mais – sorriu. Mas, ao encarar Dotan, lembrou-se da noite na gruta, e seu coração se encheu de vergonha.

Dotan agarrou o braço de Luna, mas ela se livrou da pegada.

– Eu não vou. Ainda é cedo demais.

Ignorou a reação grosseira da amante e encarou o dono da casa.

– Agradeço-lhe a hospitalidade. O vinho estava ótimo! – Virou-se para Drucila: – Cortar a carne de porco no formato de um peixe é um truque muito interessante. A decoração do prato é um requinte. Coisa que somente uma finíssima patrícia teria a ideia de fazer. – Deu as costas e andou na direção da porta.

Os homens protestaram contra a fuga repentina de Dotan e começaram a lhe puxar pelo braço para que se sentasse.

As vozes se misturavam em sua cabeça, o coração estava agitado. Todos os sons foram encobertos pelos bumbos cadenciados de suas pulsações mortais.

– Soltem-me! Tenho que ir!

Todos lhe obedeceram ao ver seus olhos verterem um amarelo intenso.

Titus bebeu todo o vinho da taça em um só gole.

Antonius andou até o jardim do átrio e jogou seu vinho na areia, pensando: *Já estou alucinando.*

*Vai se encontrar com a outra,* pensou Luna, retesando a boca, tentando esconder uma lágrima.

Drucila imaginava que a saída do oficial estivesse associada ao evento funesto do ritual de magia e se lembrou do general lhe pisando o peito, tocando seu pescoço com o gládio. Percebera quão jovem e vigoroso era aquele homem, que já devia ter mais de quarenta anos. Não tinha no rosto uma ruga sequer. O único sinal de maturidade eram os cabelos brancos que vinham lhe tomando a cabeça.

Depois que Dotan atravessou a porta da frente, todos voltaram à mesa e, após comerem o porco, serviram-se de maçãs frescas e uvas como sobremesa.

O general Titus tombou desacordado em um dos divãs. Bebeu demais e, ao final da festa, teve que ser carregado por seus escravos, sob as lamúrias da esposa.

Luna permaneceu ao lado de Drucila, mesmo depois que o último convidado se foi.

Emilianus adormecera em um divã do jardim. Não o jardim que rodeava o átrio, o ambiente central da casa, mas uma área que ficava nos fundos da *domus*; ampla, com flores de diversas cores e espécies que coloriam os espaços entre as estátuas de mármore. Apesar de as casas romanas serem fechadas, em sua maioria voltadas para o centro, onde a luz penetra por grandes aberturas no teto, a *Domus Emiliana* tinha uma estrutura pouco convencional. Talvez devido à sua posição privilegiada, que lhe permitia que um dos lados da edificação se mantivesse aberto, sem muros ou portões. O *tablinum*, uma mistura de escritório e sala de estar, prolongava-se no imenso jardim. Um muro baixo separava o jardim da íngreme encosta de pedra calcária. Dali podia-se ver parte do Monte Capitolino, à direita, e o sopé do Monte Aventino, à esquerda. Vista do alto, Roma parecia uma cidade tranquila. Emilianus permanecera ali, desacordado, segurando uma taça de vinho, e Drucila preferiu deixá-lo descansar. Estava curiosa para saber o motivo das discussões entre Dotan e Luna.



Drucila buscou uma ânfora de vinho e as duas taças que restavam sobre a mesa. Levou a amiga de volta ao átrio e as duas se sentaram em um dos bancos, uma em frente à outra. Passaram alguns instantes bebendo o vinho em silêncio.

Drucila percebeu que as escravas tinham acendido o braseiro, antes de se retirarem, colocando-o próximo à piscina de água da chuva no centro do átrio. Observou o ornamento de bronze. Viu as brasas incandescentes, através das barras laterais, enegrecidas pelo calor recorrente, e admirou os entalhes do tampo de metal. Um tripé sustentava o braseiro e mantinha as brasas cerca de um metro acima do chão: três esculturas de centauros, cujos torsos humanos e definidos se contraíam para manter os braços erguidos, segurando o gradil. O corpo de cavalo dos três centauros tinha a mesma postura inquietante, com patas dianteiras elevadas e patas traseiras apoiadas no chão. Os três rabos de cavalo se tocavam e se fundiam,



dando estabilidade ao artefato. Entre as patas traseiras emergiam eretos falos de metal.

– Ele tem outra, Drucila! – revelou Luna. Os cabelos loiros e muito finos repousavam sobre seus ombros e alongavam a silhueta do rosto. O nariz pequeno e empinado, as sobrancelhas finas e arqueadas sobre olhos verdes. Tinha lábios grossos que, mesmo depois de uma refeição que lhe retirara toda pintura, continuavam vermelhos como morangos. – Ele tem outra.

Drucila não respondeu, apenas enrolou-se na estola e devolveu-lhe um olhar contemplativo, elevando as sobrancelhas.

Luna suspirou e tomou mais um gole da bebida.

– Tem outra, sim. O nome dela é Vered, e ele sonha com ela. Outro dia, teve um pesadelo, acordou chamando a vadia e saiu andando pela casa sem roupa, como um louco.

– Sem roupa?

Drucila lembrou-se da pisada em seu peito, da mão forte lhe apertando o braço, e imaginou os contornos do corpo do general, sentindo os músculos das coxas contraírem. Aquela estranha sensação de desejo incessante tinha lhe tomado desde o dia da cerimônia. No entanto, já era de se esperar que um ritual de fertilidade lhe aumentasse as vontades.

– Tenho medo de que ele me deixe.

– Acho difícil, amiga. Você é linda. – Afagou os cabelos de Luna com as pontas dos dedos.

Perderam alguns instantes se olhando.

– Você também. Seus olhos...

Encararam-se por alguns segundos, depois desviaram o olhar. Drucila sentiu-se perturbada.

– Mas você já viu essa mulher...?

Uma sensação desconcertante pontuou o silêncio.

A visitante riu.

– Agora, me conte: como estão você e Emilianus?

– Melhor impossível. Quer dizer: melhor, só se tivéssemos um filho.

– Ainda com essa ideia?

– É tudo o que eu mais quero na vida!

– E por que você ainda não engravidou?

– Talvez eu não possa.

– E se o problema não estiver em você?

Drucila a encarou, confusa.

Luna calou-se. Perdeu alguns instantes olhando a lua, através da abertura sobre o jardim do átrio.

– Dizem que é na lua crescente que aflora o desejo.

Drucila tocou sua mão.

– O que você quis dizer?

Fitou a amiga.

– Existe a possibilidade de que seu marido seja infértil. Já pensou nisso?

Mordeu o lábio, pensativa.

Luna se aproximou um pouco mais.

– Drucila, você sabe que as mulheres da nobreza são dispensadas de satisfazer seus maridos quando estão indispostas, contanto que haja escravas que interessem ao *dominus*, não sabe?

– Não gosto disso. Emilianus não dorme com as escravas.

– Mas sabe que este é um costume dos patrícios, não sabe?

Meneou a cabeça, dizendo que sim.

– Ninguém comenta, mas nós, mulheres, também temos o mesmo direito que eles.

A anfitriã surpreendeu-se.

Luna tomou suas mãos e lhe beijou as pontas dos dedos.

– Meu conselho? *Durma* com outros homens e dê ao seu marido o filho que ele tanto deseja.



## 9

### **Na manhã seguinte**

Depois que saiu da reunião de amigos, Dotan subiu em seu cavalo e disparou em direção à casa de campo. Sentia os raios luminosos da lua crescente prateando sua pele, e suas pupilas se dilataram com o presságio de uma nova fase lunar: o crepúsculo seguinte traria a primeira noite de lua cheia.

Os cascos se chocando contra o piso de cascalho geraram um som característico, que corrompia o silêncio da noite.

Antes do raiar do sol, viu a torre do celeiro despontando por trás da colina, e logo vislumbrou a casa, o bosque e o campo de flores da sua propriedade.

Ao entrar em casa, tirou as roupas suadas e se deitou.

Demorou muito a dormir, tentando lembrar onde sentira aquele cheiro que o assaltara na gruta e esforçou-se para se livrar da lembrança de Drucila, nua e tingida de sangue.

Cheirou as próprias mãos: fediam a carne de porco.

•

Acordou tarde e, ao abrir a janela do quarto, viu o sol alto do meio-dia.

Dotan tentava, mais uma vez, lembrar-se de detalhes do seu passado.

Depois que despertou às margens do Mar Salgado e viu os corpos de três homens e uma mulher, desacordados, deitados na areia, tudo o que sentiu foi o desejo incessante de carne.

A fome.

Um desejo furioso e a sensação divina de invencibilidade. O pulso de uma energia fantástica martelando em suas veias. Farejava tudo e a todos. Captava sons inaudíveis aos homens comuns, e tudo o que foge à percepção dos mortais lhe encantava os sentidos.

Sonhara com uma vida de camponês, vivendo entre hebreus, e acordara em dúvida sobre a origem daquelas imagens.

No entanto, a imagem nítida do rosto de *Vered* não lhe parecia um sonho. Pensou: *Se essa mulher existiu, o que teria acontecido a ela?*

O gosto da comida preparada pela tia visitou sua memória, numa alucinação gustativa, e ele viu o rosto de Ló. Num átimo de segundo, lembrou-se de Rodha e Nadav vestidos em roupas típicas de hebreus.

*Sodoma...*

Imagens dispersas, e, às vezes, sem sentido.

*Será que isso tudo aconteceu mesmo? Ou são apenas alucinações?*

Viu seu reflexo turvado no espelho de metal polido e aproximou-se, como se quisesse encontrar, no seu rosto, os traços comuns dos hebreus.

Levou uma mão aos cabelos lisos e grisalhos, sentindo-os deslizar entre os dedos. Não se pareciam com os cabelos grossos e encaracolados de Levy ou de nenhum de seus servos.

A cútis clara contrastava com o tom dourado da pele daquele povo.

Tentava focar à sua imagem em meio-perfil, para que pudesse ver, no desenho do seu nariz, a forma adunca tão comum aos judeus.

Dotan riu. Achou que, talvez, tudo não passasse de um delírio.

Saiu do quarto e, ao passar pelo quarto de Lucius, viu Levy sentado em um banquinho, lendo um pergaminho.

Do outro lado do quarto, Lucius escrevia sentado à mesinha.

O pai nunca antes vira o menino tão concentrado. Talvez a paz do campo e a ausência das distrações da cidade fossem benéficas para

o garoto.

•

Drucila acordou sentindo cócegas na ponta do nariz e meneou a cabeça na tentativa de se livrar da mecha de cabelos que repousava sobre seu rosto.

Tentou dormir, mas logo notou que aqueles cabelos finíssimos que a incomodavam não eram seus.

Percebeu que a coxa roliça e macia que pesava sobre seu ventre não era a coxa de Emilianus.

Ao abrir os olhos, foi arrebatada pela náusea e sentiu o gosto cítrico do vinho.

Estava escuro, e era impossível prever a hora exata, mas o cheiro do travesseiro e a textura dos lençóis lhe deram a certeza de estar em seu quarto.

Uma cabeça pesava sobre seu peito.

Com uma das mãos ela tocou o quadril daquele corpo quente e lhe apalpou as carnes, sentindo as ancas redondas e rijas. Sentia os seios esféricos pressionando sua pele e logo se lembrou de Luna sugerindo:

“Meu conselho? *Durma* com outros homens e dê ao seu marido o filho que ele tanto deseja”. Depois se lembrou de Adriani lhe ensinando a se maquiar como uma meretriz.

Sentiu tontura...

Via-se rodeada por sacerdotisas, naquela gruta no meio da floresta onde, pela primeira vez, se entregara a uma cerimônia maldita.

Levantou-se da cama, ainda bêbada, e sacudiu o corpo inerte da amiga que permanecia deitada. Luna respondeu com gemidos incongruentes, beirando a total inconsciência.

Drucila cambaleou até a janela, apalpando os móveis com cuidado, Tateando a beirada da cama, pois, devido à total escuridão do quarto, não conseguia enxergar coisa alguma. Ao abrir a janela, conseguiu ver o corpo de Luna com clareza. Os cabelos espalhados,

a boca carnuda entreaberta. Drucila levou a mão ao peito nu, sentiu o coração palpitar.

*Será que Emilianus entrou no quarto e nos viu juntas? Não! Se ele nos tivesse flagrado, com certeza eu já estaria morta!* Era o que Drucila pensava.

Olhou pela janela, viu a rua vazia e o céu apinhado de estrelas. Ainda era noite. Talvez Emilianus estivesse desacordado no divã do jardim. Por isso ela tinha que correr e cuidar para que o marido não descobrisse tudo!

Escancarou as janelas na tentativa de fazer com que entrasse um pouco mais da luz da lua em seu quarto e viu a túnica abandonada no chão, resgatando-a e vestindo-a num segundo. Levou as mãos aos cabelos tentando arrumá-los, mas era inútil. Descabelada, exalando o cheiro da outra, sentia o coração descompassado.

Por um breve momento, ela parou em frente à porta do quarto.

*E se Emilianus estiver do outro lado da porta? Talvez esse seja o último segundo da minha vida!*

Seria flagrada vestindo uma túnica transparente, sem roupas íntimas e sem uma segunda peça que lhe escondesse o corpo? E como explicaria a outra mulher nua sobre a cama?

O cheiro do desejo saciado impregnava o ar.

Ao abrir a porta do quarto, não viu ninguém. Viu apenas a luz que irradiava das velas dos lustres do corredor e correu até o átrio da casa, onde encontrou a estola vermelha abandonada sobre a bancada do jardim.

Lembrou-se do momento em que Luna tocou seu rosto e disse: "O beijo entre duas mulheres é sempre repleto de paixão... Vibrante!".

Pegou a estola e a lançou sobre os ombros.

Ao sentir a luz da lua crescente tocando sua pele, considerou-se mais confiante. Era como se a noite, absoluta e imensa, mostrasse que todas as suas preocupações fossem desprezíveis, se comparadas à vastidão da madrugada e à grandeza do tempo.

Agora, tinha que encontrar Emilianus!

Correu ao jardim dos fundos do *domus*, a parte da casa que tinha vista para a cidade baixa, e o encontrou prostrado no mesmo lugar em que ele adormecera no dia anterior.

Ela sentiu uma presença na sala e viu uma sombra se espalhar pelo teto. Virou-se, sua boca retesou-se num ricto, enquanto seu coração palpitava. Antes que pudesse ver quem se aproximava, porém, percebeu uma mão lhe tocando o ombro e se assustou ao ouvir:

– Perdão, minha senhora.

– Por Juno, Rachel, você quer me matar de susto?

Rachel sorriu e abaixou o olhar. Seus cabelos crespos estavam presos no topo da cabeça e refletiam um castanho-claro que se assemelhava ao mel. Tinha uma boca pequena e deixava os ombros à mostra, espelhando o brilho do suor em sua pele.

– Acordei com sede e fui à cozinha. Ao passar pela porta que dá acesso ao jardim, vi que o meu senhor precisava de uma coberta.

– É por que ainda está aqui? Vá dormir!

– É que, enquanto eu trazia a coberta do *dominus*, eu ouvi o barulho vindo do quarto e pensei que minha senhora poderia precisar de alguma coisa.

– Como?

– A senhora e a sua amiga...

Drucila se espantou e puxou a escrava pelo braço, afastando-se de Emilianus.

– Do que você está falando?

– Eu ouvi o tumulto e fui ao quarto da minha senhora. Não pude evitar: vi tudo.

Drucila apertou ainda mais o braço da moça.

– Não viu nada, entendeu? Luna bebeu demais e me pediu para descansar. Por isso a levei para o quarto. Emilianus não precisa saber de nada disso!

A escrava baixou a cabeça.

– Minha senhora é quem sabe o que eu posso ou não posso pensar e dizer... Mas...

– Mas o quê?

– Eu não direi nada ao meu senhor nem a ninguém, mas talvez minha senhora deva advertir os outros escravos.

– Por que eu faria isso?

– Porque, além da sua amiga, havia dois servos do meu senhor em seu quarto.

– Quê?

– Os dois homens, *domina*. Talvez seja melhor que a minha senhora converse com eles.

•

Quem o visse ali, em pé, encostado na porta do quarto do menino, diria que se tratava de um pai comum, um mortal cujo amor pelo filho era o motivo maior da sua existência. Dotan levantou a mão direita, chamando a atenção de Levy.

O escravo, que estava sentado no cantinho do quarto e lia um pergaminho antigo que pertencia ao seu dono, assustou-se, levantou-se e andou até a porta. Baixou a cabeça e estendeu as mãos, oferecendo o pergaminho a Dotan.

– Perdão, *dominus*, mas eu vi o pergaminho sobre a mesa da biblioteca e não resisti à tentação de ler seu conteúdo. O pergaminho me pareceu antigo, e... Tome, perdoe-me pelo meu atrevimento.

Dotan permaneceu fitando Lucius – via o menino de costas para a porta, concentrado, copiando textos antigos – e, sem que olhasse para Levy, com um sorriso tranquilo estampado no rosto, murmurou:

– Não me importo. Você sabe que pode ler o que quiser, contanto que não estrague os pergaminhos ou engordure os papiros. Diga-me uma coisa: Lucius...

– Não parou de estudar nem por um minuto sequer – interrompeu-o Levy. – Estou surpreso com o interesse repentino que o menino mostrou pelos textos gregos.

– De que textos você está falando? – confundiu-se Dotan.

– Eu explico. – Levy teve que parar de falar, pois Dotan o puxava pelo braço e fechava a porta do quarto. Queria deixar o menino sozinho em seus estudos. – Sim, claro. Vamos conversar em outro lugar. – Andaram pelo corredor em direção ao átrio da casa.

Ao sentir o sol amornar sua pele, Dotan suspirou aliviado. Era bom sentir o calor e a luz acalmarem o seu demônio interior. Era como se



o sol lhe desse força para controlar o lobo.

– Eu o flagrei lendo um pergaminho egípcio, e ele... – Calou-se, escondendo o sorriso, mas logo continuou: – Quis me enganar com uma brincadeira. Disse que entendia tudo o que estava escrito ali. Aproveitei o interesse repentino do garoto para lhe apresentar textos gregos sobre a criação do mundo e do homem. No dia seguinte, encontrei-o com um dos papiros que falam sobre o Emanuel.

– Iesus Christus? – espantou-se Dotan. – E daí?

Levy sorriu. Sabia que seu mestre não acreditava naqueles textos, mas que nunca o puniria por ensiná-los ao menino. O que importava para Dotan era que Lucius se tornasse um homem justo e bom.

– E por qual motivo você acha que ele se interessou pelos textos?

– O garoto me pediu que lhe trouxesse os textos que versam sobre o nascimento de Zeus, Poseidon e Hades... – Nessa hora, Levy não pôde conter o riso. – O menino é mesmo muito esperto. Disse que ia me provar que Zeus e Yahweh são a mesma divindade.

Dotan sorriu e perguntou:

– Ora, mas de onde ele tirou essa ideia absurda?

– Foi isso o que eu lhe disse, *dominus!* Mas Lucius insistiu que ia me provar. Afirmou que Hades era Lúcifer. Que era coincidência demais haver histórias idênticas atribuídas a deuses diferentes.

Levy contou a Dotan as ideias de Lucius, e falou de todas as comparações e divagações teológicas que o menino criava. Aquilo divertiu Dotan. Era bom ter Levy em casa, um escravo fiel que conhecia a maldição que assombrava seu dono, mas nunca a mencionava. Levy acompanhava os astros, contava as fases lunares e se antecipava aos rituais que a lua cheia exigia. Dotan tinha certeza de que Levy providenciaria os detalhes necessários, as correntes de prata, o isolamento dos escravos e a erva que o acalmava.

À exceção da função de aparar as unhas e os cabelos de Dotan – que sempre cresciam muito durante as transformações, mas nunca involuíam por completo –, o escravo tinha liberdade para decidir e resolver tudo que diminuísse aquele tormento.

Ao desenrolar o pergaminho que Levy o entregara, percebeu que se tratava de algo antiquíssimo, com cerca de novecentos anos, com

ranhuras e rasgos no couro. O dialeto egípcio antigo não impediu o escravo de entender o conteúdo daquele documento. Agora, Dotan relia aquele texto e seu rosto vertia em uma expressão soturna e desgraçada.

*Sob a bênção constante de Anúbis, temos certeza de que toda morte vinda dele é uma dádiva e aceitamos os cinco escolhidos como representantes legítimos do Deus Chacal.*

Interrompeu a leitura e enrolou o papiro sobre a haste de madeira à qual o documento estava atrelado. Fechou os olhos. Aquelas lembranças antigas beiravam o surrealismo. Era como se fossem parte de um delírio.

Levy agora se ajoelhava diante de Dotan e lhe pedia perdão, pois percebeu, na expressão sofrida do *dominus*, que tinha suscitado lembranças proibidas.

Dotan ordenou ao escravo que se levantasse, entregou-lhe o pergaminho e lhe pediu que o devolvesse à biblioteca.

– Guarde-o.

– Posso destruí-lo, se o senhor assim desejar.

No entanto, Dotan disse que não, com um movimento vigoroso de cabeça. Já se distanciava, quando parou e voltou-se ao escravo.

– Levy, diga-me uma coisa: se eu lhe contasse que sou um dos seus... Entenda: se eu lhe afirmasse que sou hebreu, o que você me diria?

Levy não sabia ao certo o que dizer.

– Eu diria que é verdade, *dominus*, pois acredito em tudo o que meu senhor me disser, mas devo adverti-lo de que talvez ninguém mais acredite. É que o senhor é muito alto. Tem ombros largos. Cabelos lisos e prateados, como um gaulês ou um germânico. Meu senhor é pálido, como se nunca tivesse sido exposto à luz do sol, e seus olhos... Mas por que o senhor me diz isso?

Dotan sorriu, reservando-se o direito de não responder, e desconversou:

– Há quanto tempo Lucius está estudando?

– Há horas.



## 10

*A brisa que lhe acariciou o rosto entorpeceu sua mente com o perfume floral.*

*Margaridas sob a luz crepuscular.*

*Um calor imenso abrandou sua alma e aqueceu o seu peito.*

*Sentia a terra úmida tocando seus pés e mexia os dedos, enfiando-os na terra.*

*Abriu os braços, fechou os olhos e rodopiou numa dança alegre, até perceber que estava sendo observada.*

*– Fértil como a terra, eterna entre os seus – sussurrou a mulher que tinha o rosto coberto por um véu e o corpo escondido por vestes alvíssimas. Estendeu as mãos a Drucila e lhe tocou as palmas das mãos com as pontas dos dedos. Depois removeu o véu, mostrando os cabelos loiros sobre os ombros, e repetiu:*

*– Eterna entre os seus.*

*Drucila não respondeu, observando a dama branca do campo, mas inferiu sua verdadeira identidade.*

*Minha deusa Cibele!*

*Então as flores em seu redor se agitaram.*

*O barulho dos pequenos talos se quebrando chamaram sua atenção, e ela entendeu que algo se esgueirava no mato.*

*Em meio à vegetação, viu surgir um lindo bebê de cabelos negros contrastando com brilhantes olhos azuis.*

*Meu filho! Meu bebê! Foi o que pensou, resgatando o menino do chão e enchendo-o de beijos.*

*Cibele retirou o véu, e Drucila percebeu que seu rosto era idêntico ao de Luna. Suas sobrancelhas se arquearam, quando ela sentenciou:*

*– Somente a morte fará de você uma divindade eterna entre os seus.*

*Drucila abraçou a criança com força, dando um passo para trás, e percebeu que a pele do bebê se tornara fria e pegajosa. Repeliu o menino, afastando-o do seu peito, e o encarou.*

*Assustou-se ao ver que ele tinha se transformado num pequeno monstro negro, com olhos da mesma cor da pele. Suas presas despontavam entre os lábios secos e suas garras afiadas alvejavam os seios de Drucila.*

No momento em que Drucila acordou, seu corpo se contorceu num espasmo. Ao abrir os olhos, viu a imagem de Esther, ao lado da cama, encarando-a com um sorriso.

*– Beba um pouco de água, domina. Vai se sentir melhor.*

Drucila sentou-se na cama e olhou ao redor, procurando Luna.

*Por Júpiter! Ainda bem que se foi!*

Não se lembrava do momento em que a amiga havia fugido, mas, sim, do momento em que Rachel dissera, no meio da noite: "Havia dois homens no quarto".

Agora, uma série de lembranças invadia sua mente:

*O hálito suave de Luna lhe aquecendo o rosto, um segundo antes do beijo.*

*A estola caindo no chão do jardim.*

*A mordida no queixo.*

*O riso abafado.*

*– Assim ele acorda!*

*A corrida de mãos dadas até o quarto.*

*As roupas sendo arremessadas longe às pressas.*

*Os corpos brancos e curvilíneos sobre a cama.*

*Os seios em contato, as coxas juntinhas, até que Luna a repeliu e disse:*

*– Não saia daí! Volto num instante!*

*Agora havia quatro corpos sobre a cama: duas lindas patrícias e dois escravos suados e fortes que pareciam devolver-lhes todos os insultos, num prazer violento.*

– Fui enganada por Dionísio – concluiu a dona da casa, atribuindo a sua ressaca ao deus do vinho.

Esther sorriu novamente, mas dessa vez, havia um notório cinismo estampado em seu rosto.

– Somos responsáveis pelos nossos próprios devaneios, minha senhora. É a isso que damos o nome de *livre-arbítrio*.

Encarou a escrava com olhos furiosos e pensou: *Sabe de tudo!*

– Beba. A água dilui o sangue e expurga o vinho. – Sorriu novamente, espremendo a língua entre os dentes. – Beba.

Drucila sorveu a taça de água rapidamente, depois encarou a moça por um instante.

– Por que não fala logo?

Esther respondeu-lhe com um sorriso.

– E então?

– Não entendo, *domina*. O que eu teria para dizer?

– Onde está Rachel?

– Na cozinha, preparando...

– Ela disse, não disse?

– Disse o quê?

– Esqueça! Nem mesmo eu lembro do que estava falando. Deve ser efeito da bebida!

•

Ouviu a voz do marido, depois o som de uma cadeira arrastando que vinha da cozinha.

*Meu Emilianus acordou!*, pensou Drucila, e logo sentiu o coração palpitar. O perigo de ser descoberta lhe despertava, agora, certo prazer. Mas ao adentrar a cozinha, surpreendeu-se com o golpe violento do dorso da mão de Emilianus, que a fizera cair sentada no chão.

– Que é isso?

– Meretriz!

– Qu... – Agora o homem chutou sua barriga, esvaziando todo o ar de seus pulmões, pouco antes de fazê-la vomitar.

Tossia e mantinha as mãos apoiadas em sua própria sujeira.

– Como pôde, Drucila? Depois de tudo o que eu fiz por você?

– Mas o que eu fiz...?

– Você nega? – a voz era um rugido.

Emilianus deu-lhe as costas e saiu da cozinha por um instante. Quando voltou, trouxe com ele três homens. Um deles tinha as mãos e os pés amarrados, e era carregado pelos outros dois.

– Perdão, *dominus*! Perdão! Eu só fiz o que minha senhora ordenou! – disse o escravo, pouco antes de o soltarem no chão como um saco de batatas.

Uma lágrima ladeou o rosto de Drucila.

Rachel se ajoelhou e gritou, assustada:

– Tenha piedade da minha senhora, *dominus*, eu imploro! – Antes mesmo que Emilianus respondesse, ela fitou Esther e murmurou: – Você disse que não ia contar.

Esther deu de ombros, enquanto tentava esconder o sorriso.

Emilianus ignorou os lamentos da escrava e continuou fitando a esposa.

– Quero que você me diga que tudo o que os escravos me contaram é mentira. E eu os mato! Vamos! Tudo o que eu quero é que você negue! – pediu, enquanto desembainhava a espada.

Os dois homens deram um passo para trás.

O escravo que tinha pernas e mãos amarradas permaneceu imóvel. Estava pálido e frio, como se soubesse que sua vida já não lhe pertencia. Um cadáver cujo coração ainda insistia em bater, mesmo que muito lentamente.

Os olhos azuis de Drucila enegreceram quando suas pupilas se dilataram com a mentira:

– Nã-não aconteceu nada, Emilianus! Por Juno! Nunca deixaria outro homem me tocar!

Emilianus arregalou os olhos e deixou o queixo cair.

– Mas eu não disse que você dormiu com esse homem, disse? – Meneou a cabeça. O braço que segurava a espada tombou ao lado

do corpo, até que, aparentemente sem forças, caiu sentado em uma das cadeiras. Com o rosto inexpressivo, ele acariciou a espada, e, sem que tirasse os olhos da arma, sentenciou: – Coloquem o rato sobre a mesa.

Os homens se entreolharam por um instante, mas logo perceberam o que seu dono queria.

– Emilianus – murmurou Drucila.

O marido estendeu-lhe a mão espalmada, pedindo silêncio.

– Rato é que se esconde em buracos, ou encontra esconderijos dentro da casa de um homem para lhe roubar comida à noite. Esse ser, para mim, é um rato... E ratos têm de ser exterminados.



## 11

Ao deslizar as pontas dos dedos pelos grilhões de prata, Dotan sentiu suas forças se dissipando.

Aquele quarto sem móveis, sem lustres ou velas – com uma janela que nunca poderia ser aberta, pois estava vedada com roliços troncos de madeira superpostos, por onde se espremia a luz da noite – tinha cheiro de pele chamuscada pelo efeito mágico do metal.

Imaginou que seria muito mais fácil deixar a besta em liberdade e correr sentindo o vento da noite, ouvindo os sons de tudo o que se movesse em volta dele.

Por um breve instante, chegou a sentir o sabor de carne humana em sua boca, e seus pelos se eriçaram, enquanto um calafrio percorreu sua coluna.

Dotan fechou os olhos e deixou as correntes caírem no chão, enquanto vivenciava a essência do lobo.

Cerrou os punhos e foi arrebatado por uma visão:

*Farejou a água de cheiro, um néctar preparado com flores, sobre a pele da menina que pulsava em desejo.*

*Ela tinha o corpo pequeno, mas seus músculos torneavam os braços e as pernas de forma perfeita. Usava uma peruca negra com tranças e tinha os olhos pintados de preto.*

*Todos os lobos a queriam.*

*Sobre o corpo seminu daquela moça jaziam apenas joias. Dentre elas, um colar com peças de prata e ouro.*



*Dotan podia sentir, ao se lembrar daquela noite, o mesmo prazer e excitação do momento real. Sim! Aquilo não era uma visão, era uma lembrança tão viva em sua memória quanto o jantar do dia anterior.*

Encarou o próprio reflexo no espelho de metal polido: olhos imensamente amarelos, presas enormes e garras afiadas.

Lembrou-se de Lucius.

*Não ouvi sua voz o dia inteiro.*

Mesmo antes de a lua cheia despontar no céu, Dotan sentia o efeito da noite, e uma série de desejos insanos tomou sua mente. Num átimo, pegou as correntes do chão, rodeou o pescoço com prata e sentiu a dor da sua pele queimando, até a transformação ser inibida.

Largou as correntes no chão. Assustado, levou as mãos aos cabelos e os sentiu um pouco mais longos que antes. Não entendia por que as transformações vinham se precipitando, surgindo em momentos inesperados, durante o dia.

De repente, a porta se abriu, e ouviu-se a voz de Levy:

– Perdão, *dominus*, mas preciso que o senhor me acompanhe. Lucius está agindo de uma forma esquisita!

Dotan suspirou, acompanhando o escravo até o quarto do filho.

Ao abrir a porta, assustou-se com o que viu: havia inúmeros papiros espalhados pelo chão do quarto; a mesa em que o garoto costumava estudar fora completamente rabiscada com tinta.

– Pedi que copiasse um único texto, meu senhor, mas o garoto parece ter sido possuído por alguma força estranha, e começou a escrever sem parar. Quando os papiros acabaram, ele escreveu na mesa de estudo.

Lucius permanecia calado, como se não os ouvisse. Estava em pé, ao lado da janela e de costas para a porta. Tinha uma postura estranha: a coluna encurvada para trás; seus músculos pareciam estar demasiadamente contraídos; equilibrava-se nas pontas dos pés e riscava as paredes com um punhal, escrevendo em um dialeto antigo.

Dotan sentiu um súbito mal-estar, e seu coração disparou. Sentiu uma fúria inesperada e desproporcional.

– Lucius, pare com isso, agora! Você está destruindo as paredes do quarto.

O menino o ignorou e continuou rabiscando.

O legionário cerrou os punhos.

– Quando um pai fala, seu filho obedece! Olhe para mim! Estou falando com você! – As garras se alongaram em lâminas mortais, enquanto as presas despontavam em sua boca.

– *Dominus...* – O escravo deu um passo para trás. – Por favor, tente se controlar.

Dotan virou-se para o escravo, num gesto repentino.

– A culpa é sua! Você o deixou assim?! *Grrr...*

Levy subitamente empalideceu, pois nunca vira seu senhor perder o controle daquele jeito, e se ajoelhou no chão, implorando seu perdão.

O licantropo encarou o filho novamente e gritou:

– Pare com isso! Estou mandando!

O menino continuou rabiscando as paredes, ignorando completamente a presença do pai.

Dotan aproximou-se de Lucius e o puxou pelo mesmo braço que usava para grafar os símbolos.

Foi nesse momento que Dotan percebeu que o menino canhoto estava escrevendo com a mão direita, e, com um gesto rápido, tomou o punhal da mão de Lucius.

O garoto soltou a arma, pegou do chão uma espada de madeira com a qual costumava brincar e voltou-se novamente à parede, tentando riscá-la com o lado mais agudo da espada.

Dotan enfureceu-se, e seus olhos verteram em um amarelo intenso.

Memórias de dor e fúria lampejaram na mente de Dotan: os sonhos com Vered; mulheres de olhos negros e presas afiadas, abraçadas umas às outras, sob uma chuva de fogo; a pele flamejante de um homem sendo rasgada de dentro para fora, enquanto se transformava num demônio alado; Rodha, vestida em trajes egípcios, comendo um coração humano como se fosse uma maçã.

Abriu a boca, expondo os dentes afiados, e suas orelhas mexeram-se lentamente, arqueando para trás. Naquele instante, Dotan sentiu ódio de Lucius e desejou arrancar sua cabeça com um golpe.

De repente, tudo fazia sentido, e todo o medo da morte e da maldição desapareceu completamente. Dotan sentiu vontade de matar, de devorar o próprio filho, e não conseguiu conter o lobo que ansiava por sair. Agarrou novamente o punho do menino, puxando-o com força e obrigando-o a encará-lo.

O lobo parou ao encarar o garoto.

Os olhos de Lucius estavam completamente brancos, arregalados, emitindo uma luz própria. Tocou o peito do pai com as pontas dos dedos de uma mão e mexeu os lábios, murmurando palavras num dialeto antigo.

Dotan sentiu o calor do toque se espalhar por seu corpo, e seus olhos verteram à cor castanha no mesmo instante. Suas garras retraíram imediatamente, e todo o ódio deixou de existir.

Finalmente reconheceu que o menino falava em aramaico e que sua voz parecia pertencer a alguém muito mais velho do que ele:

– Tu és filho da luz, e a ela sempre pertencerás. Descerra as portas da tua alma e recebe a missão para a qual foste escolhido, porque todo o poder que habita teu corpo é também parte de mim. Controla tua fúria, pois é para os demônios que ela está destinada, e não para os justos e inocentes. Se não controlas tua força, é porque o mal está próximo, e logo tu entenderás o motivo de existires e de nunca envelheceres. São sete os filhos da luz, e sete serão os demônios que tentarão te destruir.



## 12

Aquela ideia ecoou nos pensamentos do homem-lobo.

*Sete demônios e sete filhos da luz.*

Por um brevíssimo instante, viu-se trajando roupas de camponês, em meio a uma chuva de fogo, até que a luz subitamente o engoliu, transformando seu corpo numa estátua de sal.

*Nada disso existiu! São delírios! Sei que sim!*

O menino cambaleou e deu alguns passos para trás, antes de desmaiar.

Levy correu em seu socorro e o acolheu em seus braços.

– Lucius?

Dotan despertou do transe, pálido e confuso. Ao ver o garoto desmaiado, apressou-se em ajudá-lo, tomando-o dos braços do escravo e o colocando, delicadamente, na cama. Foi neste instante que o pai notou que os braceletes de couro que o menino usava apertavam demasiadamente seus punhos e os desafivelou. Ao ver as lesões que estavam escondidas sob os braceletes, Dotan encarou Levy e perguntou:

– O que significa isso?

O escravo se aproximou e cerrou os olhos, examinando-o.

– Deus, como é que...? – Calou-se e mostrou a Dotan um olhar suplicante. – Juro que não faço ideia do que tenha causado esses arranhões. – Ajoelhou-se. – Perdoe-me, *dominus*, se quiser me castigar, sei que...

Dotan o puxou pela roupa.

– Ora, homem, levante-se! – E voltou a examinar os ferimentos de Lucius.

Consistiam em múltiplas incisões superficiais que mediam cerca de cinco centímetros. Estavam todas alinhadas paralelamente e pareciam ter sido feitas em momentos distintos, já que umas estavam cobertas por uma fina crosta de sangue coagulado. Outras não passavam de cicatrizes.

Dotan encarou o escravo e sentenciou:

– A causa é recorrente e antiga.

•

– Ó Deus misericordioso! – sibilou o pobre homem sobre a mesa. Emilianus o encarava com frieza.

– Tem medo de morrer?

O outro, tremendo, juntou forças para dizer:

– Deus me amparará. Ele me receberá no reino dos céus e me presenteará com a vida eterna, num paraíso onde não existe dor nem medo... Onde os rios são feitos de leite e de mel. Por enquanto, tenho medo, meu senhor, porque sou um homem que habita a carne. Um pecador. Mas em Yahweh, meu verdadeiro Senhor, não há medo. Somente a glória eterna!

Drucila continuava de joelhos. Não tinha forças nem coragem para se levantar.

– Emilianus, pense um pouco: bebemos demais ontem e... Luna disse que... Tudo parecia fazer sentido, mas hoje eu vejo como fui tola! Me perdoe, querido... Eu...

Emilianus continuou a ignorá-la, depois encarou um dos homens e disse:

– Amarrem o rato à mesa.

Os homens obedeceram e passaram as pontas das cordas que atavam as mãos e pernas do escravo por debaixo da mesa, amarrando-as uma à outra.

Emilianus se aproximou do escravo e verteu no rosto um sorriso ensandecido.

– Seu verdadeiro senhor sou eu!

•

– Lucius – Dotan o agitava repetidamente, enquanto observava o sol se pondo através da janela. – Lucius! Acorde!

Levy juntou os papiros que estavam espalhados no chão e os colocou sobre a mesa, examinando-os.

– Todos os textos versam sobre luz e escuridão; sobre demônios e filhos da luz. Todos os textos são, na verdade, a mesma mensagem repetida inúmeras vezes.

Dotan continuava a sacudir o menino.

– Lucius! Vamos, acorde!

Os olhos se abriram, e o branco luminoso que antes lhe tomava as íris agora deu lugar à sua cor natural.

– O que há com você, Lucius?! O que aconteceu aqui?

O menino deu de ombros.

– Não se lembra?

Com um meneio de cabeça, respondeu que não.

– Um milagre – irrompeu Levy. – Sinto a presença de Deus aqui. Lucius é um profeta! Tenho certeza disso!

– Deixe disso – ordenou o senhor, e virou-se novamente para o filho. – O que causou as cicatrizes?

Ao perceber que não usava mais os braceletes, Lucius teve o instinto de esconder os pulsos sob as axilas.

– Eu...

Silêncio.

– Responda, Lucius.

Os olhos infantis se crisparam de medo.

O pai se levantou subitamente ao perceber que o céu enegrecia lá fora.

•

Ao ver a morte nos olhos de Emilianus, o pobre homem disse:

– Piedade, *dominus*, não quero morrer!

O dono o encarou por alguns instantes.

– Quem mais perde com sua morte sou eu, que paguei um preço muito elevado por um criado que não vale nada. A não ser que... – O rosto do médico se retorceu numa expressão ensandecida. – Tirem a roupa dele!

Os escravos rasgaram sua túnica e o deixaram nu.

– Não! – gritou o homem sobre a mesa. – Não! Isso não!

– A castração deve servir como um bom castigo. O que será que seu Deus vai achar de você quando eu decepar sua *arma* e o transformar numa mulher? Hein? Será que isso é justo para você? Não vai morrer, mas será obrigado a usar vestidos e se pintar. Vou dizer: se for uma mulher bonita, que valha a pena cobiçar, servirá aos homens da minha legião como meretriz.

Nessa hora, Esther se aproximou de Emilianus e o encarou, dizendo baixinho:

– Meu senhor não é assim tão cruel. Não há honra alguma em fazer desse pobre homem uma cortesã. Isso só trará mais dor e revolta. Sem falar que ter em casa um homem submetido a tamanha humilhação é viver sob uma constante ameaça. – Aproximou-se dele e o puxou para perto, murmurando em seu ouvido: – Mate-o hoje, ou deixe-o vivo para que ele o mate amanhã.

Emilianus expôs os olhos esbugalhados e ofegou antes da explosão: um grito ensandecido, com o gládio dilacerando a barriga do homem com a mesma facilidade de quem estripa um coelho.

Um urro de dor.

Um gemido decrescendo em intensidade.

Sangue escorrendo pelo canto da boca.

Os olhos arregalados se fechando lentamente.

Emilianus voltou-se para Drucila e ordenou:

– Levante-se do chão agora e saia da minha casa.

– Mas...

– Não a mato, em respeito a seu pai. Mas eu juro, Drucila, se eu a vir nesta casa novamente, você terá o mesmo destino que esse rato miserável!

– Vamos, Lucius! Responda! Não tenho tempo para brincadeiras! Já é quase noite, e a lua... Você já sabe!

– Quero ser como você, pai!

– Do que você está falando?

Lucius se sentou na cama e levou as mãos aos cabelos. Depois esfregou os olhos com os dorsos das mãos.

– Quero ser um lobo e lutar para sempre ao seu lado.

– E o que isso tem a ver com seus ferimentos?

O menino não respondeu.

– *Dominus* – interrompeu-o Levy. – A lua.

– Ora, Lucius, não tenho tempo! Responda!

– Sempre que aparo suas garras, nas manhãs que se seguem às transformações, junto-as num pedaço de tecido para depois queimá-las ou enterrá-las, como o senhor me ordenou. Mas uma vez me esqueci de jogar tudo fora e percebi que os cotos liberavam um líquido esbranquiçado.

Dotan o encarava com sobrancelhas franzidas.

O menino hesitou ao ver a indignação nos olhos do pai, mas logo continuou:

– Primeiro, imaginei que fosse algum tipo de veneno, mas, ao enterrar os cotos no canteiro, vi que as flores murchas rejuvenesciam.

– Ora, mas do que você está falando?

– Eu me arranho com os cotos de garras porque tenho certeza de que é assim que vou ganhar poderes como os seus! É como um veneno, só que ao contrário! Eu sei disso! Não me pergunte como, mas eu sei! O poder, pai, não é ruim! Há uma forma...

– Absurdo – disse o pai, dando as costas ao menino e puxando Levy para fora do quarto. – A culpa disso tudo é sua! Não é sua função educá-lo? É grande demais para brinquedos e jogos, não é?! Agora imagina que pode ser um homem-lobo. Não tenho tempo para essa bobagem. – Andava apressadamente em direção ao quarto com grilhões.

Prendeu os punhos e os tornozelos com prata.

Levy testou as trancas dos grilhões.



– Se meu senhor me permite fazer um comentário, creio que nada é absurdo diante de uma realidade tão fantástica quanto a existência de um homem que se transforma em lobo e que nunca envelhece.

– Quer dizer que você concorda com essa bobagem?

– O que o menino diz pode ser verdade. Ainda tenho de examinar os textos que ele escreveu, mas... Na minha opinião, são todos ditados por Yahweh!

Dotan agitou a cabeça num movimento de negação, depois puxou o escravo para perto.

– A partir de hoje, você corta meus cabelos e apara minhas garras. Lucius está proibido de me ajudar!

•

– Me larguem! É uma ordem! Me soltem, agora! – Drucila esperneava, enquanto os dois escravos a carregavam até a porta.

– Calma, *domina* – disse um deles. Em seu rosto havia gotículas do sangue aspergido pela fúria assassina de Emilianus. – Talvez meu senhor mude de ideia e a aceite de volta. – Ao atravessar a porta da frente, soltaram-na.

Foi nesse momento que Drucila se lembrou de fatos da noite anterior dos quais, até então, não havia se lembrado. E, ao encarar um dos escravos que a escoltara, acusou:

– Você é um cínico, Abrão! Deixou um homem morrer e permitiu que uma mulher fosse desonrada por causa de uma traição que *você* também cometeu!

Abrão assustou-se. Olhava em redor, como se temesse que Emilianus pudesse ouvi-lo.

– Espere, *domina*. Não diga nada! Isso não vai mudar o que aconteceu!

– Covarde!

O outro homem, que até o momento permanecera calado, disse:

– Senhora, Abrão tem razão. Se o acusar agora, só vai gerar mais revolta e morte. O que queriam que Abrão fizesse? Quem foi ao nosso quarto ontem, procurando por dois escravos, foi sua amiga, não lembra? Hoje cedo, fomos abordados pelo nosso senhor, que já

sabia parte da história. Não havia o que dizer, por isso ficamos calados e esperamos a sentença do nosso *dominus*. Seja lá quem contou tudo a ele, preferiu omitir que Abrão também participou da orgia. Temos de admitir que duas mortes seriam piores que uma e...

– Covarde! Foi você quem contou, não foi? Acusou o infeliz com medo de morrer também!

Abrão não respondeu e puxou o outro escravo pelo braço, enquanto entrava na casa.

– Procure sua amiga. Afinal, ela é a causadora de toda essa confusão. Talvez dê abrigo à minha senhora, enquanto o meu senhor se acalma.



## 13

—Como assim não pode me ajudar?!

Luna entrelaçou os dedos à altura do abdome e os encarou por alguns segundos.

– Fale baixo, ou meu pai manda os escravos enxotarem você daqui...

– Mas foi você quem criou toda essa situação, Luna, e agora vai ter de me ajudar a resolver!

Enquanto descia a escadaria e se afastava da porta de sua casa, encarou Drucila e disse:

– Por Juno, mulher, você não entende? Um homem de posição social privilegiada não pode receber uma rejeitada em casa! – Espiou sobre o próprio ombro, como se temesse ser observada pelo pai. – A ideia foi sua, não lembra? Eu apenas sugeri que você... Escute, espere, deixe-me dizer: foi você quem teve a ideia de buscar escravos e trazê-los para seu quarto! Quando a ouvi falar, pensei que você tivesse a permissão de Emilianus para *usar* os escravos.

– Ora, mas isso é um absurdo!

– Não, não é! São os *novos tempos*, Drucila. Acostume-se. O senador Mucius, amigo de meu pai, por exemplo, pede para observar sua esposa com... Você entendeu, não entendeu? Pois sim.

– Eu disse claramente: “Eu e Emilianus não fazemos essas coisas!”.

A outra permaneceu calada e mordeu o lábio inferior.

Drucila desesperou-se.

– Eu não tenho para onde ir! A única pessoa que poderia me ajudar está muito longe daqui e... A não ser que você me empreste dinheiro! É isso! É só o tempo de comprar algumas roupas e utensílios para a viagem e ir para a Espanha!

Luna meneou a cabeça e torceu a boca.

– Você pode tentar. – Calou-se por um momento. – Não tenho dinheiro para lhe emprestar.

– Como não tem?

Luna deu as costas para Drucila e subiu apressadamente os degraus que levavam à porta da frente de sua casa.

– Sinto muito.

•

– Chama-se *Pater Familia* – disse o advogado. O rosto jovem e as roupas esfarrapadas não causaram em Drucila uma boa impressão, mas ao ler na placa afixada à banca de madeira os dizeres “cobrança de honorários somente após o ganho da causa” os olhos da moça brilharam de esperança.

– Não entendo.

– O cidadão romano é responsável por sua esposa e por sua prole. Os filhos do sexo masculino são sempre herdeiros. As filhas são amparadas legalmente, até o dia em que se casam. Seu pai pode recebê-la, se quiser, mas não é obrigado a aceitá-la e mantê-la. A lei não a protege. Qual o seu nome de família?

Drucila emudeceu. Por um momento, sentiu-se ridícula. Ora, quem ajudaria uma estrangeira? A filha bastarda de um cidadão romano com uma escrava nunca teria direito algum em Roma.

– E meu marido? Pode me jogar na rua e me submeter à sorte? Não é certo!

– Não, senhora. Claro que não é. Há presunção legal de que o dote que a esposa oferece ao marido antes de contrair matrimônio pode ser parcialmente resgatado no divórcio. – O jovem se arrumou na cadeira e abriu um largo sorriso. – E é sobre o valor do dote que vamos calcular meus honorários. *De quanto* estamos falando, hein?

•

Ninguém imaginaria que depois de uma madrugada fria viria um dia tão causticante. O suor lhe untava os cabelos da frente e da nuca. Já passava das dezesseis horas, e Drucila ainda não comera nada. Sentia o estômago roncando e uma dor de cabeça ao mesmo tempo fraca e persistente.

A conversa com o advogado popular não fora tão proveitosa quanto ela imaginara, pois, agora ela sabia, seu futuro dependia unicamente do perdão do marido.

Andava pela rua do Fórum. Viu as colunas de concreto e mármore que enfeitavam a entrada da Cúria Júlia, o imenso prédio onde os senadores se reuniam em assembleia. Ao fitar os legionários que guardavam as portas da edificação, lembrou-se de Emilianus vestido em couraça e armadura. O pensamento lhe roubou as poucas forças que tinha e, por um instante, manter a vista erguida se tornou impossível. Sob seus pés escurecidos pela sujeira, ela viu as pedras que formavam o calçamento e se distraiu observando seus contornos.

Despertou ao sentir um cotovelo bater em suas costas. Assustou-se quando o homem a empurrou para dar passagem à enorme liteira. Doze escravos fortes, que vestiam túnicas brancas e longas, apoiavam todo o peso do transporte sobre seus ombros.

Percebeu-se em meio a uma multidão de pessoas. O homem que a empurrara nem se deu ao trabalho de lhe dirigir a palavra, e finalmente Drucila percebeu que uma senhora sem suas joias e escravas poderia ser facilmente confundida com uma plebeia.

Escravos corriam, portando baús e pergaminhos, apressados em satisfazer as ordens de seus donos. Cidadãos gritavam amontoados à frente das entradas em arco da Basílica Júlia, e Drucila ouviu quando um deles acusou outro homem de roubo, mas logo percebeu que se tratava de uma brincadeira dos cidadãos que apostavam dinheiro em jogos. Ouviu os gritos dos vendedores e dos diversos profissionais que ofereciam seus serviços. Um médico que vestia uma branquíssima toga drapeada oferecia seus serviços de cirurgia, tentando convencer um tribuno a se livrar de uma unha encravada.

Na rua, homens livres sobre mulas e centuriões a cavalo desviavam-se dos transeuntes com admirável habilidade.

Viu o sol brilhar no mármore de uma estátua que fora erigida no centro do Fórum, um Nero que aparentava ser muito mais elegante e austero que o homem que lhe servira como modelo. Retomou sua caminhada, entre homens, animais e liteiras, descendo por uma das ruas que se originavam no Fórum, se estendiam à cidade baixa e a levariam ao sopé dos montes Palatino e Aventino, e à pobre e lamacenta área entre eles. Talvez lá, longe dos abastados e nobres, as pessoas fossem um pouco mais caridosas, já que a miséria e a fome eram, para elas, uma realidade recorrente. Se não encontrasse alguém que lhe oferecesse um pedaço de pão e um pouco de vinho para aplacar sua fome, pelo menos não teria de ver as mulheres de sua classe, as ricas cidadãs romanas, lhe virando o rosto pela rua.

Finalmente percebeu a eficácia do sistema de divulgação de notícias em Roma. Principalmente as notícias que enlameavam o nome de uma patrícia ou de um nobre. Enquanto se dirigia ao Aventino, via as pessoas lhe apontando o dedo, os comentários feitos aos cochichos.

Ao longo da caminhada, via os ostentosos prédios de mármore dando lugar às residências dos nobres. E, mais adiante, sentiu o cheiro dos óleos perfumados dos homens que saíam de uma casa de banho. Aos poucos, as mansões foram se tornando mais escassas. As sacadas de mármore e concreto deram lugar às paredes de tijolos aparentes. Mais adiante, o calçamento de pedras deu lugar à terra batida, e ela teve de cobrir a boca com a túnica e semicerrar os olhos devido à grande quantidade de poeira que o vento espalhava no ar.

O cheiro de urina sobressaltou.

Agora o chão era lamacento, e as poças emanavam um odor fecal e nauseante.

O grito de uma mulher chamou sua atenção para o terceiro andar de uma *insula*. Na sacada, ela levava tapas do marido, até que o empurrou, sacou um punhal de dentro da túnica e encostou a arma no pescoço do homem. Num gesto súbito ele a rendeu, torcendo seu braço para trás e se livrando da lâmina. Drucila parou, mordeu o

lábio inferior e apertou o tecido da própria túnica entre os dedos. *Ele vai jogá-la! Está morta, sei que sim!* E surpreendeu-se quando o homem virou a mulher de costas e a beijou.

Os prédios de madeira, tortuosos e abarrotados de gente, pareciam ranger, vez ou outra, ameaçando cair.

Avistou um pátio, onde alguns mercadores vendiam seus produtos em pequenas barracas, e salivou ao ver a banca de damascos maduros. Não resistiu e esticou o braço para apanhar uma das frutas.

– Opa! – advertiu uma senhora de seios enormes, que emergiam despreocupadamente do decote. – Cinco sestércios a dúzia.

– Não tenho dinheiro comigo, mas a senhora pode mandar cobrar em minha casa.

– Não tem dinheiro, não tem damasco – disse a mulher, mostrando pela primeira vez um sotaque estrangeiro. – E rapidamente se interpôs entre a moça e as frutas.

Finalmente percebeu que, quando se falava em dinheiro, não havia diferença alguma na forma como ricos e pobres se comportavam diante da possibilidade de deixarem de ganhá-lo.

Ao ver um homem despejar uma cesta de pães sobre uma banca próxima, ela concluiu que roubar comida para aplacar a fome era um crime admissível.

– Ei, mocinha! – gritou o padeiro ao vê-la se lançar sobre a banca.

Ela pegou um dos pães e correu como se sua vida dependesse daquela fuga. E percebeu que, depois que ele entrou em seu estabelecimento por alguns segundos e saiu empunhando uma faca de tamanho médio, talvez a sua vida dependesse mesmo daquela corrida. O tropeço, porém, a surpreendeu. O pão esmagado na terra. As mãos espalmadas no chão, a boca cheia de areia. Até que o toque frio da lâmina em seu pescoço tornou-se imperceptível, quando o medo percorreu sua coluna.

– Eu lhe pago a comida, senhor – gritou uma voz feminina.

O homem não respondeu. Levantou-se e, enquanto mantinha os olhos em Drucila, estendeu a mão para a jovem que estava em pé ao lado dela.

A ladra soergueu o olhar lentamente, como se temesse que aquela voz fosse apenas uma ilusão criada por sua mente para aliviar a angústia da facada que viria. Mas não era. Havia mesmo uma mulher ao seu lado. Viu primeiramente os tornozelos musculosos, a sandália de couro cujas tiras davam voltas nas batatas das pernas. A coxa grossa. O vestido exageradamente curto. Os peitos prensados pela roupa. O sorriso aberto e imensamente branco de Adriani contrastava com sua pele morena e era emoldurado pelas tranças espessas adornadas com pecinhas de metal.

– Essa é mais uma fantasia que você está preparando para seu marido? A ladra sensual? – brincou a moça.

Drucila se levantou, limpou a roupa, retirou a areia dos braços e conferiu os pequenos arranhões nas palmas das mãos.

– Obrigada, Adriani.





## 14

—Poderosa Ísis! – espantou-se Yara ao ver Drucila levar o prato de sopa à boca e entorná-lo, bebendo das beiradas, fazendo barulho. – Estava mesmo com fome! – A dona da casa era uma mulher alta e exuberantemente magra. Escondia os cabelos loiros sob uma peruca negra, egípcia, e usava vestimentas brancas cujos detalhes e corte atestavam que, se não fossem roupas vindas do Cairo, certamente tinham sido confeccionadas com intuito de causar, no observador, essa impressão. Era bonita, apesar das rugas que atestavam sua idade. Os olhos verdes contrastavam com a pintura que lhe escurecia suavemente a pele.

Tinha um visual exótico, senão ridículo.

– Coma um pedaço de pão. Azeite?

Drucila não respondia, apenas agitava a cabeça suavemente para cima e para baixo, num gesto de aceitação, e puxava a comida para perto, como se temesse perdê-la.

Adriani estava encostada no peitoril da janela. A luz da lua prateava metade de sua face e criava um lindo contraste com a cor negra de seus cabelos. As pecinhas de metal que adornavam suas tranças reluziam intensamente. Era como se a todo momento, mesmo que involuntariamente, ela transbordasse beleza e sensualidade. Quem a visse ali parada, saboreando uma maçã e rindo do jeito esfomeado da convidada, pensaria que a pose era forçada, intencionalmente sedutora.

– Todos na cidade já sabem do seu infortúnio. – Puxou uma cadeira e se sentou. – Que descuido, minha senhora. Ora, se era para meter cornos na testa do marido, não havia necessidade de gastar dinheiro com o cerimonial de Cibele!

Drucila a encarou por um momento.

– E o que...

Yara a interrompeu:

– Dizem que você dormia com os escravos e que seu marido se cansou de ser traído. Estripou o pai da criança que você carrega e a obrigou a beber o sangue do desgraçado. Mas aqui ninguém condena você. Cada uma tem sua história.

– Não estou grávida.

– Eu mesma fugi da Macedônia depois de capar meu padrasto! – irrompeu Adriani. Abriu as pernas num movimento graciosamente sensual e meteu a mão entre elas, retirando, da face interna de uma das coxas, o pequeno punhal que usou para dar golpes no ar. Sorriu.

– Vim para Roma acompanhando uma tropa em campanha. Duzentos soldados marchando, sendo submetidos a dias sem companhia feminina... Bom, exceto a minha companhia, claro. Acho que você pode imaginar o que eu passei, mas preferia fazer tudo de novo a ficar um minuto perto daquele...

– Mas não foi isso o que aconteceu – disse Drucila.

– É isso o que dizem na rua – retrucou Yara. – E isso é o que realmente importa, querida. Seu marido a rejeitou. Você não tem pai que a receba. Todos estão comentando. A fatalidade do rico é a maior das diversões para um plebeu! – sorriu.

Soltou o pedaço de pão no prato. O sono, o cansaço e o peso da sopa morna em seu estômago fizeram suas pálpebras pesarem. Recostou-se na cadeira e suspirou.

– Tudo acontece por um motivo, querida – falou a dona da casa. – Acho que você tem de descansar hoje, e depois verá que sempre existe uma solução viável. Não se angustie. Uma moça linda e jovem como você não deveria chorar nunca. Sou capaz de dizer que é ainda mais bonita que a divina Vênus.

– Não blasfeme – respondeu Drucila.

– Quem sabe toda essa desgraça não seja o castigo de uma deusa enciumada? – brincou Adriani.

– Por favor.

As duas mulheres riram.

E Adriani:

– Ora, deixe disso. Ninguém é mais bonita que a deusa. Disso todo o mundo sabe. E com essa cara que você está agora, não é mais bonita que um *sátiro* vestindo roupas de mulher.

Riram novamente.

– Venha. Sei do que você precisa.

•

O térreo da “Casa de Yara”, espaçoso e bem decorado, tinha o aspecto de uma taverna comum, com um velho balcão de madeira, e pequenas mesas, onde os clientes se assentavam, enquanto tomavam canecas de cerveja ou entornavam ânforas de vinho aquecido com especiarias. As mesas formavam um círculo em redor de uma área livre, de terra batida, onde Yara costumava perfilar suas meninas para que os clientes as escolhessem. Em noites festivas, músicos tocavam flautas e tambores, enquanto as garotas se apresentavam em danças exóticas. Havia também uma espaçosa cozinha, com uma mesa grande o suficiente para que vinte pessoas se servissem ao mesmo tempo. A cozinha dava acesso a um quatinho pequeno e abafado, ocupado por Vitorinu, e um quarto maior, que pertencia à dona do estabelecimento. Nos fundos da casa, havia também um pequeno depósito, uma latrina e um *vomitório*.

No segundo andar da edificação havia três pequenos quartos, todos ocupados por três ou quatro moças. Apesar de serem pequenos e de estarem sempre apinhados de gente, os quartos eram ventilados e relativamente confortáveis, com grandes janelas que ofereciam uma visão da *insula* vizinha ou da rua. Todos os quartos do segundo andar tinham portas que davam acesso a pequenas varandas. Os colchões, preenchidos com penas de ganso,

davam um pouco de conforto aos clientes que, naquele mesmo lugar, possuíam as *meninas de Yara* mediante pagamento.

O terceiro andar era ocupado por um único quarto. Tinha cheiro de suor, óleos perfumados e incenso. Os lençóis, apesar das manchas e de pequenos rasgões, cheirava a perfume. Havia uma janela afixada num ponto mais alto que o usual, por onde entrava uma fresta de luz. Por esse motivo, era o cômodo mais quente e abafado da casa. Foi lá que acomodaram Drucila. A cama era dura demais, se comparada àquela em que estava acostumada a dormir, mas havia quatro almofadas enormes e macias.

– Hoje você tem de descansar. Amanhã falaremos de negócios. Afinal, você vai ter de ganhar seu próprio dinheiro, não vai? – lembrou Adriani, sorrindo.

Drucila não respondeu.

– Use isto – ofereceu à moça um lenço de seda vermelho-vinho. – Amarre-o sobre os olhos como uma venda. Ou o sol vai acordá-la cedo demais. – Olhou para a pequena janela por um instante. – Pequena demais para ventilar, mas grande o suficiente para permitir que a luz incomode. Agora se deite. Precisa dormir...

– Não antes de um pouco desta maravilha – disse Yara, enquanto entrava no quarto carregando um narguilé do qual saía uma fumaça esbranquiçada.

– É chá?

A duas riram.

Yara revelou:

– Fumo do oriente.

•

Dotan acordou sobressaltado.

Apesar da escuridão do quarto, concluiu que era dia. Ouviu a respiração do homem atrás da porta, antes mesmo que ele virasse a chave na fechadura.

– *Dominus* – murmurou Levy. – Posso entrar?

Apoiou as mãos sobre os joelhos e se levantou. Estranhou o fato de não sentir os punhos queimando, como era costume nas manhãs

que sucediam as transformações.

A luz trespassando a porta aberta encandeou Dotan.

– Perdão, *dominus*.

Ele estendeu as mãos para o escravo, que o livrou das correntes de prata.

Levy fitava os cabelos de seu dono, e este logo percebeu, nos olhos do hebreu, um ar de surpresa.

– O que há?

– Veja o senhor mesmo. – Ofereceu-lhe o disco de metal polido. – Seus cabelos...

Dotan viu um reflexo pálido no espelho e se assustou.

– Um visual mais apropriado para a idade do meu senhor – brincou Levy, referindo-se aos cabelos que antes eram grisalhos e se tornaram completamente brancos.

Dotan não respondeu. Entregou o espelho ao escravo, enquanto se dirigiam a outro cômodo da casa.

– E o menino?

– Está no quarto dele, brincando.

Sentou-se no banco, fitando as unhas das mãos.

– Não cresceram.

Levy juntou os cabelos de Dotan num rabo de cavalo. Mas, antes que os cortasse, sugeriu:

– Se meu senhor me permite uma sugestão: por que não assume os cabelos longos? Seria bem mais prático, não seria?

Dotan sorriu.

– Realmente seria, meu amigo. Se fosse normal os cabelos crescerem tanto do dia para a noite!

Levy sorriu, enquanto cortava o rabo de cavalo bem próximo à raiz.

•

Pouco antes de abrir a porta do quarto do menino, Dotan ouviu: “Vou mandar você de volta para o reino das chamas!” – e se assustou. Abriu a porta num átimo e viu Lucius sentado sobre a

cama, segurando um pequeno lobo de madeira numa das mãos e uma escultura da *greia* Medusa na outra mão.

– Não – gritava o menino, falseteando a voz. Simulava sons de explosão. Um novo grito encenado. – Queime, bebedora de sangue! Todos a veem como uma deusa, mas é tudo ilusão! Você é um monstro horrível! Queime! Queimeeee!



## 15

**D**espertou ao ouvir o som de uma risada alta e notoriamente forçada que vinha da sala. Sentia calor. O suor lhe umedecia a nuca.

– Preciosa Juno, como preciso de um banho.

•

– E onde está a novata? – perguntou uma das mulheres.

– Bom dia – disse Drucila timidamente.

– *Boa tarde* – respondeu Yara. – Você dormiu bastante. Mas eu já esperava por isso.

Uma moça ruiva, pequena e graciosa se levantou e ofereceu:

– Venha, sente-se. Já almocei. Estava apenas conversando. – Puxando a cadeira pelo encosto, virou-a para Drucila. O cabelo muito longo anuviava o rosto cheio de sardas e lhe emprestava um ar infantil e travesso. Estendeu a mão para a novata e apresentou-se: – Vanusa.

– Não se engane com a aparência de menina – advertiu Adriani. – Vanusa é venenosa como uma cobra – e sorriu.

– Ei!

– Mas vale seu peso em ouro – retrucou Yara. – Qual o homem que resiste a uma mulher com rosto de garotinha?

Enquanto cumprimentava a ruiva, Drucila avaliou-a com o olhar. Assemelhava-se, de certa forma, a Esther, exceto pela cor dos cabelos e da pele. Tinham o mesmo tamanho, o corpo bem parecido. No entanto, nos olhos de Esther se via uma falsa e

constante timidez que, agora ela sabia, escondia um espírito maléfico e ardiloso.

•

Pouco antes de o sol se pôr, onze mulheres se reuniam assentadas em almofadas dispostas no chão e formavam um círculo.

– Não vamos jantar? – perguntou Drucila a Adriani.

A outra sorriu.

– Comemos pouco aqui. – E levantou a túnica até a altura dos seios. – Homens adoram curvas, mas não na barriga! – e riu.

Drucila levou a mão à boca e sorriu, mas logo verteu um semblante sério ao se lembrar da espada de Emilianus atravessando o pobre homem em sua sala.

Yara adentrou o recinto, trazendo a garrafa envolta em fumaça.

Drucila estranhou:

– De novo?

– E por que você acha que comemos tão pouco? – retrucou Adriani. – A droga inibe a fome e nos enche de disposição. Relaxa o corpo também. Mas o bom efeito da erva depende de sua dosagem. Não abuse!

– Vitorinu! – gritou a dona da casa.

Um homem adentrou a sala. Era magro e desengonçado. Seu rosto sulcado parecia pertencer a um homem idoso, com cerca de sessenta anos, mas seu corpo firme e seus cabelos castanhos sugeriam que não tinha mais de quarenta anos.

– Tô aqui – ele disse, atropelando as palavras.

– Vá buscar as mangueiras do narguilé.

– Quero pão!

– Agora não, imbecil. As mangueiras.

– E depois tem pão?

– Sim. Me obedeça, vá!

– E eu posso fumar também? Um pouquinho?

Yara levantou-se num salto e ergueu a mão, ameaçando esbofetear o pobre homem. Mas ele mostrou que era mais rápido do que parecia ser e conseguiu fugir.



– Idiota!

•

*Se Emilianus descobrir que estou aqui...*, ela pensava. *Aí é que ele vai me odiar!* Viu as mulheres deitadas nas poltronas, outras sentadas nos almofadões da sala de Yara.

Adriani brincava com os próprios cabelos e ria, abobalhada.

Vitorinu entrou, encarou a dona da casa – que era a única que ainda se mantinha realmente alerta, mesmo depois de inalar o fumo – e permaneceu calado. Até que ela elevou uma mão, ordenando que se aproximasse. – Pode levar – disse, apontando para o narguilé. – Fume o resto, se quiser – e sorriu, afagando os cabelos de Vitorinu.

– Minha senhora é boazinha – murmurou o homem.

Yara observou a lua pela janela da sala. Depois se virou para Adriani e bateu palmas.

– Acorda, Didi! Vamos! Você orienta as meninas! Eu arrumo a novata! Está na hora!

O quarto fracamente iluminado tinha sido tomado por uma fumaça que, aos olhos de Drucila, era dourada e brilhante. Sorriu. Sentia uma paz sem precedentes, apesar de não se esquecer, nem por um momento sequer, da sua delicada situação.

– Nem por minha amada Ísis eu mentiria para você, *Titus* – Drucila ouvia a voz de Yara aumentando em intensidade, à medida que se aproximava. E teve a impressão de enxergar as palavras flutuando como bolhas de ar correndo em busca da superfície de um rio.

Por um momento, Drucila se lembrou de seus longos e deliciosos banhos perfumados, da água morna lhe amaciando as carnes. Ah, uma vida de regalos agora parecia tão absurdamente distante... Não! Não era! Tinha de ter esperança! Mais cedo ou mais tarde, Emilianus perceberia o absurdo que cometera ao mandá-la embora e a convidaria... Quer dizer: *ordenaria* que voltasse. Lembrou-se do jardim da casa abarrotado de flores brancas.

– Está ainda mais linda agora – disse o homem. – Algumas mulheres parecem se perder na nobreza – aproximou-se. Tocou o rosto dela.

Imóvel, ela parecia estar distante dali, mas não estava.

Yara sorriu e olhou para Drucila por um instante, elevando as sobrancelhas e mantendo no rosto um sorriso tenso.

Drucila entendeu que a dona da casa lhe sugeria que cooperasse.

*Já me vende, pensou Drucila. Mas não me importo.*

Sentiu a túnica ser arrancada num brusco movimento. As mãos de pele grossa lhe apertando os tornozelos a puxaram e a fizeram rodopiar, caindo sobre a cama, de bruços.

Ela riu. Começava a se divertir com aquela situação que, ela sabia, era a confirmação da sua desgraça.

•

Sentia um pouco de dor, mas não sabia dizer exatamente de onde vinha. O corpo inteiramente relaxado. A mente inundada de prazer.

– Tenho nojo de você – disse o homem enquanto se vestia. – Sempre tive – sorriu. Ajoelhou-se, apertou o rosto de Drucila com uma das mãos e cuspiu em sua boca.

Em sua mente, ela se via ainda criança, nua, correndo entre os ramos de centeio, vendo a grande casa de seu pai no alto de uma pequena elevação. As primeiras gotas de chuva molhando seu rosto. Ah, que deliciosa sensação!

“Entra, sua doida!”, gritava Gaius, sorrindo.

Ela lhe obedecia com uma feliz resignação.

O pai a envolvia numa toalha e a entregava aos cuidados de Charla, sempre encarando a mãe da menina com olhos cheios de amor.

– Vou ter o prazer de ser o primeiro a contar ao seu marido o que você faz aqui – avisou o general Titus, sorrindo, empurrando-a novamente contra a cama.

Ela o observava sem dizer nada.

Era como se os campos de centeio fossem um cenário real e o quarto, um sonho.

*Muito melhor dessa forma! Sentir o calor da lareira, o cheiro do orvalho no campo. O gosto das tortas de frutas.*

Agora via sua mãe vestindo roupas curtas, com os cabelos escondidos num lenço, enquanto pisava as olivas. E, sempre que Gaius estava em casa, ela as pisava distante dos galpões onde os escravos fabricavam o azeite. Era uma exigência de Gaius que ela mesma o produzisse, e somente ele poderia provar o óleo feito por Charla. Via os músculos das coxas da mãe mexendo sob a pele untada com azeite, enquanto pisava as olivas. O jeito dos quadris se movendo para lá e para cá. O pescoço suado. As panturrilhas reluzindo. Até que Gaius entrasse e ordenasse que a menina saísse, que os deixasse a sós. Lembrou-se do dia em que se aproveitou da ausência da mãe e do dono da casa para roubar o azeite de Gaius e se decepcionou quando não sentiu diferença alguma entre o óleo feito pela mãe e o produzido nos galpões da propriedade. Hoje, porém, ela entendia que somente o pai sentia quão especial era o sabor daquele azeite, pois era o gosto do amor que ele sentia. O gosto da liberdade, da harmonia de uma família que ele queria e não podia assumir.



## 16

### Oito meses atrás

**N**ão parecia a mesma mulher que era no dia em que chegou à Casa de Yara.

Estava notoriamente magra.

Sua pele era pálida e exibía uma constante frieza pegajosa.

Os cabelos, que eram cheios de cachos negros e bem formados, estavam desgrenhados.

Levantou-se antes do amanhecer e andou até o quartinho dos fundos da casa. O lugar cheirava mal, mas aquilo não importava para ela.

– Vitorinu. – Aproximou-se devagar e tocou seu peito com as pontas dos dedos.

– Quê?!

Ela passou a perna sobre ele e apoiou as mãos em seu peito.

– Não, *Durcila* – disse Vitorinu, repelindo seus beijos. – Yara contou que você *tá* doente! Disse que Vitorinu não pode fazer essas coisas com *Durcila*! Senão morre! *Durcila* está podre por dentro, Yara falou! – E a empurrou.

Impressionou-se com a facilidade com a qual o bobo a arremessara para fora de sua cama.

– Mas eu preciso da droga!

Ele se sentou na cama e murmurou:

– Fale baixo! Se Yara descobre, ela bate! Bate muito, ó! – Mostrou a pequena cicatriz próxima ao queixo que fora produzida pelo anel

de sua dona. – Ela disse que Vitorinu não pode dar a chave a *Durcila*, porque *Durcila* tem muita fome de erva! E não pode fumar erva demais, senão morre! – Manteve o olhar distante por um momento. – Vitorinu não quer que *Durcila* morra!

Ela o surpreendeu ao pressionar o punhal contra sua garganta.

– Não me interessa o que aquela lagarta do Nilo pensa nem o que ela possa fazer com você! Mas de uma coisa eu tenho certeza: ou você me dá essa maldita chave, ou eu retalho a sua cara!

•

– Yara vai acordar com a fumaça – disse o escravo, apertando o narguilé contra o peito.

Drucila meditou por um instante. Os olhos esbugalhados. Mordia o canto da boca.

– E se... – Meteu a chave na fechadura e destrancou o armário.

As mãos de Drucila tremulavam e ela mal conseguiu levar o punhado de erva à boca. Contraíu os músculos da face ao sentir o gosto amargo, mas logo sentiu a língua adormecer e se deixou levar pelo prazer e pelo completo relaxamento.

•

Acordou ouvindo a voz do homem que dizia:

– Sofre de uma gravíssima supuração no ventre! – E se viu rodeada pelas meninas da Casa de Yara, que a observavam com um misto de nojo e espanto. Finalmente percebeu que estava nua sobre a cama. O médico mantinha o lenço no rosto, e de vez em quando o agitava, como se tentasse espantar o mau cheiro. – Precisa de *banhos de assento* e de doses diárias de um preparado natural. Posso voltar mais tarde com as ervas para o banho e com o medicamento apropriado! Custa caro, mas certamente vai aliviar o sofrimento da menina... Não sei se vai ser possível curá-la. Afinal de contas, está muito debilitada, mas sempre vale a pena tentar.

– Claro que sim – retrucou Adriani. – Aproximou-se da moça e disse: – Quantas vezes eu a avisei?! Hein? – Virou-se para o médico.

– No começo, ela encontrou na droga uma forma de se esquecer do marido que a abandonou...

– Sei da história – comentou o médico.

– Esqueceu-se do próprio sofrimento, e logo trocou a comida pela erva.

Yara, que permanecera calada até o momento, irrompeu:

– Eu o acompanho até a porta, doutor. No caminho, conversamos melhor.

•

– E Lucius? – perguntou Dotan a Levy, assim que entrou em casa.

– O que tem o menino?

– Quero saber se está bem. Ou voltou a escrever aqueles textos sem sentido? – Retirou o elmo e o entregou ao escravo.

– Há oito meses que não os escreve... Pelo menos não os textos *santos*. – Acompanhou seu senhor pelo corredor.

Dotan franziu o cenho. Achou estranha a expressão que o escravo usou. *Santos*.

– E quanto aos fenômenos?

– Não tenho visto nada de incomum.

– Isso é bom.

Dotan retirou os braceletes de metal e os colocou sobre a bancada. Depois esfregou os punhos e os observou por alguns instantes, percebendo que já não havia cicatrizes das lesões produzidas durante as noites de lua cheia. As transformações vinham se tornando mais facilmente controláveis, desde o dia em que Lucius o banhou com a luz misteriosa. E havia meses que ele acordava acorrentado sem que sentisse a dor das queimaduras. A luz branca... Já começava a pensar que aquilo tinha sido produto de sua imaginação. No entanto, ao passar diante do espelho de metal polido e encarar sua cabeleira grisalha, percebeu que seria impossível negar o caráter divino do fenômeno. Será que o escravo tinha mesmo razão? A luz que saíra das mãos de Lucius, que trouxera o lobo de volta à forma humana e tingira seus cabelos de

branco, fora enviada por um ser divino? Pelo Deus hebreu? E novamente lembrou:

*O rosto delicado e feminino, muito próximo, prestes a beijá-lo.*

*– Vered? – a voz masculina a chamou.*

*Dotan a repeliu e encarou o ancião.*

*– Eu a amo, tio. Mais que tudo!*

*– És uma estátua de sal – a voz trovejava.*

*Milhares de anos se passaram numa fração de segundo, até que sentisse a carapaça de cristal se quebrando, às margens do Mar Salgado.*

*O novo corpo vibrando em poder.*

Agora as palavras de Levy já não pareciam tão absurdas.



## 17

**A**driani se exasperou:

– Mas o médico disse que existe tratamento, não disse?

Yara não respondeu. Apenas empurrou Vitorinu e gritou:

– Anda! Já mandei!

Adriani tentou mais uma vez:

– Yara, por favor, eu pago uma parte do tratamento. Quando ela melhorar, me paga. Olhe só: ela vai ficar boa. E você sabe como ela é linda, não é? Ainda vai trazer muito lucro à casa! Vai melhorar, sim! Hein? Escute: eu garanto que ela não volta a se drogar! E a doença... Compramos os remédios! O médico disse que...

– Não insista – disse Yara. – Anda, Vitorinu!

O rapaz puxava uma pequena carroça que não passava de um conjunto de tábuas sobrepostas numa arcaica estrutura de metal anexada a rodas de madeira de tamanho médio. Sobre as tábuas, Drucila permanecia desacordada, alheia à própria sorte.

Não andaram muito e logo avistaram um grupo de gente vestindo trapos sujos, todos assentados no chão de um beco. Alguns tinham os rostos escondidos em capuzes. A maioria deles exalava um odor extremamente desagradável e característico.

– Aqui está bom – sentenciou Yara.

– *Durcila* é leprosa, Yara? – perguntou Vitorinu, enojado.

E Adriani:

– Yara?!

– Deixe-a aqui.



O rapaz obedeceu, despejando o corpo da moça no chão.

Drucila acordou ao bater o rosto na areia. Tentou se levantar, mas não tinha forças.

Uma mulher que estava sentada entre os leprosos se levantou com um pouco de dificuldade, e, ao se aproximar, fitou Yara por alguns instantes.

Por um segundo somente, Yara viu seu próprio rosto refletido naquela face corroída. Disse:

– Afaste-se! – Viu a mulher encapuzada pegar Drucila pelos ombros e virá-la de barriga para cima, apoiando sua cabeça numa trouxa de panos sujos.

– Que nojeira! – disse Yara. – Vamos, Vitorinu. Vamos, ou vou deixar você aqui também!

O bobo respondeu:

– Não deixe Vitorinu aqui. Vitorinu não *tá* podre!

Adriani se agachou, aproximando-se de Drucila. Vestia uma túnica negra e um pouco mais longa que o modelo usual. Retirou de dentro da roupa um pequeno pingente que estava preso ao seu pescoço por um cordão, mostrou-o a Drucila e disse:

– Plutão é o deus feio e cocho que vive fora do Olimpo! Quando todos os deuses nos dão as costas, é para ele que devemos nos voltar! – Prendeu a pequena escultura no pescoço da moça.

Drucila parecia confusa ao dizer:

– E quando você vem me buscar?

•

– Não vão voltar – disse a estranha.

Drucila encarava a pequena estátua de Plutão. Depois a guardou dentro da roupa, dizendo:

– Pedi à Deusa Cibele que me enviasse um filho, e ela me presenteou com um útero podre. Talvez eu tenha sido mesmo abandonada pelos deuses.

A pobre senhora se aproximou um pouco mais.

– Os cristãos falam de um Deus que nunca abandona seus filhos!

– Mostrou a Drucila a cruzinha de madeira. – E, por via das dúvidas,

eu o aceitei como único!

Drucila riu.

– Um deus único? Cuida de tudo sozinho? Do casamento e da guerra? Agracia e pune ao mesmo tempo? Sem sentido!

– Olhe, menina, olhe em seu redor: seja qual for o deus que escolhamos agora, não vai mais adiantar! Estamos destinados à morte – descobriu o rosto, afastando o capuz. – Olhe! – Mostrou a enorme erosão que expunha os dentes e a gengiva sob a bochecha.

Drucila fez um esgar de nojo ao sentir o mau cheiro.

– Misericordiosa Juno!

– Qual o deus que deixa alguém apodrecer vivo? – Escondeu novamente o rosto. – Os cristãos pregam que há vida após a morte! É nisso que estou interessada!

Drucila espantou-se, mas logo verteu em seu olhar um brilho resignado.

– Não quero e não vou morrer!

•

– Procure sua própria comida – advertiu um senhor que acendia a fogueira. – O beco não é de ninguém, mas a comida... – Atravessou o pequeno animal com um espeto de madeira. – Deu um trabalhão pra pegar esse aqui! – sorriu. – Mas se você procurar com calma acaba encontrando um pra você também. Um conselho: nos fundos da taverna tem muito lixo acumulado. Os ratos de lá são os melhores! – Apoiou o espeto sobre a fogueira.

Drucila se levantou.

– Não comi nada o dia inteiro, senhor.

– Nem eu. – Afastou os trapos, mostrando à moça o cabo do punhal.

•

A lua estava diferente naquela noite, como se tivesse sido tingida de vermelho. A maioria dos feirantes já havia desmontado suas

barracas. Aos poucos, os cidadãos romanos deram lugar a alguns bêbados e estrangeiros.

Num dos estabelecimentos ela viu a banca quase vazia onde restavam migalhas e o último pão. O padeiro, homem atarracado e de rosto triste, desamarrou o avental e o usou para enxugar o suor do rosto.

– Ajude aqui, Icarus! – gritou a voz feminina que vinha de dentro da padaria.

– O que há? – ele a atendeu, entrando no estabelecimento.

Drucila aproveitou a oportunidade e se lançou sobre o último pão que restava na banca.

– Ei!

Fitaram-se por um segundo somente.

Rápido, muito rápido, ela correu dali. Lembrou-se da lâmina fria em seu pescoço no dia em que roubara pela primeira vez, no dia em que Adriani a salvou da morte quando um tropeço a expôs ao punhal do comerciante. Dessa vez, porém, não iria cair, pois agora não havia ninguém para ajudá-la! Não era mais uma patrícia casada com um homem nobre e poderoso. Nem era a filha de um rico comerciante de olivas que se escondia na Galícia. Era apenas uma prostituta infecta que morava com leprosos.

Ninguém a salvaria.

As pernas logo fraquejaram, mas não o suficiente para que ela parasse de correr.

O padeiro atarracado a perseguiu, mas, em pouco tempo, desistiu, apoiando o peso do corpo cansado sobre os joelhos.

Assim que perdeu o homem de vista, ela procurou um refúgio, e encontrou um beco escuro, onde imediatamente se escondeu.

*Consegui.* Foi o que pensou, enquanto abocanhava o pão. Lembrou-se da abundância dos jantares que preparava para o marido e seus amigos. Nenhum deles daria a ela, hoje, um mísero pedaço de pão? Como poderiam ter comido carnes deliciosas e frutas tão doces e frescas, bebido vinho até vomitar, sem que tivessem por ela alguma consideração? Miseráveis! Aproveitadores! Clientes e bajuladores!

Surpreendeu-se com a dor lhe rasgando as costas, enquanto ouvia:

– Já me cansei de ser roubado por mendigos!



## 18

Cuspiu o pedaço de pão e percebeu que ele estava manchado de vermelho. Logo sentiu o líquido morno escorrendo no canto da boca.

– Esta não roubará mais – ele murmurou enquanto a puxava pelo tornozelo. Queria escondê-la num ponto escuro do beco.

Tossiu. As mãos na boca agora estavam embebidas em sangue. Tentou falar, mas não conseguia.

Ele a fitou por um instante. E logo desviou o olhar, limpou as mãos na roupa e correu dali.

Drucila ergueu uma das mãos para o homem, como se pedisse ajuda, enquanto o via se distanciar lentamente.

Tentou se levantar, mas era inútil.

Finalmente sem forças, entregou-se ao seu destino: morreria afogada em seu próprio sangue.

Foi aí que se lembrou de Adriani dizendo: “Plutão é o deus feio e cocho que vive fora do Olimpo! Quando todos os deuses nos dão as costas, é para ele que devemos nos voltar!” Drucila lembrou-se da história do deus que raptou Prosérpina, a filha da deusa Ceres, e a levou para seu reino subterrâneo. Mesmo um deus maldito e traiçoeiro, uma divindade que não tinha sequer um templo em Roma, uma entidade mais temida que adorada, também sabia o que era amor. E, por amor, ele faria de tudo: raptar, roubar e matar. Adriani tinha mesmo razão, talvez o deus subterrâneo, senhor da morte e guardião das almas desencarnadas, a apadrinhasse quando todos os outros a traíram. Lembrou-se do sonho que tivera com

Luna, vestida como a deusa Cibele, em que o bebê de Drucila se transformava num demônio de olhos noturnos.

Enquanto sua vista escurecia, só conseguia pensar em quão irônica, para os deuses, pareceria a sua morte.

*Uma vida devotada a falsos ídolos.*

Num último esforço, resgatou de dentro da roupa o pingente que a amiga lhe dera.

*Mas a minha alma será de Plutão!*

•

Seu peito explodiu, enchendo-se de ar. Acordou assustada, tossindo. Sabia que estava chorando, mesmo não ouvindo os sons que produzia...

O silêncio era absoluto.

Viu a si mesma em meio a um descampado, com árvores esparsas e muito secas, cujos galhos nus se assemelhavam a braços longos, magros e suplicantes. O céu era escuro e castanho como a terra sob seus pés, e a luz que ambientava o lugar vinha das chamas que saíam dos picos das montanhas, com vulcões sempre prestes a entrar em erupção.

O silêncio absoluto foi rompido pelo som das corredeiras. Virou-se e viu, ao longe, uma cascata vermelha. À margem do rio de sangue descansava um grupo de *fúrias* negras, seres que se assemelhavam a morcegos com braços e pernas humanas. Uma das *fúrias* bebia do rio de sangue, outra mergulhava sua cabeça nas águas.

*Alucinação.* Foi o que pensou.

– Não. Não é – respondeu alguém às suas costas.

Ela virou-se para contemplar um homem bonito que se parecia, de certa forma, com Emilianus, apesar de ser muito alto e magro. De uma magreza saudável, com braços fortes e bem-desenhados. O rosto suavemente sulcado contrastava com a delicadeza dos traços que, de tão bonitos, pareciam femininos. Seu pescoço era grosso, e seus trapézios eram proeminentes. A cintura fina se apoiava em pernas fortes. Vestia uma túnica negra muito parecida com a que Adriani usara da última vez que Drucila a viu. Só que um pouco mais

longa, com bom acabamento e adornada com lindos desenhos construídos com fios dourados e brilhantes. Os cabelos eram negros e muito finos, apesar de terem certo volume.

– O rio de sangue é o paraíso das *fúrias* – disse sorrindo.

– Como eu faço pra sair daqui?

Ele gargalhou.

– Ora, menina, tem medo de quê?

– Você ainda pergunta? Rios de sangue e monstros voadores?

– E o que há de mais nisso?

– Tenho medo, é claro que tenho medo!

Ele sorriu novamente. Aproximou-se dela e tocou seu rosto. Ela sentiu que sua mão era fria.

– Teme as *fúrias* porque são feias? Porque se alimentam de sangue? E que bicho é mais bonito que um leão ou um lobo que estraçalha uma pessoa, devorando-a viva? Já o peixe é muito feio, mas serve de alimento para o homem...

*Ah, poderosa Afrodite, ela pensou. Que homem lindo é esse?*

– A beleza, Drucila, é supervalorizada pelos humanos. Não percebe?

Ela o encarou por alguns instantes e viu, em seus olhos, uma negrura noturna. Soltou suas mãos.

– Humanos? E você não é humano? Quem é você?

– Não sabe? Me entregou sua alma antes de morrer e nem sequer me reconhece? – Abriu os braços, como se apresentasse um espetáculo a uma plateia de uma mulher só.

– Me chamam de Dis, Plutão e Hades... Há outros nomes também, mas isso não é importante agora. Prefiro que você me chame de Pai.

– Tocou novamente suas mãos. – Tenho uma proposta a lhe fazer. – A mão em seu rosto estava prestes a congelar sua pele, de tão gelada.

Pensou: *Como sua pele pode ser tão fria, num lugar tão quente como este?* E sentiu paz, amor e conforto naquele toque.

– Seu lugar no Tártaro está garantido. Mas, como já pude perceber, o primeiro círculo desta terra não lhe agradou muito, não é?

Meneou a cabeça dizendo que não. Pensava: *Mas não era para ser feio e cocho? Bem melhor assim!*

– É aqui que moram a Fome, a Miséria e a Discórdia... E todas elas querem você por perto, pois foram elas quem a acompanharam em vida... E foi com elas que você conheceu a morte.

– Mas...

– Há, porém, círculos de prazer e alegria na terra dos mortos. Posso levá-la para morar comigo e lhe conceder privilégios. Veja. – Tocou, com o dedo indicador, sua fronte, no espaço entre as sobrancelhas.

*Drucila se via sentada num trono dourado. A pele rosada exalando viço. Emilianus ajoelhado aos seus pés. E tudo em sua volta era bonito e adornado com flores, ouro e pedras preciosas.*

– Espere – ela pediu. – Quero ver mais!

Ele sorriu.

– Vai depender de você.

Estava confusa.

– Sua alma já era minha, antes mesmo que você a entregasse, mas... Veja bem: uma alma não significa muita coisa para mim. É pouco. Muito pouco. Você pode me servir no mundo dos homens e me ajudar a alcançar meu real objetivo!

Ela sorriu.

– Ri de quê?

– Sei que estou sonhando.

– Então se divirta com seu sonho. E me diga: quer ou não quer uma eternidade de prazeres no Tártaro? *Morrer* para sempre num paraíso de delícias junto aos deuses e heróis?

– E o que eu preciso fazer?

– Voltar ao mundo dos vivos e... – Calou-se num sorriso. – Façamos assim: uma coisa de cada vez. Quer ou não quer permanecer eternamente na riqueza e nunca sofrer?

– Sim! Claro que sim.

Ele pegou sua mão e a puxou para perto, beijando sua boca.

Talvez por causa do calor que sentia, a frieza daqueles lábios a amoleceram ao se espalhar por seu corpo. Uma brisa refrescante num calor de mil sóis. Os braços a envolvendo, a apertando.



Carregou-a, suavemente, como se flutuasse até a margem do rio sanguíneo, e a imergiu gentilmente nas águas, até que elas a cobrissem à altura dos seios.

Drucila abandonou suas vestes.

Ele a acompanhou.

– Espere – ela pediu.

Seu olhar a penetrou primeiro; sua carne, depois.

Um pequeno susto. A dor. O prazer.

Os beijos no pescoço se tornando mordidas leves e gostosas. Até que ela sentiu uma dor aguda e profunda, quando ele enfiou suas presas enormes no pescoço dela. O sangue que escorria avermelhava seu dorso e se perdia na água rubra. Sentiu um prazer enorme, indescritível. Queria ser, para sempre, alimento daquele deus poderoso que a enchia de prazer.

Agora sentia que seus lábios eram quentes... E pôde enfim perceber o momento exato em que, com o peito dele, em contato com o seu, começara a pulsar um coração.

– Não pare!

Ele riu.

– Mas eu tenho que parar. – E mordeu o próprio pulso, oferecendo seu sangue à menina.

Por um momento ela resistiu, mas logo se entregou àquela situação absurda que, para ela, não passava de um sonho.

*Quem está morto pode sonhar?*

Durante várias horas, bebeu aquele doce veneno que fluía dos pulsos do deus do Tártaro.



## 19

O abdome se contraiu num espasmo, e o jato de vômito sanguinolento lhe trespassou os lábios. O ar lhe rasgando os pulmões produziu um barulho que a assustou.

Tosse.

Muito sangue.

Ao sentir nojo de si mesma, percebeu que estava viva.

Drucila levantou-se com dificuldade; uma mão no joelho, a outra apoiada numa pedra. Sentia cheiro de urina, suor e fezes.

– Maldito padeiro... Quase me matou! – Levou uma das mãos às costas, tentando alcançar a ferida que o punhal produzira, mas não a encontrou. – Tem de estar aqui! – Tentou apalpar a ferida com a outra mão, mas tinha certeza de estar procurando a lesão no ponto errado. Estranhou. Já não sabia o que era alucinação e o que era realidade.

Levou as mãos ao rosto, tateando em redor da boca, tocando os contornos dos olhos. Apesar da sujeira, estava intacta. Viu, nas pontas dos dedos, o coágulo de sangue enegrecido e pegajoso misturado ao fluido vermelho.

*Estranho.*

Sentia-se bem.

Inspirou o ar profundamente, que agora expandia seus pulmões com facilidade. E percebeu que, apesar de respirar plenamente, não havia naquele ato alívio ou prazer. Inspirou novamente. Ar passando

pelos pulmões... Nenhuma sensação além de senti-lo preencher seu peito.

Prendeu a respiração por alguns segundos, mas não sentiu o coração acelerando.

*Muito estranho. Como se não precisasse respirar...*

Sorriu.

*Seja lá o que aconteceu, o que importa é que estou viva!*

Concluiu que a perseguição do padeiro, a facada e a viagem ao Tártaro tinham sido parte de uma insana e atormentada alucinação.

*Ou será que não?*

De onde viera aquele vômito sanguinolento? E o sangue que lhe untava as vestes, de quem era? Talvez a facada fosse um sonho, mas a experiência com Plutão fosse verdadeira! Talvez o beijo do deus dos mortos a tivesse trazido de volta à vida, e todo aquele vômito sanguíneo representasse o milagre da cura! Plutão a fizera expulsar o espírito que a consumia em forma de vômito e sangue? Estava confusa, muito confusa...

*Talvez eu ainda esteja sonhando, pensou.*

Prendeu novamente a respiração. Dessa vez, por tempo suficiente para fazer qualquer ser humano tombar desmaiado.

*Como é possível?*

Continuava de pé, a mão tapando a boca e o nariz, a vista que não escurecia por falta de ar, o corpo vibrando, nenhuma sensação em seu peito. Finalmente respirou... Mas parecia não precisar daquilo.

•

– Minerva! – exclamou uma das senhoras que lavava roupas. – O que fizeram com você, menina?

Drucila não respondeu. Apenas se aproximou da fonte e juntou as duas mãos, como se intentasse imergi-las à caça de um pouco de água.

– Ei! Minhas roupas – disse outra senhora, empurrando-a com a longa pá de madeira com a qual imergia as peças na água. – Não vou manchar a toga do magistrado com sangue! Já imaginou? Vai

parecer provocação! Me manda cortar o pescoço! Ô se não! Afaste-se, mocinha! Já falei!

– Espere um pouco – pediu a senhora que era mais simpática, abaixando-se para pegar um balde que usava em seu trabalho e entregá-lo à companheira. – Ela precisa de um pouco de água, Vânia.

– Velha do coração mole. – Puxou o balde das mãos da amiga e o imergiu na fonte, oferecendo-o a Drucila.

•

Os olhos verdes se arregalaram de susto.

– Por Ísis! O que você...? Como é possível?

Drucila não respondeu. Meteu-se entre o corpo de Yara e o umbral, entrando na casa às pressas.

– Ô! Suas roupas estão imundas! Vai sujar tudo, desse jeito. – Mostrou à moça uma mão espalmada. – Entre pela porta dos fundos. Peço a Vitorinu que lhe leve água. E, por tudo o que é sagrado, tome um banho!

Drucila sentiu um calor lhe subir pela espinha ao encarar a dona da casa. Por um segundo, viu a si mesma com as mãos em seu pescoço, esganando-a. Usaria toda a sua força para lhe obstruir a respiração.

*Víbora! Quer me ver morta! Sei que sim!*

•

As roupas imundas, apinhadas no chão, exalavam um odor de sangue e de podridão.

– Há sangue por toda parte, mas não vejo nenhum ferimento – disse Adriani. – O que aconteceu?

Drucila não respondeu. Entrou na banheira e começou a esfregar a pele com uma bucha. – Devo ter sonhado.

– Sonhos não sangram, Drucila.

– Me lembro de ter sido apunhalada pelas costas, mas...

– Por Gaia! – Aproximou-se novamente. Puxou das mãos de Drucila a esponja e a esfregou freneticamente nas costas da amiga.  
– Onde?

Forçou a cabeça sobre o ombro direito, tentando ver a própria omoplata.

– Um pouco abaixo deste osso aqui. Senti a dor, cuspi sangue e desmaiei; quando acordei, tossi um pouco, vomitei um monte de sangue, mas...

Vitorinu, que observava tudo em sigilo por trás da porta, murmurou baixinho:

– *Durcila* enganou a morte.

– Está louca, mulher?! Nada disso faz sentido! – riu. – Pelo visto, você contou com a ajuda de algum açougueiro, não foi isso? Sei que sim! Pediu comida a um açougueiro e ele lhe deu carne crua, não foi? É daí que vem o sangue?! Pare com essas brincadeiras, minha amiga. Ver você respirando já é um bom motivo para sorrir!

*Respirando?*

Drucila afundou na água, molhando os cabelos completamente. Ao emergir, percebeu que o sangue que untava seus cabelos tingira a água de vermelho-vinho.

Perdeu alguns segundos fitando as próprias mãos através da transparência rubra daquela água imunda e se lembrou do deus moreno do sonho. Dos traços finos do rosto que a faziam lembrar-se de Emilianus.

Drucila pensava: *Ah, meu querido, por que eu fui ouvir os conselhos daquela vadia? Maldita Luna! Por que deixei outro homem me tocar, meu amor? Nada! Absolutamente nada é mais sagrado para mim do que o calor da sua boca em minha pele durante uma noite fria. E não há nada que me dê mais prazer que ouvir o som da sua voz... Ah, Emilianus, por que você deu atenção aos seus escravos em vez de acreditar em sua mulher? Qual daqueles traidores o envenenou? Quem, dentre os seus escravos, cavou minha sepultura?*

Viu um rosto se desenhar na superfície da água da banheira.

– Esther...



## 20

Um dos homens apanhava do chão as pétalas de rosas, guardava-as numa cesta e solfejava uma cantiga hebraica; outros dois carregavam para fora da casa, com certa dificuldade, um enorme tapete persa. Sobre a carroça, que estava parada na rua, ela viu o antigo braseiro sustentado por esculturas de centauros e a estátua de bronze da deusa Vesta, com suas lamparinas em forma de falo.

Ao perceberem a mulher parada em frente à casa – vestindo uma túnica negra que se estendia até os joelhos e com os cabelos arrumados no topo da cabeça –, os escravos pararam emudecidos.

– Preciso conversar com Emilianus – foi tudo o que ela disse. Ao mencionar o nome do marido, sentiu um angustiado vazio no peito.

Abrão pôs a cesta de pétalas no chão e, assim que lançou o olhar temeroso através da porta, perscrutando a sala por alguns instantes, desceu às pressas a pequena escada que dava acesso à entrada, pondo-se à frente de Drucila.

– Senhora – inclinou a cabeça num movimento quase imperceptível. – Há quanto tempo!

– Onde ele está?

Olhou novamente na direção da porta e viu que não havia ninguém além dos escravos, que retomavam sua laboriosa atividade.

– Meu senhor não pode receber visitas.

– Está doente? – exasperou-se e esticou o corpo, olhando por sobre o ombro do escravo, mirando a porta escancarada.

– Emilianus? – E mais alto: – Emilianus? Preciso...

O escravo a interrompeu:

– Psiu! – Quase a tocou com uma das mãos; um dedo em riste selando os lábios. A simples intenção de calar-lhe a boca foi o suficiente para que ela desistisse de gritar.

– Minha senhora, por favor.

– O que está acontecendo?

Os homens jogaram o tapete sobre a carroça e entraram na casa às pressas.

– Meu *dominus* está bem, sim, com certeza está muito bem.

– Então?

– Mas não vai receber ninguém hoje.

– Ora, mas isso é um absurdo. Nem eu, Abrão? Olhe: quase um ano se passou desde... Desde o incidente, e eu não tive coragem de vir conversar com ele. Mas agora é diferente! Ele vai me receber. Afaste-se. Vou entrar!

Dessa vez, Abrão a surpreendeu ao bloquear a passagem com a mão espalmada sobre seu peito e a empurrou.

– Não, não vai.

Os escravos, que apareceram novamente à porta, carregavam a mesa da cozinha.

– O que está acontecendo? – Encarou um dos homens e perguntou: – Ele vai se mudar? Como...?

– A *domina* ordenou que levássemos toda a mobília. Os novos móveis chegarão ainda hoje.

– Eu nunca lhe dei esta ordem!

– Não a senhora; a “atual” *domina*.

– Quê?!

– Meu senhor se casou novamente. Sua esposa ordenou que toda a mobília fosse trocada. Não quer que nada na casa o faça se lembrar do primeiro casamento. Na verdade, todos os escravos foram proibidos de mencionar que isso um dia aconteceu, sob ameaça de pena de morte. Entende, agora? Nada que a senhora fizer vai me fazer deixá-la passar por esta porta. – Aproximou-se. – Olhe: quando ele a mandou embora, quase se matou de tanto sofrer. Passou dias sem comer, bebendo, esbravejando. Oramos muito para que Deus o consolasse, aliviasse sua dor... Meu *dominus*

é um bom senhor, é generoso... Não merece uma vida como aquela e... – Baixou o olhar. – Passou três meses na Grécia, uma época difícil para nós! Pensávamos que ele não iria voltar. Ele então nos surpreendeu quando chegou sorrindo, alegre. E agora...

– Deixe-me passar!

– Não posso.

Ela o encarou. Via seu próprio reflexo nas íris de Abrão. E, por um momento, parecia não ouvi-lo mais, não da forma convencional. Agora ouvia suas intenções, seus sentimentos em relação ao *dominus*, o medo da punição, caso a deixasse invadir a casa. Sentiu, sem nem ao menos saber como, que o escravo a tinha em grande estima, mas a devoção a Emilianus e o medo da nova senhora o encheriam de força para segurá-la, caso insistisse.

De súbito, a luz em seu redor feneceu, dando lugar a uma profunda escuridão.

Agora já não via intenções nos olhos daquele homem... Via apenas um olhar fixo, como se quisesse beber das suas íris, como se os olhos de Drucila fossem tudo o que houvesse no mundo. Mais uma vez, ela ordenou:

– Você vai me deixar passar. – E viu a expressão do homem se transformar, em segundos, dando lugar a um imenso sorriso.

– A senhora é quem manda. – Afastou-se, dando passagem a Drucila.

*De onde surgiu aquela escuridão?*

Teria sido uma tontura? Um breve mal-estar? A moça estranhou a mudança repentina da conduta do escravo e viu no rosto abobalhado dele um olhar destituído de vontade. O movimento repetitivo, pedindo que ela entrasse na casa.

*Está louco?*

Ela o empurrou, subindo as escadas em passos vigorosos. Como? Depois de ter quase morrido, de ser apunhalada pelas costas e acordar com o rosto no chão, ela percorrera um longo caminho a pé e ainda tinha energia para correr?

*Ah, Emilianus! Sua boca em minha pele!*

O amor! Somente ele era capaz de enchê-la com tanta força a ponto de não sentir cansaço, fome ou medo. Galgou os primeiros



cinco batentes em um salto, como se aquele gesto não lhe custasse esforço algum.

A porta estava aberta, escancarada.

Rápido, muito rápido! Até que seu corpo parou um centímetro em frente à porta, como se a corrida tivesse sido abortada por uma parede imaginária.

– Mas... – Os braços abertos como se despencasse de um penhasco; a dor em sua cabeça, a cada novo lampejo de vontade de trespassar a entrada.

– Senhora? – gritou um dos escravos que estava na rua. Desceu da carroça. O outro o acompanhou. E, encarando Abrão, disse: – Por que você a deixou passar? Está louco, Abrão? Responda! Estou falando com você! – Tocou seu ombro.

O escravo parecia ter acordado de um sonho.

– ãh? Senhora?! Como...?

Drucila permanecia estática em frente à casa e pensava:

*Imbecil! Por que não entro logo e arrasto aquela meretriz para fora da minha casa? Sou eu que tenho direito! Não ela! Seja lá quem ela for, nunca irá amá-lo como eu o amo! Nunca!*

Sentiu uma mão em seu ombro.

– Já falei que não pode entrar – disse Abrão enquanto a puxava.

Num ato impensado, Drucila se virou e o empurrou, batendo com a mão espalmada em seu peito. Surpreendeu-se ao ver o homem ser arremessado e cair sobre os primeiros degraus, dando cambalhotas no chão e parando imóvel, na base da escadaria, com um raio de sangue lhe manchando a boca.

– Abrão?! – gritaram os homens ao mesmo tempo, antes de correrem em seu socorro.

Por alguns segundos, pensou que o tivesse matado.

Levou a mão ao próprio peito, procurando pela batida do coração.

Pensou: *O medo é algo que já não existe.* E riu, levando a mão à boca.



## 21

Ela ouviu a voz conhecida vociferando:

– Que barulheira é essa?

Virou-se e intentou dizer: *Meu amor, minha vida! Me perdoe! Eu faço tudo! Faço, sim! Vou mostrar que ainda amo você, que sempre o amarei! E que você me ama também!* Seus lábios, porém, não se moveram. E numa fração de segundo um pensamento passou por sua cabeça:

*A iminência da morte nada significa perto do desprezo de Emilianus.*

Murmurou:

– Eu... Preciso conversar... – Calou-se com o soco na boca. A dor aguda e fugaz. Uma leve tontura. As pernas fraquejando.

– Que tipo de monstro é você? Hein? Sua quimera peçonhenta! Não se lembra do que eu disse? Hein? Não lembra? Me tem por imbecil? Por um fraco?! Mato você, Drucila, mato você se continuar me procurando! Sabe o que dizem por aí? Que eu não sou homem suficiente pra prender uma mulher em casa! Que nem minha *arma* nem meu dinheiro foram capazes de manter suas pernas fechadas por muito tempo! Sabe o que é isso? Sabe o que isso significa para um homem na minha posição? Ou para qualquer homem que se preze? E morar numa casa de meretrizes? É isso mesmo o que você quer ser? Uma vadia? Sabe quantos dos meus homens foram procurá-la desde que você se enfiou naquele inferno? Ou estava drogada demais para contar? Sou uma piada, Drucila! Uma piada!

A boca parecia um risco. Os olhos tremulavam. A angústia no peito pedia a alforria de uma lágrima, mas seus olhos estavam completamente secos.

– Saia daqui – ele disse, subitamente mais calmo.

– Tudo aconteceu muito rápido, sem que eu percebesse: o ritual, os jantares, e até mesmo... Escute, só me escute: em tudo o que eu fiz havia o desejo de lhe satisfazer, de dar-lhe um filho! Tudo o que eu queria era fazê-lo feliz! – Aproximou-se.

– Não me toque – repeliu-a e suspirou. – Vá embora, já disse. Agora não importa mais.

– Importa sim! Claro que importa! Eu estou aqui! Me deixe voltar, por favor! Eu errei, sim, mas...

Uma silhueta feminina apareceu entre as sombras da casa. Estava enrolada num lençol, como se a nudez displicentemente escondida fosse parte do discurso que intentava proferir:

– Que tipo de mulher invade a casa de um homem casado para seduzi-lo? – Aproximou-se. E a luz que invadia a casa iluminou seus cabelos negros e desalinados. Os olhos verdes brilhando em cinismo. O corpo pequeno e magro ganhou contornos e curvas. Virou-se para o homem e disse: – Querido, o que os vizinhos vão dizer se virem essa mulher aqui?

– Esther?! – exasperou-se Drucila. E novamente tentou avançar para dentro da casa, mas sentiu uma dor paralisante e profunda que a fez desistir. – Mas... Como?! – Fitou Emilianus e lamentou: – Como você pôde? Pensei que... Uma escrava?

– Não sou escrava – disse Esther. – Sou a dona da casa. Sou a senhora de um oficial legionário de alta patente. Você é que é uma escrava. Livre, mas nada mudará seu desafortunado destino: é e sempre será uma escrava.

– Vá embora – repetiu Emilianus. Dessa vez, mostrou obstinação ao empurrá-la espalmando uma mão em seu peito.

*Sua pele em minha pele.*

Cambaleou dando dois passos para trás.

– Meu senhor! – gritou um dos escravos na rua.

Emilianus trespassou a porta.

Esther tentou acompanhá-lo, mas ele ordenou que ficasse, com um gesto brusco de uma das mãos. Ela o obedeceu, fechando a porta da casa.

– Mas o que é isso?

– Não tive culpa! Ele me agrediu! – mentiu Drucila.

Emilianus desceu a escada às pressas. Depois se ajoelhou ao lado de Abrão.

– O que sente?

Gemia, até que disse:

– É o demônio, meu senhor! Não a deixe entrar! Já não tem alma, tenho certeza! Está possuída por Satanás! Vi em seus olhos! Não é mais a antiga senhora desta casa! É um demônio! Sei que sim!

Encarou um dos homens e perguntou:

– Bateu a cabeça durante a queda? Deve ter batido. Está alucinando. – Apalpou o crânio do rapaz à procura de fraturas. Depois os braços. E ao tocar seu tornozelo assustou-se com o grito de dor. Concluiu: – Está quebrada. – Levantou-se. – Levem-no para dentro. – Desembainhou a espada. O ódio se estampou em seus olhos. – Depois de tudo o que você fez, ainda tem coragem de vir aqui e agredir o meu melhor escravo?

– Não!

– Devia ter feito isso antes! – ele gritou, subindo as escadas, correndo.

Tudo aconteceu muito rápido, sem que Drucila pudesse pensar. A espada presa entre suas mãos, abrindo profundas incisões enquanto desacelerava até parar a alguns centímetros do seu rosto. As costas contra a porta, dando apoio, um dos pés no peito de Emilianus.

*Não!*

Não iria empurrá-lo de cima da escada. Em vez disso, apenas afastou seu corpo o suficiente para que pudesse escapar.

Ele se espantou, mas por pouco tempo.

Ela viu em seu rosto, por um segundo apenas, um espasmo de dúvida e pudor. Mas logo viu a espada dilacerando o vento, em sua direção, e inclinou-se para trás. A roupa rasgando à altura da cintura. Uma dor discreta no abdome. Percebera que a lâmina tocara a pele, de raspão.

*Deseja mesmo me matar!*

Emilianus apertava os olhos, numa mímica cheia de terror, e pensou: *Será que Abrão tinha razão? "Satanás" foi o que ele disse!*

– Monstro! É mesmo um monstro, amaldiçoada pelos deuses! –  
Um novo golpe.

Dessa vez, Drucila se desvencilhou com grande facilidade ao se abaixar, tocando o chão com a ponta dos dedos. Virou-se e disparou numa corrida alucinada.



## 22

—**I**mpossível – ela disse, ao fitar as próprias mãos. – Por que não sangram? – As incisões feitas pela lâmina da espada expunham a gordura abaixo da pele.

Drucila via também os tendões responsáveis pela flexão dos dedos; alguns deles estavam rompidos. Lembrou-se do lenço que lhe amarrava os cabelos e o resgatou, rasgando-o em seu maior eixo e o dividindo em dois pedaços. Usou-os como atadura, escondendo os ferimentos.

Olhou ao redor e percebeu quanto havia corrido. O cheiro de fezes e urina empestava o ar, pesado e úmido. A lama da rua se acumulava entre seus pés e o couro das sandálias. As edificações de madeira, amontoadas umas sobre as outras, ensombravam a rua. No primeiro andar de uma das *insulae*, uma mulher mexia um caldeirão cheio de sopa de peixe. Um cliente mordiscava um pedaço de pão, enquanto esperava pela sopa. Outro acariciava um gato que fora atraído pelo cheiro do ensopado. Drucila viu o brilho nos olhos da cozinheira, quando parou de mexer o caldeirão e se aproximou do pequeno animal, seduzindo-o com uma cabeça de peixe. Pediu licença aos clientes e levou o gato para os fundos do estabelecimento. No instante seguinte, voltou para cuidar do ensopado. Drucila finalmente chegara à cidade baixa, entre os sopés dos montes Aventino e Palatino.

– Pensei que havia morrido – disse um homem às suas costas. A mão tocando seu ombro.

Drucila virou-se num reflexo e o empurrou.

– Ô! Calma! – pediu o general Titus, com um sorriso canalha estampado no rosto.

Mexeu na roupa, escondendo o ferimento do abdome. Pensou: *Seja lá qual for o motivo de eu estar de pé, não é da conta desse idiota.*

– Quem disse que eu havia morrido?

Ele riu.

– As ruas de Roma têm ouvidos. Pior: têm uma boca enorme e uma língua afiada. Diga-me: estava ou não estava doente?

– Pareço doente pra você? – Fitou-o desafiadoramente. A pele branca e brilhante, os olhos refletindo um azul profundo. Os cabelos parecendo ainda mais negros combinavam com a túnica preta. – Estou bem, muito bem. Agora me deixe ir. – Deu as costas para o homem, mas logo sentiu a mão lhe apertando o braço.

– Ainda estou falando com você. – Puxou-a para perto.

– Não na rua! Aqui não!

Ao ouvir a discussão, alguns curiosos se dispuseram em redor deles. Os olhos rutilando de curiosidade.

– Titus, espere. – Empurrou-o. – Não aqui. Já disse.

– Quero que todos vejam você comigo. É o mínimo que o seu ex-marido merece.

– Por que você tem tanto ódio de mim? Qual o mal que eu fiz a você?

Riu ao dizer:

– Não seja imbecil, mulher. Não ligo pra você. Tenho raiva de Emilianus, porque é arrogante e pensa que é melhor do que eu! A rota comercial que seu ex-marido explora é minha por direito! Sou membro da Guarda Equestre há mais tempo que ele, mas Nero é uma criança, não respeita hierarquias, e deu a Emilianus o que era meu desde o princípio! Que todos a vejam aqui comigo! Que testemunhem a desonra de um falso amigo, um traidor!

Lembrou-se do marido dizendo: “Morar numa casa de meretrizes? É isso mesmo o que você quer ser? Uma vadia?”, e percebeu que não poderia voltar para a Casa de Yara. Encarou-o ao dizer:

– Leve-me para a sua casa.

– Está louca? E o que eu faço com a minha mulher? Está viajando, mas deve chegar amanhã cedo – riu. – Sente saudade, não é? Sabia que iria sentir! – Calou-se, pensativo, até que concluiu: – Vá para a Casa de Yara. Nos veremos mais tarde.

Drucila lembrou-se do olhar perdido de Abrão ao fitá-la e de como ela o induziu a lhe obedecer. Puxou Titus para perto e o encarou. Não sabia como, mas intuiu que podia penetrar sua alma com o olhar.

– Sou tudo o que você quiser que eu seja. Olhe pra mim. – A mão trazendo seu olhar ao encontro do dela. – Entendeu? Tudo o que você quiser que eu seja, pra você, eu serei. Me leve pra sua casa. Sua esposa pouco importa. Somente eu importo. O que eu quero! Leve-me agora com você!

•

– Venha aqui – ele sussurrou, arrebatando-a em seus braços.

– Espere – ela pediu.

Ele lhe obedeceu.

Drucila perscrutou a sala com o olhar e, por um momento, sentiu-se em casa. Os tapetes vindos do oriente, as pinturas nas paredes, a luz que invadia o átrio da casa e banhava as flores dos canteiros. Era como se Titus a tivesse decorado com aquele intuito. Ela finalmente percebeu que a amizade entre Titus e Emilianus tinha um sabor de disputa. E é provável que Emilianus sempre a ganhasse. Pelo menos, parecia ser o que Titus pensava.

*Louco idiota.*

– Como você fez isso? – ele perguntou enquanto a fitava embasbacado. – Como mudou a cor dos seus cabelos?

Drucila estranhou.

– Do que você está falando?

– Pelos céus – sorriu. – É a própria Vênus! – ofegou. E riu novamente, como um louco. – Ora, mas o que eu estou falando? Cabelos não mudam de cor, não é?! Eu é que devo ter me enganado! Seus cabelos sempre foram assim! Mas só agora eu percebi como são lindos! Que Apolo não a veja, lá dos céus, minha



deusa, porque certamente quererá de volta o brilho que você roubou do sol. – E a puxou para perto.

*Ah, sua boca em minha pele.*

Drucila sentiu o toque daquele beijo se espalhar por seu corpo como mil fagulhas amolecendo suas carnes. E, por mais absurdo que lhe parecesse o discurso de Titus, ela se deixou enlevar pela sua graça. Como sentira falta da ternura, da admiração de um homem. Dos poucos amantes que a droga lhe permitira se lembrar, no tempo em que permanecera na Casa de Yara, todos a trataram como musa, por minutos, até que a repudiaram depois de possuí-la. No entanto, por mais absurdo que pudesse parecer, havia amor nos olhos de Titus.

*Amor?*

Estranho, muito estranho. Aquele era o mesmo homem que a humilhara e que disseminara a notícia de que a esposa de Emilianus se escondia num prostíbulo. Por causa dele, mais de cem legionários a possuíram. E quanto mais baixa a patente, mais eles a achincalhavam. Alguns cuspiram nela. Outros a agrediram com bofetadas, enquanto desfrutavam de sua beleza.

*Sim, amor.*

Os beijos se multiplicavam. Os dedos se insinuavam entre o tecido da túnica e a pele dela. O calor em seus seios... Muito quente era o toque de Titus, como se o corpo ardesse em chamas. Ou era a pele de Drucila que esfriara demais? Talvez toda aquela emoção: a discussão com Esther, a luta com Emilianus, a fuga, e, agora, o amor tivessem feito a pele dela empalidecer.

Um amor falso e cheio de ressentimentos, mas era o único amor que tinha.

Ele a resgatou em seus braços, do mesmo jeito que o deus do sonho fizera, e a deitou na cama delicadamente. Parecia encantado, enquanto desatava o laço que fechava a túnica, à altura da cintura. Hesitou, por um momento, ao ver o corte em sua barriga. Mas o ignorou, sorrindo.

– Perfeita! – E tocou uma das coxas dela com seus lábios. Sorveu seu cheiro, lenta e demoradamente.

De repente, Drucila sentiu a fome em meio ao desejo. E se lembrou de que havia muito tempo que não comia. Ignorou aquela sensação para se entregar à beleza do momento. Ah, Emilianus, por que deixou que tudo aquilo acontecesse? Mas agora era tarde, muito tarde! E quem a poderia condenar por querer sentir-se amada novamente? A fome... O peito dele se atritando contra o dela, até ela sentir o coração dele palpitar. Não! Não o sentia batendo através das terminações nervosas da sua pele. Apenas *sentia-o* pulsar. O calor dos lábios. Quentes, muito quentes. Uma excitação que de longe ultrapassava todo gozo que já sentira na vida.

Ele mordiscou seu pescoço.

Ela sentiu um arrepio sem precedentes, e retribuiu a carícia. Sentiu, enfim, o cheiro doce e convidativo. O pulso... Um vaso espesso vibrava no pescoço dele. Sim! Era dali que vinha aquele delicioso aroma que para ela parecia uma mistura de flores orvalhando mel. Assustou-se ao perceber que duas presas despontaram em sua boca. Dentes longos e afiados roçando contra os próprios lábios, riscando suaves lacerações... Foi nesse momento que ela sentiu a falta do sabor de sangue que se sente ao morder o próprio lábio. Era isso, não era? O sabor do sangue que faltava! O sangue que não lhe vazara das mãos, quando se cortou na lâmina afiada de Emilianus. Enfiou as presas na pele quente e macia de Titus. A doçura. Um gemido de dor se perdeu em prazer. Doce, muito doce... E quente. Não queria parar, nem poderia, se quisesse. Doce, muito doce! Como o amor! Doce e quente, como havia muito tempo não sentia!

•

Viu o homem desfalecer na cama, pálido, com lábios brilhantes que exibiam um tom arroxeadado muito claro.

Seu coração disparou no peito. Doendo, a princípio; depois os pulsos se espalharam como uma onda de prazer pelo corpo. O riso louco, a força pulsando em suas artérias e fluindo em suas veias. Viu, em sua mente:

*Titus se despedindo da esposa e dos filhos, dando instruções ao cocheiro. Agora o tilintar de espadas duelando, e uma série de imagens de horror e guerra desfilando diante dos seus olhos. Um grito de mulher, um chute abrindo a porta, o facão rasgando o decote.*

*Tudo em preto e branco.*

*Muito barulho.*

*Um soco na boca carnuda. O sangue tingindo em vermelho a visão cinzenta. Cavalgadas, muitas cavalgadas. O riso conhecido: Emilianus abraçando o amigo...*

*Falso amigo!*

*Viu-se chegando ao palácio, o imperador abraçando Emilianus, enchendo-o de elogios, e o olhar cínico do falso amigo lhe dizendo que era melhor, mais rico e mais ardiloso que Titus.*

Sentiu em seu peito o mesmo ódio que aquele homem sentira do seu amado, e, por um instante, Drucila e Titus dividiram uma alma somente.

A sintonia, porém, não durou muito tempo.

A palidez do corpo sobre a cama tornou-se escandalosamente incômoda, obrigando-a a despertar daquele êxtase místico.

*Está morto.*

Levou uma das mãos à boca, tocando as presas com as pontas dos dedos.

– Minha filha linda – sussurrou a voz em seu ouvido.

Drucila virou-se, assustada, e por um momento pensou ter visto um espectro negro deslizar pela parede e se misturar com a sombra da cama. Era a silhueta de um homem com asas incrustadas nas costas. Ouviu o leve farfalhar de penas. Depois o silêncio.

– Está louca, Drucila? – ela murmurou, falando sozinha. – Está louca, sim, só pode estar.

Drucila tocou novamente Titus e sentiu sua pele fria. Não! Não era ele que estava frio! Ela era quem tinha se tornado quente ao beber o sangue dele. O coração batendo acelerado, pulando, como se pudesse fugir de seu peito a qualquer momento. Levantou-se da

cama em sobressalto, e pôde ter uma visão *panorâmica* da morte: o homem estirado sobre a cama, o braço pendendo, o rosto virado.

– E agora, Plutão, o que eu faço? – Alisava o pingente, a mente num turbilhão de ideias.

Andou até a janela e viu o céu violáceo anunciando o dia. Mas quantas horas ela passara ali? Perdera completamente a noção do tempo ao se entregar àquele ritual sangrento. Teve uma visão:

*Titus ansioso, portando um pequeno baú e trancando a porta do quarto. Depois, empurrando o grande móvel sob o espelho de metal. Na parede que se escondia por trás da penteadeira havia um tampo quadrado de madeira vedando um compartimento escondido. E, ao abrir o bauzinho, seu conteúdo iluminou o rosto embasbacado dele com uma luz dourada.*

– Ouro!

Ela correu até o móvel e o empurrou com facilidade. Havia mesmo um tampo quadrado de madeira vedando um buraco na parede.



## 23

— *Durcila* enganou a morte – concluiu Vitorinu, com os braços apoiados na vassoura, fitando os primeiros raios de sol trespassarem a janela da sala. – Yara disse que ela ia morrer; e o médico também disse! Disse assim: “*Durcila tá podre*”. Eu lembro! Aí, ela volta bem pra casa e...

– Falando sozinho, imbecil? – achincalhou Yara, ao entrar na sala. Passou o dedo indicador de uma das mãos sobre o móvel e esfregou as pontas dos dedos. – Preste atenção no serviço, Vitorinu! – Aproximou-se. – O que há?

– Nada não.

– Fale.

– *Durcila*... Ela... Vitorinu ouviu uma coisa.

– Ouviu o quê?

Encarou a dona da casa e murmurou:

– Yara disse que *Durcila* ia morrer, não disse?

– O médico é que não sabe o que diz! Quem ia imaginar que estava tão bem?

– Mas disse... Não disse?

– E daí?

– Vitorinu ouviu *Durcila* dizer a Adriani que um homem tinha enfiado a faca nas costas dela!

Deu de ombros e pensou: *Coitado. Está a cada dia mais louco.*

– Preste atenção: deixe de falar sozinho por aí como um doido, senão eu levo você pra morar com os leprosos! Tem vaga lá no

beco, sabia? A vaga que a falsa patrícia deixou.

Yara assustou-se ao ouvir a porta se abrir num barulho explosivo. Virou-se para contemplar Drucila envolta numa nuvem de fumaça. A moça cheirava a carne queimada.

– Por Juno, fechem as janelas – implorou a moça.

Vitorinu lhe obedeceu e cerrou as cortinas num átimo.

E Yara:

– Mas o quê...?

Colocou no chão o pacote que trazia debaixo do braço, depois começou a se despir.

– O que houve? Está toda queimada!

– Não sei dizer! Vinha caminhando de madrugada pela rua e, quando o sol começou a nascer, senti a pele arder... A dor foi aumentando, até que as queimaduras abriram essas feridas... – Mostrou os braços para a dona da casa. – Está claro aqui, não está? Está claro demais!

•

Deitada na cama, ela expunha o corpo e o rosto em agonia. Mantinha o pequeno baú, envolto numa manta, apertado contra o peito.

– Dói muito.

– Talvez você se sinta melhor se soltar essa coisa – sugeriu Adriani.

Adriani sentara-se ao lado da cama e mergulhava um lenço na água, aliviando as dores da amiga ao esfriar as lesões que pareciam ter brotado misteriosamente em sua pele.

– Por Ísis – murmurou Yara, observando tudo da porta do quarto. Tinha medo de ser contaminada pelo mal que afligia a moça.

Vitorinu buscara uma escada no depósito e a escalava às pressas.

– Vitorinu cobre a janela com o pano! – repetia o rapaz, referindo-se a si mesmo na terceira pessoa. – Vitorinu ajuda *Durcila*, cobre a luz com o pano escuro!

– Como é que isso aconteceu? O sol não queima a pele desse jeito – estranhou Adriani. – O que você leva nessa caixa?

– Coisas de valor sentimental que peguei na casa de Emilianus – mentiu. – Objetos que pertenciam à minha mãe.

– Não acredito! Você foi lá, depois de... Pelos céus, mulher, como você é tola! Foi assim que você se machucou? – Fechou os punhos quando disse: – Aquele monstro maldito! Foi isso, não foi? Ele jogou água fervente em você?

A pequena fresta de luz que invadia o quarto feneceu até que a escuridão se espalhou como uma bênção, aliviando as dores de Drucila.

– Ah, bem melhor! – fitou a amiga. – Preciso descansar... Depois que eu dormir um pouco, vou me sentir bem. Sei que vou.

•

– Ainda dorme? Tem de ver se não está morta, porque ninguém dorme o dia inteiro! – dizia Yara à mesa do jantar. Emendou: – Vocês tinham que ver: queimou-se dos pés à cabeça! Ouvi falar de um fato semelhante quando ainda morava no Cairo. Dizem que há algum tempo, durante os cultos de Rá, um dos fiéis pegou fogo espontaneamente! Dizem que foi punido por blasfêmia! E quando eu digo, vocês não acreditam: os verdadeiros deuses são egípcios.

Uma das moças que estavam assentadas à mesa comentou:

– Mas você não é italiana, Yara? Não é isso o que dizem? Quando você morou no Egito?

Empertigou-se:

– Há muito sobre mim que você não sabe!

– Eu ainda acho que foi agredida pelo ex-marido – disse Adriani, enquanto se sentava. Colocou um pouco de sopa no prato, virando o rosto, como um reflexo, ao sentir o calor do vapor que dela emanava. – Imagino a dor que a coitadinha sentiu quando... – Calou-se ao ver Drucila à porta da cozinha.

Antes de falar, andou – nas pontas dos pés, o corpo envolto numa manta – até a janela e viu um céu negro, vazio de estrelas. Depois se aproximou da mesa e parou de pé, ao lado de Adriani.

– Por Ísis, mulher, está completamente curada! – surpreendeu-se Yara, empurrando a própria cadeira para trás.

Drucila tentou esconder ainda mais o corpo sob a manta.

– Está frio, não está?

Todas as moças se levantaram e correram para perto de Drucila, exceto Yara – que permanecia sentada, com o queixo caído – e Vitorinu, que ficou calado, assustado, num dos cantos da cozinha.

Drucila ouvia perfeitamente os batimentos de seis corações em seu redor. O mais rápido deles era o de Adriani, que expunha seu espanto estampado nos olhos arregalados. Sentia o cheiro do medo de Yara, o que aumentou ainda mais a repulsa por aquela mulher. E novamente foi tomada pelo desejo de matá-la.

*Me abandonou com os leprosos. Era o que pensava. Me usou e depois jogou fora como se eu não fosse ninguém! Devia matá-la!*

No entanto, não poderia fazer mal a uma mulher como Yara, responsável por prazeres mundanos, ou teria problemas com o império.

– Quero ver – pediu Adriani, puxando suavemente a manta.

Drucila deixou o tecido deslizar até o ombro, mostrando parte do colo, expondo a pele branca e lisa onde antes havia uma enorme queimadura.

– Sente-se – disse Yara, sem fitá-la. – Deve estar morrendo de fome.

Drucila obedeceu e se sentou.

Em silêncio, as moças voltaram a jantar. Exceto Drucila, que sentia repulsa pela comida.

A dona da casa irrompeu:

– Acho melhor você comer, menina. Já que está se sentindo melhor, pode trabalhar como as outras! E hoje a noite vai ser longa. Vamos participar de uma festa na casa de um senador.





## 24

**H**avia quarenta e dois homens dispostos em torno do espaçoso átrio daquela casa palaciana.

Assentado num dos bancos do jardim, banhado pela luz da lua que entrava pela abertura no teto sobre sua cabeça, estava um homem pequeno que tocava uma harpa dourada. Suas pálpebras oscilavam, mostrando o branco dos olhos, vez ou outra, como se estivesse em transe. Dava para ver, pela sua postura, que Nero se entregava à música que executava como poucos músicos seriam capazes de fazer. Sua técnica, porém, não era tão eficaz quanto sua capacidade de abstração.

Em meio à plateia, um dos homens – velho, porém robusto –, vestindo um traje legionário adornado com a face de um leão em seu peito, cochichou com o indivíduo ao lado:

– Dizem que não veio porque sente vergonha.

Um dos senadores, enquanto prendia a faixa vermelha que insistia em se soltar da toga branca, murmurou:

– Emilianus é um tolo! Ora, quem já se casou com uma escrava? – E falou ainda mais baixo: – Dizem que a esposa o visitou ontem, e que pediu para voltar para casa, acredita?

O velho legionário riu.

– Sério? Depois de tanto tempo? E...

– Morando numa taverna? – antecipou-se o senador. – Metade de Roma a possuiu.

– Exagero.

– Evidente que não, caro Antonius. – Retomou uma postura solene por alguns instantes. E voltou a cochichar: – Dizem até que já dormiu com uma centúria de uma vez só.

– Ridículo! Como é que...?

Dotan se meteu entre os dois, dizendo:

– Já estão sabendo da desgraça? Ouviram falar do que aconteceu com Titus?!

– Fale baixo – pediu Antonius. – O que você está dizendo?

– Contam que foi mordido por um animal selvagem dentro de sua própria casa! Dá pra imaginar?

O general Antonius espantou-se.

– Há sinais de luta?

– A esposa alega que o encontrou morto na cama – explicou Dotan. – Contou que estava nu e tinha as pernas abertas. O mais interessante é que ele estava pálido. Na verdade, “murcho e lívido” foram suas palavras!

– Por Juno! – assustou-se o senador. – Que coisa monstruosa!

Calaram-se ao perceber que alguns convidados em seu redor estavam mais interessados na conversa que na demonstração do nobre harpista.

– Falemos baixo, senhores. Sabem como o músico é sensível.

Ao final da apresentação, todos aplaudiam esfuziantes e comentavam o talento e a grandeza do executor. Em meio à algazarra, Antonius puxou Dotan pelo braço.

– E aí? Conte-me mais!

– Murcho, lívido e nu, sobre a cama. Que mais?

– Quero saber se houve roubo... Ou sevícia! Houve sevícia?

– A esposa disse que havia um compartimento na parede que fora violado. Mas ela não sabe dizer o que havia dentro dele, porque nem mesmo ela conhecia aquele dispositivo, até o momento em que encontrou o marido morto. Não sei dizer se houve sevícia, mas é mesmo bem estranho um homem nu ser atacado por um animal bebedor de sangue que arromba cofres...

– Certamente.

– Ave, augusto! – gritou um velho general.

Todos se entreolharam por um instante. Talvez fosse o tom de voz do legionário que o fizesse soar como uma crítica. Uma referência à política ostensiva de Nero e aos seus rompantes de megalomania. Era evidente a insatisfação do imperador em relação ao senado, que insistia em limitar o poder do *césar* e em se opor às suas decisões mais apressadas.

No entanto, Nero se envaideceu com o título e emplumou-se, levando a mão ao peito e ensaiando uma postura solene: os pés juntos, o olhar fixo, o queixo elevado.

Alguns convidados disseram, meio sem jeito:

– Ave.

Outros se acomodaram em silêncio.

– É muito mais que um imperador! É um anjo harpista! Um olimpiano! – exagerou o senador Septimus. – Sua música é capaz de acalmar o mais furioso dos corações! Bravo! Bravo! – aplaudiu.

Todos o acompanharam, esfuziantes.

Nero se inclinou em agradecimento. O sorriso lhe rasgando o rosto. Mas logo se desinteressou, e pediu a todos que cessassem os aplausos ao girar uma das mãos no ar, num gesto repetitivo e efeminado. Aproximou-se de Dotan e disse:

– E Titus? Onde está?

– Meu *princeps* – Dotan hesitou por um momento. – Uma fatalidade se abateu sobre o colega. Infelizmente...

– Do que você está falando?

– Parece ter sido atacado por um animal selvagem dentro da própria casa e, infelizmente, está morto.

O imperador mexeu a cara.

– Chato. Muito chato... – Puxou-o para perto e arregalou os olhos:

– Você é um herói, não é?

Dotan pareceu não entender o questionamento do imperador.

– Depende do que o *princeps* considere...

Interrompeu-o:

– É, sim! Meu tio Claudius falava muito sobre seu pai... Ou seria seu avô?! Não sei bem! Existe, não existe, uma história sobre um

antepassado seu que salvou o imperador Claudius da morte na Bretanha?

Dotan se lembrou da lança bárbara lhe trespassando o peito.

– Meu pai, sim.

– Todo herói sabe reconhecer um bom soldado, não é?

– Suponho que sim.

– Pois quero que você me traga seu legionário mais forte e belo. – Calou-se, por um instante, pensativo. – Escolha um com poucos pelos, por favor. Não gosto de homens peludos!

Dotan juntou as sobrancelhas e contraiu os lábios, num misto de surpresa e estranhamento.

– Sinto muito, augusto, mas não tenho esse tipo de habilidade – sorriu. – Não sabia que Titus prestava *este* serviço!

O imperador suspirou.

– Já não aguento Poppea. Por Juno, que mulher cheia de desejos! É de dar enjoos em qualquer um!

– Assim são todas as mulheres grávidas – regrou Antonius, que se aproximava. – Ave, augusto...

– Você já soube, Antonius? Titus foi atacado por um animal! E agora? – sorriu. – Quem vai recrutar *meus* soldados?

Antonius abraçou o imperador.

– Hoje, isso não vai ser problema, amado *princeps*! Septimus escolheu as mulheres mais lindas de Roma para seu deleite! E, certamente, uma delas vai lhe servir tanto quanto o melhor dos soldados!

•

– Tragam as máscaras – gritou o senador.

Todos os homens urraram, elevando suas taças.

As togas brancas já estavam manchadas com vinho; os generais legionários tombavam nas grandes almofadas. Os músicos deram lugar a um flautista que executava uma das canções comuns aos carnavais de Baco. Os escravos entraram e distribuíram máscaras entre os convidados. Agora todos tinham meias faces adornadas com olhos agudos, sobrancelhas espessas e chifres curtos de sátiros.

– As ninfas! – gritou um oficial. – Já chega de tanto suspense!

As mulheres entraram em pequenos grupos, até que o centro da sala ficou repleto delas.

Havia um grupo de *ninfas* de pele escura, com cabelos cuidadosamente trançados; elas cobriam seus corpos da cintura para baixo e mantinham seus torsos expostos.

Cinco moças tinham cabelos vermelhos e trajavam túnicas brancas, muito finas, que mostravam seus corpos numa discreta transparência.

As meninas de Yara entraram por último, e todas vestiam trajes egípcios com grandes decotes e perucas negras trançadas.

Drucila expunha as mãos cruzadas à altura do ventre e escondia o rosto pálido sob um olhar baixo e indeciso.

Ao vê-la, Dotan sentiu o coração disparar e logo percebeu que havia algo diferente nela: estava mais bonita do que nunca! A pele lisa e perfeita estava ainda mais branca. Os cabelos negros da peruca formavam um intenso contraste. A pintura egípcia lhe alongava o olhar azul e lhe emprestava um distanciamento quase ameaçador. O corpo estava notoriamente mais forte, com pernas grossas e barriga duríssima.

Agora o desejo crescia em Dotan. Quando percebeu, já andava em direção à moça.

Drucila perscrutou a sala, até que viu o imperador jogado numa almofada. Uma mão abraçando a harpa, outra mexendo nos cabelos.

– *Use o poder* – disse a voz em sua cabeça. – *Somente Nero pode lhe dar o que você quer!* – O hálito frio em sua nuca. Um arrepio.

– Me contaram que você estava doente – disse Dotan.

Ele tocou as mãos de Drucila e, ao fazê-lo, sentiu um choque lhe percorrer os braços e se espalhar por seu corpo. Sentia o cheiro das carnes dela. Por um momento, não via nada em seu redor, como se fosse novamente aquele deus chacal que se alimentava de gente.

– Nunca estive tão bem – respondeu sorrindo, deixando os dedos deslizarem pelas mãos de Dotan.

O homem-lobo sentiu as garras crescendo, afiadas, e respirou profundamente, tentando se acalmar.

– Você é que me parece envelhecido – brincou a moça, correndo os dedos entre seus cabelos brancos. Deixou-o em pé, parado, no meio da sala, e andou apressadamente até o imperador.

– Nenhum rapaz? Nenhum mesmo? – insistia Nero, fitando uma mulher que se ajoelhava aos seus pés.

Drucila tocou o queixo da moça ruiva e a encarou.

– Deixe-o. Você não quer ficar aqui.

Viu a moça se levantar e andar em direção à saída.

Nero a olhou com desdém. Deixou o corpo tombar sobre as almofadas.

– Sinto tédio.

– Um imperador nunca deveria se sentir entediado – ela arrematou, sorrindo, enquanto se ajoelhava. – Meu *princeps*...

– Sim?

– O que o faria feliz?

– Saia daqui. Vá com qualquer um! Não estou bem. Hoje, prefiro dormir sozinho a perder tempo com uma mulher! – Sentou-se, sobressaltado. – Não pensei que uma esposa grávida pudesse ser tão insuportável! Poppea me enerva! Não me entenda mal! Eu a amo, sim, com certeza! Mas... Olhe: está gorda e inchada, e toda comida lhe faz mal! E à noite sempre empestia o ar com um fedor horrível! Só você vendo! Gosto de coisas bonitas e cheirosas! Como você! – sorriu. – Mas hoje não. Toda mulher me faz lembrar Poppea... E ela está *pior que o ruim*! Quero esquecê-la, nem que seja por alguns minutos! – Efeminou-se: – Saia daqui, mulher, saia! Já disse. Ai, que horror!

Drucila debruçou-se nas almofadas, apoiando os braços sobre o corpo do imperador, e o encarou.

– Sou tudo o que você quiser que eu seja!

Nero viu a íris azul refletindo sua imagem. Então, os traços de Drucila pareceram mudar diante de seus olhos. Ela levou uma das mãos aos cabelos e se livrou da peruca.

Fitou-a mais uma vez, e se surpreendeu ao ver nela os traços de um forte e bonito rapaz. Tocou o rosto de Drucila, sentindo sua pele lisa e fria.

– É a escultura mais linda! Como...?

Drucila o interrompeu:  
– Preciso de você. Agora!



## 25

Continuava fitando a moça e vendo-a como um rapaz.

– Um lindo Cupido, é isso o que você é.

Ao entrarem num dos quartos da casa, Drucila sussurrou em seu ouvido:

– Mande-os embora daqui.

Nero encarou o mais velho dos guardas que os acompanhavam.

– Esperem lá fora! Vão!

– Meu *princeps*...

– Saiam! – gritou, irritado. – Saiam, saiam, saiam, saiam! Já falei!

Os homens não queriam aceitar aquela ordem porque julgavam se tratar de um absurdo, já que era costume do imperador ter sua guarda presente em *todas* as ocasiões. Mas logo obedeceram.

Aos olhos dele, ela tinha o corpo longo e músculos marcando a pele branca, que, agora, orvalhava gotículas de suor.

– Como você faz isso?!

Ela se aproximou dele e sussurrou:

– Sou um presente dos deuses para você.

O imperador a beijou apaixonadamente.

Ela sentia o coração de Nero tamborilando através da pele e do tecido fino da túnica. De repente, repeliu-o, empurrando-o sobre a cama.

– Agora sou eu quem manda!

Nero levou as mãos à boca, como se quisesse roubar de si mesmo o sorriso que logo se transformou numa imensa gargalhada. Sentia-



se livre e feliz, como nos tempos de infância, longe das obrigações e cobranças do império, dos artifícios de um senado ávido pelo poder e de uma nobreza corrompida que o angustiava com tantos deveres. Esfuziante, como o menino que corria pela propriedade campal, entre escravos. O rapazinho que dormia sobre a relva com garotas tão jovens e cheias de sonhos quanto ele, com lábios melados com sumo de frutas maduras.

– Bruxaria!

– Divindade – Drucila arrematou. – Sou tudo o que você quiser que eu seja. Não me quer?!

– Sim – respondeu alucinado. – Sim! Quero sim! – Em seu redor, via as flores crescendo. Os desenhos de homens e mulheres que ornamentavam as paredes do quarto ganharam vida e formaram pares que se enlaçavam entre beijos; logo, as imagens se deitaram no chão do quarto, em redor do casal, numa orgia mágica e impossível. – Divindade! – Sentou-se na beirada da cama.

Drucila ajoelhou-se, interpondo-se entre as coxas dele, beijando-lhe a pele.

Ele deixou o corpo tombar de costas sobre a cama. Sentia a carícia dos lábios frios, e, logo depois, a dor aguda e fugaz em sua virilha.

– Quê?! – A surpresa deu lugar a uma onda de calor que se espalhou por seu corpo. Via, agora, o teto se abrir sobre sua cabeça, e o céu azular de felicidade. Por um momento, pensou se sentir encandeado pelo sol, mas logo viu Apolo voando numa biga puxada por cavalos alados. O deus laçou o sol e o sequestrou dos céus, somente para agradar o imperador. – Divino...

Drucila degustava os segredos e anseios de uma vida inteira ao beber aquele sangue avidamente. Até que parou. A gota vermelha escorrendo no canto da boca. Ouviu, em sua mente, uma voz lhe dizer que deveria parar. Voz que – por mais absurdo que aquilo pudesse parecer – transmitia a intenção sem que lhe sussurrasse palavras. E novamente sentiu uma presença em seu redor: uma visita sombria que a protegia e a agradava com aquele poder maravilhoso, com a força, e o desejo de sangue tão doce e pulsante quanto a própria vida. Sentiu, por um segundo somente, uma mão

gelada pousar sobre seu ombro. A brisa em seu ouvido dizendo que não poderia matá-lo, que sua verdadeira missão estava perto de ser revelada, e manter o imperador prisioneiro de sua magia era parte de um plano maior. Ela observou Nero se contorcendo sobre a cama, sentindo um prazer sem precedentes. Inclinou-se sobre seu corpo e tocou o rosto dele, obrigando-o a fitá-la.

– Leve-me para o palácio com você!

•

### **Na noite seguinte**

Acordou em completa escuridão. Encheu o peito de ar, sentindo uma suave crepitação em seus pulmões. Agora tinha certeza: parava de respirar enquanto dormia.

Morta... E viva, como nunca se sentira antes.

Sentou-se na cama. Os pés tocaram o chão de mármore, as mãos acariciaram o tecido fino da colcha.

Sentiu a noite lá fora, e andou até a janela do quarto, abrindo-a, deixando a lua lambar seu rosto com uma luz fria de prata. Agora observava o quarto em seu redor: as finas tapeçarias, as estatuetas de mármore, os vasos com desenhos neuroticamente detalhados. Havia ali uma infinidade de coisas que seus olhos nunca antes deslumbraram. Concluiu que o quarto reunia obras de arte de vários países. Sorriu. Sentia-se em casa. Apesar de aquele lugar ser ainda mais sofisticado que sua antiga morada – a casa de Emilianus –, era bem mais familiar que a Casa de Yara.

Lembrou-se do baú de madeira, cheio de dinheiro e joias, que encontrou na casa de Titus, mas logo percebeu que não precisaria mais daquilo. As meninas de Yara que dividissem seus pertences! Para que dinheiro, senão para conseguir o que se quer ter?

*É só pedir, e todos fazem o que eu quero!*

Riu de quão estranha e absurda essa ideia parecia, até que a lembrança do ex-marido roubou o sorriso de seu rosto.

*Ah, meu amor, sua boca em minha pele...*

Lembrou-se de Esther e do jeito arrogante da escrava, que tomou seu lugar no coração de Emilianus.

– Vai me pagar, nem que seja a última coisa que eu faça, vai me pagar! – Fitava o espelho de metal e tentava enxergar nele o próprio reflexo, mas surpreendeu-se ao perceber que, por algum motivo, não conseguia vê-lo.

Ao abrir a porta, viu as portas dos quartos de hóspedes. Oito cômodos, dispostos lado a lado. À sua esquerda, viu o longo corredor de chão atapetado, deslumbrou-se com os reluzentes candelabros de ouro e andou lentamente, tocando as pinturas nas paredes, e sentindo os movimentos das pinceladas que as compuseram.

Que poder era aquele? Tão imenso e aparentemente ilimitado? O que ela fizera para merecê-lo?

Estendeu a mão à frente do rosto e viu um feixe de luz, que oscilava da cor azul à verde, tingindo sua pele. Viu os inúmeros e coloridos vitrais, longos e retangulares, que se estendiam pelo teto do corredor. As fendas vedadas com vidro colorido eram estreitas demais para permitir a passagem de um invasor, mas largas o suficiente para iluminar o corredor. As brancas paredes de mármore, entre os painéis, causavam no observador a impressão de que se moviam devido às luzes multicores e ondulantes.

*Já vi tudo isso antes,* concluiu. De alguma forma, o sangue de Nero lhe mostrava todos os aposentos do palácio. *A verdade está no sangue e somente nele.* Viu, em sua mente, o caminho de pedras calcárias e irregulares: era o mesmo caminho que percorreu, na noite anterior, entre o portão principal, guarnecido por seis legionários armados com lança e escudos, e a pequena escadaria de mármore que dava acesso às portas do palácio, vigiadas por dois soldados que mantinham suas lanças sobrepostas. Dos dois lados do caminho de pedras verdejava um lindo e espaçoso jardim, com canteiros de flores coloridas e estátuas de mármore. O lado direito do jardim tinha uma área coberta. Sob a cobertura ficava uma mesa baixa, o piso forrado com tapete vermelho, decorado com almofadas de seda branca. Era ali que o imperador gostava de jantar, beber vinho e tocar sua lira. Em redor da área coberta, em meio ao gramado, seis estátuas de mármore lembravam que aquela era a morada do imperador: um Nero austero e desafiador, em meio às

estátuas do seu tio Calígula e do seu antecessor, Claudius, além de um imponente Tiberius e das estátuas de Octavius Augustus e de Gaius Julius César.

À esquerda do caminho de pedras, uma bifurcação que invadia o lado esquerdo do jardim, decorado com estátuas de diversas divindades do panteão romano. Ao final da pequena bifurcação havia um estábulo, e, ao lado, o posto da guarda pretoriana, onde o oficial encarregado tomava nota das ocorrências do turno, escrevendo com uma caneta de cobre sobre uma placa de metal encoberta com cera. Uma das portas da sala levava ao arsenal, onde Drucila viu os grandes escudos retangulares enfileirados, os elmos com seus penachos vermelhos, guardados em prateleiras, e os gládios e lanças organizados e limpos.

Uma das portas do arsenal levava a uma escada helicoidal. No subsolo, o calabouço, formado por oito pequenas celas que serviam para prender os inimigos do império que logo seriam levados à presença do *princeps*. Algumas vezes, os legionários que fossem pegos bebendo em serviço eram obrigados a passar uma ou duas noites trancados naquelas celas escuras, úmidas e malcheirosas. O lugar, que permanecia vazio na maior parte do tempo, tinha outra escadaria: uma saída que levava à lateral do palácio, guarnecida por dois lanceiros que se revezavam em turnos.

Caminhou lentamente pelo corredor. *Quartos de hóspedes, um acesso interno para o posto da guarda e para o arsenal.* Mais adiante viu, à sua direita, o quarto de Nero e Poppea. Viu, em sua mente, a cama com lençóis de seda que estavam do outro lado daquela porta. No quarto havia uma grande janela, sobre uma encosta íngreme e acidentada o suficiente para garantir ao imperador segurança contra um possível invasor. Viu o grande candelabro no teto e as arandelas com lamparinas de ouro nas paredes, entre escudos, machados, gládios e lanças. Armas trabalhadas com ouro e pedras preciosas. *Gosto esquisito, pensou a visitante. Armas no quarto de dormir?*

Ao se aproximar da porta do quarto, ouviu o som das sandálias dos dois legionários se chocando contra o piso, e o chiado que as

lanças de metal produziram, quando arrastaram uma sobre a outra, vedando a passagem.

Ignorou os legionários, andou entre as colunas de mármore negro com veios prateados e se encantou com a beleza do material. Viu a biblioteca ao final do corredor.

À esquerda da biblioteca, o grande salão de festas, cujo teto possuía uma abertura que colhia a água da chuva e a represava numa piscina. Através da transparência das águas se via o fundo, com seus desenhos de homens fortes e mulheres nuas, que se enlaçavam e se possuíam. Em redor da piscina, tapetes, almofadas, mesas pequenas e baixas, paredes decoradas com pinturas de sátiros, ninfas e centauros. Uma das portas levava à cozinha e às fornalhas, e uma escada conduzia ao piso inferior, onde as escravas escoavam parte da água da piscina do salão de festas e a aproveitavam na lavagem de roupas e tapetes. Abaixo do salão havia também uma latrina e um vomitório. À direita da biblioteca, no salão de audiências, vozes masculinas se misturavam, até que Drucila conseguiu ouvir:

– São numerosos e organizados – disse um dos homens.

Mesmo antes de entrar, ela previu a luz que invadia a abertura no teto, a piscina rasa com minúsculos peixes. Sob a água, um mosaico exibia um Netuno furioso, movendo ondas em seu redor, manejando um tridente, enquanto dezenas de tritões e sereias emergiam do mar, soprando cornetas e encantando monstruosos cavalos-marinhos. Uma das paredes tinha sido pintada com um mapa do império romano, com todas as suas províncias. Uma mesa com a maquete de Roma estava recostada à parede deste lado da sala. Um trono de concreto e mármore se elevava em um dos cantos. Sua função, Drucila sabia, era meramente decorativa. Havia uma mesa grande e circular. Em torno dela, pequenos pilares de concreto substituíam as cadeiras.

Drucila sentiu a presença do imperador ao ouvir seu coração disparando no peito. O desespero e a indecisão saturavam o ar com um cheiro que, para ela, era fortíssimo.

– Mas o que vocês querem que eu faça? – perguntou Nero.

Antonius sugeriu:

– Não queremos induzir nosso *princeps* a nada, até porque seria um crime tentarmos manipular o imperador, mas tem de haver algum tipo de contenção às ações desses *Cristãos*. E, ao meu ver, o caso demanda urgência.

Dotan não disse nada, pois sabia que muitos cristãos tinham origem judaica. Não poderia se deixar influenciar por suposições e descumprir ordens superiores, mas já torcia para que o imperador ignorasse as sugestões do general Antonius.

– Mas Roma é um estado onde todas as religiões são permitidas, contanto que não firam os direitos dos cidadãos! Prender cristãos não é o mesmo que apreender e executar pagãos que matam virgens e bebem sangue em rituais bárbaros – retrucou Nero. Coçou a cabeça, parecendo confuso. – O que eu faço? – riu nervosamente. – Uma coisa é matar cinco ou seis malucos reunidos numa caverna em adoração a uma deusa campestre e quase esquecida; outra, totalmente diferente, é dizimar centenas de pessoas, assim, sem motivo justificável. Não parece uma loucura? Um exagero? E pra quê? Ora, que mal pode haver em uma religião de pobretões e coitados, cujo sumo sacerdote morreu há décadas? Eles não sacrificam ninguém, não admoestam os cidadãos com seus rituais...

– O problema não está na religião em si, mas na *congregação* – tomou a palavra um dos oficiais que o rodeavam, enquanto abria um grande papiro sobre a mesa redonda. – Se reúnem aqui – o dedo sobre o mapa –, aqui e aqui. Mas, semanalmente, se reúnem num grande auditório aqui.

– Um chiqueiro esse lugar – disse o imperador. – É cercado por lixo!

– Por isso mesmo que o escolheram – explicou Antonius. – Os cristãos pregam a simplicidade. Mas achamos que seja apenas uma forma de camuflarem suas verdadeiras ambições. Nessas reuniões semanais se discutem temas como religião, raça e tradição... Além de política, obviamente.

– Política de cristãos? Em Roma? – riu.

Dotan sentiu a presença de Drucila e virou-se para contemplar parte de seu corpo, que se escondia por trás da porta.

– Não se importe comigo – pediu ela baixinho.

Antonius fitou o imperador.

– Augusto?! O que essa mulher ainda faz aqui?

– Trouxe-a comigo ontem. Não lembra? É minha convidada e vai morar aqui, pelo tempo que eu quiser.

Dotan encarou a moça por alguns segundos.

– Talvez a companhia das damas lhe interesse mais que as questões de segurança pública. – Virou-se para o imperador. – O *princeps* não concorda?

Nero se lembrou de Drucila dizendo: “Sou um presente dos deuses para você”, e, por um momento, viu-a como Minerva, em sua suprema sabedoria. Enfeitiçado, respondeu:

– Drucila é minha conselheira. Não tenho segredos para ela.

Antonius tocou o ombro de Dotan, impedindo que o amigo se pronunciasse, e arrematou:

– O imperador é quem decide, mas precisamos sair daqui hoje com um plano de ação. Os cristãos são uma ameaça iminente.

Drucila se lembrou de Esther e da pequena cruz que ela levava no pescoço, de Abrão se deitando em sua cama, e depois a acusando de mentira e adultério. Lembrou-se do ódio que sentiu ao perceber que Rachel também mentira ao prometer que nunca contaria que a vira com Luna, no meio da noite, recebendo os homens em seu quarto.

*Hipócritas. Cínicos.*

Aproximou-se de Nero e sussurrou em seu ouvido:

– Acuse-os, e logo parecerá verdade! Diga que se reúnem para lhe tomar o poder e os crucifique, como foi feito com o Messias que eles tanto adoram! Dizem que ressuscitou, não dizem? E se orgulham tanto da crucificação que enfeitam seus pescoços com pequenas cruces de madeira? Logo, os agracie com a chaga que tanto ostentam: crucifique-os e ateie fogo em seus corpos, para que suas carcaças iluminem toda Roma, e para que o povo saiba que são ratos, ladrões e mentirosos que desejam somente riqueza e poder!



## 26

**A**ntonius protestou:

– Mas isso é inconcebível. Creio que um genocídio não se justifica em hipótese alguma! Minha intenção era somente prendê-los e proibir os cultos; talvez, até executar seus líderes, mas isso já seria suficiente!

– Talvez não seja um absurdo – disse Nero. – Mortos, eles não nos trarão problemas, tenho certeza.

Drucila deu-lhes as costas e, enquanto saía, sentiu a mão do imperador lhe apertando o braço.

– Não vá! – Havia um brilho de ansiedade em seus olhos.

Os homens se entreolhavam, confusos e indignados.

Dotan observava aquela cena e a achava inconcebível: o imperador implorando a atenção de uma meretriz. De súbito, assustou-se ao perceber a sombra da moça que estava projetada na parede, às costas dela. Por um momento, ele pensou ter visto uma silhueta negra e feminina com chifres incrustados na testa, até que o vento entrou pela janela e fez um dos candelabros balançar, deformando aquela imagem horrenda.

– Tenho que visitar uma amiga – anunciou Drucila sorrindo. – Você já sabe o que fazer. – Aproximou-se de Nero e beijou seu rosto. – Quando voltar, conversaremos.

•

– Você?!



– Por que a surpresa? Achou que eu tinha morrido?

Parada à porta, Luna observou Drucila por alguns instantes.

O rosto liso e branco parecia feito de mármore. Os olhos se tornaram ainda mais azuis e emitiam um brilho sobrenatural. Os cabelos moldados em cachos inacreditavelmente perfeitos, como se tivessem sido arrumados por uma talentosa criada. Usava uma belíssima túnica, longa e vermelha, trabalhada com detalhes feitos com fios negros e brilhantes. O colar e os brincos de rubi criaram uma harmonia perfeita. Os braços eram rijos. Os seios, apertados no decote.

– Emilianus aceitou você de volta?

– *Ainda* não.

– Então, se casou com um velho rico, só pode ter se casado!

– Um velho? – Drucila riu. – Nunca.

– O que você quer de mim?

– Preciso conversar com você. – Tentou dar um passo adiante e entrar na casa, mas sentiu o corpo paralisar.

Ao ver a visitante andar em direção à porta, Luna virou-se e se dirigiu ao átrio, esperando que ela a acompanhasse.

– Não quero que me vejam conversando com uma meretriz! – E calou-se ao perceber que Drucila não a acompanhava. – Afinal, quer ou não quer entrar?

Drucila tentou dar um passo adiante, e mais uma vez não conseguiu. O que a proibia de entrar na casa?

– Entre, mulher! Entre logo de uma vez! – convidou Luna.

Sentiu o corpo despencar para a frente, quando o muro imaginário se desfez, permitindo que ela entrasse.

– Sente-se.

Obedeceu.

– Preciso que você...

Luna a interrompeu:

– Espere! Antes de qualquer coisa, preciso saber o que aconteceu com você! Casou-se com um comerciante de escravos? Diga logo... Você sabe como sou curiosa, não sabe? Há pouco tempo, me disseram que você estava magra, doente, vivendo num prostíbulo. E

agora quase morro de susto ao vê-la trajada como uma princesa à minha porta! Algo fantástico aconteceu!

Drucila verteu um semblante sério quando disse:

– Sou conselheira do imperador.

Luna se dobrou numa deliciosa gargalhada.

– Não ria.

– Desculpe, Drucila, mas é ridículo!

– Não, não é – irritou-se.

Drucila ouviu as batidas do coração de Luna e imaginou o pulso em seu pescoço jorrando o sangue em sua boca. Lembrou-se do cheiro de Luna, da pele macia, quente e rosada. Seu sangue devia ter um gosto tão sensual quanto seus beijos.

O sangue de Titus já não corria em suas veias, e o pouco que bebeu do imperador não serviu nem para aliviar sua sede. Melhor que matá-la, decidiu, seria usar o poder de persuasão para convencê-la a lhe servir. E a encarou dizendo:

– Você vai me ajudar.

Estranhou.

– É o quê?

– Olhe pra mim. Sou tudo o que você quiser que eu seja!

Luna a fitou por alguns instantes, estática, mas logo explodiu numa imensa gargalhada.

– Mas que loucura é essa, mulher? Endoidou? “Você é tudo o que eu quiser”? Querida que você fosse mais esperta e não tivesse deixado seu marido descobrir nossa brincadeira! – Aproximou-se, ainda sorrindo. – Sabia que Emilianus não fala comigo? Sabia? Me odeia! E só não faz algo para me prejudicar por causa da minha família...

Drucila desviou o olhar. Estava confusa. Tinha sido tão fácil encantar Titus e Nero, homens tão austeros e decididos. Por que ela não conseguia convencer Luna? Ou Emilianus, que tanto a amara?! Não seria mais fácil convencer uma amiga ou um amante?

– Quero que você se aproxime da nova esposa de Emilianus!

Luna olhou de lado.

– Ainda isso?

Meneou a cabeça, dizendo que sim.

– Escute, se eu estivesse em uma situação como a sua, me casaria novamente. Pelo jeito, você encontrou um dote, não foi? Então, use-o para se casar de novo... – Tocou a mão de Drucila, e, por um momento, estranhou sua frieza. – Não a odeio. Na verdade, sempre fui sua amiga. Mas há situações em que não se pode manter uma amizade... Olhe, vou lhe propor um acordo: podemos nos encontrar aqui em casa, sem que ninguém saiba disso, está bem? Confesso: sinto saudades das nossas conversas, e, pelo visto, logo você vai estar de volta à nobreza. Vou ajudá-la! Pronto! Decidi! Mas... Como é que eu vou me aproximar da esposa de Emilianus, se ele não quer me ver na casa dele? E mais: ela sabe que eu sempre fui sua amiga. Não vai aceitar minha amizade.

Drucila pensou por um instante e depois sugeriu:

– Diga que se arrependeu por ter causado tanta dor a Emilianus, mas que, se não o tivesse feito, ela nunca teria se casado com o dono da casa. Quem sabe não é um começo?



## 27

**D**otan andava apressado pela rua e, ao se lembrar de Drucila, pensou: *Ela, uma bruxa desgraçada! O imperador, um imbecil que se deixa dominar por uma mulher!*

Sentia calor, apesar de perceber o vapor que saía de sua boca se condensando numa nuvenzinha de fumaça. A imagem daquela mulher misteriosa não lhe saía da cabeça. Sempre admirara sua beleza, desde que ela havia se casado com o grande amigo, mas era como se Drucila tivesse se transformado em algo diferente. Sua presença o enchia de desejo, de confusão e de fúria! Sim, era isso o que sentia: ele a queria e ao mesmo tempo a odiava. Sentia o coração bater freneticamente, mantendo os punhos cerrados. Precisava relaxar. Tinha de encontrar uma forma de se esquecer dela, pois o que ele realmente queria era possuí-la. Afastou Drucila do pensamento e se lembrou de Luna, a quem amava na medida certa, entre a paixão e a doçura... Subitamente, a imagem do rosto simétrico e delicado de Vered, com cabelos macios se derramando sobre o rosto, oscilou diante dos seus olhos.

Sentiu novamente o arrepio que anunciava a presença conhecida. Era a voz de Drucila que ele ouvia:

- Lembre-se: faça a molambenta pensar que você gosta dela!
- Pode deixar – Luna respondeu.

Viu as duas mulheres conversando, a alguns metros, e rapidamente se escondeu por trás do muro de uma das casas da vizinhança. Via as pontas do cabelo arrumado se movendo ao vento.

A pele reluzindo a luz da lua. A barra do vestido vermelho arrastando, enquanto descia a pequena escadaria que havia em frente à casa.

Sentiu vontade de segui-la, mas logo percebeu que seria loucura. Sentia o calor na barriga, as garras crescendo juntamente com a excitação. Por um momento, temeu sucumbir ao desejo de devorá-la, em meio à sigilosa escuridão. Devorar uma linda mulher, algo que, havia centenas de anos, não se permitia fazer... Não! Ora, mas que sensação era aquela que o surpreendia? Depois de tanto lutar, e de aprender a controlar as transformações, tinha novamente aquele impulso quase incontrolável?! E a lua nem mesmo estava cheia! Sabia, porém, que deveria segui-la, pois ela agora se dirigia a uma parte da cidade distinta do palácio. Aonde iria? Prestaria contas a alguém? Havia um senhor que a orientava a manipular o imperador? Quando se deu conta, já a seguia pelas ruas escuras de Roma. Sempre a distância, espreitando, observando, desejando tocá-la...

*Bruxa, sim!*

Drucila entrava nas ruas e saía delas a esmo, como se estivesse perdida. Parou numa das calçadas e se encostou a uma parede, mantendo o olhar baixo e perdido, como se esperasse por alguém. Ao ver um estranho se aproximar, ela o encarou com olhos suplicantes, mas um pequeno grupo de escravos que acompanhava o nobre surgiu na esquina e ela retomou seu destino, andando apressadamente. Agora, Dotan entendeu que ela estava decidida e sabia para onde ir.

O homem-lobo a seguiu em direção à cidade baixa, até que a viu parar na entrada de um beco. O corpo sinuoso encostado à parede, o olhar perdido... Até que um braço imundo e magro surgiu em meio às sombras do beco e a puxou pelos cabelos.

Dotan viu um homem descabelado e com dentes escuros encostar um punhal no pescoço da moça e lhe lamber o rosto.

Os olhos azuis não esboçavam reação alguma.

O oficial desembainhou a espada e correu para salvá-la, mas, antes que os alcançasse, ouviu um grito de terror que por um segundo fez suas pernas pesarem. Não eram gritos de uma mulher assustada, mas de um homem desesperado que via diante de si algo

pior que a morte. Andou, escondendo-se novamente, usando a parede do beco como esconderijo. Enfim, ele a viu como ela realmente era: os dedos longos com garras agudas e embebidas em sangue. As sobrancelhas arqueadas emoldurando olhos completamente negros, como se as pupilas devorassem as íris numa imensa escuridão que contrastava com a brancura marmórea de sua pele. Os dentes afiados rasgando o pescoço daquele homem desgraçado, até que os gritos foram abafados pelo som borbulhante de sangue jorrando de suas carótidas, quando ela estraçalhou a traqueia dele com mordidas.

Enfim, o silêncio.

Em seguida, o som nauseante de um animal chupando o sangue de sua vítima.



## 28

Ver o monstro bebendo sangue resgatou profundas lembranças que jaziam perdidas na mente de Dotan.

Viu-se em Sodoma.

Hanni-Baal o encarava com ar de escárnio:

*– Enquanto conversamos, sua carne apodrece... A vida de um mortal é feita de desprazeres, de obrigações. E, quando você perceber que é tempo de aproveitar, seus ossos e suas carnes vão doer tanto que tudo o que você vai querer é tomar uma taça de vinho e dormir.*

Desviara sua atenção por apenas três segundos, mas este pequeno lapso de tempo foi suficiente para que ele perdesse Drucila de vista.

Agora, via o homem estendido no chão, imerso numa poça de sangue, e se aproximou para que pudesse observá-lo de perto.

O pescoço dilacerado, o olhar petrificado de pavor.

*Uma quimera, um monstro bebedor de sangue, como Hanni-Baal!*  
Foi o que pensou.

No instante seguinte, porém, já não acreditava nos próprios pensamentos. Não sabia ao certo por quê, mas as lembranças do passado distante estavam envoltas numa névoa de mistério, e, dessa forma, assumiam um caráter duvidoso que sugeriam ser meras alucinações. *Mas bebedores de sangue existem! E é isso o que ela é!*

•

Já em casa, ouviu a voz do seu fiel escravo.

– *Dominus*, precisa de alguma coisa?

Dotan levantou a mão em negativa.

– O que o aflige, meu senhor? Posso ajudá-lo?

– Onde está Lucius?

– Dormindo, meu senhor. Já é tarde.

– Pode se recolher. Não sinto fome nem sede.

Dotan via a luz que brilhava no corredor, e a perseguiu, até perceber que vinha do quarto do menino.

A porta entreaberta.

O filho deitado na cama, com olhos fechados, e os cachos dourados caindo sobre a fronte.

Aproximou-se do candelabro e o apagou.

– Pai?

– Não tem medo de pôr fogo no quarto? – repreendeu, ensaiando um sorriso que não escondia, por um segundo sequer, a confusão em sua mente.

– Gosto da luz. Me sinto bem. Posso dormir com o candelabro aceso?

Dotan sentou-se na beirada da cama e observou o menino por um instante.

– Você não entende, não é? Não sabe quanto se pode amar um filho, porque ainda não os teve. – Tocou seu rosto. – Amo você da mesma forma que amei todos os meus outros filhos que já se foram. Acredite, queria tê-los comigo hoje, mas... É muito pouco, entende? O tempo... A vida de um homem é um risco desenhado na superfície de um lago. Se eu pudesse, eu o teria comigo para sempre... Tenha cuidado! Você é meu bem mais valioso. Então, aprenda a dormir no escuro, porque ninguém está livre do perigo de um incêndio!

•

O silêncio da noite agora fora preenchido pelo som da água da fonte deslizando sobre suas curvas. Os seios pareciam maiores e



mais tensos que antes, como uma Vênus esculpida em mármore.

A Abadia das Três Fontes era um dos pontos mais concorridos da cidade durante o dia, mas, naquela noite, fora cenário de uma demonstração de um encanto demoníaco e solitário: a beleza se banhando na fonte. Via o sangue tingindo a água de vermelho. E ao perceber que estava limpa, sentou-se na beirada da fonte para observar sua grandeza. Via tudo em seu redor com inusitada graciosidade: o céu, que antes era negro e sombrio, tornara-se uma malha de luzes e pontos brilhantes. Via as estrelas se agrupando, formando desenhos. Tocou as estátuas da fonte e sentiu os golpes do artista que as idealizou, penetrando a massa disforme de pedra. Saiu da água, os cabelos molhando o chão ao redor, e resgatou o vestido que deixara sobre a beirada da fonte.

Ao notar que o céu vertia um tom anilado que anunciava o dia, ela correu até o palácio.

Segurava a barra do vestido com uma das mãos e o elevava à altura das coxas. As pernas se moviam numa velocidade sobrenatural... Entrou em seu quarto sem que nenhum dos guardas percebessem sua passagem. Fechou as janelas e cerrou as cortinas, inundando o quarto em uma escuridão absoluta. Livrou-se das roupas e se deitou na cama macia e limpa.

•

Despertou ao perceber que o quarto tinha sido tomado por uma luz fortíssima. Num reflexo, virou-se para a janela e esperou contemplar a luz do sol lhe ameaçando a existência, mas logo se deu conta de que as cortinas continuavam fechadas. Os lençóis brancos se tornaram azuis, e as palmas de suas mãos também haviam ganhado uma cor diferente. Levantou-se e contemplou a luz negra e fria que vinha do teto do quarto. Até que um corpo nasceu daquele fecho iluminado, aproximando-se lentamente de Drucila.

Primeiro ela viu a silhueta de um corpo masculino com longas asas. Os braços desenhados, o torso forte, a barriga firme. Agora via um anjo pálido com asas negras e braços abertos.

– Filha.

Drucila tombou de joelhos e encostou sua fronte no chão.

– Não tenha medo, Drucila. Você foi agraciada por Plutão. Agora, levante-se.

Ela lhe obedeceu.

– Você ficará grávida e dará às *trevas* um filho, e lhe porá o nome de Dragus. Ele reinará para sempre no mundo. Seu reino jamais terá fim.

– Mas... Senhor, não posso ter filhos! O que eu mais queria era... Como...?

– O Espírito virá sobre você, e o poder do Magnífico a cobrirá com sua escuridão. Assim, aquele que nascer será chamado o Anticristo, Filho de Plutão.

Drucila tombou novamente sobre seus joelhos e beijou os pés do anjo negro, em prantos. E o encarou com olhos embebidos em lágrimas cor de rubi.

– Senhor, eu acredito! Sim, eu acredito!

Ele gargalhou ruidosamente e disse:

– Calma, mulher. Eu estava brincando com você! – Sua luz feneceu. Seu corpo, que flutuava, desceu até tocar o chão com seus pés. Recolheu as asas num ruidoso farfalhar. Agora ela o via como um homem moreno e bonito. O mesmo homem do sonho que a trouxe de volta à vida. – Que conversa ultrapassada, essa de conceber sem conjunção... Ora, se eu dispensaria uma boa fornicção?! – riu novamente. – Será mãe, sim, mas seu filho nascerá do meu poder que habita a sua carne. – Verteu um semblante sério, num átimo. Aproximou-se dela e estendeu as mãos para que se levantasse. – Nosso filho não nascerá do seu ventre, mas do ventre daquela que se deita com o imperador. A esposa de Nero está grávida, você sabia?

Meneou a cabeça dizendo que sim.

– Não perca tempo com distrações. Concentre-se na sua missão. Lembra-se do motivo pelo qual eu a enviei? Não acha que a agraciei com tanto poder para nada, acha? – Levava-a para a cama, forçando-a a se sentar.

– O que devo fazer?

– Use suas presas para abrir em seu pulso uma ferida. – Sentou-se na cama, ao lado dela. – E deixe Poppea beber o seu sangue. Nele está o meu poder. Assim Poppea se tornará escrava do seu desejo, e obedecerá a todas as suas ordens. E seu filho nascerá das trevas para dominar o mundo, como eu há pouco profetizei. – Beijou o pescoço branco e delicado dela, fazendo carícias em seu dorso. – Quando o herdeiro do império nascer, e tiver idade suficiente para governar, faça-o beber o sangue de Nero, para que ele saiba que ninguém está acima dele, senão o próprio Plutão. – Deitou-se na cama, puxando-a para perto dele. – Agora... Conceber sem conjunção? – riu. – Há algo mais ridículo que isso?

Ele a envolveu, cravando as presas em seu pescoço.



## 29

O sol lhe esquentava o rosto, quando adentrou o palácio a passos firmes. Tinha de haver uma forma de livrar o imperador daquele monstro bebedor de sangue.

– Comandante Dotan – um dos centuriões que guardavam a entrada principal o cumprimentou. O som das lanças de ferro descruzando-se. – O imperador exige sua presença.

Anuiu com um movimento de cabeça.

– Onde está o augusto?

– No salão de audiências.

Dotan andou pelo corredor imponente cujo teto era altíssimo e sustentado por enormes colunas de mármore negro rajado de prata. As luzes coloridas que emanavam dos vitrais tingiam sua placa-peito de verde, azul e laranja.

Ao abrir as portas do aposento principal, viu Nero confortavelmente assentado sobre uma pilha de almofadas aos pés do ostentoso trono de mármore e concreto. Concentrado, dedilhava sua harpa.

– Ave, augusto.

– Bem na hora! – agitou a mão, pedindo que se aproximasse. – Escute! – dedilhou uma sequência de notas de uma composição cheia de tristeza e melancolia. Até que finalmente perguntou:

– Então?!

Dotan deu de ombros.

– Não conheço a música. Meu *princeps*, estou aqui para...

– Ora, mas que agonia é esta? – irritou-se, arremessando a harpa contra a parede do outro lado da sala, produzindo um ruído irritante, como se todas as cordas fossem tracionadas ao mesmo tempo. – Percebeu?! Até o som da harpa sendo estraçalhada o comove mais que a minha composição! Posso ver em seus olhos! Diga! Diga a verdade!

– Não entendo de música, augusto, mas posso assegurar que era uma bonita melodia. Tenho algo urgente a discutir com o *princeps*!

A dúvida brilhou em seus olhos.

– Gosta mesmo? Compus para a minha deusa perolada – levantou-se, desajeitadamente, e aproximou-se de Dotan. – Nunca vi, em toda a cidade de Roma, ou fora dela, uma mulher tão bela e pálida como a minha linda Drucila! – trançava as mãos num movimento neurótico e repetitivo. – A música tem de ser perfeita, para que ela se convença de que eu posso ser um... – Deus era o que intentava dizer, mas logo percebeu que não poderia mencionar algo daquela natureza, pois, se todos soubessem que Drucila era uma deusa, como *ele pensava*, certamente tentariam sequestrá-la. Ou, quem sabe, não tentassem matar o imperador, para que ela escolhesse outro companheiro que merecesse viver entre imortais?

Ao ver o olhar de encanto do imperador, Dotan desistiu de contar a ele o que descobrira, na noite anterior. Temia que Nero, em sua loucura, o condenasse à morte por traição. Estava mesmo enfeitado pelo demônio.

– Mas não era sobre isso que eu queria conversar – revelou Nero. Puxou-o para perto da mesa grande de madeira, sobre a qual se dispunha uma maquete da cidade. – Veja! O que acha?

Dotan se aproximou da maquete e percebeu nela todas as edificações da cidade. Havia uma réplica do palácio, e de todos os edifícios do império. E as ruas que comunicavam a cidade estavam identificadas com títulos e cores distintas.

– É perfeita! – disse o oficial.

– Quando acordei, hoje, já a haviam montado! Até já mandei que levassem a maquete antiga e a destruíssem. Ah! Adoro surpresas! – os olhos se arregalaram numa mímica de pura excitação. – Aqui! – apontou para um dos prédios da cidade baixa, representado na

maquete como uma área na qual todas as ruas eram vermelhas. – Hoje é o dia em que a mudança terá início! O começo de uma Roma perfeita, digna da presença dos deuses do Olimpo!

Dotan o encarou por alguns instantes.

– Não entendo.

– Os cristãos construíram uma cidade à parte de Roma! E este é o local em que eles vão se reunir, hoje! Paulus de Tarso é o nome do incitador! E se comenta pela cidade que ele reunirá quatrocentos homens nesse galpão!

Pensou:

*Quer que eu o mate.* E disse:

– E o que o *princeps* deseja que eu faça? – sentia o coração disparar diante da possibilidade de estar certo.

– Meu desejo é crucificá-lo de cabeça para baixo! Mas esse infeliz é cidadão romano, apesar de ter origem hebraica... Por enquanto, quero apenas que o prenda. E quando eu me decidir direi o que fazer com ele.

•

– Minha Vênus?! – ele tocou sua mão, beijando-a repetidamente.

Drucila despertou sobressaltada.

– Nunca invada meus aposentos! – e, num gesto súbito, se livrou das carícias daquele homem pegajoso. Já começava a ter um pouco de nojo da figura desajeitada de Nero, mas agora sabia que ele fazia parte de um plano *divino*.

– Me perdoe, Princesa da Noite, mas o sol já se pôs, e...

Sentou-se na cama e mexeu a cabeça para um lado, depois para o outro, deixando os cabelos tombarem, pesados de cachos, enquanto se espreguiçava. Mais por costume que por necessidade, já que não ouvia mais estalos ou crepitações em suas articulações. Sorriu. Tocou o rosto do imperador.

– Não seja tão ansioso. Já disse, e vou repetir, não quero que ninguém entre nos meus aposentos – lembrou-se do dia em que bebeu o sangue de Titus, e que sofreu queimaduras terríveis por causa de alguns segundos sob o sol que ainda se erguia. Imaginou

alguém lhe invadindo o quarto e abrindo a janela para que o sol lhe desse um fim.

– Desejo que me construa uma tumba, e que a coloque aqui mesmo, em meu quarto.

– Como?

– Uma cama dentro de uma tumba selada por um pesado tampo de pedra – encarou Nero e sorriu.

– Tudo o que a minha deusa quiser! – e beijou sua mão novamente. Levantou-se, apoiou um joelho sobre a cama. Cerrou os olhos e retesou os lábios num sorriso lascivo. Tocou o pescoço de Drucila com o dorso de uma das mãos, e alisou sua pele. Deixou a mão deslizar lentamente até seu colo.

Num gesto que se tornara invisível, de tão rápido, ela apertou o pulso dele, com uma das mãos, e sofismou:

– Hoje não quero você. Meu desejo é o sangue de uma imperatriz!

•

O vapor, que se espalhava pelo cômodo, fazia as velas oscilarem numa coreografia impossível. Uma escrava jovem e morena carregava um balde com água e o colocou ao lado da banheira. Andou até um móvel de madeira e retirou de dentro dele uma esponja.

A mulher de traços afilados tinha o corpo parcialmente imerso na água. Os seios túrgidos brilhando, molhados. A imagem do ventre gravídico oscilava através da superfície da água. A cabeça apoiada na beirada deixou os cabelos longos e negros se derramarem para fora da banheira. Sentia a carícia da esponja em seu rosto. Inclinou-se para frente, enquanto a outra lhe esfregava as costas.

– E o imperador, onde está?

A moça meneou a cabeça e deu de ombros.

– É muda?

– Não, minha senhora.

– É imbecil?

– Também não.

– Então abra a boca, quando eu lhe fizer uma pergunta.

A serva deixou o olhar tombar por um instante.

– O imperador está sempre com seus asseclas, minha senhora, mas tenho certeza de que logo virá.

De súbito, as chamas das velas feneceram parcialmente e o ambiente foi tomado por uma fria escuridão.

– Saia – disse a voz masculina à porta.

As chamas das velas ganharam força, clareando o quarto para que a escrava visse a imagem do imperador.

– Saia, já disse.

Ela obedeceu.

– Tornam-se mais imbecis, a cada... – Poppea calou-se subitamente ao ver a imagem de uma bela mulher ao lado de Nero.

Drucila se aproximou da banheira.

Vestia uma longa túnica vermelha, cujas aberturas laterais deixavam as coxas expostas. Os cabelos longos espalhados sobre seus ombros e braços formavam um lindo contraste.

– Meu *princeps* – disse Drucila sorrindo.

– O que essa mulher faz aqui? – indignou-se a imperatriz.

A beleza em vermelho ajoelhou-se ao seu lado e murmurou:

– Sou tudo o que você quiser que eu seja – tocou o rosto de Poppea com a ponta dos dedos, fitando seus olhos.

Nero andou apressadamente até a porta e a trancou.

– Não é uma simples mulher, é uma deusa enviada para nos honrar com sua presença. – Via-se nos olhos do imperador um brilho úmido de emoção. – É a própria Vênus, Poppea! Não vê?!

Poppea aproximou-se de Drucila e a observou por um instante.

– Não parece divina. Linda, sim, mas...

– Não vê porque me olha com os olhos do corpo e não com a grandeza da alma – retrucou Drucila. – Veja! Os comuns não enxergam a divindade. Mas uma imperatriz? Ah! Uma imperatriz sabe reconhecer uma deusa, ou não sabe?

Calou-se por um momento, depois disse:

– Como você faz isso? – via as íris de Drucila se desmanchando em chamas azuis.

Drucila sorriu, jogando os cabelos para trás.



Aos olhos de Poppea, seus cabelos se moviam como se estivessem vivos, mexendo-se da mesma forma que as labaredas em seus olhos.

– Linda – ajoelhou-se, apoiando-se na borda da banheira, e a encarou de perto.

Drucila se levantou e desatou os laços que atavam suas vestes, à altura dos ombros, fazendo com que a túnica deslizesse pelo corpo e caísse suavemente sobre seus pés.

Poppea a via branca e luminosa como a lua. Os seios de mármore brilhavam. Os cabelos vertiam em tom vermelho e se moviam como chamas que iluminavam o quarto.

Nero sentou-se e a observou, emocionado. Por um momento viu Drucila através dos olhos de Poppea. Sorriu, deixando uma lágrima ladear seu rosto.

– Poderosa Vênus...



## 30

Quatro homens vestiam longas túnicas de cor cinza e escondiam a cabeça com capuz. Quem os observasse de longe, vendo-os se aproximarem do galpão com as mãos juntas em frente ao peito, mantendo a cabeça baixa todo o tempo, teria a certeza de que eram pontífices de alguma religião oriental.

Um dos homens elevou a mão direita com o punho cerrado. Os três encapuzados que o acompanhavam pararam num átimo.

O gesto chamou a atenção de Iacobus, que se aproximava. Por isso ele preferiu esperar do lado de fora e observá-los mais um pouco. Aproximou-se de um velho que vendia tâmaras à porta do templo e perguntou:

– Quem são aqueles homens? – Fez um gesto discreto com o olhar, mostrando-os.

O homem deu de ombros, depois mostrou-lhe uma fruta madura.

– Estão enormes nesta época do ano. Não vai levar?

Iacobus pegou um pequeno saco de couro que levava junto ao cinto e tirou de seu interior uma moeda, pondo-a sobre a banca.

O homem sorriu e, enquanto entregava a fruta a Iacobus, respondeu:

– Há mais de vinte deles, todos vestidos da mesma forma: roupa cinza com capuz... – Puxou o amigo para perto. – Escute, Iacobus: não recolhi minha banca ainda porque vendi pouco esta semana; as frutas, apesar de saborosas, não duram para sempre. Preciso vendê-las ou...

– Entendo.

– Mas, assim que todos entrarem no templo, vou embora daqui. – Olhou para os lados, como se temesse que alguém os ouvisse. – Veja: todos os homens de capuz levam armas consigo. Dá pra perceber os punhais pelo volume sob suas túnicas, à altura da cintura. – Calou-se. Encarou Iacobus, elevando as sobrancelhas; depois, virou o rosto olhando a entrada do galpão.

Os quatro homens suspeitos passavam a entrada, misturando-se aos fiéis.

Iacobus viu outro grupo formado por seis homens vestidos da mesma forma. Um deles levou a mão à cintura, acariciando um objeto sob a túnica que parecia ser, para Iacobus, o cabo de um gládio. Sentiu um arrepio percorrer a espinha ao se lembrar de que aquele gesto era extremamente comum entre os centuriões da guarda imperial.

– E Paulus de Tarso?!

– Chegou cedo – disse o vendedor de tâmaras. – Chegou logo depois de mim. Já está lá dentro há algum tempo. – E, ao ver Iacobus se afastar apressado, perguntou: – Ô, e a fruta? Não leva?

•

As pernas entreabertas.

Os pés imersos na banheira.

O corpo nu exalando um perfume que Poppea nunca antes sentira, mas sabia que era o aroma da pele de uma divindade. Aquele odor magnífico entranhou-se em suas narinas e se espalhou pelo seu corpo com uma onda de calor. Sentiu uma vontade incontrolável de beijar-lhe o ventre.

Drucila sentiu o desejo crescer em Poppea e empunhou, com a mão direita, os densos cabelos da imperatriz, aproximando o rosto dela ao seu corpo.

Poppea beijou sua barriga e, enquanto ela imergia na banheira, deixou as pontas dos dedos deslizarem pela pele do seu torso.

Nero andava em redor da banheira encantado, rindo. Esfregava as mãos como se não acreditasse no que via: duas belezas se juntando

num doce beijo.

•

– Petrus!

O homem se virou, abrindo os braços para o amigo.

– Paz em Christus, Irmão Iacobus.

Iacobus lhe respondeu com um meneio de cabeça.

– Paulus já entrou? Onde está?

– O que há?

Apontou para o grupo de seis homens encapuzados que entravam no templo, depois mostrou outros bandos igualmente vestidos, cercando o templo.

– Não sei dizer. Acabei de chegar, mas...

– Devem ser soldados, Petrus! O que a guarda imperial quer numa cerimônia cristã?

Petrus franziu o cenho.

– Talvez estejam apenas nos investigando.

Agitou-se:

– Já contei mais de trinta homens, Petrus. Acho melhor avisar Paulus.

Petrus riu.

– Seria inútil, meu irmão. Não conhece Paulus de Tarso? – Verteu um semblante sério, novamente. – E mais: *se o Senhor é conosco, quem será contra nós?* – Calou-se por um momento. – Não podemos retroceder. É isso que os romanos querem: nos assustar! Mas isso é tudo o que eles podem fazer, Iacobus. Em Roma, todos podem ter a religião que quiser, contanto que respeitem as leis. Por que o imperador nos prenderia hoje? Reunimo-nos para pregar a palavra de Christus e para fazer nossas orações. Não creio que haja motivos para tanta preocupação.

Iacobus tocou o ombro do amigo, dizendo:

– Se nos fizerem algum mal, quem levará ao mundo a palavra do Senhor?

•

– Sim! – repetia Poppea. – Assim! Assim!

Drucila a envolvia, mordiscando seu pescoço.

A carícia, que antes aprazia, logo começou a incomodar, até que Poppea sentiu as presas penetrando sua pele. – Ah – gemeu baixinho. Mas o sorriso em seu rosto mostrou que ela não se importava com aquela dor que logo desapareceu. Agora, o prazer era imensamente maior que antes. E a onda de calor, que lhe percorria o corpo, se intensificou, até ela explodir em êxtase. Por um instante, abriu os olhos e viu as gotas que desciam do seu pescoço e percorriam um dos seios, até caírem na água, misturando-se em ondas vermelhas, cada vez mais intensas. Tudo em seu redor tinha uma cor diferente, quando a luz dos cabelos de Drucila iluminou o lugar. Riu e disse: – Minha deusa!

•

No galpão da antiga casa de tecidos, havia uma alta plataforma que fora um dia usada para se observar o trabalho de homens e mulheres, mas agora era usada por Paulus em sua pregação:

– O que é mais importante que a pureza, meus irmãos?

– Nada – gritou um dos fiéis.

– A fé! – respondeu um velho.

Paulus sorriu.

– E o que alegra mais o Senhor que a benignidade?

– A caridade? – sugeriu outro cristão.

– O respeito aos mandamentos?!

Paulus abriu os braços, mas não disse nada. A pergunta por si mesma era a resposta.

Até que alguém gritou:

– Humildade!

Paulus verteu um semblante de surpresa. Apontou para o homem e gritou:

– Repita!

– A humildade! – bradou o fiel a plenos pulmões.

– Humildade – disse Paulus, como se saboreasse a palavra. – Irmãos, não há sobre a terra nenhum homem melhor que outro!

Escutou-se um burburinho entre os cristãos, depois o silêncio.

– Difícil ouvir uma afirmação como esta, não é? Principalmente, quando muitos entre vocês já foram chamados de escravos. E sei que alguns conseguiram acumular riqueza e comprar seus próprios escravos... Todos que podem fazê-lo, assim o fazem! Estou enganado? – Calou-se. Mas logo disse: – O que foi que Iesus, Nosso Senhor, nos ensinou? O que Ele nos mostrou quando entrou em Jerusalém montado no lombo de um burro? O que Ele nos provou, quando se deixou levar pelos romanos e se permitiu crucificar – alteou desproporcionalmente o volume da voz –, mesmo tendo o poder de esmagar seus perseguidores? E por que, acima de sua cabeça adornada com espinhos, deixou o céu escurecer, quando poderia tê-lo feito arder em chamas e incinerar toda a terra infectada de ímpios que o rejeitaram e o torturaram?

– Glória, Senhor! – alguém gritou.

Paulus sorriu, abrindo os braços.

– Porque Ele queria nos mostrar que a humildade é a maior das lições que um cristão *precisa* aprender. Todos são bem recebidos no reino dos céus... Todos os de bom coração. Todos os que aceitarem Christus como filho de Deus, sendo Deus o nosso único Senhor.

Petrus, que assistia à pregação à porta do templo, percebeu quando um dos homens encapuzados se levantou. Num átimo, lembrou-se das palavras de Iacobus e apressadamente saiu. Murmurou, dizendo para si mesmo:

– Quem levará a palavra do Senhor?

•

As garras se alongaram e se tornaram afiadas prolongações nas pontas dos dedos. Deixou Poppea senti-las incisando a pele dos seios e observou sua face resignada de dor. Lambeu as feridas que acabara de fazer, dizendo:

– Veja.

Poppea viu suas feridas se fechando, até a pele se tornar tão lisa quanto era antes.

– Como...?

Drucila riu.

– Quer ter esse poder?

Meneou a cabeça dizendo que sim.

– Eu também quero! – interrompeu o imperador.

Drucila não o olhou, apenas mostrou a ele uma mão espalmada, como se pedisse por silêncio, e com a garra do polegar da mão direita perfurou o punho esquerdo, até que a artéria pulsasse, aspergindo sangue sobre o torso de Poppea.

– Beba e parte deste poder será seu.



## 31

—**F**echem as portas – trovejou a voz ao fundo do galpão.  
Paulus cerrou os punhos, pressentindo o perigo.

Rapidamente, mais de quarenta homens que se encontravam assentados nas extremidades laterais das bancadas se levantaram e desembainharam seus punhais.

– Heresia! Quem desonra o nome do Senhor dessa maneira? – gritou Paulus. Mas logo emudeceu ao ver as fardas dos centuriões sendo expostas, à medida que eles iam se livrando das túnicas de tecido grosseiro. – E qual o crime que está sendo...? – Foi interrompido pelo pânico, ao sentir a frieza da lâmina em seu pescoço. A mão enorme espalmada em sua testa.

– A última coisa que eu quero é abrir sua garganta em frente a toda essa gente... Cale-se e me obedeça, e tudo vai dar certo. Seguimos ordens do imperador – disse Dotan em seu ouvido.

O burburinho se espalhou pelo lugar, e alguns fiéis que se ergueram foram obrigados a se sentar novamente, ao perceberem que os soldados se alinhavam em seu redor.

– Acalmem-se, meus irmãos – gritou Paulus. – Tudo acontece sob os olhos de Deus!

Um capitão da guarda imperial subiu no altar a passos firmes, que soaram como trovões devido à acústica do recinto. Desenrolou um pequeno papiro e leu em voz alta:

– Sob as acusações de incitação à revolta e desrespeito ao politeísmo vigente em Roma, os dirigentes desta confraria serão



presos e executados... – Foi interrompido pela gritaria eufórica dos hebreus. Então, alteou a voz, concluindo: – A saber: Paulus de Tarso, cidadão romano, e os estrangeiros Iacobus e Petrus. – Enrolou o papiro e ordenou: – Após identificação de todos os presentes e da prisão dos acusados, aqueles que não foram citados nesta sentença serão registrados e liberados mediante a promessa de não pregarem o cristianismo novamente e de não contribuírem para a disseminação das ideias que motivaram esta intervenção! Os reincidentes serão submetidos à mesma pena imposta hoje a esses três homens.

Dotan empurrou Paulus na direção da pequena escada do altar e o viu cambalear e cair de joelhos.

– Leve-o – ordenou, fitando o capitão. Tinha a voz tomada por insegurança.

Paulus apoiava-se sobre um dos joelhos, esforçando-se para se levantar, e elevou o olhar, fitando Dotan por um instante.

O oficial o desafiou com os olhos e viu a indignação estampada no rosto de Paulus se converter em surpresa. As sobrancelhas elevadas.

De repente, os lábios se mexeram, sem que dissesse nada. Logo, Paulus profetizou em aramaico, e Dotan o entendeu:

*– O que se pode fazer contra demônios em forma de gente? E como combater seres que se alimentam dos pecados dos homens e que bebem seu sangue, infectando-os com a imundície do anjo caído, senão criando um poder que lhes devore a carne e absorva a existência? Tu és filho da árvore de Ló, compartilhas das bênçãos que a ele envie, e, desde o momento em que te ungi com meu poder, passaste a ser mais que um homem e te tornaste filho da luz para que possas lutar em igualdade contra aqueles que negaram meu poder e minha palavra. Foste purificado em forma cristalina para sobreviveres à destruição desta terra amaldiçoada. Permaneceste esquecido por uma era, até que despertaste para tua missão: segue o caminho dos justos e dizima tudo o que é mau e podre. Tua missão é destruir os bebedores de sangue, e foi para isso que te criei!*

Dotan foi tomado por uma sensação maravilhosa ao observar a luz que vinha do alto acalorar sua fronte. A luz o envolveu, clareando

tudo em seu redor, até que ele se viu novamente em sua terra natal, na casa do tio e em companhia de sua amada Vered. Ouviu o riso das primas, sentiu o abraço de Ló. Suas palavras de alento e de fé... Um sorriso se espalhou no rosto de Dotan, enchendo seu coração de alegria. Até que viu o sonho se desmanchar em vermelho.

Via-se novamente no templo. À sua frente, o homem santo de joelhos sendo golpeado na nuca pelo capitão. Os centuriões subindo as escadas, amarrando o acusado e o arrastando para fora. Sentiu uma vontade imensa de atacá-los e de libertar aquele homem, mas suas pernas fraquejaram e ele tombou de joelhos.

– Agora me lembro de tudo!

•

Poppea viu o corpo da deusa ensanguentada. Olhava para as próprias mãos e não as reconhecia. Tudo em redor era igual e ao mesmo tempo diferente, como se a pouca luz fosse desnecessária para que ela enxergasse o quarto em plenitude. Sentia o mal crescendo em seu ventre. E o filho, que antes mexia a todo o tempo em seu útero, permanecia imóvel. Viu acima dos ombros do imperador uma sombra humana ameaçando golpear seu pescoço com uma longa espada. Aquilo, porém, não a assustou. Riu daquela imagem demoníaca. Fitou Drucila e disse:

– Já não mexe. – Enquanto tocava a barriga com a ponta dos dedos. – Sinta.

– E não precisa se mexer, porque está morto... E mesmo assim está vivo.

Poppea mexeu a face numa mímica de surpresa.

– Está morto? Meu bebê? – Os ombros contraídos logo relaxaram. Confusa, perguntou: – E isso é ruim?

Nero se aproximou, exibindo um semblante angustiado.

– Morto e vivo ao mesmo tempo? Como os deuses que visitam a Terra em forma humana, e depois sobem ao Olimpo ao deixarem seus corpos para trás? É disso que você está falando, minha Vênus?

Drucila sorriu.

– Morto e vivo como um deus? Claro que sim!

Nero chorou de alegria. Esfregava as mãos suadas a todo o tempo.

– Oh! Minha linda deusa, quanta graça nós recebemos! Quanta alegria! Diga-me o que posso fazer para retribuí-la! Qual a forma de um mortal como eu recompensar a poderosa Vênus por um presente tão fantástico? Ser pai de um deus imperador? Eu? Peça, e eu farei.

Drucila fitou Nero por alguns instantes, sem saber o que dizer. No entanto, logo seus olhos enegreceram e um sorriso se desenhcou em seus lábios, deixando as presas à mostra.

– Um dos médicos da legião romana, o que chamam de Emilianus, libertou a escrava Esther e fez dela sua esposa... Quero o coração daquela mulherzinha! – Apertou o braço do imperador, fazendo-o retorcer-se de dor, sentindo suas garras. – Mas que o assassino seja o mais discreto possível! Quero que a escrava desapareça, como se tivesse abandonado o marido e fugido... Não quero que ele desconfie que sou a responsável pelo seu desaparecimento. Certifique-se de escolher o homem certo para o serviço, pois é muito importante que eu continue em sigilo... – Exasperou-se: – E nada, está me ouvindo? Nada de ruim pode acontecer a Emilianus! Ele tem de estar longe de casa quando acontecer! Viajando, de preferência... E não se esqueça de exigir que o homem me traga o coração da vadia... De preferência, ainda morno.



## 32

**A**o ver o facho de luz do sol, concluiu que passara da hora de despertar.

Levy provavelmente se esquecera de acordá-lo.

*Papai não dormiu em casa de novo.*

Lucius fitou novamente a faixa luminosa se espalhando na penumbra do quarto, sentiu uma atração pelo sol, até então desconhecida, e logo se viu em pé, sentindo o calor com a ponta dos dedos.

Ao fechar os olhos, seus músculos estremeceram por um instante, como se pudesse absorver a energia do sol e convertê-la em força física.

Riu ao perceber que esse pensamento era tolo demais para um garoto da sua idade.

Ao abrir os olhos, encantou-se com a luz dourando os pelos dos seus antebraços e aproximou o rosto da janela, sentindo o calor gostoso da manhã. De repente houve um clarão, depois uma imagem, que o assustou:

*Um homem de pele escura erguia a mão acima de sua cabeça e segurava um cutelo.*

*O reflexo na lâmina parecia uma minúscula estrela branca; os músculos do homem se contraíam, antecipando o golpe. E, ao ver seu braço desabar como uma guilhotina, ele foi impelido ao reflexo de se jogar para trás e de se afastar daquela arma letal.*

Lucius ouviu o guincho de um porco, enquanto caía sentado no chão do seu quarto.

Um silêncio aterrador tomou conta do cômodo.

Levantou-se assustado, andando para trás, temendo ver aquele homem horrível mais uma vez. Estava desesperado com a possibilidade de conhecer a morte, mas não resistiu à tentação de se aproximar da janela novamente.

Dessa vez, o homem não estava lá.

Teria sido uma ilusão? Um homem matando um porco a cutiladas, tão próximo que fez Lucius pensar que estivesse sendo atacado. E agora, já não estava ali?

*Talvez eu esteja sonhando acordado.*

Viu as gotas de sangue manchando o dorso de suas mãos e, assustado, percebeu que era real.

Correu até o quarto de Dotan, mas não o encontrou. Viu apenas o grande espelho de metal polido na parede do quarto e se aproximou dele, para observar seu rosto salpicado com gotículas de sangue de animal.

•

Cerrava as cortinas quando disse:

– Durante o dia, descansamos, porque o sol... – Calou-se ao ver Poppea vestindo a túnica de tecido finíssimo e negro que lhe cobria os pés; os seios marcando o tecido, a barriga pálida e lisa se insinuando na abertura da roupa, os cabelos criando ondulações, os olhos ainda mais negros que antes. – Teremos muito tempo para conversar sobre isto. Agora, não. – Drucila andou até Poppea, pegando suas mãos e levando-a para a cama.

A imperatriz se deitou, elevando os braços à altura da cabeça. Fechou os olhos sorrindo. Drucila sentou-se na cama e tocou novamente a barriga de Poppea. Sorria também, sentindo o coração palpitando. Como era bom se sentir viva, mesmo que fosse por pouco tempo. Mesmo que precisasse beber sangue para sentir o peito apertado de emoção. Dentro daquela barriga estava crescendo

o verdadeiro soberano da Terra. O príncipe dos príncipes. O verdadeiro imperador.

Seu lábio tremulou ao perceber que, finalmente, estava perto de realizar seu sonho, porque o filho de Poppea era seu filho também. Deixou uma lágrima vermelha pender no canto do olho.

•

Assim que adentrou o salão de audiências do palácio, o general Antonius viu o imperador fitando a nova maquete da cidade. Por trás do *princeps*, a parede pintada com o imenso mapa do império. Dois soldados continham um homem e o mantinham acorrentado. Ignorou-os e andou, passando entre os pilares de mármore colorido, e depois ao lado da pequena piscina com mosaicos de sereias e tritões. Fitando o imperador, perguntou:

– O que houve? Por que nos reunimos tão tarde, augusto?

– Quero que minha conselheira participe – Nero respondeu, em seguida encarou o homem que permanecia acorrentado e ajoelhado no meio do salão.

– Será que vou ter de mandar arrancar sua cabeça para que você deixe de fazer confusão? – questionou Nero, virando-se para o prisioneiro.

Paulus não demonstrava sentimento algum.

– Não criei confusão, imperador. Apenas exerci meu direito de cidadão romano: propagar sua religião.

– Um deus único? Blasfêmia! Se você quer difundir uma religião de um deus que prega pobreza, pode fazê-lo. Não tenho nada a dizer quanto à sua opção ou à escolha do seu povo. Mas seu maior crime é dizer que os deuses do panteão romano não existem! Como não? E quem nos deu vitórias em batalha, senão Júpiter e Saturno? Quem abençoa nossos casamentos, senão a misericordiosa Juno? É ridículo! – Andou nervosamente de um lado para o outro do salão. De súbito, virou-se para os legionários que continham o prisioneiro e ordenou: – Soltem-no. – E, fitando Antonius, disse: – Quero conversar com esse homem em particular.

– Meu *princeps*...

– Já disse.

Antonius agitou uma das mãos num movimento repetitivo, dando a ordem aos soldados para que obedecessem à vontade do imperador.

Paulus se levantou com dificuldade. Sentia dores na cabeça e nos joelhos.

– Aproxime-se, cidadão.

Ele lhe obedeceu.

Nero o encarou sorrindo, e levou uma das mãos ao seu ombro.

– Quer saber? Simpatizei com você. Olhe: vou dar-lhe mais uma chance, se você me prometer que vai consertar esta situação. – Olhou para os lados como se temesse ser ouvido por Drucila. – Volte a se reunir com seus irmãos, e diga-lhes que se enganou. Diga-lhes que seu deus o procurou em sonho e lhe contou que, na verdade, ele divide o Olimpo com os deuses romanos! Já pensou nisso? Não seria uma bela forma de resolver nossos problemas? Quem sabe, assim, não consigamos viver em harmonia? – Calou-se por um instante e, antes que Paulus respondesse, arrematou: – Não pense que você defende apenas a sua vida com esta atitude. Temos mais de quatrocentos cristãos implicados nessa questão. E, se você tomar a decisão errada, mandarei crucificá-los! É isto o que você quer?

Paulus baixou a cabeça por um instante. Diante dos seus olhos, viu uma fileira de cruzeiros expondo os corpos agonizantes dos seus irmãos. Ouviu os gemidos de dor e sofrimento. Os gritos dos familiares, o riso dos romanos lhes atirando pedras.

– Eu... Não sei o que...

– Vamos, pense bem. Não há como lutar. Sua batalha não é contra o imperador, mas contra todo o império. Está fadado ao fracasso. Para que lutar, se já sabe que vai perder? Seja inteligente! Cultue nossos deuses em sua religião.

Paulus estava indeciso.

– Preciso que Deus me mostre como agir... Mas... – Pensava na vida dos irmãos.

As portas do salão se abriram, mostrando a figura de Drucila, que caminhava a passos largos até que se aproximou do altar e se sentou no trono do imperador.

Antonius fitou-a indignado.

– Minha deusa – disse Nero.

Paulus sentiu o coração disparar. Observou Drucila acomodada no trono, e, por um momento, enxergou-a sentada sobre uma besta que se assemelhava a um touro com sete cabeças. Seis cabeças tinham um chifre somente e cada boca exibia duas presas de morcego. A cabeça do meio tinha quatro chifres e ostentava duas fileiras de presas afiadas e ensanguentadas. Via Drucila nua, cavalgando o demônio como se possuísse as carnes de um homem.

– Deus Todo-Poderoso!





## 33

Poppea entrou no salão de audiências e se aproximou de Drucila.

– Vai demorar, minha deusa? É que tenho muita sede e...

Paulus a observou por um instante e foi novamente arrebatado por uma visão:

*Poppea estava deitada numa cama adornada com ouro e se debatia sobre lençóis vermelhos e brilhantes. Entre gritos e impropérios, maldizia o deus de Paulus e arranhava a pele da própria barriga, criando profundas incisões que vertiam sangue abundantemente. Até que ele viu uma garra pequena e negra se insinuar entre as bordas de uma das lesões. A abertura se alargou até que saísse de dentro dela um pequeno demônio com chifres de bode e asas de morcego.*

Despertou tremendo, sentindo as lágrimas escorrendo no seu rosto.

– São lindas, não são? As duas juntas? – observou Nero, sorrindo, ao ver a emoção estampada no rosto de Paulus. – E então? O que me diz?

Paulus enxugou as lágrimas e, sem que dissesse nada, andou até Poppea, ajoelhando-se diante dela, apoiando as mãos sobre os joelhos.

Drucila riu, levantou-se do trono e andou até Nero, beijando-lhe o rosto.

– Está vendo? Todos reverenciam o meu poder. – Virou-se para Paulus e o observou, satisfeita.

Poppea sentou-se no trono.

– Beije meus pés em reverência ao filho dos deuses que carrego em meu ventre. – Levou a mão à boca, rindo, fitando Drucila com olhos de criança malvada.

Paulus baixou a cabeça e fechou os olhos, murmurando palavras em sua língua-mãe, e tocou com a mão direita a barriga de Poppea.

Ainda rindo, ela pôs as duas mãos sobre a mão de Paulus e sentiu um calor se espalhar por seu corpo. Fechou os olhos, sentindo prazer e alegria. Estava satisfeita consigo mesma. Agora entendia sua verdadeira missão: *O verdadeiro deus virá ao mundo no corpo de uma criança. Até o apóstolo o reconhece e o abençoa!*

De súbito, sentiu uma leve tontura. A ponta dos dedos das mãos formigando, e o calor que invadia seu corpo fez a pele arder, até que seus cabelos se inflamaram em chamas.

– Quê?! – assustou-se Drucila. – Maldito!

– Não! – gritou Nero.

Antonius deu um passo adiante, mas parou ao ver a *luz* que as mãos de Paulus emitiam. Sobre seu corpo havia um espectro branco e tão lindo que causou em Antonius uma emoção sem precedentes.

O general percebeu, enfim, que aquele homem era abençoado por um ser maior e mais poderoso que qualquer um dos seus deuses, pois ele nunca vira uma manifestação como aquela. Ajoelhou-se, encostou sua testa no chão, e sua boca proferiu palavras que ele nem mesmo conhecia. Seu espírito se encheu de alegria.

Drucila deu um passo adiante, mas logo percebeu que seu rosto, mesmo estando longe de Paulus, também ardia diante da sua luz, e pegou um candelabro sustentado por um longo suporte de madeira. Soprou-o, apagando as chamas das velas, e quebrou o suporte, transformando-o numa lança de madeira. Arremessou-a num movimento tão rápido que se tornou imperceptível aos olhos humanos.

Paulus gritou ao sentir a estaca rasgando seu braço, e num segundo a luz que emanava de suas mãos feneceu. Tocou o braço atingido e viu a enorme lança de madeira lhe trespassando as carnes.

– Levem esse homem daqui! Levem-no para o calabouço! – gritou Nero.

Os guardas lhe obedeceram, puxando Paulus pelo braço são.

Drucila se encolheu num canto da parede escondendo o rosto com as mãos.

Nero correu até a mesa do salão, pegou um jarro com água e apressadamente apagou o fogo que cobria o rosto de Poppea.

– Demônios! Filhas de Satã! Deus as queimará e as mandará para o inferno, de onde nunca sairão! – gritou Paulus, enquanto era arrastado para fora do salão.

Drucila enxugava as lágrimas de sangue, apavorada.

– Mate-o, Nero! Mate-o agora, ou ele tentará novamente.

O imperador lhe mostrou a mão espalmada, sem que a fitasse por um instante sequer. Tinha os olhos fixos na esposa, que estava deitada no chão do salão, movendo-se de forma estranha, debatendo-se numa espécie de convulsão. O rosto deformado pelas chamas não se parecia com o lindo rosto de Poppea, mas com a face de um morcego com chagas vertendo sangue. As mãos se alongaram com garras retorcidas. A perna mexendo, vez ou outra.

Ele se abaixou e a pegou nos braços. Não sabia o que fazer...



## 34

—É verdade – repetiu Lucius, aborrecido.

Dotan sugeriu:

– Devia tomar sua sopa em vez de tentar me iludir com essas coisas. Vai esfriar.

O menino empurrou o prato e cruzou os braços.

– Que jeito é este?

– Você não acredita? – murmurou com a cabeça baixa.

– É inusitado, não acha?

– Mas foi assim que aconteceu: estava lá, mas não estava. Como se eu visse o que acontecia em outro lugar, ou como se tivesse me transportado pelo ar por um instante e depois voltado.

Dotan riu.

– Por que acha engraçado, meu pai? Transportar-se por magia é mais surpreendente que viver para sempre ou se transformar em lobo nas noites de lua cheia?

Dotan não respondeu. Pegou a pequena jarra com azeite e o despejou sobre o pão. Então se lembrou de Drucila transfigurada em demônio, lambendo o sangue em redor dos lábios, e percebeu que o menino tinha razão.

– Bom argumento.

– Sinto a luz fluindo em meu corpo... Acha isto possível? Que a energia do sol tenha efeito sobre mim? – Fitava as próprias mãos quando disse: – Talvez eu tenha o poder de me transportar através da luz!

Dotan riu.

– É verdade.

– Lucius, você é apenas uma criança comum. E não há nada demais nisso.

Levy, que os observava calado, colocou-se por trás da cadeira do menino e gesticulou para Dotan, simulando segurar um punhal e cravá-lo na parede da sala, lembrando-o do incidente em que o menino psicografou a profecia na parede do quarto e o iluminou com a santa luz, que o reverteu à forma humana.

– Não sou comum – retrucou o menino. – E logo serei como você.

•

– Meu filho – murmurou Drucila. Suas mãos trêmulas tocando a barriga de Poppea.

Nero sentou-se no chão, como se suas pernas desabassem. Os braços relaxados ao lado do corpo. O rosto imensamente pálido. Uma lágrima ameaçando cair.

Poppea tossiu, aspergindo uma borra de sangue preto em redor de sua cabeça. A boca entreaberta. Vez ou outra, esboçava um leve movimento, como se procurasse respirar.

Drucila limpou as lágrimas que lhe corriam o rosto e viu as próprias mãos manchadas de vermelho. Perdeu alguns segundos fitando o sangue, até que verteu em seu rosto um esgar de esperança. Fechou os olhos e cerrou os punhos.

Antonius apavorou-se ao ver as longas presas crescendo na boca de Drucila e as mãos da moça se abrindo para exhibir garras afiadas como punhais. O legionário deu as costas e correu até a porta.

Drucila virou o rosto para Antonius e esticou o braço, apontado para as pesadas portas do salão que, num átimo, se fecharam, causando um barulho assustador.

Sobre o umbral da porta formou-se uma sombra que se assemelhava a um anjo negro e medonho.

•

– Eu nunca menti – disse o menino indignado.

Dotan continuou afivelando seus braceletes, enquanto dizia:

– Isso não faz sentido.

– Eu estou dizendo: através da janela, vi um homem matando o porco, mas logo ele não estava mais lá. E o mais estranho é que o sangue do bicho manchou minhas roupas! Como? Como, se ele não estava mais lá?

Dotan pegou o cinto e o prendeu à cintura. Examinou o gládio por um instante, antes de enfiá-lo na bainha.

– Não temos porcos aqui, Lucius. Não os temos, nem mesmo na propriedade de campo! São imundos. Você sabe que não gosto de porcos! Agora, vá! Vá brincar. Tenho que trabalhar.

•

Drucila virou-se para Poppea e acariciou seu rosto fumegante. Depois, virou uma das mãos para cima e incisou o punho com uma das garras, deixando-a cravada na pele para que a ferida não se fechasse. Levou o corte até a boca de Poppea e deixou o sangue gotejar entre seus lábios.

Nero tentou se levantar, mas tropeçou e caiu novamente.

– Minha deusa...?

Drucila ofegava. A garra dentro da pele. O sangue derramando. Não demorou até que ela tombasse com as mãos espalmadas no chão. A palidez da sua pele deu lugar a um tom arroxeadado. Sentou-se ao lado de Poppea e acariciou seu rosto mais uma vez, enquanto suas presas se retraíam aos poucos. Já não havia lágrimas no rosto de Drucila, embora seu semblante estivesse inundado de sofrimento.

Ao perceber que Drucila não o encarava, Antonius abriu a porta e, sorrateiramente, desapareceu.

Nero se aproximou dela e sussurrou:

– Não adianta, minha deusa. Deixe-a morrer em paz. – Levou a mão ao rosto de Drucila. – Haverá outra rainha em breve. Tentaremos novamente.

Havia ódio no olhar dela.

Ele disse:

– Está fraca demais... – E afastou o tecido da toga, oferecendo-lhe o pescoço.

Drucila o puxou e mergulhou nele suas presas. Abraçou-o, apertando com tanta força que quase o impediu de respirar. Sugava a vida que pulsava em suas artérias, ávida e ofegante. Aos poucos, enquanto o imperador desfalecia em seus braços, ela ouvia o próprio coração bater novamente.

– Minha-a... – murmurou, tentando se afastar.

A garra lhe envolveu a nuca e o trouxe de volta.

– Já... basta... minha...

Quando sentiu que o coração do imperador estava prestes a parar, o demônio finalmente o soltou, deixando-o tombar desacordado no chão. Perscrutou a sala à procura de Antonius, mas não o encontrou. Os dois legionários também se aproveitaram da confusão e fugiram, sem que ninguém soubesse dizer ao certo em que momento isso acontecera.

– Preciso de mais – disse para si mesma.

Virou-se para Poppea e a puxou, levantando-se do chão com a imperatriz em seus braços.



## 35

**E**stava parado na esquina fitando o palácio. A mão apertava o cabo da espada fixada à bainha, enquanto se lembrava de Drucila alimentando-se do mendigo.

Dotan sabia que logo ela se transformaria naquele monstro bebedor de sangue, mais uma vez, e sairia à procura de uma vítima em meio ao anonimato das noites de Roma.

Ouviu a voz de Antonius gritando:

– A mulher é um demônio! Uma *fúria* que escapou do Tártaro! – Fazia força para se livrar das mãos dos legionários que o seguravam, tentando acalmá-lo. – Me soltem! Sou um general, não um louco! Me larguem! É uma ordem. Eu... – desequilibrou-se, rolando pela escadaria em frente ao palácio, mas logo se ergueu e começou a correr.



Não demorou muito para que a rua ficasse completamente deserta. Dotan fechou os olhos e se concentrou em seu poder. Agora sabia que sua força era divina. Por isso, teve certeza do que tinha de fazer. Sentia o poder fluindo em seu corpo. Os anos controlando as transformações foram importantes para que descobrisse a forma certa de fazê-lo: não era preciso se transformar numa besta com face de lobo para que sua força se manifestasse. Imaginou as pontas dos dedos se alongando em garras afiadas, as presas despontando em sua boca, os músculos pulsando, enchendo-se de



veias enormes e ingurgitadas. As mutações começaram a acontecer, naturalmente, sem dor ou ansiedade. Em seu rosto, porém, se viam os mesmos traços humanos de antes. Saltou com grande facilidade, pondo-se de cócoras sobre o muro. Olhou em redor, tentando reconhecer a vizinhança, e logo percebeu que o teto de uma das edificações lhe ofereceria uma visão privilegiada do palácio. Saltou para lá. Correu, tocando o telhado com as garras vez por outra. Saltou para um ponto mais alto. O vento brincava com seus cabelos, movendo o tecido de sua roupa.

A deusa da morte usava uma túnica curtíssima e decotada. Os seios despontavam na transparência azul. Um véu branco e muito fino pendia sobre seus cabelos. Um rosto de santa com intenções demoníacas. Tocou os cabos das lanças dos guardas e as afastou, sorrindo, encarando-os, lambendo os lábios, serpenteando-se entre seus corpos. Apressou o passo e os deixou embasbacados, admirando sua imagem ao se distanciar do palácio. Um deles acenou para ela, sem tirar os olhos da barra de sua túnica.

Dotan sentiu o coração tamborilar ao ver a imagem de Drucila. Se ele não a tivesse visto se alimentar de um mendigo, não acreditaria que aquela mulher tão bonita era mesmo um demônio.

Ao vê-la se distanciar, saltou para o teto de outro prédio, mas suas sandálias deslizaram, fazendo-o se desequilibrar e cair. Num reflexo, ele se agarrou à borda, usando uma mão somente. O barulho chamou a atenção de Drucila, que olhou em redor, mas não o viu; então, ela logo seguiu seu caminho, descendo a rua em direção à cidade baixa.

Ele escalou a casa novamente, com muito cuidado. Queria surpreendê-la. Achou melhor retirar as sandálias e percebeu que seus pés se moviam da mesma forma que seus punhos. Correu e saltou para uma árvore, agarrando-se a um galho com os pés e se arremessando para a frente. Aos poucos, aproximava-se de Drucila. Com cuidado. Tendo a certeza de que ninguém o veria. A *fúria* com corpo de mulher tinha enfeitiçado o imperador. E se ele soubesse que Dotan a perseguia...

Drucila finalmente chegou à cidade baixa. Podia-se ver, em seus olhos, sede e excitação. Ouviu gargalhadas. Uma voz grossa. Um

xingamento. Prendeu os cabelos no topo da cabeça e correu até a entrada do beco. Quando os dois homens apareceram na esquina, ela deixou uma alça da túnica deslizar sobre o ombro e, despidoradamente, expor um dos seios de mármore.

– Está perdida? – quis saber um dos homens, sorrindo. Andava aos tropeços, segurando uma pequena bolsa de couro cheia de bebida.

– Eu vi primeiro – avisou o outro.

Drucila olhou de lado para os homens e os presenteou com um sorriso. Correu, olhando por sobre o ombro, gargalhando, até que desapareceu na escuridão do beco.

– Acho que bebi demais – concluiu um deles. – Estou vendo coisas ou esta mulher está nos convidando a...

O outro retrucou:

– Se bebeu demais, vá para casa sozinho, que eu mesmo dou um jeito nesta maldita ilusão! Pode ir, vá! – E o empurrou, enfiando-se no beco.

– Ei! Espere! – Puxou-o pela roupa, derrubando a bebida, e, aproximando-se do amigo, murmurou:

– Vou eu antes... Você está muito bêbado, pode ser que demore. Você vai depois.

– Mas foi assim daquela vez, na Casa de Yara...

– Não interessa. – Empurrou-o e entrou no beco. – Moça! Olá?

– Espere por mim! – gritou o outro, acompanhando o amigo. Assustou-se com o barulho às suas costas e se virou para ver o rosto contorcido, as sobrancelhas arqueadas sobre olhos vazios e negros. As presas se abrindo como lâminas. – Mas o quê...? Aaahh – gritou ao sentir as garras penetrando as carnes do seu peito, puxando-o lentamente. Fechou os olhos, esperando por um fim que certamente viria...

– Por Saturno! – gritou o amigo, andando para trás e caindo sobre um monte de lixo. – Não! Leve-o! Eu não! Ele quem queria ir primeiro! Ele! Me deixe ir! Leve-o antes! Eu não!

De repente, o grito agudo de Drucila ecoou pela rua. Ela soltou sua vítima e andou alguns passos para o lado, levando as mãos ao

peito e tocando a ponta da espada que trespassara seu tórax. Seu olhar era de espanto; seu lábio estava trêmulo.

Os homens correram como loucos; um deles deixou um rastro de sangue atrás de si.

Drucila tombou sobre os joelhos, ainda segurando a espada no peito. Emitiu um som ainda mais medonho, agonizando.

– Volte para o inferno, filha de Satã! É Deus quem a condena! Volte para o inferno e não saia mais de lá!

Drucila tentou falar, mas não emitiu som algum. Apenas deixou escorrer de sua boca um enorme e negro coágulo de sangue. Os dentes se abriram num sorriso. Juntou as duas mãos à frente da lâmina e a empurrou para trás com força, fazendo a espada cair às suas costas e tilintar ao se chocar com o chão. Tombou com as mãos espalmadas e engatinhou, vomitando sangue novamente.

Dotan rapidamente apanhou a espada, girando-a sobre a própria cabeça e desferindo um novo golpe, tentando acertar o pescoço de Drucila. Mas Drucila rodopiou, caindo de costas no chão. Levantou-se de um salto e chutou o punho de Dotan, arremessando a lâmina para o outro lado da rua. Ela saltou sobre o peito dele e apertou seu pescoço com as duas mãos, abraçando seu tórax com as pernas.

Ele viu a grande incisão no peito de Drucila se fechar lentamente, enquanto ela o estrangulava. Por alguns segundos, o lobo a observou, perplexo com aquele poder que era quase tão grande quanto o seu. Correu em direção à parede, fazendo Drucila se chocar contra o muro de pedra e soltá-lo.

– Que tipo de coisa é você? – ela disse como se lambesse as palavras. Levantou-se devagar, usando os joelhos como apoio.

– Sou a sua morte, demônio. Deus quem me mandou para livrar o mundo da sua maldição!

Ela riu.

– Jeito mais estranho. Falando como um cristão. – Andou até ele, mostrando-lhe as mãos espalmadas, pedindo uma trégua com o olhar. – Antes de me mandar de volta para o... *Inferno*... É assim mesmo que se fala? – sorriu. – Permita-me dizer uma coisa. – Encarou-o. Aos poucos, os olhos negros se acinzentaram e as presas desapareceram, dando lugar aos lábios espessos e vermelhos.

Cruzou os braços à altura da barra da túnica e a levantou, retirando-a e usando-a para limpar o sangue que tingia seu rosto. O corpo agora estava completamente nu, meio ensombrado pela noite. A brancura contrastava com os cabelos que se moviam, como se tivessem vida própria, contorcendo-se em cachos perfeitos. Andou até perto dele e disse, enquanto tocava seu rosto: – Sou tudo o que você quiser que eu seja.



## 36

Dotan deu um passo para trás ao sentir o cheiro doce da pele de Drucila.

– Afaste-se. Nada que você me ofereça vai... – desviou o olhar.

– *Tudo* o que você quiser! Olhe! – Tocou-o novamente, virando seu rosto para que ele a contemplasse. Pegou a mão dele, colocou-a sobre um dos seios e o obrigou a apertá-lo. – Sinto em você um desejo, Dotan. Sempre senti em você uma vontade não satisfeita. Abrace-a. Não vale a pena lutar, pois, no final, não sobrará nada além dos deuses que nos criaram... Sou tudo o que você quiser que eu seja! – Os olhos de Drucila se tornaram castanhos. Seus cabelos clarearam com cachos ainda mais espessos e brilhantes. Os lábios ficaram um pouco mais finos, a pele amorenou-se. Seu sorriso era imenso, convidativo. As curvas de seu corpo brilhavam na noite. Aproximou-se de Dotan. E ele sentiu o falso calor da pele dela. Os dedos dela no canto da boca dele, antecipando o beijo. Os seios tensos lhe pressionando o peito.

– Ve-vered...? – ele murmurou. Os cabelos brancos sobre a testa. Os ombros imensamente fortes se retesando ao abraçá-la. Dava mordidas em seu pescoço enquanto ria. – Minha Vered!

– Sim, meu amor! Sou eu mesma – Ela escalou o corpo dele, abraçando-o com as pernas e envolvendo-o com seu calor. Beijando-lhe o rosto, mordiscando. E, com as pontas dos pés, ela empurrou a parte de baixo da vestimenta dele, despindo-o, acariciando-o.

Naquele beco imundo ele a possuiu.

Os vasos em seu pescoço se dilatavam. As orelhas cresciam lentamente. O rosto se alongava num focinho de lobo.

– Ah! – ela gemeu, exibindo uma expressão de assombro e afastando Dotan por um instante; depois, ela o puxou de volta, desejando-o ainda mais, em sua bestialidade faminta.

Ele a arranhava e grunhia, o lobo branco e imenso. Em seus olhos permanecia acesa a luz de sua alegria. Em sua íris, a imagem de uma mulher que, ele sabia, morrera havia milhares de anos.

O rosto de Drucila descoloriu-se numa palidez profunda, e, nos lábios entreabertos, despontaram as presas. Surpreendeu-o com a mordida, doce, quente e deliciosa. E o prazer dele se tornou ainda maior ao sentir aquelas ondas de calor se espalhando pelo seu corpo.

Ao saborear o sangue de Dotan, ela viu:

*Lucius cortando os cabelos do pai. Abraçando-o. Sorrindo. E sentiu em seu peito o mesmo amor que o homem tinha pelo filho. Viu o menino tocando o lobo com a luz divina e obrigando-o a voltar à forma humana.*

Experiências que Dotan vivera havia mil anos passaram diante dos olhos de Drucila em segundos.

*Viu o homem vestido como Deus Chacal sendo adorado no Egito. Os outros lobos cercando-o e lhe obedecendo. E podia sentir o cheiro do sangue das ninfas que os alimentavam.*

*Viu Ló, em sua sabedoria, aconselhando o sobrinho.*

*A surpreendente luz que explodiu no céu chamejante. A voz que dizia "és filho da luz". A mão lhe tocando a fronte... Dor. Muita dor. A garganta... Queimando...*

Empurrou Dotan para longe e viu a fumaça que emanava dos próprios braços. A dor subindo pela coluna invadiu sua cabeça e se tornou insuportável, fazendo-a gritar.

O corpo de Dotan tombou desacordado no chão.

Drucila sentiu a garganta apertar, e seus olhos se fecharam em absoluta escuridão.



## 37

O calabouço fedia a urina, mas era possível identificar, vez ou outra, o cheiro esparso de fezes e de sangue se espalhando no ar.

As paredes que separavam as oito celas eram feitas de tijolos romanos, longos e estreitos, e se juntavam às largas colunas de concreto, nas quais estavam encrustadas as barras de ferro de suas grades vermelhas e salpicadas com pontos de ferrugem.

Uma escadaria que dava acesso ao exterior do palácio escoava água da chuva e alagava os corredores, enlameando tudo. Palha seca atapetava o chão do interior das celas, mas, na maioria das vezes, a palha era insuficiente para absorver toda a umidade.

As câmaras dispunham algemas e correntes de ferro que se prendiam à parede ou envolviam imensas roldanas de madeira. Quando giradas, as rodas eram capazes de arrancar os braços e pernas de um prisioneiro acorrentado. Apesar de terem sido usadas poucas vezes, a visão do dispositivo de tortura costumava deixar os presos mais colaborativos.

Um buraco no chão servia como latrina. Um catre de concreto, sem forro, fazia as vezes de cama.

– Não, por favor! Não toque em nada! – Paulus segurava o braço, os olhos vertendo lágrimas.

Emilianus disse:

– Por Júpiter! Está ainda pior do que eu havia imaginado! – Aproximou-se e viu a estaca de madeira enfiada no braço de Paulus. A pele rasgada gotejando sangue. As roupas ensanguentadas.



Dois centuriões entraram na cela portando instrumentos cirúrgicos e medicamentos.

– Deixe-me morrer em paz, doutor. É tudo o que eu peço. Preciso de paz para entrar em contato com Deus e fazer minhas últimas orações.

– Infelizmente, esta é uma decisão que não cabe a mim – suspirou. – Fui tirado da cama às pressas, por ordem do imperador, para tratar seus ferimentos. E é isto o que vou fazer. – Virou-se e resgatou do chão a caixa de madeira que um dos homens havia trazido. Abriu-a e retirou de dentro dela raízes e pequenas garrafas cheias de unguentos. Abriu um dos recipientes, liberando o cheiro forte de álcool. Despejou seu conteúdo numa cuba, enquanto um dos seus ajudantes cortava uma raiz em pedacinhos. O médico bateu a mistura triturando a erva e liberando um cheiro fortíssimo.

– Beba! O gosto é ruim, mas certamente vai aliviar sua dor.

– O que é isso?

– Mandrágora. Beba.

Paulus obedeceu.

O médico revelou:

– Minha esposa pediu para que eu dissesse a você que ela está orando para que Yahweh receba seu espírito no paraíso...

Paulus não respondeu.

Emilianus fez um gesto para os soldados com uma das mãos, pedindo por ajuda.

Os homens se aproximaram e resgataram o corpo de Paulus do chão, colocando-o no catre. Um deles segurava o braço machucado para que o homem não se ferisse ainda mais.

Ao perceber que os olhos do paciente se fechavam, o médico pegou a caixa uma fita de linho branco e fez um torniquete, apertando-o próximo à axila.

– Assim, o sangue estanca – disse fitando um dos soldados. Olhou para o céu, através da janelinha da cela. – Não temos muito tempo. Logo irá amanhecer... – E retirou a estaca com um movimento firme e único.

Paulus despertou, emitindo um grito de dor.

Emilianus amarrou outra fita de linho. Dessa vez, mais próxima à lesão e ainda mais apertada que a primeira. Por um instante, fechou os olhos, como se sentisse parte da dor do outro.

– Álcool? – ofereceu um dos ajudantes.

– Hoje não será necessário.

Os centuriões se entreolharam por um instante, sem entender.

O médico enfiou a linha grossa no orifício de uma agulha de costura e começou a suturar a lesão. Dessa vez, Paulus não emitiu som algum.

– Costuramos os músculos antes, estão vendo? Depois a gordura. E, por último, a pele. Certifique-se sempre de que a sutura muscular está tensa, senão irá sangrar novamente!

– Mas não vai causar gangrena, se estiver muito apertado?

O médico respondeu:

– E o risco de gangrena é pior que a certeza de morrer sangrando?

•

Acordou assustada, ao sentir os primeiros raios de sol lhe queimando a pele. Levantou-se com dificuldade e viu o corpo de Dotan desmaiado no chão. As portas dos estabelecimentos já estavam abertas, mas Drucila sabia que seria necessário um convite para que ela conseguisse entrar em um deles.

Homens montavam suas bancas na feira. Cidadãos andavam pela rua, fingindo não verem o homem caído e a mulher ensanguentada.

– Tentou me matar – disse para si mesma.

Drucila apanhou a espada que restava abandonada, assustando-se com seu peso. Não, não era a espada que pesava demais, era ela que não tinha mais forças para erguê-la. Olhou novamente em redor, percebeu que um grupo de garotos a observava de longe e concluiu que não demoraria até que os soldados chegassem à rua e flagrassem seu oficial abatido no chão. Soltou a arma e correu até o beco, tentando se esconder da luz. Mas não adiantou. Gemeu, sentindo a pele se abrir em pequenas lesões. Olhou ao redor, mas

não havia lugar onde se esconder. Correu até a janela de uma das casas e bateu repetidamente.

– Abra, por favor! Abra a...

– Que barulho é este? – gritou uma senhora, ao abrir a janela.

– Deixe-me entrar! – Os olhos fundos, a pele arroxeadada, os lábios com sangue seco. A roupa ensanguentada. – Sou tudo o que você quiser que eu seja! – disse fitando a dona da casa.

– Não preciso de nada, não. Vá pedir esmola na ferraria! – E apontou para o prédio do outro lado da rua. – É bem capaz de o Galeso lhe dar um banho e um trabalho. Velho tarado, infeliz! – Fechou a janela ruidosamente.

– Drucila – alguém gritou às suas costas. – Aqui!

Virou-se e viu seis homens negros carregando uma liteira coberta com um fino tecido escarlate. – Aqui! – disse Luna, insinuando a cabeça entre os panos, chamando-a com um movimento repetitivo de uma das mãos.

•

– O Satanás... – murmurou Paulus.

Emilianus fitou um dos soldados e comentou:

– É comum o paciente ter alucinações sob o efeito da mandrágora.

O apóstolo apertou o braço do médico com força.

– Satanás tem em Roma a sua morada e fez da própria filha sua esposa. Filha da morte e do demônio! Mãe do mal encarnado!

Emilianus puxou o braço com força, livrando-se sem dificuldades, e se levantou.

– Espere, *doctore!* Por favor! Diga a sua esposa que Yahweh a incumbiu de levar ao templo uma mensagem: Satanás vive entre nós, e seu filho nascerá do ventre de Poppea!

Um dos soldados riu. O outro se assustou.

– Está delirando – agitou-se Emilianus. – Poppea é a filha do demônio? Pobrezinha...

– Acho que ele está se referindo à conselheira do imperador. O senhor não sabia que... – O legionário calou-se ao ser cutucado pelo

outro soldado.

Emilianus deu de ombros, sem entender.

– Filha de Satã! – gritava Paulus. – Mãe do anticristo!

O rapaz revelou:

– *Sua...* Drucila é conselheira do imperador. O *princeps* foi à festa do senador Septimus e lá a conheceu. Ninguém sabe por que ele a trouxe para o palácio. Mas o imperador não deve explicações a ninguém... Ou deve?

Foram surpreendidos pelo barulho do ferrolho da cela se abrindo.

– *Doctore* – bradou um legionário, elevando a mão num cumprimento militar. – Temos que levar o prisioneiro.



## 38

—Comandante – o soldado o agitava, tentando acordá-lo.

Dotan despertou confuso. Levou a mão ao rosto, num reflexo, como se precisasse ter certeza de que ainda tinha traços humanos.

– O que houve? – Apanhou a espada do seu superior e examinou a lâmina. – Foi um assalto? Onde está o corpo que esta espada vazou?

Dotan se levantou. Sentia o calor do sol lhe restituindo as forças aos poucos.

– Não me lembro de nada.

– Talvez o senhor precise de um médico, meu comandante. Venha. Nós o levaremos a...

– Não há necessidade – estendeu a mão, pedindo a arma. Guardou-a na bainha e saiu apressadamente.

Os dois soldados o acompanharam. Um deles comentou:

– O senhor me desculpe por ser tão curioso, mas o que está acontecendo? O general Antonius estava pálido, como se tivesse visto um espírito ontem, quando deixou o palácio. Agora, encontramos o senhor nesse estado...

Dotan não respondeu. Foi atraído pelo barulho da multidão que se aglomerava na Abadia. Encarou um dos soldados e elevou as sobrancelhas numa mímica de curiosidade.

O jovem legionário respondeu:

– Paulus de Tarso será executado hoje.

– Por Juno, Drucila, o que houve?

Fitava Luna sem saber o que dizer, com os olhos azuis brilhando em meio à sujeira do seu rosto.

– Está ferida? E este cheiro?! – Levou a mão ao nariz.

– Dois homens me atacaram na rua – disse, fitando o rubor dos seios que despontavam no decote de Luna.

Drucila sentia o pulso da outra dilatando seus vasos, o cheiro doce e incomparável do sangue. A repulsa que a amiga sentia dela a deixava ainda mais excitada e faminta. A pouca luz que trespassava o tecido vermelho era suficiente para lhe queimar a pele, mesmo que suavemente.

– Preciso de abrigo.

– Precisa de um médico!

– O sangue não é meu...

– Sério? – Observou-a por alguns instantes. – Conte-me tudo! Quero saber de todos os detalhes: quantos eram? Eram bonitos? Eles conseguiram o que queriam? Espere! Não me conte agora. Escute: logo iremos para casa. Mas antes quero ver a execução na Abadia das Três Fontes. Não está sabendo? Corre pela cidade a notícia de que o líder cristão será decapitado! Dizem que ele tramava um golpe contra o imperador. Já imaginou? Uma revolta de cristãos e pobretões? Parece piada, não é?

Drucila mordeu o lábio, ansiosa.

– Não posso esperar. Mande os escravos voltarem para sua casa agora. O mais rápido possível. Preciso de abrigo contra o sol.

Luna a olhou de soslaio.

– Está falando como uma louca. Abrigo contra o sol? Sei que sua pele é clarinha, mas não está exagerando? Vamos à Abadia, sim. Você assiste a tudo sob a proteção de uma sombra qualquer. Repito: não perco o evento por nada. Quando eu vir a cabeça do apóstolo rolar, poderemos ir para casa. – Aproximou-se dela e murmurou: – Vou confessar: adoro derramamento de sangue! Principalmente nessas execuções públicas. Dá pra sentir a excitação das mulheres. A violência dos homens aflorando a pele... Sabia que o carrasco novo consegue decapitar a maioria dos condenados com um único golpe de sua espada? Fantástico, não é? Da última vez, o condenado foi

executado em pé! E o corpo sem cabeça ainda deu três passos antes de cair! – riu, despidoradamente.

O calor sufocava Drucila. Mas o cheiro do sangue, o viço da pele da amiga e as palavras que pareciam dançar entre seus lábios a instigavam e atraíam. A luz trespassando o tecido e tingindo a pele da outra de vermelho a deixava mais bonita. Puxou-a para perto e lhe cravou as presas no pescoço, tapando sua boca para que não gritasse.

Ao ouvir os gemidos que vinham de dentro da liteira e ao senti-la balançar, dois dos homens que a carregavam sorriram em cumplicidade. Um deles murmurou:

– Essa daí topa tudo!

•

– Psiu!

Dotan olhou em redor, procurando quem o chamava, até que viu o homem escondido atrás da coluna.

– Antonius?!

– Vem cá!

Aproximou-se.

– O que há?

– Uma *fúria chupadora de sangue*, é isto o que ela é!

Dotan o observou por um instante. As mãos trêmulas, os olhos fundos. Aquele oficial, que já testemunhara violências impensáveis em batalha, estava tão espantado quanto na noite anterior, quando fugira correndo do palácio.

– Ela o mordeu?

Antonius se exasperou:

– Quase, meu amigo! Faltou pouco! Se não fosse por minha destreza em combate e por minha grande agilidade, estaria morto agora. – Calou-se. Baixou o olhar por um instante e logo concluiu: – Não fugi. Não, nunca fugiria! Só recuei para planejar um ataque mais efetivo. Você precisa ver: se move tão rápido quanto... – Calou-se ao ver o torso ensanguentado de Dotan. – Ela o atacou, não foi? Como você fez para sair vivo do palácio? – Levou a mão à cabeça. O

olhar de louco. – Ou será que já estamos todos mortos? É isso? – Tocou o peito de Dotan, como se tentasse se assegurar que o outro existia.

– Ora, deixe de bobagem! – Livrou-se da mão de Antonius. – Onde está o imperador?! Ele precisa saber o que... – Surpreendeu-se com o toque das cornetas. As três batidas de tambor. A gritaria do povo extasiado com a perspectiva daquela demonstração hedionda de crueldade. Virou-se na direção do centro da Abadia e viu a centúria em formação abrindo passagem em meio à multidão. Criaram um longo corredor humano, facilitando o acesso do homem enorme que levava o prisioneiro acorrentado até o centro da praça.

Um senhor corpulento vestia uma toga branca e carregava um pergaminho. Agitou a mão, pedindo silêncio. Leu:

– Saulus de Tarso, conhecido como Paulus, acusado de cercear o direito de liberdade de culto dos cidadãos romanos e de planejar uma revolta popular com o intuito de tomar o poder, foi condenado à crucifixão. O imperador Nero Claudius César Augustus, nosso *primus inter pares*, em sua grande magnificência e bondade, concedeu ao condenado uma execução mais honrosa, devido ao fato de o criminoso ser portador do título de cidadão romano. Por isso, será decapitado! – Enrolou o pergaminho, enquanto dizia: – Não será permitido apedrejamento. Brigas não serão toleradas. Os que forem pegos urinando na rua, na presença do imperador, serão presos imediatamente.

•

Drucila assustou-se ao sentir que o coração de Luna já não batia e a repeliu, deixando-a tombar, desacordada.

– Ai, não! – disse para si mesma. – O que foi que eu fiz?! – Fitava o corpo lívido de Luna deitado numa posição impossível. A boca entreaberta, como se ainda tentasse gritar por socorro. Os olhos arregalados, com íris escurecidas por pupilas completamente dilatadas. – Idiota! Idiota! – Ouviu o barulho da multidão se intensificando aos poucos, e concluiu que se aproximavam da Abadia.



*E agora?*

O que faria quando os escravos chegassem ao centro da praça, à área reservada aos nobres, pusessem a liteira no chão, mas sua *domina* não saísse? Concluiriam o óbvio: algo errado acontecera com Luna. Como ela, Drucila, fugiria à luz do dia? Como lutaria sob o calor do sol? Viraria cinzas antes de chegar ao palácio! Falou sozinha:

– Vamos, Drucila, pense!

•

O imperador andava a passos largos quando, subitamente, parou. Puxou um dos oficiais que o acompanhavam e murmurou em seu ouvido, apontando para os homens que conversavam à sombra de uma edificação.

O legionário deu dois passos para trás e finalmente virou as costas para o imperador, correndo na direção de Dotan.

– Comandante Dotan! – O legionário elevou a mão em saudação.  
– O imperador solicita a sua presença.

Antonius cobriu o rosto com o capuz e saiu discretamente.

•

Drucila enfiou a garra afiada no próprio pulso, deixando o sangue jorrar na boca de Luna. Sentia o coração palpitando, o peito apertado de angústia. As emoções da vítima percorriam seu corpo, invadiam sua alma.

– Funciona! Tem que funcionar!



## 39

—Cortem a cabeça dele! – gritou uma senhora.

– Traidor! – acusou um rapaz em meio à algazarra.

O imperador subiu ao palanque, onde se acomodavam nobres, senadores, tribunos, magistrados e membros da Guarda Equestre, e se sentou no lugar a ele reservado. Gesticulando, pediu ao oficial que se aproximasse.

Dotan lhe obedeceu e pôs-se de pé ao seu lado. Parecia que os gritos do povo romperiam seus tímpanos, de tão altos. Perdeu alguns segundos observando o rosto dos homens e mulheres da plateia. Tinham raiva de quê? A maioria daquelas pessoas certamente não sabia qual era o verdadeiro o crime de Paulus, pois chegara ali seguindo a multidão. Queriam ver o derramamento de sangue. Não era justiça o que desejavam. Por um momento Dotan teve dúvidas da legitimidade da sua missão. Lutava contra um demônio tão cruel quanto aqueles homens e mulheres que sentiam prazer diante da morte? No entanto, logo percebeu que a ignorância daquele povo não era motivo para puni-los.

– E Poppea?! – perguntou um senador, inclinando-se a Nero.

– Indisposta. Está *grávida demais* para apreciar uma boa execução.

– Claro. – O senador sorriu e voltou para seu lugar.

Ao perceber a presença do imperador, os homens da plateia se calaram. Aos poucos, um silêncio contundente se fez presente na Abadia.

– Aguarde. Vou precisar de você – ordenou o imperador, fitando Dotan. E se levantou, andando até a beirada. Abriu os braços lentamente e disse: – Todo aquele que se opõe ao império e à sua grandeza deve padecer. Roma é uma mãe que recebe a todos, como filhos, sem distinguir sua origem ou credo. Quantos de vocês aqui presentes são estrangeiros? Muitos, com certeza... E quantos não adoram seus deuses pátrios, em total e irrestrita liberdade? Uma mãe que acolhe os adoradores de Ísis, os filhos de Apolo, as ninfas de Baco, os sacerdotes de Rá, as seguidoras de Vênus... O que nossa pátria abomina são os falsos profetas, os enganadores que insistem em pregar mentiras e trapagens, os criminosos que desrespeitam a liberdade do povo! – E alteou muito o volume da voz ao prosseguir: – Com que direito esse homem rejeita *o seu* deus? – Apontava para um dos homens da plateia. E, em seguida, apontou para uma senhora, mais adiante. – E diz que a sua adorada divindade não existe?! Hein? Ou que seus *Lares*, os espíritos dos seus antepassados, os parentes que guardam suas casas, não são nada? Nada?! Com que direito? – Fechou-se num abraço e sorriu. – Não em Roma.

Todos gritavam ao mesmo tempo. Uma criança pegou do chão uma pedra e a atirou em Paulus, que estava acorrentado no centro da praça, fazendo-o tombar com as duas mãos espalmadas no chão.

Ao ver o corte na testa do pobre homem verter sangue, Dotan sentiu o coração acelerar. Mas não podia fazer nada. Apesar de ser tão poderoso, não desafiaria a autoridade do imperador.

*Não assim...*

Tinha de ser cauteloso, pois Drucila gozava da simpatia de Nero e se escondia no palácio. Ela é que devia ser seu verdadeiro alvo. Seria capaz de tudo para matá-la. Tinha de ser paciente. Deveria esperar a hora certa de agir.

– Mas eu seria benévolo e consideraria a possibilidade de poupar a vida desse cidadão, se o crime por ele cometido fosse apenas religioso... – Elevou uma das mãos, pedindo silêncio. Calou-se por alguns segundos. E, ao perceber que todos o ouviam, concluiu: – Além de injuriar nossos ídolos, Paulus de Tarso conluiava com seus asseclas e fazia dos cultos sessões de debates ideológicos cuja única

finalidade era corromper a sociedade romana! – Apontou para o pobre homem ajoelhado. Tinha os olhos arregalados e as veias se ingurgitando na testa, ao gritar: – E eu não posso aceitar a corrupção da nossa sociedade! Nunca! Por isto, só saio daqui hoje ao ver a cabeça desse crápula rolar pelo chão da praça! Que entre o carrasco!

•

Luna acordou num espasmo, puxando Drucila para perto e dizendo:

– Então, foi isso o que aconteceu?! Ele a trouxe de volta do Tártaro?

– Graças a Plutão! Por um momento, pensei que não daria certo... O que você viu?

– Um deus lindo de cabelos negros, num rio de sangue, transformando você em... Em que mesmo ele a transformou? – Levou uma mão aos cabelos e sentiu o sangue na ponta dos dedos. – Não dava para ter feito comigo da mesma forma que você fez com Poppea? Dentro da água me parece mais higiênico. Agora meu cabelo está um lixo.

Sentiram a liteira chacoalhar, como se a colocassem no chão. Então a porta cortinada se abriu, deixando entrar uma grande quantidade de luz solar. Luna, que estava mais próxima da abertura, emitiu um grito corvino de dor.

Drucila se jogou no canto da liteira e se enfiou entre as almofadas, gritando:

– Feche! Feche! A luz!

O homem perdeu alguns segundos observando a fumaça que emanava do corpo das duas senhoras e logo fechou as cortinas, assustado.

– Leve-nos para casa, imediatamente! – gritou Luna.

•

– Quem é o responsável pelo menino? – perguntou um soldado.

Uma jovem mulher elevou a mão direita, enquanto abraçava o garoto com o braço esquerdo.

– Ele não fez por mal.

– Não ouviu quando o porta-voz anunciou as proibições? Não é permitido o apedrejamento na presença do imperador! – Deu-lhe um bofete com o dorso da mão que a fez tombar de joelhos no chão.

A mulher limpou da boca a saliva com sangue.

– O menino foi rápido demais. Não tive tempo de pará-lo! Por favor!

– Saia daqui – ordenou o legionário. Deu as costas para a multidão e se dirigiu para o oficial médico que permanecia acocorado ao lado do sentenciado.

– Precisa de algo, comandante?

– Não, não. Foi apenas um ferimento leve – respondeu Emilianus.

– Nada que comprometa os ritos de execução. – Levantou-se, limpando as mãos na farda. Fitou o soldado e sofismou: – O pobre homem ainda alucina, sob o efeito da mandrágora. Não sentiu a pedrada. – Virou-se para o palanque e fez um sinal para o imperador.

Nero puxou Dotan para perto e murmurou:

– Tenho uma missão para você.

– Meu *princeps*, veja como estou. Tenho de...

– Psiu. Não me interessam seus motivos. Apenas seus deveres. Escute: tem de ser feito agora. É o momento perfeito! Assim ninguém saberá como ocorreu. Me diga: é ou não é fiel ao império?

Dotan não respondeu.

– Pois bem. – Acenou para o carrasco, pedindo que esperasse. – Conhece bem o oficial médico que assiste o condenado, não conhece? São amigos?

Meneou a cabeça dizendo que sim.

– Ainda melhor. Dessa forma, será mais fácil entrar na casa dele, já que a conhece tão bem. Preciso que você mate a esposa dele. Esther. Não é este seu nome?

Dotan estranhou. O imperador se encarregando do assassinato de uma mulher simples que havia pouco tempo não passava de uma

escrava? Certamente, era uma ideia de Drucila, que nunca aceitara a rejeição de Emilianus.

– Mas, Augusto...

– É uma ordem – Encarou Dotan. – Não confio em mais ninguém.

O oficial aquiesceu com um movimento de cabeça. Juntou os calcanhares, elevou a mão num cumprimento militar e saiu imediatamente.

Nero acenou ao carrasco, ordenando que começasse.

Dotan descia o palanque apressadamente, empurrando todos os que se opusessem a ele. De costas para o centro da praça, ele via apenas o rosto jubiloso dos cidadãos que proferiam escárnios. E, ao ver as mãos levantadas e os sorrisos de alegria nos rostos da plateia, ele concluiu que o apóstolo havia morrido.



## 40

O cocheiro verteu um semblante desconfiado quando viu a liteira vermelha.

– E como vou saber que não estão sequestrando ninguém?

O escravo o fitou por alguns instantes. Sua pele era negra como uma noite sem estrelas.

– Se quiser desistir, é só devolver o dinheiro.

O homem sentiu a carroça balançar quando os escravos colocaram sobre ela a liteira escarlate. Olhou para trás e viu um dos homens cobrindo a cabine vermelha com uma lona, que antes forrava a carroça; viu dois homens fortes com os braços cruzados.

– Levo-os até o limite da cidade. Depois terão que ir sozinhos. Não... – Calou-se por um instante e olhou novamente para a liteira. – Não me interessa quem levam aí. Não quero saber. – Tocou o pequeno saco preso à cintura, sentindo as moedas de ouro. – Mas vou somente até os limites da cidade... As estradas são ocupadas por soldados. O que lhes direi se nos pararem? Que não sei qual a carga que conduzo? – Assustou-se ao sentir a mão grande lhe empunhando os cabelos; o pequeno punhal penetrando, de leve, a pele acima da sua clavícula.

Um dos homens sussurrou em seu ouvido:

– Diga que carrega em sua carroça a vontade que tem de continuar vivo.

Os cabelos negros foram presos no topo da cabeça, deixando seu pescoço dourado à mostra. Juntou as mãos em concha e as imergiu no líquido branco da banheira; depois, deixou o leite escorrer por seus seios e contornar suas curvas. Olhou para Rachel e perguntou:

– E a água?

– Já está no ponto.

Levantou-se. O corpo era pequeno e bonito. O quadril, largo. As nádegas, esféricas.

Rachel desviou o olhar e lhe entregou a toalha.

Esther sorriu do jeito envergonhado da escrava e lhe tocou o rosto. Andou até a outra banheira, e, enquanto imergia na água morna, ordenou:

– Agora me deixe. Preciso descansar.

A outra lhe obedeceu.

Esther encostou as costas na banheira e deixou seu corpo deslizar, até que apenas sua cabeça ficasse acima da superfície da água. Seu rosto estava completamente relaxado. Mesmo estando de olhos fechados, percebeu quando a luz do ambiente oscilou, como se uma sombra passasse diante dela. Abriu os olhos num reflexo e olhou em redor.

– Tem alguém aí? – Os olhos bem abertos. As mãos apertando a borda da banheira. Depois relaxou, recostando-se novamente.

Assustou-se ao ouvir a voz às suas costas:

– Não grite.

Sentiu a lâmina fria em seu pescoço. A mão forte lhe apertando o braço esquerdo. O hálito quente em seu ouvido. O coração disparado antecipou o arrepiado inevitável que lhe percorreu todo o corpo.

No reflexo da lâmina do punhal, Dotan via apenas parte do rosto de Esther esboçando um breve sorriso.

– Tenho joias no baú e sei onde meu marido guarda o dinheiro. Se for meu corpo o que deseja, então seja rápido. Emilianus não demora a chegar.

Dotan sentiu o calor lhe percorrer o corpo. O vapor embaçando a pele dourada. O cheiro de Esther impregnando suas narinas. Viu, na pele dela, a mesma cor de Vered. E a repeliu, dizendo:



– Não estou aqui para isso! – Afastou-se da banheira e a contornou, pondo-se de frente para a esposa de Emilianus.

Ela o fitou por um instante.

– Conheço você. – Levantou-se lentamente, deixando a água escorrer por seu corpo. – O que quer? – Manteve o olhar fixo no punhal por um instante. Depois o encarou. – Foi ela, não foi? Foi ela quem o mandou aqui.

Ele meneou a cabeça. Guardou o punhal na bainha e disse:

– Você tem que fugir.

•

Quando as janelas do galpão foram fechadas, a única luz que se via era a chama da tocha, próxima à pesada porta de madeira.

– Pode sair, minha senhora – avisou um dos homens.

Drucila insinuou o rosto entre os panos da liteira. Depois saiu e olhou ao redor, estudando o lugar.

– Sorte sua ter uma amiga inteligente como eu – disse Luna, enquanto saía do transporte. – Meu pai mandou instalar janelas com vedação perfeita, devido à necessidade de manter o estoque seco e livre da luz... Sabia que o sol pode estragar as vigas de madeira? Elas têm de amadurecer, antes de... – Calou-se ao ver que a outra a ignorava. Virou-se para um dos homens e fez um gesto com a mão direita, dispensando-o.

– Não – murmurou Drucila, segurando sua mão. – Precisamos deles... – Andou lentamente na direção do escravo mais forte, aquele que ela ouvira falar com o cocheiro mercenário, e tocou o peito dele com as pontas dos dedos. Os músculos desenhados na pele negra oscilavam sob a luz da tocha. Fitando seus olhos, ela disse:

– Tranque a porta.

Ele não respondeu. Apenas fechou os olhos e inspirou profundamente, sentindo o cheiro único da pele de Drucila. Tocou as mãos dela e murmurou:

– Frias. Mas, se a senhora me permitir, sei como aquecê-las... – Conduziu as mãos da mulher até o abdome retesado por músculos e

subitamente parou. Tocou o rosto dela com uma mão.

Luna franziu o cenho. Depois sorriu. Sentiu um desejo inexplicável de seguir Drucila em todas as suas ações, como se todo pensamento dela fosse antecipado pela ansiedade que sentia em servi-la, em fazê-la feliz. Fitou os homens, que acabavam de pôr a pesada viga de madeira sobre o suporte que trancava a porta, tornando impossível que alguém os interrompesse. Deixou a túnica deslizar sobre sua pele.

Drucila, que se ajoelhava diante do escravo, sentiu quando um dos homens se pôs de pé ao seu lado e o tocou.

Os outros dois homens se aproximaram de Luna. Um deles, à sua frente, aquecia o rosto dela com o calor da sua respiração. O outro se aproximou por trás e a segurou pelo quadril, apertando-o e puxando-o firmemente para trás.

•

– Fugir por quê?

Dotan pegou a túnica que estava sobre a cadeira e ordenou:

– Vamos, vista-se.

Esther ignorou-o e buscou uma nova toalha. Enxugou o rosto e parte do corpo. Depois colocou um dos pés sobre a cadeira, escondendo apenas parte da coxa com a toalha.

Dotan ofegou. Perdeu alguns instantes observando-a.

– O imperador me ordenou que a matasse.

– E você pode me dizer o que eu fiz ao imperador?

– Drucila o controla. Ela se tornou... Você tem de fugir. É tudo o que importa agora.

– Mas logo Emilianus vai chegar. Tenho certeza de que ele saberá o que fazer.

Dotan ponderou por alguns instantes.

– Não há tempo. Fuja e certamente viverá. Acho até melhor que Emilianus não saiba o que aconteceu. Chame dois escravos de confiança, mande-os aprontar os cavalos e se esconda na carroça.

Finalmente Esther percebeu a gravidade da situação.

– E para onde eu vou?!

– Não me interessa. Este problema não é meu.

– Mas eu não tenho para onde ir! Ela... Ela vai me encontrar, eu sei que vai! – angustiou-se. – Não tenho medo de morrer. Tenho medo do que ela pode fazer comigo, antes de me matar! Meu Deus, o que foi que eu fiz? Vai me torturar, sim! Sei que vai!

Dotan suspirou, enfiando os dedos entre os próprios cabelos e puxando-os para trás.

– Já sei o que vamos fazer.



## 41

Estava deitado de costas sobre uma pilha de tábuas que fora coberta com uma lona. Sentia o corpo de Luna pesando sobre seu ventre. As mãos frias tocando seu peito; a mulher cavalcando seu desejo. Observava, atônito, sua senhora movendo o corpo sinuosamente, jogando os cabelos ao girar a cabeça de vez em quando. Apertou sua cintura. O corpo lindo oscilava em meio à dança de luzes que a tocha criou. Fechou os olhos. Sorriu ao pensar:

*Tenho sorte. Muita sorte...*

Lembrava-se das humilhações que passara na casa da família de Luna, dos anos que os servira como se fosse um animal sem vontades. Agora sua senhora fazia outro uso do direito que tinha sobre ele. E isso o encheu de alegria. Certamente ela iria tratá-lo um pouco melhor depois de... Surpreendeu-se ao sentir a pequena gota cair sobre sua testa e escorrer até uma das orelhas. Abriu os olhos e viu o rosto de Drucila. Sorriu e soltou as ancas de Luna para tocar o rosto da outra. Estranhou o fato de já não ouvir barulho algum... Fitou-a e perguntou:

– Onde estão os outros, minha senhora?

Num gesto de quem pede silêncio, Drucila cobriu parcialmente as presas que despontavam de seu sorriso com um dedo em riste besuntado com sangue.

– Fique caladinho que eu já conto a você!



Imóvel, Nero fitava a pequena caixa de madeira, mantendo as mãos apoiadas sobre a tampa.

– Então? – disse Dotan. Afastou-se da grande mesa circular e se apoiou em um dos pilares de mármore negro.

– Não sei se devo... – murmurou o imperador. As sobrancelhas arqueadas, a boca tensa num ricto. Suspirou profundamente, angustiado e indeciso.

– Peça permissão para me retirar, meu *princeps*, pois desde ontem que não volto para casa. Estou muito cansado e ainda hoje tenho de viajar para a casa de campo. A viagem é curta, mas a estrada é acidentada... O imperador me entende, não entende?

– O que acha? Abro a caixa, ou não abro?

Dotan deu de ombros e cruzou os braços.

– A hebreia deu trabalho?

Meneou a cabeça em negativa.

Aproximou-se do general e perguntou:

– Não tem nojo de sangue? Nunca?

Dotan não respondeu.

Olhou para a caixa novamente, até que decidiu abri-la. Exasperou-se:

– Lindo! Lindo! Nunca havia antes visto um coração humano, assim, em sangue vivo! – Seu rosto logo se transfigurou. Afastou a caixa num movimento súbito e fechou os olhos por um instante, como se estivesse enojado. Disse para si mesmo: – Tripas e sangue... – E lembrou-se de sua mãe ensanguentada, segurando as próprias vísceras, pedindo clemência. Olhava para suas mãos; uma delas segurando o punhal imaginário. Afastou as lembranças para dizer: – Pode ir, sim. Está mesmo com cara de quem precisa dormir. Está pálido. Parece até doente. – Surpreendeu Dotan ao tocar seus cabelos. – Curioso, nunca tinha percebido que seus cabelos são brancos. – Virou-se para a caixa e a apanhou, ordenando: – Agora vá! – E estampou um enorme sorriso no rosto.

O oficial deixou o palácio num passo apressado.

Enquanto olhava através do vitral e via o sol da tarde prestes a se pôr, Nero disse para si mesmo:

– Minha Vênus vai adorar o presente!

•

Ao ver a linda mulher na cozinha conversando com Levy, o menino se escondeu por trás da porta e os observou por um instante.

– Lucius? – surpreendeu-se Levy, ao ver a mão pequena segurando a porta e o rosto parcialmente escondido. Mexeu a mão num movimento repetitivo. – Venha, venha. Conheça a nossa hóspede.

O menino se aproximou. O olhar baixo, as mãos juntas.

– Cachinhos feitos de sol – disse Esther, enquanto aflagava os cabelos do menino. – Então, você é o filho de Dotan?

Lucius sorriu e meneou a cabeça, dizendo que sim.

– Mas já é quase um homem. Até se parece com o pai.

O menino deixou o sorriso largo traír sua vergonha para mostrar quanto aquele comentário o deixara feliz.

Levy abriu a porta dos fundos e disse:

– Vou levá-la ao seu quarto. A casa de campo do meu senhor é enorme. O que não faltam são quartos para visitas, mas ele me pediu para alojá-la no quarto que fica no alto da torre do celeiro. – Baixou a vista. – É certamente o lugar mais seguro da nossa propriedade.

Ela sorriu para Lucius, deu-lhe as costas e acompanhou Levy. Parou quando sentiu o menino lhe puxar a barra da túnica e o ouviu dizer:

– Sei de um truque que ninguém mais pode fazer. Quer ver?

•

A torre tinha um acesso distinto do celeiro. A porta de madeira espessa abria para o lado de fora. Do lado de dentro havia uma pesada porta de ferro, vedada por duas trancas, uma na parte alta, outra no rodapé. A escada helicoidal era feita de pedra. As paredes sem reboco davam ao lugar uma aura rústica e impessoal.

Esther se surpreendeu ao ver que no alto da torre havia uma sala com estátuas, joias e obras de arte espalhadas por todo o lugar.

– Posso ver de perto? – perguntou a moça ao se aproximar de um vaso com ornamentos orientais.

Levy a conteve, tocando seu braço.

– É muito antigo, minha senhora.

– Não entendo. Por que guardar artigos tão valiosos num lugar tão úmido e frio?

Levy sorriu.

Lucius irrompeu:

– A torre foi construída para ser um esconderijo contra invasores. As obras de arte são apenas um *gordo*.

– *Engodo* – corrigiu Levy, sorrindo.

– Isso mesmo – disse o menino. – Olhe – apontou para a escada de madeira que estava escondida por trás de uma estante de livros –, aquela é a passagem para o seu quarto.

Levy pegou a escada e, com a ajuda do pequeno Lucius, ergueu-a, fixando-a num suporte.

– Um invasor desavisado pode pensar que a torre foi construída para esconder as obras que estão nesta sala, mas o verdadeiro tesouro fica acima de sua cabeça e ele nem sequer imagina.

•

O quarto tinha um espelho grande de metal polido sobre um grande móvel de madeira cheio de gavetas. A cama era grande e confortável. Os lençóis, limpos e macios.

– Não há janelas? – ela perguntou.

– Ora, se a ideia era tornar o quarto um segredo? – retrucou Levy.

– Riu. – Claro que há. Só que fica no teto. Existe também uma passagem para a cobertura. A vista é linda.

Lucius usou a lamparina para acender algumas velas e as distribuiu sobre suportes de metal nas paredes. Colocou a última vela sobre a cômoda, e uma luz fraca e morna se espalhou pelo quarto.

Levy abriu a janela que dava acesso ao telhado e deixou a brisa da noite arejar o lugar.

Lucius puxou a túnica de Levy e falou, baixinho:

– Meu pai sempre diz que portas e janelas abertas são um convite a invasores...

O escravo riu.

– Pode dormir com a janela aberta... Seja lá de quem você estiver fugindo, é certo que ele não chegará aqui voando. – Fitou Lucius e pediu: – Agora, vamos. Deixemos a senhora descansar. – Pegou um dos candeeiros e já ia sair quando parou diante da porta. Deu meia-volta e reaproximou-se de Esther, enquanto enfiava a mão na gola da própria túnica. Estendeu a mão fechada para a moça e ofereceu: – Tome. Um presente para reaproximá-la de sua fé. – Abriu a mão mostrando o colar com a cruz de madeira.

Esther fitou a cruz e sorriu, recebendo-a.

– Esta pequena réplica foi feita com a madeira da cruz do calvário de Christus. Foi um presente de meu avô – contou Levy.

– Não. Não posso aceitá-la.

– Pode sim – insistiu Levy, tocando a mão de Esther, obrigando-a a apertar a cruzinha entre seus dedos. – A cruz vale menos que a alma que ela ajuda a salvar. É sua agora. – Deu-lhe as costas e saiu. – E não vai fazer falta, pois tenho outra idêntica a essa.

Lucius o acompanhava quando ouviu a moça dizer:

– E o truque?

O menino parou. Aproximou-se dela e a puxou para perto de uma cadeira para que se sentasse. Buscou uma das velas e colocou sobre a mesa.

Ela via perfeitamente a luz em torno da pequena chama.

Ele aproximou o dedo do fogo, apenas o suficiente para sentir seu calor e tocar sua luz.

Aos poucos, a luz alaranjada se tornou mais clara, até que ficasse branca e intensa. E subitamente clareou o quarto inteiro, como se o sol da manhã ardesse sobre suas cabeças.

Esther arregalou os olhos e murmurou:

– Meu Deus, um milagre...





## 42

Sentou-se na bancada do jardim, colocou o baú de madeira ao seu lado e arrumou a toga, dando espaço para que posicionasse a harpa confortavelmente entre suas pernas. Dedilhou algumas notas enquanto lançava o olhar sobre a cidade, vendo a noite se espalhando no horizonte. Aos poucos, devido à pouca luz, o trânsito de pessoas e carroças se tornava invisível. Parecia, para Nero, uma infinidade de veias se obliterando.

Seus dedos paralisaram ao se lembrar dos últimos acontecimentos: a sensual transformação de Poppea; Paulus surpreendendo sua deusa ao atacá-la; Drucila lavando o salão de audiências com sangue; a cabeça do cristão rolando na Abadia.

– Por Júpiter! – assustou-se o imperador ao sentir o toque frio em sua nuca.

Poppea o abraçou por trás, envolvendo seu pescoço com um dos braços e beijando sua orelha. Ainda sonolenta, perguntou:

– E a divina Vênus? Onde está?

– Desde ontem não a vejo – ele respondeu, voltando a dedilhar o instrumento.

Ela se sentou ao lado do marido, resgatou a caixa de madeira e colocou-a em seu colo. Mesmo antes de abri-la, suas narinas se dilataram ao sentir o cheiro de sangue.

– A quem pertencia o coração?

– Não seria ninguém importante se a deusa não a quisesse ver *morta*.

Fitou-o com olhos de criança quando disse:

– E por que ela mesma não a matou?

Deu de ombros. Não sabia responder.

Poppea abriu a caixa e observou seu conteúdo por alguns instantes. As presas despontaram em sua boca num reflexo e os olhos se tornaram completamente negros.

Nero fitou-a por alguns instantes e resolveu desprezar a harpa sobre o banco. Tocou seu rosto com as duas mãos e a beijou, sentindo o lábio inferior verter o líquido morno que escorreu pelo seu rosto. Uma linha única manchou a toga branca de vermelho. Então ouviu a voz de Drucila:

– O único desejo verdadeiro é a sede de sangue. – Passou o dedo indicador no rosto do imperador e levou-o à boca. – Tenho certeza de que hoje a ama mais do que antes... – A pele de mármore refletia a luz da lua. Seus seios estavam manchados com o sangue dos homens que, há algumas horas, a salvaram do sol. Os cabelos negros contrastavam com a pele branca.

Poppea sorriu e perguntou:

– O que houve com suas roupas?

– Não estavam apresentáveis. Antes nua que malvestida. – Virou-se para Luna e acenou, pedindo que se aproximasse.

Os olhos de Nero se acenderam quando ele viu os cabelos dourados se movendo ao vento, dançando sobre os seios nus. Luna pôs-se a caminhar entre as estátuas de mármore de Julius César e Octavius Augustus. Por um instante, a brancura de sua pele e a perfeição de suas formas causaram em Nero a impressão de que a moça fazia parte da ornamentação do jardim.

– Quem é?

– Luna nos fará companhia – foi tudo o que disse Drucila, pouco antes de perceber o bauzinho sobre o banco.

Nero se levantou de um salto, oferecendo-lhe o presente:

– Não adivinha o que tenho aqui! Lembra? Ou não lembra? A minha Vênus me pediu, e eu ordenei que a matassem! Aqui está: o coração da hebreia que se casou com o legionário! – Nero abriu a caixa ao mesmo tempo em que lhe mostrou o sorriso abobado.

Drucila encarou o coração por alguns segundos. Seus olhos se enegreceram, suas garras despontaram nos dedos. Até que, subitamente, deu um bofete em Nero com o dorso da mão, arremessando-o do outro lado do jardim.

Dois soldados surgiram com lanças em punho, mas pararam ao ver o imperador com a mão espalmada, pedindo-lhes que esperassem, enquanto tentava se erguer do chão.

– Imbecil! É isso o que você é! Acha que sou tola o suficiente para não reconhecer o coração de um porco nojento quando o vejo?!

– Quê? – estranhou o imperador. – Mas...

Num piscar de olhos, ela se posicionou à frente dele e o puxou para perto, expondo seu pescoço ao tracionar seus cabelos com uma das mãos. Cravou nele suas presas e o abraçou. Não foram necessários mais que alguns segundos para que ela visse, no sangue dele, tudo o que havia acontecido. Depois o empurrou, deixando-o cair sentado no chão. Vociferou:

– Maldito seja aquele cão imundo! Dotan é um demônio; Nero, um monstro que persegue os deuses do Olimpo e os devora! Tomou forma de homem para se aproximar de você, mas o engana com truques ridículos como este! – De súbito, ela verteu um semblante inapropriadamente calmo e disse: – Somos uma família agora, eu, você e Poppea... E logo o nosso filho será o deus vivo, o representante de Júpiter na Terra. – Então, virou-se para Poppea e sentenciou: – Quer comer o nosso filho. Isso é o que ele quer.

O imperador se levantou e, quase sem forças, murmurou:

– Não se eu puder impedir...

•

Esther aproximou-se de Dotan, fitou-o demoradamente, colocou as mãos sobre seu peito, sentindo o metal frio da armadura, e suplicou:

– Por favor, fique. Tenho medo de que ela me encontre aqui.

Com um gesto delicado ele a repeliu.

– A solidão faz parte do seu disfarce – abriu um sorriso nos lábios, mas seus olhos se mantinham frios sob as sobrancelhas arqueadas.

– Ninguém imagina que você esteja aqui. Mas se me procurarem na casa e não me encontrarem, certamente virão me procurar na torre ou no celeiro.

– Mas você disse, não disse? Que o truque os enganaria?

Dotan meneou a cabeça.

– É provável que sim. Posso assegurar que o coração de um porco se parece bastante com o coração humano, mas Drucila é ardilosa, foi criada no campo... – subitamente se calou. Mostrou a Esther a mão espalmada, pedindo que esperasse. Franziu o cenho ao perguntar:

– Você ouviu?

Ela meneou a cabeça, respondendo que não.

•

Assim que fechou a porta que dava acesso à torre, Dotan surpreendeu-se ao ver o vulto em frente à casa.

Enquanto se aproximava, via o corpo tomando formas aos poucos, até que percebeu que se tratava de uma mulher pálida, vestindo uma túnica negra e longa cobrindo-lhe os pés. Sentiu o calafrio percorrer sua espinha ao concluir que o cheiro que ela exalava se parecia muito com o odor da pele de Drucila, e viu as próprias garras crescendo lentamente. Sua voz era grave e rouca quando a abordou:

– O que você quer?

Ela se virou e lhe mostrou seu rosto parcialmente encoberto pelas madeixas douradas.

– Luna?

Ela aproximou-se dele e o beijou.

O coração acelerado, o sangue pulsando vigorosamente e o desejo crescendo a cada investida da língua dela entre seus lábios não foram suficientes para evitar que ele a repelisse.

– Não é uma boa hora? – ela perguntou.

Ele não respondeu. Olhou em redor e disse:

– Como chegou aqui?

– Um dos seus criados em Roma contou que você tinha viajado. E, como sei que sempre vem para cá, pedi ao cocheiro de meu pai que me trouxesse. – Puxou-o novamente para perto. – Ele me deixou aqui, sozinha nesse descampado, e partiu, quando viu as luzes que vinham do interior da casa... Tenho saudades, sabia? – Apertou os músculos de uma das coxas dele e lhe beijou o pescoço. – Não vai me convidar para entrar?

Sorriu quando disse:

– Claro que sim.

•

Rasgou a roupa dela num gesto único com sua mão poderosa e a jogou sobre a cadeira.

Ela riu enquanto serpenteava sobre a cama e, como se lambesse as palavras, disse:

– Tenho tanta fome que quase ataquei o cocheiro.

Ele se lançou sobre Luna, mordendo-a, sorvendo seu cheiro como se dependesse dele para viver. Sentiu o mesmo perfume de Drucila e imaginou que talvez a outra lhe tivesse lançado um feitiço para que ele sentisse sua presença em outras mulheres. No entanto, nada daquilo importava diante da urgência do desejo. Empunhou a cintura de Luna com as duas mãos e a girou, fazendo-a rodopiar no ar e cair de bruços sobre a cama. Meteu-se nela, puxando seus cabelos, fazendo-a estender completamente o pescoço para trás e exibindo um sorriso canalha.

•

Ao ouvir a respiração lenta e profunda de Dotan, Luna concluiu que o amante havia dormido. Deixou o corpo deslizar entre os lençóis, até alcançar a beirada da cama. Levantou-se e viu a túnica na cadeira, sob a armadura metálica do legionário. Achou melhor não tentar resgatá-la para não acordar o homem ao seu lado. Afinal, para que serviria uma roupa em pedaços?

Agora andava pelo corredor na ponta dos pés, até que parou em frente ao outro quarto. Lembrou-se de Drucila dizendo: “Quero que o demônio tenha o mesmo destino que planejou para mim. Já que ele quer matar o deus imperador que ainda não nasceu, é justo que você beba o sangue do filho dele até a última gota. Dessa forma, ele perceberá que não pode nos confrontar!”.

Luna abriu a porta com cuidado e viu o menino deitado na cama. Percebeu que a luz da vela que estava sobre a cômoda envolvia o corpo dele, iluminando-o fracamente em vez de se alastrar pela escuridão do quarto. Mas nada era fantástico para ela, depois que passou a ver o mundo com os olhos de quem não vive. De repente, ouviu sons vindos de um dos cantos do quarto. Imaginou que fossem passinhos de um rato, ou de um inseto, e os ignorou.

Lançou-se sobre o menino, vedando-lhe a boca para que não gritasse, e lhe penetrou o pescoço com as presas, chupando seu sangue em goles generosos.

O menino se debateu por alguns instantes, mas Luna o conteve, abraçando-o com braços e pernas, mantendo-o imóvel.

Sentia o líquido doce e morno aquecendo sua garganta, deslizando para dentro do seu corpo, jorrando em pulsos cada vez mais fracos.

*Não falta muito para que o menino...*

Surpreendeu-se com a pancada na cabeça e se assustou, tombando no chão ao lado da cama.

Agora a luz da vela iluminava o quarto suficientemente, de forma que ela pôde ver o homem que a encarava e segurava duas estacas de madeira – as pernas da cadeira que se quebraram com o golpe.

Ela o atacou, rápida como um raio, mas ele conseguiu enfiar uma das estacas em seu corpo.

– Aaah! – gritou Luna, segurando com as duas mãos a estaca que lhe penetrara a barriga, retirando-a num átimo e sentindo o sangue jorrar em pulsos.

Luna golpeou o pescoço de Levy com a mão direita, num gesto único, rasgando sua pele e arrancando a glote e a traqueia do pobre homem.

Levy manteve os olhos arregalados e permaneceu imóvel por alguns segundos, enquanto o sangue jorrava de suas carótidas, até que tombou flácido como um boneco de pano.

Ela levou as mãos ao abdome, percebendo que a ferida se fechava aos poucos. Sorriu, expondo as presas untadas com sangue. Virou-se para a cama, percebeu que Lucius já não estava ali e viu a luz que vinha de fora se espalhando pelo quarto quando a porta se abriu.

– Pai! – gritou Lucius, já no corredor. – Socorro!

Luna movia-se tão rápido que se tornaria invisível aos olhos de um homem comum. Agarrou o menino pelos cabelos e o levantou.

– Acabou – sussurrou no ouvido de Lucius, mas o soltou ao sentir os músculos do lado esquerdo do seu pescoço serem arrancados por presas de um monstro muito maior que ela.

Luna virou-se para contemplar o homem-lobo que pegou seu rosto com uma das mãos e a ergueu do chão. Gritava, sentindo todos os ossos da sua face se quebrando.

Lucius aproveitou para fugir. Sentia-se fraco, mas tinha que correr para salvar sua vida. Correu até a torre do celeiro, forçou a fechadura da porta e percebeu que estava trancada. Lembrou-se de que havia uma passagem secreta, dentro do celeiro, que dava acesso à escada da torre.

Na casa, Luna se debatia nas mãos de Dotan.

Ele a encarou por alguns instantes, tentando entender o que acontecera. Ela se tornara um demônio, como Drucila? Quantos seres como aquele ele iria encontrar? Surpreendeu-se ao sentir o pescoço ser envolvido por uma corrente de prata que rapidamente minou suas forças, obrigando-o a soltá-la.

– A rede! Tragam a rede! – gritou um dos soldados.

Dois homens entraram na casa pela porta dos fundos, carregando uma malha feita com correntes de prata, e a jogaram sobre o corpo do lobo.

O cheiro da pele queimando sob a prata fez os homens nausearem, enquanto observavam o monstro ser reduzido a um homem que se contorcia no chão.



## 43

Sentada na cama, Esther fitava o pequeno pingente de madeira que ganhara de Levy. Imaginava Iesus Christus na cruz do calvário, sofrendo por horas, em nome de um povo que não soube entender sua missão a tempo de salvá-lo. Acariciava a cruzinha, lembrando-se de sua mãe, que lhe contava histórias do Messias. A lágrima ladeando o rosto era a prova de que finalmente se entregara *de verdade* à crença em seu Deus. Sentiu um calafrio devido ao vento que entrava pela janelinha da cobertura; resolveu fechá-la, mas desistiu ao ouvir o barulho que vinha da escada. Seu coração batia descompassadamente enquanto apertava o pingente contra o peito.

– Esther! – gritou alguém do outro lado da porta.

– Quem é?

– Sou eu, Lucius! Por favor! Abra logo!

Girou a chave na fechadura e, no instante seguinte, sentiu que o menino empurrava a porta com toda a sua força.

– Ai! Para que tanta pressa?

Virou-se e rapidamente fechou a porta.

– Luna é um demônio! Ela... Queria me matar! Foi isso o que ela disse! Queria sim! E eu vi! Os olhos... – Subitamente baixou o volume da voz e arrematou: – São negros. Sem parte branca ou... É um demônio! É sim! E ela veio me buscar. – Levou as mãos ao rosto, tremulando, prendendo os soluços que lhe vazavam a boca.

Esther pegou a mão do menino e murmurou:



– Talvez nunca nos encontrem aqui. – Puxou-o para perto da vela que restava sobre a cômoda e juntou os lábios para apagar a chama com um sopro, mas o menino a impediu.

– Não. Por favor. Preciso da luz. Eu preciso. Não apague.

A voz era um sibilo quase inaudível:

– Então vamos nos esconder debaixo da...

Uma risada estridente de mulher calou Esther e a fez sentir o frio lhe subindo pela coluna. Gritou ao ver Luna pendurada de cabeça para baixo.

As pontas de seus pés estavam apoiadas no teto, as mãos pressionavam a beirada da janelinha e os cabelos deslizavam pelo rosto. Uma linda mulher nua, dependurada como um morcego, fitava-os com olhos de demônio e presas de punhal.

Esther andou para trás até que tropeçou e caiu num dos cantos do quarto. Apertou a cruz contra o peito e começou a rezar.

*Janelas e portas abertas são um convite*, foi tudo o que o menino pensou. Não conseguiu ver o trajeto percorrido por Luna até que se postasse diante dele e apertasse seu queixo com uma das mãos, penetrando-lhe a pele com as pontas das garras. Ameaçou:

– Beberei seu sangue até a última gota, seu monte de esterco.

Luna, porém, se surpreendeu quando o menino a atacou com a faca que escondia no bolso.

Rapidamente, ela teve o instinto de parar a lâmina com uma das mãos e sentiu quando o metal lhe trespassou as carnes. Gritou ao mesmo tempo em que arremessou o menino para o outro lado do quarto com um tabefe.

– Como você se atreve a me desafiar? Seu... – Luna correu até Lucius, antes que ele tombasse no chão desacordado, e lhe apertou o rosto com a mão perfurada, cerrando sua boca e nariz e impedindo sua respiração.

O menino não reagia.

A pele de Lucius se tornava mais pálida a cada instante, enquanto o *sangue* da mão ferida de Luna escorria pelo canto da boca da criança.

Luna riu deliciosamente e degustou os últimos momentos de vida de Lucius. Estava satisfeita consigo mesma, pois sabia que aquele

era o desejo de Drucila. Surpreendeu-se ao sentir um corpo se chocando contra suas costas e arremessando-a no chão. Esther, num último ato de coragem, tentou salvar Lucius ao se jogar de braços e pernas abertas sobre as costas de Luna. Caíram as duas no chão, enlaçadas, enquanto Luna gritava e se agitava.

– O que é isso? Saia! Saia de cima de mim! Sua bruxa! O que você... Aaaaahhh! – A fumaça emanava de seu corpo, como se toda a sua pele ardesse em chamas. Repeliu Esther, jogando-a para longe e fazendo-a desmaiar ao se chocar contra a parede.

– Maldita – disse o demônio ofegante. E, ao tocar a pele da própria nuca, sentiu a ferida em forma de crucifixo.

– Que tipo de bruxaria é esta?

Ao ver que Esther permanecia imóvel, Luna voltou-se para o menino. Andou até ele com passos lentos. A cruz feita de pele incinerada em sua nuca cicatrizava ao mesmo tempo em que a ferida em sua mão se fechava.

Lucius despertou, mas, antes de conseguir se levantar, foi arrebatado por Luna, que lhe cravou as presas no pescoço. A juventude e a pureza do garoto deixavam seu sangue ainda mais doce do que Luna imaginara. Chegou a pensar que, a partir daquele dia, se alimentaria somente do sangue de crianças. Sentia o coração dele batendo cada vez mais devagar.

Os músculos feneciam em seus braços e em suas pernas, até que o menino parou de se debater. Então Lucius abriu os olhos novamente. A vista turva, a falta de fôlego... E justamente quando ela se afastou dele, por um momento, para contemplar seu último suspiro, o menino juntou forças e esticou o braço e os dedos da mão, tentando tocar a chama da vela que estava sobre a cômoda. Assim que conseguiu, ele viu o fogo da vela explodindo numa luz intensa que tingiu todo o quarto de branco.

Luna soltou o menino, assustada, e fitou as próprias garras. Viu a pequena chaga na palma da mão se tornar maior, até que a queimação tomou parte do seu corpo. Gritou ao sentir o rosto em chamas, e em segundos seu corpo enegreceu, desmanchando-se em cinzas. A brisa que entrava pelo teto se encarregou de levar seus restos pelo ar.

•

Os soldados perderam alguns minutos observando o homem desmaiado sob a rede de prata. A fumaça que emanava da sua pele tinha cheiro de pelo queimado.

– Por Júpiter – disse um deles, baixinho.

Eram oito legionários ao todo, contando com o mais velho deles: um homem gordo e pequeno que os observava de longe, protegendo-se por trás de uma porta. Ao perceber que Dotan não reagia, ele retirou o elmo e colocou-o sob um dos braços. Levantou a cintura do saiote da farda que insistia em descer devido ao peso e à forma de seu abdome e se aproximou, dizendo:

– Está vivo, não está? O imperador deixou claro que devíamos levá-lo vivo para o palácio.

Um dos soldados puxou a adaga que levava na cintura e, pressionando sua ponta contra a pele do pescoço de Dotan, retrucou:

– Mas, comandante, não seria mais seguro se o matássemos? Imagine se, no meio do caminho, a magia da prata deixar de fazer efeito e ele se transformar de novo naquele bicho horroroso! O senhor viu, não viu? Tinha o tamanho de dois homens e dentes de lobo!

– Deixe de ser frouxo, Tiburcius. Que tipo de soldado é você? – Encheu o peito de ar e assumiu uma postura inapropriadamente elegante quando filosofou: – O legionário não tem medo da morte. Seu único temor é não morrer lutando!

– E quem quer lutar contra um troço desses?

O comandante pressionou os olhos com uma das mãos, depois meneou a cabeça lentamente, enquanto gesticulava, pedindo-lhes que carregassem o preso.

Os soldados não tiveram dificuldade alguma para colocá-lo sobre a carroça. O comandante sentou-se à frente, junto ao soldado que conduzia os cavalos. Dois homens vigiavam Dotan, mantendo a rede sob seus pés. E quatro homens rodeavam a carroça, em guarda. Tiburcius virou-se para o comandante e irrompeu:

– Senhor, o que estamos esperando?

– Ora, mas onde você deixou sua cabeça? Não acha que está faltando nada?

– A mulher?

– É claro, idiota, a mulher.

– Mas o lobo não a comeu?

Dois soldados se entreolharam como se vissem no comentário um segundo sentido.

O comandante o fitou com um sorriso e arrematou:

– Logo se vê que você não tem futuro na legião romana, meu filho. Na vida militar, tudo se resume a seguir ordens, e nada mais. Os generais e os césaes são as nossas mentes. Imagine que seu juízo derreteu quando você colocou esse elmo sobre sua cabeça. O militar não raciocina, hein? As ordens foram claras, Tiburcius: *esperar a mulher entrar na casa e matar a criança. E só atacar o traidor no momento em que a mulher o enfrentasse.*

– É, só que o imperador não disse que o traidor era um demônio. Pois eu aposto que ele comeu a senhorita Luna.

Um dos soldados o interrompeu:

– Tiburcius não viu porque estava escondido debaixo da cama. E o comandante... Bom, o comandante não percebeu o que aconteceu porque tinha assumido uma posição estratégica que lhe permitisse atacar, caso precisássemos de sua destreza em batalha. Mas eu vi quando a criança saiu pela porta da frente. Pouco tempo depois, quando prendemos o traidor, a mulher desapareceu no ar, como fumaça... Isso ou se transformou em vento e saiu pela janela!

A figura atarracada que o observava de cima da carroça sorriu ao perguntar:

– Como é o seu nome, meu filho?

– Maurus.

Virou-se para Tiburcius e sofismou:

– Está vendo o que é um verdadeiro legionário, meu rapaz? Hein? Está vendo? Segue ordens e observa tudo! Se a ordem é esperar pela moça, então que esperemos.

– E o menino? – confundiu-se outro soldado. – A ordem é esperar que a mulher mate o menino. E se ele fugiu?

– O menino é um detalhe. Somente um detalhe – exasperou-se o comandante. – Que mal pode causar uma criança? O menino era apenas a isca... E a mulher... Quer saber? A mulher que se dane! Diremos que foi comida pelo lobo branco. O menino é um detalhe. Ninguém vai se lembrar dele. E se o imperador se lembrar de perguntar por ele, diremos que não o vimos e pronto. Ou que o demônio o comeu também! – Agitou a mão nervosamente para o cocheiro. – Agora vamos embora que essa conversa me deu fome.



## 44

**E**sther sentiu uma dor lancinante em sua nuca no momento em que despertou.

– Lucius?!

Ao se sentar, percebeu a fígada na coxa. A vista turva, aos poucos, deu foco à imagem do menino desmaiado no chão. Aproximou-se.

– Acorde, pequeno! – Vertia lágrimas nos olhos. – Ah, Deus, por favor! Lucius!

A pálpebra tremulou por um instante. Depois ele inspirou profundamente e tossiu num espasmo, deixando vazar um pouco de sangue entre seus lábios.

Esther o apertou contra o peito e sorriu, aliviada. Fitou-o e disse:

– Tudo vai ficar bem, viu? acredite. O Senhor tem um destino traçado para todos os seus filhos, e você ainda viverá por muitos anos. Eu prometo. – Beijou-lhe a testa e sentiu o cheiro de enxofre que empestava o quarto.

– O que aconteceu com a bebedora de sangue?

O menino mexeu a boca tentando falar, mas não conseguiu, e esboçou o que parecia ser um sorriso de vitória, revezando-o com breves acessos de tosse.

•

Quando sentiu os primeiros raios de sol trespassando as brechas da janela do telhado, Esther decidiu que era hora de deixar sua

fortaleza. Desceu as escadas da torre do celeiro, levando Lucius em seus braços.

Seis escravos arrumavam seus pertences sobre uma velha carroça, enquanto um homem vestindo trapos segurava as rédeas e agitava a perna num movimento ansioso, apressando-os e repetindo que corriam perigo. Ao verem o menino nos braços de Esther, eles sentiram o medo e a tristeza paralisá-los, mas logo baixaram a vista e retomaram suas atividades.

A mulher gritava em desespero:

– Preciso de ajuda ou o menino vai morrer!

Mas nenhum deles respondeu.

Finalmente ela percebeu que havia outros homens reunidos a alguns metros da casa. Dois deles cavavam uma cova na terra, enquanto outro permanecia ajoelhado diante de uma cruz que fora feita com tortuosos pedaços de madeira. Gritou novamente por ajuda, enquanto carregava Lucius.

Um deles soltou a pá ao ver o menino desfalecido nos braços da visitante e correu em seu auxílio, sendo acompanhado pelos outros dois.

Levaram o menino para dentro da casa às pressas e o colocaram sobre a mesa.

– Esquente um pouco de água – disse o mais velho dos escravos.

– Está frio como a neve. – Virou-se para outro rapaz e ordenou: – Traga um pouco de vinho e esquente a lâmina do seu punhal no fogo da lareira. Talvez precisemos cauterizar alguma ferida. – Virou-se para o menino e começou a rasgar suas roupas. Ao perceber as marcas das presas em seu pescoço, meneou a cabeça tristemente. Fitou Esther e perguntou: – O que você fez para que ela a deixasse viva?

Esther mostrou ao homem a cruz que levava escondida sob o decote da túnica.

– Ela se queimou quando a cruz a tocou.

O homem sorriu brevemente e lhe mostrou que também levava sob a roupa uma cruz de madeira.

– Não foi a cruz que a destruiu. Foi Aquele, que o objeto representa, quem intercedeu por suas vidas.

– Natanael – murmurou um dos escravos, tocando seu ombro. – O menino já não respira.

•

Acordou ao sentir as correntes que pressionavam seus pulsos serem tracionadas e o erguerem do chão, obrigando-o a se manter de joelhos e a deixar os braços abertos. As correntes de prata estavam suspensas por anéis de ferro e presas a grandes roldanas que se assemelhavam a rodas de carroça e que, ao serem giradas, aumentavam ou diminuíam sua tensão. Viu as paredes de tijolo e as grades de ferro vermelho que penetravam os pilares de concreto grosseiro. Sentiu o fedor de excremento e de sangue humano invadindo suas narinas.

– Seu prêmio por honra e bravura, meu general – disse o homem gordo enquanto levantava o saiote da própria farda. Entreabriu as pernas e urinou na cabeça de Dotan. – Herói de merda, isso o que você é! Sempre desconfiei de você, sabia disso?

Dotan cuspiu enojado e virou o rosto, tentando limpar a boca em seu próprio ombro. Depois fitou o homem por um instante e viu:

*A lâmina da espada se aproximando do seu rosto. Mas não rápido o suficiente para impedi-lo de se inclinar para trás e ver a espada passar diante dos seus olhos. O braço do bárbaro britânico parecia, para Dotan, tão lento quanto uma lesma. Sentiu o sangue de seu oponente tingir seu rosto, em pulsos, quando seu gládio penetrou a parte inferior do maxilar do inimigo e trespassou sua cabeça, despontando na parte posterossuperior do crânio.*

*Virou-se a tempo de segurar o punho de outro bárbaro e girá-lo para fora, numa posição impossível. Enterrou sua lâmina no espaço compreendido entre o pescoço e a clavícula, derrubando-o com uma cabeçada que fez o nariz do bárbaro afundar.*

*– Por Roma – ele ouviu o grito de Claudius César vindo de longe.*

*O imperador, que deveria manter-se a distância, observando-os, parecia ter mudado de ideia ou ter desistido de viver. Velho demais para lutar, e carregando uma perna fraca e seca, certamente*



*sangraria na ponta de uma espada bárbara em menos de um minuto de batalha.*

*Dotan correu entre os corpos de romanos e britânicos, saltando sobre um dos bárbaros e lhe afundando a cabeça com uma pisada que o impulsionou sobre um homem que estava prestes a vazar um centurião com sua lança, arremessando-o contra dois homens que corriam em sua direção.*

*Viu, no alto da colina, fragmentos da batalha que se travava longe do campo previsto. Os bárbaros não eram tão tolos quanto pareciam: descobriram onde Claudius se escondia.*

*Dotan correu o mais rápido que pôde, vendo seu imperador atrapalhado, tentando subir em seu cavalo sem que conseguisse.*

*Lançou sua espada, que trespassou o pescoço do bárbaro que cavalgava na direção de Claudius.*

*Os poucos homens que guardavam o César caíam em seu redor, surpreendidos pela fúria britânica. Dotan levou a mão à cintura e percebeu, enfim, que já não tinha punhais. A vida do imperador estava por um fio. A morte crescendo em seu redor como uma realidade inescapável. Gritou ao sentir as garras crescendo como lâminas em seus dedos e se lançou sobre o corpo dos britânicos, rasgando suas peles e arrancando suas cabeças.*

*Ao se aproximar de Claudius, fitou o medo nos olhos do imperador e o viu prostrar-se de joelhos. Só aí teve a consciência de que deixara o lobo tomar conta de seu espírito e controlá-lo. Respirou fundo, concentrando-se, tentando conter sua transformação, até que seus traços retomaram formas humanas. Tocou o ombro do imperador e disse:*

*– Levante-se, meu senhor. Ainda corre peri... – A dor em seu peito o fizera calar. Olhou para baixo e viu, na brecha compreendida entre sua pele e a proteção metálica da armadura que protegia seu tórax, uma ponta da lança britânica.*

*Quando abriu os olhos, estava dentro de uma tenda. A vista deu foco à imagem de Claudius segurando a lança ensanguentada em suas mãos. A cara de espanto do imperador era a prova de que descobrira o segredo de Dotan.*

*Sentou-se assustado, enquanto dizia:*

*– Eu posso explicar...*

*– Eu também – retrucou o imperador. – Encontrei entre meus homens um herói de verdade.*

*Ao olhar para a entrada da tenda, Dotan viu o rapaz franzino que tentava se esconder.*

A expressão nos olhos daquele garoto, vestindo trajes de soldado, era a mesma do carrasco que o humilhava agora: medo e inveja em iguais proporções.

– Eu vi como a ferida se fechou no momento em que retiraram a lança do seu peito! Mas quero ver você fazer aquele truque quando sua cabeça rolar pela Abadia!



## 45

**J**á era tarde quando terminaram de cavar a segunda cova.

– Senhora – pediu um dos escravos. – Temos que envolver a criança.

Esther devolveu-lhe um olhar desesperançado e triste. Depois meneou a cabeça baixa, como se engolisse as palavras.

Os três homens colocaram o menino sobre a manta branca e o envolveram. Tinham pressa em esconder seu rosto inocente, mais por angústia que por cerimônia. Depois se ocuparam em arrumar o corpo de Levy, que já exalava um odor desagradável. Sua pele estava edemaciada e cinzenta.

Esther permanecia sentada no chão de terra, apoiando o peso do rosto e da própria alma em suas mãos. Observava os escravos rodeando a cova e posicionando o corpo de Levy sobre ela. Via-o sendo abandonado dentro do buraco e sentiu o coração acelerar ao ouvir o ruído seco: o crânio batendo contra o fundo da sepultura improvisada. Levantou-se num átimo e correu até perto do corpo de Lucius, sentando-se na beirada da cova menor, observando o menino.

– Melhor que eu os ajude – ela disse, enquanto deslizava, para dentro da sepultura. – Devagar. – Ergueu as mãos e recebeu o corpo do menino com um cuidado maternal, deitando-o. Só então se deu conta da morbidade daquela situação e apressou-se em sair dali.

Um silêncio absoluto se instalou por alguns segundos.

O mais velho dos escravos, o mesmo homem que horas antes se preocupara em salvar a vida do menino, foi quem se pronunciou:

– Acho que não tem que ser um sacerdote pra enterrar alguém numa situação como essa. – Desviou o olhar de Esther. – Mas, se a senhora preferir, eu posso chamar outra...

Ela o interrompeu ao tocar sua mão e lhe devolver um sorriso forçado e tremulante.

O homem então se ajoelhou e todos imediatamente o seguiram. Juntou as mãos em oração e começou a proferir palavras de louvor, enaltecendo seu Deus, depois disse:

– Não há de se pedir pela alma de quem já foi salvo, porque Levy era um bom cristão, e o menino era um inocente.

Todos concordaram, meneando a cabeça. Depois cerraram os olhos e permaneceram calados por alguns minutos.

Natanael se levantou e pegou do chão uma pá, enfiando-a no chão e arremessando um bocado de terra na cova de Levy.

Os outros se levantaram e pegaram suas pás.

Esther permanecia encarando o corpo pequeno de Lucius e ouvia a sinfonia de areia e pedras se chocando contra o corpo de Levy. Um som que se amortizava à medida que o soterravam.

Quando o primeiro corpo já tinha sido sepultado, os homens rodearam a segunda cova e imediatamente meteram suas pás no monte de terra que a circundava. Um deles olhava a todo o tempo para a carroça, como se temesse que a noite, que logo viria, trouxesse de volta os carrascos que levaram seu senhor.

Esther pôs a mão no peito e deu meia-volta, andando apressadamente até a sacada da casa. O medo e a tristeza tinham lhe tirado as forças. Sentou-se numa cadeira e limitou-se a observar os homens de longe.

Alguns minutos depois, percebeu que um dos coveiros parara de jogar terra na tumba. Os outros dois também pararam. Viu quando Natanael coçou a cabeça e arregalou os olhos, depois gesticulou para os outros escravos apressadamente.

Voltaram a enterrar o menino.

De súbito, pararam de trabalhar, mais uma vez. Agora tinham os semblantes assustados e deram um passo para trás.

Esther se levantou curiosa e correu até a cova, enquanto via os escravos imóveis, vertendo um tom lívido em suas peles. Viu a mão do menino se insinuando entre as voltas do tecido que o envolvia.

O defunto finalmente conseguiu desenrolar seu rosto e dizer:

– Ei! O que vocês acham que estão fazendo?



## 46

**D**espertou ao ouvir a voz do imperador:

– Não se parece com a sombra do homem que matou centenas de partas e bretões em nome de Roma.

Sentiu a mão de Nero lhe apertando a face.

– É apenas um rato disfarçado de raposa.

– Ou de lobo – corrigiu Drucila. Aproximou-se e tocou o braço de Nero, pedindo-lhe, com o olhar, que se afastasse do prisioneiro.

– O que vocês fizeram com Lucius? – vociferou Dotan, o rosto tomado pelo ódio.

Drucila perdeu alguns segundos observando o corpo de Dotan em meio às sombras de um dos cantos da cela. Via seus músculos marcando a pele quando ele tracionava as correntes. E se encantou com a *fúria* que lhe dilatava as veias do pescoço, lembrando-se da noite em que lutaram na rua e se perderam num abraço que quase os matou.

– Nós não o encontramos – irrompeu o imperador. – Mas assim que...

Drucila o calou, dizendo:

– Não minta para nosso convidado, Nero querido. – Colocou-se diante do imperador e o acalentou com um sorriso.

– Talvez você precise se acalmar. Não está vendo que ele não pode nos fazer mal algum?

Nero arqueou as sobrancelhas.

– Mas...

Encarou o prisioneiro novamente, dizendo:

– O menino está a salvo num lugar que somente nós conhecemos.

Dotan se levantou, saindo da escuridão, revelando sua nudez e sua fúria quando vociferou:

– Se fizerem alguma coisa com ele, eu juro que vou lhes dar uma morte lenta e dolorosa!

Nero se encolheu e encostou-se à grade da cela.

Drucila percebeu o ódio que Dotan sentia e foi tomada por uma enorme satisfação. Aproximou-se o suficiente para examiná-lo melhor, mas manteve uma distância necessária a fim de que ele não a tocasse.

Nero o instigou:

– Não pode fazer nada, preso em correntes de prata, seu demônio comedor de divindades! Não pode lutar contra o destino: meu filho vai ser o deus imperador!

Dotan fitou Nero com um misto de nojo e confusão.

– Quê?

Drucila voltou-se para Nero e ordenou:

– Agora chega! Você não está ajudando. Acho melhor que suba para nossos aposentos. Não gosto de deixar Poppea sozinha à noite. Tenho medo de que ela devore toda a nossa guarda. – E meneou a cabeça, dizendo para si mesma: – Não ficou mais esperta depois de morta.

Nero não discutiu. Apenas deu as costas e saiu da cela, aliviado.

Drucila segurava as barras da grade, vendo o imperador desaparecer na escada do calabouço e mantendo-se de costas para Dotan, quando disse:

– Mesmo sem olhar para você, posso adivinhar seus movimentos.

Dotan tracionou as correntes de novo, fazendo a prata sibilar de tão tensa.

– Não adianta lutar. – Aproximou-se dele. – Vi em seu sangue todo o sofrimento da sua existência. – Tocou o rosto dele com o dorso da mão. – É ao mesmo tempo triste e fascinante.

– O que você fez com meu filho?

– O menino não me interessa. É a mulher que eu quero.

Dotan não respondeu.

– Acha mesmo que eu iria aceitar um coração de porco no lugar da morte do demônio que me roubou o marido?

– Ela não está comigo – antecipou-se o prisioneiro.

– Claro que está. E você vai me dizer onde encontrá-la.

– Por que não descobre bebendo meu sangue? Não foi assim que você descobriu meus segredos?

Drucila mordeu o lábio antes de sorrir. Confessou:

– Não deu muito certo da primeira vez. – Aproximou-se um pouco mais e tocou seu peito. – Escute: o menino está a salvo. Isso eu juro. Pode confiar. E eu prometo a você que vou entregá-lo a alguém que possa cuidar dele da forma como você imagina ser a mais apropriada. É uma promessa, não tem falha. Mas só farei isso se você me disser onde posso encontrar a escrava.

– Ele está bem mesmo?

– Claro que sim.

– Fui à casa de Esther para matá-la, mas desisti na última hora. E só o fiz em consideração a Emilianus, a quem sempre tive em grande estima. Conte-i-lhe que você a queria morta e ela se apressou em fugir. Não faço ideia de onde esteja agora.

Drucila sorriu.

– Vejo que passaríamos a noite inteira aqui e não adiantaria. – A mão dela deslizou na pele dele, tateando os músculos do seu abdome.

– Não faça isso...

Beijou-lhe o pescoço suavemente. Depois mordiscou sua pele com as presas, sem que a perfurasse. Sussurrou em seu ouvido:

– Seu sangue é um delicioso veneno. – E enlaçou o corpo dele com braços e pernas, mantendo-se suspensa no ar.

Dotan sentiu os pelos arrepiarem, e, ao ser tomado pela fúria do lobo, a prata lhe queimou os pulsos. Mas a dor só aumentou seu desejo. Ainda lúcido, repeliu o corpo de Drucila, derrubando-a no chão.

Ela se levantou enquanto limpava as mãos na túnica escarlate. Fitou-o ao mesmo tempo em que se despia lentamente. Os olhos enegreceram quando disse:



– Façamos então um novo trato: *faça* comigo, general, e prometo que deixo o menino ir. Sei que é isso o que você quer. Sempre foi. Via o desejo em seus olhos desde quando o conheci. Antes não me tinha porque eu era esposa do seu amigo. Depois não me possuiu por compaixão à mulher perdida nas ruas do Aventino... Ou por nojo, ou pelos dois motivos. E finalmente, quando teve oportunidade e desejo, já era sua missão me destruir. Mas vi em seu sangue que me deseja tanto quanto me odeia. E agora tem uma desculpa para fazer o que quer: penetre meu corpo com fúria e eu deixo o menino viver!

Entreolharam-se por alguns instantes.

Drucila saltou sobre ele e o mordeu, sem que sugasse seu sangue. E ele retribuiu rasgando sua pele com os dentes e vendo-a regenerar em segundos. A cada segundo, as transformações do lobo eram controladas pela prata. O desejo, cada vez maior e mais tenso, crescia a cada beijo. Consumiam-se em pé, naquela cela imunda e malcheirosa, sentindo ódio e amor um pelo outro.

Mesmo que fosse um amor estranho e abjeto.

Ao sentir todo o desejo de Dotan explodindo em seu ventre, ela gargalhou ensandecida. Beijou-o com lábios tremulantes e umedecidos pelas lágrimas de sangue.

O oficial repeliu-a, sentindo vergonha do que acabara de fazer. Os olhos negros e brilhantes orvalhando o vermelho seria uma visão que ele nunca esqueceria.

– Você sabe que sua existência é miserável quando só sente alegria diante do sexo e da morte – ela murmurou enquanto escondia o corpo com a túnica.

– Deixe o menino ir! Você prometeu, e é isso o que vai fazer!

Enxugou as lágrimas e observou o dorso da mão por um instante.

– Fica cada vez mais difícil sentir que posso gerar uma vida dentro de mim.

– Você está morta. E tudo o que a morte pode gerar é mais morte e sofrimento.

Drucila sorriu.

– Mesmo sabendo que tenho a vida do seu filho em minhas mãos, você caçoa de mim?

Ele não respondeu.

Drucila tocou o próprio ventre e assumiu um semblante pesado ao dizer:

– É nessa hora que eu sinto que posso ser amada. E imagino o filho que nunca tive. – Enxugou novamente os olhos.

Drucila deu as costas para ele e se vestiu. Passou a porta da cela e a trancou. Virou-se para Dotan e sentenciou:

– Meu desejo era largá-lo nesta cela e usá-lo todos os dias ao meu prazer. Mas não posso deixar que todos pensem que posso ser desafiada impunemente. – Subia as escadas ao concluir: – Amanhã à noite sua cabeça rolará pela Abadia!



## 47

O cocheiro parou a carroça em frente à porta dos fundos. Natanael olhou em redor e se certificou de que ninguém os observava. Depois puxou a lona que encobria sua preciosa carga, revelando os rostos de Esther e Lucius, que se escondiam, deitados, em meio às bagagens.

– Até que enfim – disse o menino. Fitou a mulher e arrematou: – Você precisa de um banho.

Esther rapidamente se levantou e desceu da carroça.

– Está frio – disse um dos homens ao tocar a mão de Lucius no momento em que o ajudava a descer do transporte.

De repente, uma sombra se antecipou em meio à escuridão do beco.

Esther puxou o garoto, colocando-se à frente dele.

Os homens empunharam suas armas, enquanto Natanael dizia:

– Não queremos fazer mal a ninguém. Só estamos de passagem.

O homem deu um passo adiante, revelando seu rosto.

– É um dos homens que prenderam Paulus de Tarso – murmurou um dos escravos.

– General Antonius – antecipou-se Natanael. – Não vamos deixar que...

O oficial deu mais um passo adiante e explicou:

– Calma. Não estou aqui para prendê-los. Se estivesse, não viria sozinho, viria?

Os homens sacaram seus punhais.

– Já disse. Eu...

Todos pararam ao ouvir o rangido da porta dos fundos se abrindo e ao sentir a umidade do beco, saída de dentro do prédio abandonado. O homem à porta sentenciou:

– Antonius agora é um dos nossos.

•

Petrus fechou a porta dos fundos e a selou com uma pesada trava de madeira. Pediu a um dos seus ajudantes que chamasse Iacobus.

– Lúcifer tomou conta de Roma. Como em Sodoma e Gomorra, morremos em meio ao pecado e à devassidão de homens possuídos – disse Petrus, como se falasse consigo mesmo.

Antonius se apressou em dizer:

– Eu vi a mulher se transformando em demônio. Os olhos cheios de fúria e de morte. E as garras... Vi também o poder de Deus na luz que emanava das mãos de Paulus, quando ele tentou queimar o demônio que possuía Poppea. Mas Drucila não deixou. Só estou vivo porque Deus permitiu que assim fosse, mas se demoro um pouco mais para correr dali...

Petrus ouviu um ronco que vinha da barriga de um dos visitantes e irrompeu:

– Ora, mas que falta de cortesia a minha. Devem estar todos com fome, não é mesmo? Venham, conversamos à mesa. Por mais urgente que seja a nossa missão, não podemos fazer nada de barriga vazia.

Serviram-lhes pão, azeite e um caldo feito com carne de galinha. Todos comeram, exceto Lucius, que encarava o prato sem dizer nada.

– Hoje comemos e descansamos. Amanhã teremos uma reunião com todos os cristãos. O ataque ao antigo templo é a prova de que temos de fazer alguma coisa, ou estamos condenados à morte. O imperador está possuído e irá nos caçar até que tenha certeza de que nos destruiu. E Deus está acima de qualquer rei ou imperador. Se tivermos de morrer para que outros irmãos levem a palavra Dele, então é isso o que faremos.

Todos concordaram ao menear a cabeça.

Iacobus fitava Lucius, quando disse:

– E o menino não come?

– Está preocupado com o pai – antecipou-se Esther. – Não é, querido? Coma! Coma e se sentirá melhor. Está pálido.

– Cinzento, na verdade – corrigiu Antonius.

Um dos homens pensou: *E frio como a própria morte.*

– Ouvi rumores – começou Antonius, atraindo a atenção de todos à mesa. – Dotan está sendo mantido como prisioneiro de Drucila no calabouço do palácio. Ouvi alguns homens comentando que haverá uma nova execução na Abadia. Só que, dessa vez, à noite. Amanhã o teatro popular apresentará sua comédia, como de costume, e, logo depois, todos serão conduzidos à Abadia das Três fontes, onde Drucila planeja... – Calou-se ao olhar para Lucius, depois continuou:

– Temos de agir rápido ou perderemos as poucas chances que temos. Sem Dotan, não temos como vencer... Mas eu tenho um plano!

•

Acordou enjoado e se virou para o lado esquerdo da cama, vomitando um líquido branco e espesso numa bacia de barro. Viu a pequena chama da vela tremulando na cabeceira e sentiu os olhos ardendo com a luz que dela emanava. Apagou a chama com um sopro e se sentou, observando a mulher que se esticava sobre um banquinho, tentando alcançar o teto do quarto. Lucius a interpelou:

– O que está fazendo?

– As cruzes – disse Esther, sem encará-lo. – As cruzes podem ferir os demônios. Você não viu porque estava desmaiado, mas eu consegui queimar aquela criatura maldita com a minha cruz. Queimou como carne na brasa! – Finalmente alcançou o prego e nele pendurou a cruz de ferro, que pendeu diante da janela.

Lucius olhou em redor e viu sete cruzes espalhadas pelo quarto. Uma fora fixada na porta, outra estava pendurada sobre o espelho da cama. Duas delas pareciam ter sido feitas às pressas com

pequenos tocos de madeira. Esther desceu do banco e sentou-se na beirada da cama. E, fixando o olhar na bacia, sugeriu:

– Tem certeza de que não quer que chame um médico?

– Não preciso – murmurou o menino.

– Você não comeu quase nada.

Deu de ombros, enfiando-se debaixo dos lençóis e deixando apenas parte do rosto de fora.

– Esther...

– Quê?

– E se eu estiver me transformando num demônio igual a Luna?

Ela me mordeu e eu morri. E agora...

– Se tivesse morrido, não estaria aqui agora. Pare com essas bobagens! Ai! Olhe só: me arrepiei toda, está vendo? Não diga mais nada. Vá dormir. Se você fosse um demônio, não aguentaria dormir num quarto cheio de cruzes. Eu vi, Lucius, ninguém me contou. As cruzes podem queimá-los.

Lucius não respondeu. Só girou o corpo e despejou outra leva de muco branco na bacia.



## 48

Deitado de bruços na cama, Nero gargalhava descontroladamente, entrecortando o riso com inspirações súbitas e ruidosas, semelhante aos guinchos de um porco.

– Faça logo, Poppea, por favor!

Ela deslizava as longas madeixas sobre a pele das costas dele, mantendo as palmas das suas mãos frias muito próximas às faces internas das coxas do imperador, até que subitamente o tocou.

O homem engasgou-se com o próprio sorriso, depois verteu um semblante sério, um cenho franzido e um novo sorriso com a boca tremulante e úmida. Ao abrir os olhos, viu a sombra de Poppea, projetada pelas chamas do candelabro, bruxulear na parede à sua frente. Virou o rosto para trás e procurou seu beijo, recebendo um tapa como resposta.

Poppea sorriu. E em seu sorriso despontaram presas longas e brilhantes. No momento em que ela cravou nele suas presas, ambos ouviram o barulho de alguém batendo à porta dos aposentos, e a voz grave que anunciou:

– Ave, augusto! Seu conselheiro acaba de chegar de viagem e me pediu que o avisasse de sua presença.

•

Nero abriu as portas do aposento aos chutes, amarrando a túnica às pressas e mantendo os músculos do rosto contraídos, maldizendo a tudo e a todos em seu redor.

– O senhor Sêneca o espera no jardim palaciano, meu *princeps* – avisou o soldado da guarda pretoriana que o viu passar como um raio diante dos seus olhos. Ao tentar acompanhá-lo, foi detido pela mão de Poppea, que lhe apertou o braço.

– Um momento, soldado. Acho que você pode me ajudar. Venha, entre um pouco. Sinto dores nas costas... Coisa que toda grávida sabe bem o que é. E pelo visto o imperador não vai ter tempo de me dar uma massagem... Mas acho que você vai servir.

Ele a encarou com um semblante sobejado de dúvida e surpresa. Depois relaxou num sorriso sórdido, meneando a cabeça e dizendo que sim.

•

– Amado *princeps*, minha soberaníssima autoridade! – O velho abriu os braços e premiou Nero com um sorriso.

– Onze meses, Sêneca? Pensei que havia morrido – retrucou o imperador, envolvendo-o com um caloroso abraço.

– Temos muito a discutir. – Verteu um semblante sério, sentando-se no banco do jardim. – Desculpe-me a indelicadeza, mas...

– Ora, deixe disso. Estamos somente nós dois aqui. Não vejo motivos para cerimônia.

Sêneca tinha o rosto sulcado e murcho. Parecia dez anos mais velho do que demonstrava ser no dia em que partiu.

– Augusto. – Levantou-se novamente e mostrou o banco ao imperador, que prontamente se sentou. – Otho não é o único insatisfeito com as novas cargas tributárias.

– Ora, mas só aumentei as taxas porque ele me rouba descaradamente! É um corrupto! Uma traça!

– Meu *princeps*, a Lusitânia é um buraco. Uma terra desgraçada cheia de indolentes e mulheres com bigodes. Otho alega que se ressentem em saber que o cargo de governador lhe foi dado como um castigo, uma forma sofisticada de exílio. E diz que mete a mão nos cofres públicos como uma compensação para ele e para os nobres que fazem parte de sua cúpula governamental. Mas acho que é



apenas uma desculpa; que *ele rouba* dos cofres de Roma para financiar um exército cuja finalidade eu desconheço.

– Ora, mas que absurdo é esse?

Fitou Nero com olhos pesados e úmidos.

– Meu *princeps*, temo que estejamos em via de um golpe militar.

Nero gargalhou, apoiando as mãos sobre os joelhos.

– Otho? Aquele idiota vai tomar Roma à força? – e ria novamente.

– Queria eu ver tanta graça num cenário tenebroso como este.

– Um idiota.

– Mas ele não está só. Da Lusitânia fui à Germânia e pedi, em seu nome, que Vitellius me colocasse a par de suas finanças e estatísticas.

– E daí?

– Há discrepâncias maiores que nas contas Lusitanas. Os gastos com a guarda são assombrosos. Sem falar nas fortunas que ele gasta com banquetes e festas infundáveis.

Tocou o ombro de Sêneca e o consolou:

– Meu amigo, você bem sabe que essas são coisas da vida pública. Não há um governante que não se aproveite da posição para encher os bolsos com ouro. Mas a ambição desses pusilânimes nunca vai além de alguns milhares de denários... – Verteu um semblante sério por um instante, depois sorriu novamente, dizendo:

– Sêneca, meu querido, os deuses nos abençoaram com sua presença entre nós! E, com os deuses do nosso lado, ninguém poderá se opor à grandeza do império.

*Enlouqueceu de vez.* Foi o que pensou Sêneca, pouco antes de retrucar:

– Não há deus que supere a malícia e a covardia de quem se sente preterido e exilado. Esses homens são uma real ameaça. Eu, em seu lugar, os substituiria urgentemente. E mais: Otho e Vitellius não são seus maiores problemas. Já que me dispus a investigar, resolvi ir a Tarraconense e me surpreendi quando um oficial me informou de que o general Galba não me receberia.

Nero meneava a cabeça, achando graça de tudo o que seu conselheiro dizia.

– Acho que o sol do Mediterrâneo lhe queimou os miolos, querido Sêneca. O que você precisa mesmo é de descanso.

•

À porta dos aposentos de Sêneca, o imperador revelou:

– A poderosa Vênus se manifestou entre nós e vive no palácio, dividindo o quarto e, às vezes, a cama comigo e com Poppea.

– Quê?! – o semblante se Sêneca converteu-se num misto de surpresa e vergonha.

– Logo você a conhecerá. Não agora, com essa cara amassada que você está. Com a cabeça cheia de atentados e conspirações fictícias. – Apertou-lhe os ombros. – Durma, porque seria injusto exigir de olhos tão cansados a compreensão de uma beleza tão pura e divina.

Sêneca estendeu ao imperador uma mão espalmada, como se pedisse silêncio.

– Está ouvindo? Que barulho é este?

Nero suspirou e logo sorriu, dizendo:

– Olhe só como você está espantado. Ouve coisas, isso sim. Amanhã à noite, hein? Jantamos juntos, eu e você. Aí, vou lhe apresentar a minha deusa. Tem de ser à noite. Durante o dia, ela não pode ser incomodada. É um convite e uma ordem: amanhã você vem para o jantar!



## 49

—Mas ninguém me disse nada – espantou-se um dos centuriões que montavam guarda na masmorra palaciana.

Outro soldado retrucou:

– Eu também pensei que...

Antonius os interrompeu:

– Pensaram errado. Ora, mas que absurdo. Eu, um general, ter de me deter em explicações para dois reles soldados da mais baixa patente. Se digo que houve trocas na escala de serviço, é porque fui eu mesmo que as ordenei. Não sei onde os senhores estavam que não ficaram sabendo. Amanhã cedo, ouçam bem!, amanhã muito cedo vou investigar, junto aos seus superiores imediatos, o que eles pensam do desempenho de vocês. – Puxou um dos homens para perto e colou seu rosto ao dele, inspirando profundamente. – Bebe, não bebe?!

Gaguejou:

– Só quan-quando estou de folga...

– Pois então beba menos em suas folgas. É óbvio que a ressaca o tem feito se atrasar para as passagens de serviço. Não vejo outra explicação para seu desconhecimento. Escute: o preso que vocês estão guardando aí é um indivíduo de altíssima periculosidade. Um monstro com poderes místicos! Sabem o que é isso?

Os homens deram um passo para trás.

– Pois bem – Antonius agitou uma das mãos, pedindo que os homens que o acompanhavam dessem um passo adiante.

Amnon estava perdido dentro da farda de legionário, de tão magro que era. O outro andou com passos rentes ao chão, temendo que as sandálias lhe saíssem dos pés. Qualquer pessoa inteligente que os visse, naquele momento, perceberia que os uniformes não pertenciam aos dois rapazes.

Um dos verdadeiros guardas, que já os analisava com um olhar desconfiado, protestou:

– O senhor general me desculpe pela curiosidade, mas o que qualifica esses homens para o serviço? Qual a habilidade que esses dois legionários têm que nós, que já assumimos o posto previamente, não temos?! Seus homens são os menores e mais desajeitados soldados que já vi.

– São treinados em artes místicas! Artes místicas! O tamanho não interessa! Esses homens que você julga serem menores que você são, na verdade, bruxos poderosos incorporados à nossa centúria com grande orgulho... – Calou-se repentinamente, puxando o homem novamente para perto e murmurando: – E sigilo, soldado. São agentes especiais e devem ter suas identidades mantidas em segredo. – Empurrou-o. – Agora vão, antes que eu mude de ideia e lhes tome a licença.

Os homens se apressaram em recolher suas armas e entregaram as chaves das celas a Antonius.

•

As três silhuetas masculinas descendo as escadas às pressas logo revelaram suas identidades ao serem iluminadas pela luz morna que emanava das tochas do calabouço.

– Antonius? – surpreendeu-se Dotan.

O general correu até a cela, tateando o molho de chaves às pressas. Virou-se e ordenou:

– Preciso que um de vocês permaneça na entrada do calabouço. Ou vamos chamar muita atenção! – Finalmente encontrou a chave que abria a porta da cela e a escancarou. As velhas dobradiças de ferro emitiram um rangido áspero.

– Está louco, Antonius? Se alguém o encontrar aqui, é morte certa! Vá embora e salve sua vida!

– Há algo muito mais importante que nossa vida envolvido nessa confusão toda – retrucou o general, tentando abrir as trancas das algemas de prata que continham Dotan. – Agora eu vejo a verdade, meu amigo: Deus enviou você para livrar Roma desse demônio em forma de mulher! Não me arrisco somente por você, mas ponho minha vida à disposição de uma causa maior: a salvação de homens e de almas! – De súbito, irritou-se: – Ora, mas que maldição é esta? Parece que nenhuma das chaves abre as algemas.

Dotan perdeu alguns segundos, pensando.

– Podemos arrebentar as correntes – sugeriu o escravo disfarçado. Antonius lhe devolveu um olhar cheio de crítica e testou novamente se alguma das chaves abria as algemas.

Dotan irrompeu:

– Só se... – E se calou, meneando a cabeça nervosamente.

– Só se o quê?

– Antonius, já tive ferimentos horríveis em batalha, mas a pele e os músculos lesados sempre regeneram. Você entende? – Agitou os punhos cerrados, fitou a espada embainhada na cintura de Antonius e o encarou.

Antonius retrucou:

– Quê? Ora, mas... Não, não, não pode ser! Não acredito que você pense que eu... Não, isso não! De forma alguma!

– É nossa única chance.

– Está louco, Dotan? Não vai dar certo.

– Claro que vai. Preste atenção: você vai ter de ser rápido e frio, mas muito frio mesmo. O mais importante é que você me afaste o máximo possível das correntes de prata, porque, em contato com a prata, eu não consigo me regenerar.

Coçou a cabeça, mantendo os olhos arregalados ao fitar o amigo.

– Ai, meu Deus. Em que eu fui me meter?

Antonius desembainhou a espada e ergueu-a até a altura da própria cabeça. Mas logo relaxou, deixando a espada tombar ao lado do seu corpo.

– Eu posso esperar lá fora? – pediu um dos homens que o acompanhavam, subindo as escadas do calabouço correndo, tocando sempre as paredes, como se perdesse parte das forças das pernas ao imaginar o que estava prestes a acontecer.

Dotan o encarou:

– Ora, mas o que você está esperando?

Antonius verteu uma palidez marmórea e relaxou os músculos do rosto num gesto destituído de emoção. Num movimento rápido e preciso, girou a espada sobre a própria cabeça, descendo-a sobre o pulso de Dotan como uma guilhotina.

*Chunc.*

O barulho seco de osso se rompendo precedeu o sibilo que o esguicho de sangue produziu.

Dotan emitiu um gemido sofrido e abafado, tombando sobre os próprios joelhos.

Antonius apoiou-se sobre a espada, inclinando-se para frente e vomitando no chão da cela. Sentia as pernas bambas.

– Não pa-pare agora... – gaguejou Dotan. – Vamos, homem, a outra mão! Agora!

Antonius teve a impressão de que seus braços se moviam por conta própria, quando a lâmina rompeu o punho que ainda restava preso às correntes.

Dessa vez, Dotan não se conteve e gritou sofridamente, tombando sobre uma poça de sangue.

Antonius mantinha o olhar fixo nas mãos decepadas do amigo e percebeu que elas murchavam rapidamente. Não demorou muito para que as mãos do legionário se transformassem em pó. No entanto, logo despertou e se apressou em puxar o corpo de Dotan para longe das correntes de prata.

– Dotan?

O outro não respondeu.

Os homens desceram as escadas apressadamente e, ao verem a imagem do homem pálido se esvaindo em sangue, pararam à porta da cela.

– Ai, meu Deus... – disse um dos falsos soldados. – E agora? O que é que vamos...? – Calou-se. Arregalou os olhos e deixou o

queixo tombar, vertendo sangue no canto da boca. Olhou para baixo e teve o reflexo de levar as duas mãos ao peito. Tocou a garra ensanguentada que lhe trespassava o peito e empunhava o coração, ainda pulsante. Tombou, revelando a silhueta mórbida de Drucila, que estava atrás dele.



## 50

—E ela não voltou? – perguntou o vendedor de tecidos, enquanto entregava a Adriani o corte que a moça acabara de comprar.

A morena se debruçou sobre a mesa, deixando os seios enormes à mostra no decote do vestido azul, e o encarou dizendo:

– Não voltou. Foi só o imperador vê-la numa festa e apaixonou-se como um bobo. Acredita? Agora ela vive no palácio imperial! Diz-se até que usa roupas de imperatriz. Sabe o que eu acho? Que a beleza é um tipo especial de riqueza. Não concorda?

O homem deixou sua imaginação se perder nas carnes da moça. Viu o colar de rubis pendendo em seu pescoço dourado. A gota de suor deslizando pelo rosto. Tinha vontade de abraçá-la, quando disse: – E como é que eu poderia discordar? – Tocou as pedras do colar e perguntou: – São verdadeiras?

Ela o repeliu.

– Claro que são.

– Não tem medo de ser roubada? – Puxou-a novamente para perto. – Escute: esta cidade está cheia de ladrões e assassinos! Roma já é grande o suficiente para que se escondam inúmeros perigos em suas ruelas.

– E pra que servem as joias, senão para usá-las? – Entregou ao homem o pequeno saco com moedas. Depois levantou a barra do vestido até o alto da coxa, exibindo na cinta a fileira de facas. –



Além disso, eu sei me defender. Tenho olhos de lince, sabia? Não há perigo que me cerque sem que eu o veja de longe.

O homem sorriu.

– Então já percebeu a patrícia que a observa do outro lado da rua? Olhe lá: desde que você entrou na loja, ela não saiu da esquina. Fica o tempo todo espionando. Confira, *olhos de lince*.

Adriani se virou e viu uma senhora que – devido à forma como se vestia e pela quantidade de escravos que a escoltava – parecia ser mesmo uma patrícia.

Adriani agarrou o pacote e saiu da loja apressadamente.

– Senhorita – gritou a nobre.

Adriani a ignorou. Ouviu os passos se aproximando às suas costas.

– Senhorita, um momento!

Adriani sabia do que se tratava:

*Ora, mas que ideia absurda a minha! Agora vão pensar que eu roubei o baú... Achar não é roubar!*

Abaixou-se fingindo tirar uma pedra da sandália, mas, em vez disso, sacou uma das facas que levava na cinta. E, ao se levantar, segurou a bainha do vestido e começou a correr.

– Socorro! – gritou a senhora. – Peguem essa vadia! – Enquanto os escravos perseguiam Adriani, a patrícia virou-se para um pequeno grupo de soldados que se aproximava e suplicou: – Sou a viúva do general Titus! E aquela mulher está usando um colar de rubis que me pertence. O mesmo colar que desapareceu no dia em que mataram meu marido! Peguem-na! Peguem-na e prendam a assassina de um oficial!

•

Levou o coração ensanguentado à boca e o chupou, apertando-o, drenando-o até a última gota. Depois o desprezou, passando o dorso do antebraço no rosto.

– Já bebi melhores – disse sorrindo, fitando o outro escravo, Amnon, que tremia e segurava a espada desajeitadamente.

O pânico estampado nos lábios invertidos. A saliva no canto da boca. Seu rosto exibiu a certeza de uma morte que logo viria.

Drucila pulou sobre o homenzinho, agarrando-se à sua armadura com as mãos e cravando as longas unhas dos pés em suas coxas. Mordia o rosto de Amnon até que lhe arrancou toda a pele antes mesmo de tombarem no chão.

Amnon esperneava e gritava, apavorado, aspergindo sangue em redor da cabeça. Seu rosto agora era uma mistura de ossos e músculos completamente expostos. Os olhos estavam constantemente abertos devido à ausência de pálpebras.

– Esses cristãos fedorentos não valem nem mesmo uma refeição – disse Drucila, sorrindo. – Vou deixar este aqui viver. Que é pra servir de exemplo. Acho até poético, sabia? “O homem que perdeu o rosto ao confrontar a morte.”

O pálido Dotan permanecia desacordado num canto da cela. O sangue já não jorrava em seus pulsos.

Antonius enfiou a mão entre seu peito e a armadura que o protegia, como se estivesse prestes a sacar alguma arma escondida.

Drucila gargalhou ao ver nos olhos de Antonius a intenção de afrontá-la.

– Você pode morrer agora ou degustar seus últimos momentos neste mundo observando seu amigo ser... – Calou-se ao ver que Dotan não reagia. Arregalou os olhos e encarou Antonius por um instante. – Ora, mas o que foi que você fez? Eu quem deveria matá-lo, está ouvindo? Eu! Ninguém mais! – Agarrou-o pelo pescoço, suspendendo-o com apenas uma mão. Seus olhos enegreceram completamente. A boca se abriu mostrando as presas brancas e ensanguentadas. Pôs a língua para fora: longa e afiada, serpenteava.

Antonius sacou a arma que escondia dentro do colete e golpeou a barriga de Drucila. Viu as presas no sorriso mórbido se desmanchando aos poucos. E as garras afrouxando em seu pescoço, pouco antes que ela tombasse de joelhos.

– O que você fez? – confundiu-se Drucila, tocando o objeto que penetrava seu abdome.

Drucila olhou para a própria barriga e percebeu que tinha sido apunhalada com uma cruz de madeira (cuja ponta de seu maior eixo tinha sido afiada, transformando a cruz em uma estaca). Tossiu,

deixando uma massa de sangue preto escorrer pelo canto da boca. Empunhou a cruz, mas, ao tentar retirá-la, sentiu as mãos queimando, como se pudessem incandescer a qualquer momento.

– Mas que tipo de bruxaria é essa? – vociferou com uma voz grave e medonha.

Antonius, apressadamente, apanhou o corpo de Dotan, colocou-o com dificuldade sobre um dos ombros e deixou a cela às pressas.

– Antonius – gritou Amnon. A emoção de sua voz contrastando com a cara de caveira. – Não me deixe, por favor!

O general se deteve por um instante, mas sequer se virou. Temia desistir de sua fuga se encarasse o pobre homem que dera a vida em favor de uma causa sagrada. Subiu as escadas correndo e pensando: *Não posso carregar dois de uma vez. Mas Deus o receberá!*

Drucila mantinha as mãos no chão e vez por outra vomitava uma massa negra e fétida. Fitou o pobre homem sem rosto e murmurou:

– Salve-me e eu devolvo a sua vida e o seu rosto.



## 51

Sentou-se no chão úmido e recostou-se na coluna de mármore, imergindo as pernas na água morna. Sêneca deixou seu olhar se perder nas pequenas ondulações da água e no vapor que dela emanava.

– Talvez não tenhamos mais o que fazer – o som da sua voz ecoou pelo *tepidarium*, a câmara morna daquela luxuosa terma.

As paredes eram revestidas de mármore colorido, que variavam em tons de azul. Os imensos pilares de concreto revestido com mármore branco sustentavam o teto abobadado e decorado com relevos. A pequena abertura no teto permitia que parte do vapor escapasse e deixava um feixe de luz iluminar parte do ambiente, criando pequenos arco-íris que apareciam por um instante, e logo desapareciam, surgindo em outro lugar. O homem atarracado e vermelho submergiu na água por um instante. Quando voltou à tona, esfregou o rosto nervosamente e sugeriu:

– Por mais que tenhamos perdido poder político ao longo dos últimos anos, ainda nos resta o maior de todos os trunfos: se cabe ao Senado reconhecer todo agravo contra o estado ou contra a figura do imperador, é certo dizer que nós, os senadores, escolhemos os tiranos de nossa preferência.

Sêneca enfiou os dedos entre os fios da barba e anuiu:

– É certo que sim. Eu não queria que chegássemos a esse ponto. Mas o imperador parece louco. Não para de repetir que foi abençoado pelos deuses e que...

Septimus o interrompeu:

– Fui informado de que coisas estranhas estão ocorrendo no palácio. Os soldados comentam até que há uma *fúria* que rouba as almas dos vigilantes à noite. Outros comentam que uma mulher, que é sempre vista em companhia do imperador, se transforma numa espécie de *górgona* bebedora de sangue e sai à procura de vítimas pela rua...

– A Medusa? – disse Sêneca, franzindo o cenho. – Talvez os soldados estejam bebendo demais.

– De uma forma ou de outra, o que importa mesmo é que Nero é um louco! Uma criança que não admite ser contrariada.

– Não sei...

– Não sabe? O homem matou Agripina, Burrus e Britannicus! Se deu fim à mãe, a um amigo e ao irmão adotivo, pode nos sentenciar ao mesmo destino a qualquer momento. Não me sinto seguro. Não enquanto ele for o imperador.

– Então você acha que...

– Se o general Galba deseja ser o próximo imperador, então ave, César! Amanhã teremos uma sessão plenária. Algo sobre um tribuno que se envolveu com a esposa de um magistrado. A mulher alegou abuso com medo da ira do marido... Ou coisa parecida. Após a sessão, farei a proposta aos meus colaboradores.

– Por Júpiter.

– Calma, homem. Em sigilo, é claro! A proposta é enviar a Galba a mensagem de que ele tem carta branca do Senado. Que venha o próximo imperador!

•

Fora tomado pelo dever e pela vontade de viver, mas, ao sentir os nós dos dedos batendo na madeira da porta, Antonius percebeu que as pernas fraquejavam.

– Meu Deus! – assustou-se Natanael ao ver o corpo desacordado de Dotan. – Rápido!

Levaram o legionário para a sala às pressas e o colocaram sobre a mesa.

– Amarrei os punhos pra estancar o sangue – disse Antonius.

Ao ouvir o barulho na sala, Lucius se levantou de um salto.

– Pai?

O garoto desceu as escadas com um pouco de dificuldade, pois acordara sentindo-se ainda pior que na noite anterior. A luz que entrava pela porta semiaberta o encandeava.

– Tirem o menino daqui – ordenou Petrus.

Lucius retrucou:

– Desamarrem.

Esther os observava da porta do quarto e logo começou a chorar.

– Desamarrem os punhos – repetiu o menino.

– Assim, ele sangrará ainda mais – advertiu Iacobus.

– Desamarrem os punhos e levem-no para fora. O sol ainda está fraco, mas logo haverá luz suficiente. É da luz que ele precisa.

Petrus coçou a cabeça.

– Garoto, isso não faz sentido. Vá para o seu quarto e deixe que os adultos cuidem de seu pai.

Lucius se aproximou, dizendo:

– Um homem feito de barro cuja costela dá origem a uma mulher; um sábio que junta bezerros e leões numa arca e os mantém em paz por quarenta dias; um Nilo de sangue, chuva de gafanhotos e bebês primogênitos morrendo; mortos que ressuscitam; um profeta fazendo pães e peixes se multiplicarem...

– Do que você está falando? – irritou-se Iacobus.

– Li todas essas histórias em papiros escritos pelo seu povo. São milagres de Deus. Meu pai não é um homem comum, ele é mais um desses milagres... Um milagre que precisa de luz!

Petrus fitou Iacobus por um instante. Ordenou:

– Não estão ouvindo? Desamarrem os torniquetes agora!

•

Natanael sugeriu que o levassem para o andar de cima, onde um dos quartos, cujo teto desabara, passara a ser iluminado abundantemente pelo sol da manhã. Deitaram-no sobre uma esteira

e desamarraram os torniquetes. Colocaram-se ao seu redor e começaram a rezar.

Quando os primeiros raios de sol tocaram o rosto de Dotan, seus olhos tremularam. A respiração, que antes era imperceptível, passou a ganhar mais ritmo e amplitude.

Sonhou:

*Poppea estava deitada na cama, gemendo, e segurava o abdome gravídico enquanto dois homens tiravam suas roupas às pressas.*

*Nero, que observava tudo, estava extasiado. Cantava e dançava, equilibrando-se nas pontas dos pés vez por outra.*

*Drucila acariciou os cabelos da imperatriz por um instante e se afastou, sentando-se num trono negro adornado com imagens de fúrias e hidras.*

*Poppea livrou-se dos lençóis, revelando o corpo nu, e puxou um dos homens para perto, arrebatando-lhe um beijo. Uma gota de sangue escorreu pelo canto da boca dele.*

*Nero se aproximou e tomou, em suas mãos, o pulso do homem que beijava Poppea e cortou o pulso com um punhal.*

*Conteve o sangramento ao apertar o pulso com a outra mão e se posicionou entre as pernas de Poppea, soltando a ferida e deixando que o sangue jorrasse no ventre da imperatriz.*

*Ao tocar o ventre da parturiente, o sangue precipitou as contrações necessárias para que seu pequeno e maldito milagre viesse ao mundo.*

*O segundo homem ofereceu seu pescoço a Poppea. E ela penetrou uma das carótidas dele com as presas, sugando seu sangue em goles generosos.*

*O outro rapaz continuava a embeber o sexo dela em sangue, quando subitamente inclinou-se para trás, assustado.*

*Drucila levantou-se de um salto. E se aproximou, dizendo:*

*– Meu bebê? Venha, querido! Venha! – A lágrima vermelha tingia seu rosto de mármore.*

*Poppea sacudiu o corpo morto do rapaz que acabara de lhe aplacar a sede e se contorceu, acariciando o próprio corpo, como se*

*sentisse prazer ao invés de dor. Gemia, mordendo o lábio, expondo as presas sangrentas.*

*Drucila acenou para Nero, pedindo que se aproximasse um pouco mais.*

*– Veja! Nosso menino, nosso deus.*

*Viram surgir, entre as pernas de Poppea, a mãozinha pequena e negra cujas garras afiadas penetravam a pele do antebraço do rapaz.*

*– Vamos, parteiro – ordenou Drucila. – Ou vai esperar o dia inteiro?*

*O homem encarou-a, assustado.*

*Ela o surpreendeu ao rasgar sua traqueia num golpe rápido demais para ser visto por olhos humanos.*

*Agora o sangue jorrava sobre o ventre da imperatriz, aumentando suas contrações.*

*Foi nesse momento que Poppea gritou, em êxtase, cravando as garras nos lençóis, expelindo o corpo do pequeno demônio.*

*Tudo em redor feneceu num vermelho intenso...*

*Agora, um menino de quatro anos, de cabelos negros e olhos azuis, anda de mãos dadas com o imperador. O menino estende as mãos para o pai, o qual, prontamente, o coloca em seus braços. Os dois se encaram por um instante, sorrindo. E toda a cumplicidade se desfaz quando a criança enfia suas presas no pescoço de Nero, enlaçando-o num abraço mortal.*

*O vermelho tinge tudo em redor, até que o sonho de Dotan se torna um mar de sangue.*

*Agora as formas se definem novamente.*

*No grande salão palaciano, Drucila, Poppea e um rapaz de aproximadamente dezesseis anos recebem seus convidados. Senadores, nobres e os expoentes da casta militar, todos reunidos no mesmo lugar.*

*Drucila sobe ao pequeno pàlanque improvisado e ordena:*

*– Contemplem seu deus. Único e soberano.*

*Nos rostos inexpressivos da plateia, Dotan percebe o poder de encantamento das palavras de Drucila.*



*Os homens mais poderosos de Roma se ajoelham diante do Vampiro Imperador.*

Despertou de um salto, emitindo um grunhido assustador. Dotan sentia a fúria lhe percorrendo a coluna em forma de um choque que rapidamente se espalhou por seus braços e pernas. Uma dor ainda maior que a causada pela lâmina de Antonius quando lhe decepou os membros. Pequenos fios vermelhos dançavam nos cotos das feridas, enlaçando-se e ramificando-se numa malha que logo se condensou numa massa porosa, assemelhada a uma esponja no formato dos ossos das mãos e dedos de Dotan. A substância branca, avançando em ondas, dos punhos aos dedos, cobria a esponja e logo ficaram definidos os ossos que antes haviam sido amputados. Artérias e veias serpenteavam sobre os ossos. As fibras brancas e vermelhas desenhavam os músculos. Excitado, Dotan se levantou da cama, a pele oleosa do seu rosto refletindo o sol, a mão encoberta por uma pele fina e pálida que se assemelhava à pele dos bebês.

Os homens em redor deram um passo para trás. Mais por espanto que por medo da figura imensa de Dotan.

Petrus se ajoelhou, tocando o piso de madeira do quarto.

Iacobus estranhou:

- Que é isso, irmão? Faz desse homem um ídolo?
- Ajoelhe-se também, Iacobus. Esse não é um homem como eu e você. Ele é um anjo do Senhor!



## 52

Ao cair da noite, Sêneca voltou ao palácio. Estava curioso para conhecer a mulher que enfeitiçara o imperador. Tinha certeza de que se tratava de uma ilusão, pois considerava um absurdo essa ideia de homens tendo a vida regida por deuses. As entidades do Olimpo, caso existissem, certamente teriam mais o que fazer, além de se preocupar com simples mortais. Cruzou os portões do palácio e respondeu ao cumprimento formal da guarda pretoriana com um movimento de cabeça quase imperceptível. Quando as portas do salão se abriram, ele viu o imperador sentado em seu trono com o rosto afundado nas próprias mãos. Poppea, ao seu lado, estava notoriamente entediada. Acariciava a barriga com uma das mãos e enrolava as pontas dos cabelos com a outra. Uma mulher pequena e alva orientava quatro oficiais. E, por um momento, Sêneca pensou ter visto os olhos dela verterem em um tom de negro absoluto. No entanto, nada surpreendeu mais o velho sábio do que o ser que se movia pela sala, como se observasse tudo: um homem usando uma capa negra que se estendia até seus pés, arrastando-a suavemente no chão.

O capuz negro escondia seu rosto de tal forma que parecia haver nada ali, uma escuridão absoluta. Seus passos eram tão suaves que Sêneca pensou que o homem flutuava em vez de andar. Levava duas pequenas foices afixadas nas costas, presas a um suporte de couro que dava a volta sobre seus ombros, marcando a manta negra. O

sábio viu as duas lâminas curvas se cruzando à altura da cintura e os cabos apontando para cima à altura das omoplatas.

– Sêneca? – surpreendeu-se o imperador. – Havia me esquecido de você! Venha, se aproxime!

Drucila escondeu o rosto, deixando os cabelos tombarem sobre os olhos por um instante. Com um gesto, dispensou os oficiais, que partiram com passos firmes.

– Se não for uma boa hora, augusto, voltarei depois. Não há problema...

– Não, não. Claro que não – interrompeu-o Drucila. Seus olhos refletiam um azul puríssimo, quase celestial. O sorriso branco contrastava com a pintura vermelha intensa dos lábios. Virou-se para o homem de preto e ordenou:

– Morbidus, talvez seja melhor que você acompanhe os oficiais. Assim, saberemos se algo der errado, não concorda?

O homem encapuzado elevou a cabeça quase imperceptivelmente. E, por um instante apenas, Sêneca pensou ter visto um resquício de luz definir nas linhas do seu rosto uma caveira parcialmente encoberta por pequenos músculos. Olhos negros e foscos. Dentes pontiagudos... Mas subitamente o homem se virou, deixando a sala.

Sêneca pensou que sua vista cansada o enganara e sorriu, tentando esconder a palidez. A mão espalmada no peito.

– E esse simpático senhor, quem era?

Nero se levantou e ofereceu a mão a Poppea. Virou-se para Sêneca e disse:

– Ninguém importante. – Aproximou-se do amigo e o recebeu com um abraço. – Sêneca, essa é Drucila, a encarnação da deusa Vênus.

O velho sábio se assustou com a naturalidade do imperador em dizer aquela frase absurda, e cumprimentou a moça com um gesto formal.

•

Nero decidira jantar no salão de festas.

Sêneca viu a luz da lua entrando pela grande abertura circular no teto; o chão atapetado e vermelho, as almofadas de seda. Deixou o

olhar se perder pelos corpos nus dos homens e mulheres desenhados nos mosaicos do fundo da piscina. O movimento da superfície da água causou nele a impressão de que os corpos realmente se moviam. Olhou em redor e viu ninfas, centauros e sátiros estampados nas paredes. Já vira aquele salão antes, mas nunca percebera quão realistas eram as pinturas. As ninfas pareciam ainda mais assustadas que da primeira vez que as vira. Tinha a nítida impressão de que os sátiros os observavam, e seu coração disparou quando viu um reflexo negro nos olhos de um dos centauros, que brindou sua reação com um sorriso cínico.

*Devo estar enlouquecendo...*

Sentaram-se em redor de uma mesa baixa, rodeada por confortáveis almofadas. Sêneca surpreendeu-se com a facilidade de Poppea em se mover, apesar do barrigão. Em segundos, servos rodearam a mesa, enchendo as taças dos homens com vinho. Uma linda moça adentrou a sala com duas taças enormes de metal numa bandeja. Serviu as duas mulheres e saiu. Por um instante, Sêneca poderia jurar que sentira o cheiro de sangue.

– O imperador me falou muito a seu respeito – disse o sábio, rompendo o silêncio. – E agora vejo que não mentiu ao compará-la a deusa Vênus. É realmente linda! – Elevou a taça, propondo um brinde.

Drucila levou sua taça à boca, sorvendo a bebida em goles generosos. Limpou o lábio inferior com o polegar. Tomou uma postura solene ao dizer:

– Não acredita que eu seja a deusa?

– Isso não faria sentido algum, faria?

Drucila sorriu, abandonando sua taça sobre a mesa. Pegou uma das mãos de Poppea delicadamente, estendeu-a a altura dos ombros da imperatriz, virando a palma da mão para cima. Pegou uma das facas que restavam sobre a mesa.

– O quê? – assustou-se Sêneca. Os lábios brancos. Pensou: *Sabem que eu conspiro contra o imperador. Estou morto! Eu sei! Vão me matar!*

Abriu uma incisão na pele do antebraço de Poppea, que logo orvalhou um sangue negro que se derramou sobre a mesa.

– Por Júpiter! – gritou Sêneca, levantando-se de um salto.

Nero riu, divertindo-se com a reação do outro.

– Mas isso é um... Guardas! Meu *princeps*... Isso...

Drucila pegou um dos guardanapos de tecido e encobriu a ferida. Passou a mão sobre o antebraço de Poppea e murmurou, como se invocasse algum tipo de magia ou encanto. Depois retirou o pano, mostrando o braço da imperatriz completamente regenerado.

Poppea gargalhou, levando a taça à boca.

Nero deixou o corpo tombar sobre as almofadas, escondendo o riso com as mãos.

Sêneca se aproximou de Poppea e conferiu a pele íntegra onde antes havia uma lesão. Até o sangue que gotejara sobre a mesa havia desaparecido completamente.

– Mas isso é impossível...

Drucila apertou seu punho e o puxou para perto.

– Escute: eu sou o que você quer que eu seja! Não é isso o que você quer? Uma deusa? O que poderia ser melhor que isso? Aceite!

Sêneca a observou por um instante. Pensou: *O que posso querer hoje, depois de uma vida tão longa e devotada à política, à arte e à ciência, senão viver com um pouco de paz e justiça? E como é que essa mulher, seja lá quem for, pode encarnar conceitos abstratos e definitivamente utópicos? Sim, porque a paz é algo que somente a morte nos trará! E a justiça é um paradoxo em sua definição, já que depende do ponto de vista!*

Ajoelhou-se diante de Drucila, dizendo:

– Bendita seja, poderosa Vênus. Peço-lhe que, com sua inesgotável benevolência, perdoe um velho que, por falta de vista e de fé, não percebeu sua grandeza.

Drucila sorriu e mandou que se sentasse, com um gesto de sua mão.

Nero o fitou e disse:

– Roma vive uma real ameaça: um demônio devorador de deuses está vivendo entre nós. Preste atenção: vou lhe contar direitinho o que aconteceu...

– Cem denários é tudo o que eu posso pagar no momento – disse Dotan ao entregar o saco a Abimael. – Mas acho que é mais do que suficiente. Ou não é?

– Por Deus, eu não poderia cobrar dos meus irmãos num momento tão crucial – respondeu o dono da tinturaria, enquanto resgatava o dinheiro da mão do visitante. – Mas vou ter despesas com comida para tanta gente e confesso que os negócios não vão tão bem nestes meses. – Deu as costas e pediu que o acompanhassem, com um movimento repetitivo de uma das mãos, agitando os dedos gordos e curtos.

Cruzaram o pátio, andando entre os tanques de tintura. As bordas eram ocupadas por inúmeras mulheres que tingiam as longas peças de tecido. Umas mexendo as roupas nos tanques com longas pás de madeira, outras as socavam com pilões, curtindo as fibras e obrigando-as a sorver a tinta.

Uma senhora se acorou sobre a borda de uma das tinas, tentando revirar as roupas e trazer as peças para a superfície.

– Então é assim que as roupas ganham cor? – perguntou Lucius, maravilhado, fitando uma das mulheres cujos antebraços haviam sido tingidos de azul-turquesa.

Petrus tocou o ombro do menino e sorriu.

Esther mantinha a cabeça baixa a todo o instante. Não parava de murmurar palavras ininteligíveis, agarrada ao crucifixo que levava no pescoço. Na outra mão, a bolsa abarrotada de cruces.

– E a moça? – perguntou o dono do estabelecimento. – Vai ficar neste quarto com os homens? Tenho outro aposento disponível.

– Prefiro que fiquemos todos juntos – ela irrompeu. Seus olhos refletiam temor.

Dotan sentou-se na cama. Pensava se tinha tomado a decisão correta ao fugir do templo, mas se lembrava de que Drucila havia dito que conhecia seus segredos ao beber seu sangue. O demônio havia bebido o sangue dos homens que acompanharam Antonius até o calabouço. E foi no sangue deles que Drucila viu suas estratégias e seus esconderijos.

Agora, Dotan, Lucius, Esther, Antonius, Petrus, Iacobus e Natanael tinham de se amontoar num pequeno quarto de tinturaria enquanto

decidiam o que fazer.

Petrus fitou o comerciante e pediu:

– Abimael, é importante que ninguém saiba que estamos aqui. Pelo menos por enquanto... – Entregou ao homem uma pilha de escritos. – Mas as cartas de Paulus precisam ser entregues. Avise aos irmãos que o templo já não é seguro. – Colocou as mãos sobre os ombros do homem e revelou: – Preste atenção: o que digo agora não é uma parábola ou uma metáfora. O *demônio encarnado* está entre nós! Essa bebedora de sangue que controla o imperador não vai descansar enquanto não nos destruir. Você entende?

Abimael deu um passo para trás, assustado, e irrompeu:

– Então o que dizem é verdade? – Coçou a nuca, olhando para baixo.

– Satanás tem inveja da grandeza de Deus. Por isso se insurgiu contra Ele. Copia os atos Dele para que pensemos que tem o mesmo poder. Quer trazer ao mundo um messias de dor e de morte. Um falso profeta. Acha difícil acreditar, meu irmão? Então não acredita que Christus é o filho de Deus entre os homens? Por que acreditar no Bem e ignorar a existência do Mal?

– Ah...

– Não comente com ninguém. Apenas leve as cartas aos irmãos. O culto tem de continuar.



## 53

Logo se acomodaram no quartinho da tinturaria. Petrus e Iacobus, os mais velhos, ficaram com as duas camas, pois precisavam dar repouso apropriado para seus corpos cansados. Os outros se apinharam no chão em esteiras, apoiando a cabeça em pequenas almofadas.

Esther ainda encontrara um jeito de dispor as cruzes pelo quarto. Tinha certeza de que isso afastaria os demônios bebedores de sangue.

Entre as cruzes de madeira, feitas às pressas, havia dois artefatos de ferro idênticos. Cada um deles media aproximadamente quarenta centímetros em seu maior eixo.

Dotan sentiu uma súbita atração pelos objetos. Aproximou-se e percebeu que as cruzes de ferro negro tinham ilustrações talhadas em suas faces: um bebê na manjedoura cercado por três reis; um jovem adentrando a cidade no lombo de um burro, enquanto o povo o recebia com braços erguidos; o mesmo jovem carregando uma cruz e sendo açoitado por soldados.

– São lindas – comentou Dotan a Petrus.

O santo se aproximou e disse:

– Galeso é mesmo um artista. Apesar de não ser cristão, resolveu me presentear com essas preciosidades depois que eu dei guarida ao seu irmão Licinius. Um homem justo que teve de matar para se defender. – Pegou uma das cruzes. – É realmente um trabalho



impressionante. Sabia que no centro destes artefatos estão enclausurados fragmentos da verdadeira cruz do calvário de Iesus?

– Verdade?

Meneou a cabeça dizendo que sim.

Dotan fitou um rosto entalhado na cruz. Os olhos pareciam fitá-lo.

– Quem diria que a cruz, um símbolo de sofrimento do nosso Salvador, é justamente a única *arma* que temos contra o demônio? – comentou Esther, com um olhar distante.

Ao ouvir a palavra “arma” da boca de Esther, Dotan elevou as sobrancelhas e verteu um leve sorriso. Fitou Petrus e inquiriu:

– E onde posso encontrar o ferreiro Galeso?

•

Vestiu roupas de estopa e escondeu os cabelos brancos com o capuz. Precisava encontrar o ferreiro em sua oficina, antes que o estabelecimento fechasse.

– Preciso falar com Galeso – disse Dotan, colocando as duas cruzes sobre a bancada da ferraria.

Pareceria ser um homem relativamente jovem, não fosse a barba longa e branca, trançada com pequenos adereços. Os ombros largos e os braços definidos brilhavam ao refletir a pouca luz. O rosto suado.

– Pode dizer.

– Petrus precisa de um favor seu.

O homem levou a mão à espada.

– O que houve? É só dizer que eu...

Estendeu-lhe a mão, pedindo que se acalmasse.

– Ele está bem. Não se preocupe. Pede apenas que o amigo forje, nestes belíssimos objetos, pequenas alterações.

•

Mantinha o foco na imagem do anjo talhado na Cruz de Galeso enquanto acariciava uma das lâminas que havia pouco tempo foram

moldadas em suas quatro extremidades. O ferro ainda morno aquecia suas mãos.

*Galeso é mesmo um gênio!*, pensou Dotan.

Os quatro eixos das cruzes de ferro foram transformados em braços cortantes, como lâminas duplas de espadas. Os artefatos agora reservavam apenas um pequeno espaço – a área na qual os braços longos e curtos se cruzavam – para que o legionário as empunhasse. A empunhadura perfeita e a laminação correta permitiam que as cruzes fossem usadas como espadas de tamanho médio. Dotan conferiu o peso de uma delas ao girá-la com o punho da mão direita três vezes seguida.

– Não será uma arma até que seja manejada em combate – orientou Galeso, enquanto cerrava as portas da ferraria com uma pesada barra de ferro.

O ferreiro pegou um suporte de madeira parecido com um cabo de vassoura e o fixou no disco redondo que servia como apoio. Carregou-o até a área da ferraria em que havia um pouco mais de espaço.

Dotan girava as cruzes, tentando se acostumar com seu peso. O zunido das lâminas cortando o ar variava de tom, de acordo com a velocidade e o sentido dos movimentos.

– Muito bonito, garotão – animou-se Galeso, enquanto fixava o boneco empalhado no suporte. Bateu com a mão espalmada no peito do espantalho, fazendo uma nuvem de poeira se aspergir pelo ar. – Agora eu quero ver o estrago que essas belezinhas conseguem causar! – Afastou-se, encostando-se na parede atrás do legionário.

Dotan girou os dois braços para o lado esquerdo, enquanto inclinava o quadril no sentido oposto. Girou sobre o próprio corpo e arremessou as cruzes, que zuniram enquanto rodopiavam.

O estouro.

O som maciço das lâminas penetrava a parede de pedra.

– Por Gaia!

A poeira baixou lentamente, enquanto uma nuvem de serragem caía sobre os ombros de Galeso.

O ferreiro se aproximou de Dotan. Tocou seu ombro e confessou:

– Eu não queria estar no lugar do demônio que você está perseguindo.



## 54

**E**scolhera o mesmo ponto de observação do momento em que espreitara Drucila pela primeira vez: a cobertura de um prédio vizinho ao palácio. Observava a troca da guarda quando avistou o homem togado andando apressadamente pelo Fórum. A faixa vermelha sobre o ombro, a barba cheia e os cabelos desgrenhados fizeram Dotan identificar o visitante.

*Sêneca?! Ah, velho amigo, no que você está se metendo?*

O sábio cumprimentou os soldados da guarda, parando por um instante. Fizera algum comentário que desmontou a postura solene dos homens, que se dobraram numa gostosa gargalhada.

Pouco depois, Dotan viu quatro homens fardados cruzarem os portões palacianos. Concluiu que eram velhos oficiais devido à conformação de seus elmos e ao tamanho de suas barrigas. Chegou a sentir o fedor de um deles: o mesmo filho da mãe que conduziu a operação de sua captura; o mesmo oficial que o prendera e que o humilhara. Sentiu um arrepio em sua nuca, as presas emergindo, as garras se alongando. Mas respirou fundo e se controlou. Não poderia se transformar completamente, pois sabia que havia um ponto certo entre o poder e a tática. A transformação completa descerrava uma força incomparável, mas o deixava à mercê da fúria lupina. Na hora exata, no entanto, teria de conduzir sua ira com sabedoria, mantendo-se a meia transformação. Assim, teria agilidade e inteligência. As Cruzes de Galeso teriam a missão de lhe complementar o seu poder de destruição. Além do óbvio potencial

ofensivo, a arma lhe oferecia uma vantagem em relação a Drucila, já que a distância era sua maior aliada. Não confiava em sua própria vontade num combate corpo a corpo, pois sabia que ela o poderia encantar. Suas palavras docemente venenosas, sua oferta erótica e o vazio conducente de seus olhos somavam um risco ao qual o guerreiro não queria se submeter.

Surpreendeu-se ao ver o homem misterioso romper as portas do palácio. Nesse momento, ele viu as foices de cabo curto presas às suas costas. Vestia uma longa túnica preta e encobria o rosto completamente com o capuz. Passou pelos guardas sem pedir licença, como um vulto negro e maldito. Chamou os oficiais, que logo o atenderam.

Dotan sentiu o vento gelar a pele do seu rosto.

Os homens se dividiram. Um deles acompanhou o homem de preto.

•

Morbidus e o velho general encontraram o agrupamento próximo ao palácio. Um efetivo de aproximadamente vinte homens posicionou-se em formação. O encapuzado ia à frente, o general conduzia a tropa logo atrás.

Marcharam até a cidade baixa, parando em frente a uma *insula* cujas janelas haviam sido vedadas com tábuas.

Dotan se movia silenciosamente, pulando de um telhado para outro. Agora já não tinha dificuldade alguma em controlar sua força. A firmeza com a qual suas garras penetravam nas paredes das edificações lhe permitia equilíbrio e discrição suficientes para que se movesse em silêncio e se mantivesse incógnito. Sentiu o coração acelerar, quando se lembrou de que conhecia aquele lugar. Era um dos templos menores, identificado pelos soldados como sendo um dos pontos de encontro dos cristãos. Naqueles pequenos centros se discutiam os problemas relativos à ordem social e à política do império.

– Ponham fogo nesse ninho de ratos! – gritou Morbidus.

A surpresa invadiu os olhos de Dotan.

Os homens retiraram as pequenas bolsas que levavam junto aos cintos e derramaram seu conteúdo em redor da *insula*. Um deles contornou a edificação, tocando os pontos úmidos com a chama de uma tocha.

O fogo se espalhou em menos de um minuto.

Do prédio aparentemente abandonado saíram mais de vinte pessoas às pressas, tossindo, se abanando e gritando numa grande confusão.

Ao verem os soldados em redor da *insula*, os homens tentaram se dispersar, mas foram ameaçados pelas lâminas do pelotão.

Um rapaz que tentava fugir, carregando uma menininha nos braços, tropeçou.

O choro da criança podia ser ouvido de muito longe.

O rapaz se arrastava para trás ao ver a imagem do demônio negro sacar duas foices e cruzá-las acima da altura dos ombros.

*Zapt.*

O cristão parou. Uma gota de sangue surgiu em sua nuca, espalhando-se numa linha vermelha em redor do seu pescoço. A cabeça tombou para o lado do corpo, que só depois de alguns segundos despencou no chão.

– Pai! – gritou a menininha. O esguicho de sangue tingiu seu rosto. Até que viu que o homem vestido de negro estava em pé ao seu lado.

Àquela altura, a gritaria era ensurdecadora, mas ainda assim podia-se ouvir a crepitação das tábuas do assoalho do velho prédio em chamas.

Morbidus elevou as duas mãos, posicionando as foices da mesma forma que fizera antes de decapitar sua vítima. Os olhos negros da menininha estavam arregalados e fitavam o carrasco. Com um sorriso, revelou as presas de punhal.



## 55

Lucius ficara apreensivo ao ver o pai sair pela porta do novo esconderijo, mas, ao fitar as próprias mãos e ver o tom acinzentado de sua pele, percebeu que tinha motivos para se preocupar mais consigo mesmo.

Saiu do quarto e andou entre os tanques. Uns repletos de tinta; outros, de água.

A noite trouxera um pouco de silêncio e liberdade, pois o grande pátio da tinturaria estava quase deserto, não fosse a presença do menino e de Petrus.

O santo colocara ali uma mesinha e uma cadeira. Mergulhava a pena no tinteiro e pacientemente escrevia num papiro. Estava tão absorto em seus pensamentos que não notou a presença do menino.

Lucius sentou-se na beirada de uma tina e fitou a própria imagem refletida na água. Sua pele, que antes era proeminente e rosada, ganhou um tom acinzentado e sem brilho. Os olhos claros haviam escurecido de tal forma que ele poderia jurar que logo se tornariam pretos como os olhos de Luna. Os cachos dourados empalideceram num loiro esbranquiçado, e caíam sobre sua testa em madeixas onduladas. Mexeu na superfície da água, apagando seu reflexo. Levantou-se e se aproximou de Petrus.

– É mais uma carta para o culto?

Petrus assustou-se por um instante, mas logo sorriu, lendo para o garoto:

– “Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Iesus Christus que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança pela ressurreição de Iesus Christus dentre os mortos” (*Evangelho segundo Petrus, capítulo primeiro, versículo três*).

O menino estranhou.

– Ressurreição?

– Iesus foi crucificado, depois sepultado numa gruta cuja entrada foi vedada por uma pedra enorme. No terceiro dia, porém, a pedra foi removida por um anjo do Senhor, e Christus ressuscitou. – Fitou o olhar perdido de Lucius e inquiriu: – Não acredita?

Olhou para a tina com água, lembrando-se do próprio reflexo, e depois para as palmas acinzentadas de suas mãos.

– Estava morto e voltou a viver?

– Sim. Porque o poder de Deus é grandioso.

Lucius recordou-se do momento em que acordou dentro da cova, sentindo o gosto de terra em sua boca, e percebeu que havia também ressuscitado. Lembrou-se de Luna bebendo seu sangue. Chegara a vivenciar novamente a dor lancinante que sentira ao ser arremessado contra a parede. Agora se via sozinho, na propriedade de campo, arranhando-se com as pontas das garras de Dotan, inoculando-se com a secreção branca que vazava das garras, na tentativa de ser contagiado com os poderes do pai. Finalmente, veio à memória o gosto do sangue de Luna em sua boca, quando ela apertou seu rosto com a mão lacerada pela lâmina do seu punhal.

Petrus assanhou os cabelos do menino e voltou a se concentrar em seus escritos.

– Senhor Petrus – murmurou o menino, tocando-lhe o ombro.

– Sim?

– Você conhece a Gruta da Deusa Cibele?

O homem meneou a cabeça em afirmação.

– Meu pai fechou a única entrada da gruta com uma pedra imensa que estava sobre a montanha. Acho que nem mesmo ele, com toda a sua força, seria capaz de retirar a pedra de lá.

– É bem provável que não. Passei recentemente pela via que dava acesso à gruta e vi o pedregulho. Só Deus sabe como seu pai conseguiu movê-la e derrubá-la sobre a entrada.



– E como o anjo conseguiu abrir a gruta em que Christus estava?  
– Não há mistérios para Deus, Lucius. Tudo o que Ele quiser será feito.

– Foi por isso que eu ressuscitei? Porque Ele quis?

O homem não respondeu.

– Minha pele está esquisita, e há dois dias não sinto fome... Tenho medo de que...

O homem o interrompeu:

– Todas as criaturas foram criadas por Ele, e mesmo as que vivem na escuridão têm seu propósito. O que importa é o que você tem aqui – confortou o garoto, tocando-o em sua testa com o dedo indicador. – Sua intenção é mais importante que seu instinto. Só você pode escolher se vai trilhar o caminho da luz ou da escuridão. Mesmo onde há pouca luz, pequeno amigo, há também o Espírito do Criador.

Lucius deixou o olhar se perder na chama da vela que restava sobre a mesinha. Pensou em mostrar a Petrus que podia manipular a claridade do fogo. Um truque que certamente o convenceria de que, apesar dos últimos acontecimentos, o menino ainda estava repleto de luz.

E, ao aproximar o dedo do pavio, surpreendeu-se quando a chama se encolheu. Até que finalmente ela se apagou.



## 56

**M**orbidus perdeu alguns instantes fitando os olhos negros e esféricos da garotinha. A menina tinha apenas quatro anos. Seus cabelos caíam sobre o rosto pálido de medo. A boca úmida tremulou num gemido.

Os joelhos no chão. Os dedos enfiados na terra.

Via o homem encoberto pelo capuz negro com os braços erguidos acima da cabeça.

A luz da lua percorreu a lâmina de uma das foices num reflexo.

Uma lágrima brilhou no rosto infantil.

Morbidus revelou um sorriso sem lábios entre as sombras do capuz.

*Zing.* Ouviu-se um zunido que crescia em intensidade e que durou apenas três segundos. A menina fechou os olhos antecipando o golpe.

*Chuc.* O som da lâmina fatiando a carne.

O sangue negro tingiu o rosto da criança, que deu um grito de pavor. Ao abrir os olhos, ela viu os dois braços caindo ao lado do corpo do carrasco.

Morbidus gritou ao sentir a dor, os próprios membros decepados à altura dos cotovelos. Então, ele tombou de joelhos diante da criança.

Por trás da garotinha se via uma das Cruzes de Galeso incrustada no chão.

Dotan viu os homens sendo acuados pelos soldados.

Uma mulher gritava e tentava alcançar a criança, enquanto um soldado a puxava pelos cabelos. Dotan apanhou a menininha do chão e a carregou em um dos braços. Empunhava uma das Cruzes de Galeso na outra mão, manejando-a como uma espada. Pelo desespero estampado no rosto daquela jovem, ele concluiu que se tratava da mãe da garota.

– Solte a moça! – ordenou Dotan.

O soldado desferiu uma rasteira na mulher, que caiu com o rosto na areia. Desembainhou a espada e correu na direção de Dotan.

– Aaaaah! – O grito da criança se espalhou pelo ar como uma sentença de morte.

A lâmina da espada do soldado brilhava intensamente.

Dotan temia que, ao abandonar a menina no chão, mesmo que por um instante, um dos soldados a alvejasse. Num ato instintivo, jogou-a para cima e correu na direção do inimigo, elevando a cruz laminada acima da cabeça.

Os dois homens desferiram os golpes no mesmo instante, descendo suas armas como guilhotinas. Dotan, no entanto, apontou a lâmina mais longa da arma para baixo.

A lâmina do soldado cortou o ar, perdendo o alvo, enquanto Dotan se abaixava, movendo seu corpo como um raio e driblando o inimigo, deslizando por baixo do braço do outro. Ao enfiar a lâmina no chão, usou a cruz como apoio, jogando seu corpo no ar e girando em redor da cruz. O corpo de Dotan voltou-se na direção do soldado e o golpeou nas costas com os dois pés. O homem foi arremessado longe e se chocou com uma árvore, tombando inconsciente no chão.

Dotan se jogou de novo, agarrando suavemente a menina que caía, e se virou, absorvendo o choque da queda com suas costas. Levantou-se e entregou a menina à mãe, que chorava aliviada.

Procurou por Morbidus, mas não o encontrou.

*Fugiu, o maldito demônio! Covarde!*

– É o traidor! Matem-no! – gritou o oficial que conduzia a legião. – Arranquem sua cabeça!

Os homens selaram a grade de madeira da carroça que já aprisionava dez cristãos e ignoraram a mulher que fugia com a filha nos braços.

Dotan resgatou as cruzes do chão e manejou-as com imensa agilidade. Num instante, girava os punhos, rodando as armas como hélices. No momento seguinte, cortava o ar com as cruzes alternadamente, como se golpeasse um inimigo imaginário com espadas.

Ao ver o corpo imenso de Dotan se mexendo numa dança mortal, os homens se detiveram por um instante.

– Por Roma – irrompeu o velho oficial, que desembainhou o gládio e, ignorando a apatia dos soldados, correu na direção do inimigo.

Fechou os olhos por um instante e inspirou profundamente. Num segundo, girou sobre os calcanhares, arremessando as cruzes que zuniram, rodopiando e rasgando o ar.

O grito de guerra se tornou silêncio quando uma das armas decepou a cabeça do oficial. A outra lhe amputou as pernas, obrigando o corpo gordo a tombar no chão como um saco de batatas.

As cruzes penetraram as paredes da *insula* em chamas como facas em queijo quente.

Ao ver seu comandante esquartejado e o inimigo desarmado, os homens correram em sua direção com desejo e fúria estampados nos olhos.

*Calma, muita calma agora.*

As orelhas crescendo.

As garras afiadas.

Exibia um rosto tranquilo quando pulou sobre um soldado e deformou o torso de metal de sua armadura ao chutá-lo com os dois pés. Aproveitou o impulso e deu um mortal para trás, caindo entre dois centuriões.

Os dois homens atacaram Dotan ao mesmo tempo, mas, em vez de trespassar o corpo do guerreiro com suas espadas, acabaram vazando o corpo um do outro.

Não demorou muito para que Dotan derrubasse inúmeros oponentes com socos e chutes.

Três centuriões fugiram ao ver a pilha de corpos desmaiados.

Dotan, então, se aproximou da carroça e libertou os prisioneiros, que saíram às pressas. Um deles parou, fitando seu salvador:

– General Dotan?

O guerreiro encarou o homem com olhos amarelos de lobo – os quais, em segundos, verteram a cor original.

– Não se lembra de mim? Sou amigo do seu escravo Levy. Meu *dominus*, Emilianus, sempre o recebia em casa. Já o servi diversas vezes. – Aproximou-se. – Meu senhor está doente de tristeza sem saber como Esther... quer dizer, como *minha senhora* está...

– Diga-lhe que ela está bem. Caso ele queira vê-la, é só... – parou ao se lembrar de que Drucila podia ler as mentes ao beber o sangue de suas vítimas. E, naquele momento, qualquer pessoa – fosse escravo, patrício ou plebeu – era uma vítima em potencial. Se Drucila encontrasse Esther, poderia causar algum mal ao seu amado Lucius. Esse era um risco que ele não poderia correr. – Diga-lhe apenas que está bem, que goza de saúde e de relativo conforto. O espírito de Emilianus, que é médico, é repleto de vida. E a vida é tudo o que ele consegue enxergar... Mas neste momento é a morte que rodeia o império. É com ela que temos de nos preocupar! Peça-lhe que evite sair à noite. Que não procure por Esther, e eu garanto que ela viverá!



## 57

**N**ão tinha certeza do que via, pois a luz do sol que refletia nos utensílios de metal lhe ofuscava a visão. Sêneca levou a mão aos olhos e tentou ajustar o foco. Observou se alguém o seguia.

A rua estava apinhada de gente, e cada cidadão se preocupava com a própria vida, correndo de um lado para outro.

Parou em frente à ferraria e perguntou:

– O senhor poderia me dar uma informação?

Galeso, que conferia a lâmina de um punhal, nem sequer desviou o olhar da arma ao dizer:

– Trabalho com ferro. E sobre ferro você pode me perguntar o que quiser. Mas...

O outro insistiu:

– Procuo um homem alto e forte, de cabelos brancos e lisos...

Interrompeu-o com um sorriso canalha e ironizou:

– De pederastia eu não entendo, moço. Melhor o senhor procurar no estabelecimento de Yara. Lá é casa de moças, mas pode ser que ela saiba de algum homem que...

– Não me refiro a isso – disse Sêneca, colocando as moedas sobre a mesa. – O homem que procuro se chama Dotan. É um *velho amigo*.

Fitou-o pela primeira vez.

– Quem é você?

– Não sou ninguém importante. Apenas um camponês.

Galeso prendeu o punho de Sêneca entre seus dedos.

– É fraco. Seu pulso está rápido como o coração de uma lebre fugindo da raposa. E, apesar de a barba e os cabelos parecerem descuidados, dá pra sentir de longe o cheiro do óleo perfumado! – Fitou a túnica de estopa marcando a pele do pescoço acostumado aos tecidos macios das togas senatoriais. – Não conheço ninguém chamado Dotan. – Soltou-o, voltando a se concentrar em seu ofício.

Sêneca baixou o olhar por um instante.

– Leve seu dinheiro com você. E, da próxima vez que quiser fingir ser um plebeu, experimente comprar informações com sestércios e não com denários!

O sábio recolheu suas moedas e saiu apressado.

Galeso soltou a arma na bancada e apoiou o peso do corpo sobre os braços. Deixou o olhar se perder nas sombras dos transeuntes que passavam diante da ferraria. Então percebeu o homem encoberto com o capuz pardacento andando apressadamente, seguindo na direção em que Sêneca se dirigia. Não pareceria suspeito, se em seus pés não se vissem grossas sandálias de couro.

*Pobre idiota. Está sendo seguido.*

Galeso sabia que aqueles eram os calçados característicos da guarda imperial.

•

– Já se passou um dia inteiro e as feridas continuam abertas – disse Morbidus, fitando os cotos dos braços decepados.

Drucila estava sentada, recostada no gradil da cama. Enlaçava o corpo de um homem nu, com braços e pernas, e o imobilizava, bebendo o sangue de uma das carótidas da vítima, enquanto Poppea chupava o sangue de um dos pulsos dele. Mostrou os dentes vermelhos ao sugerir:

– Talvez não tenha sido uma boa escolha presentear um pusilânime com a eternidade – riu. – Você é patético, Morbidus. É inacreditável: dos quatro grupos que saíram em busca de cristãos, foi justamente o seu pelotão que voltou sem prisioneiros.

Indignou-se:

– Não tenho culpa de Dotan ter aparecido. Além disso, não me lembro de você ter me dado um *presente*. O que eu fiz foi um *acordo* com você, não lembra? “Salve-me e eu devolvo a sua vida e o seu rosto”, não foi isso o que você me disse no dia em que Antonius quase a matou com uma cruz de madeira?

Soprou os cachos que caíam sobre os olhos completamente negros.

– Sou obrigada a concordar com você. – Empurrou o corpo pálido para o lado, deixando-o à mercê da fome insaciável da imperatriz. Levantou-se e se aproximou do laçao sem braços.

Nero os observava sentado na beirada de uma das três tumbas que foram colocadas em seu quarto para que os três bebedores de sangue descansassem durante o dia. O imperador parou de roer as unhas e disse:

– Não entendo por que somente eu tenho de permanecer nessa forma mortal e inferior. Eu sou o imperador! Ou não sou? Sou o augusto! E ninguém é mais digno de uma vida eterna que o imperador!

Poppea parou de drenar sua vítima por um instante e concordou, balançando a cabeça. Afundou novamente as presas em seu pescoço.

*Talvez você tenha razão*, pensou Drucila. Então ouviu uma voz grave ordenar em sua mente:

*Não. Se você o fizer, seu filho nunca nascerá.*

Drucila sentiu o corpo paralisar por um instante, mas resolveu obedecer à voz e ignorar os lamentos de Nero. Após analisar as feridas de Morbidus, opinou:

– Parecem ter sido cauterizadas com ferro em brasa. Cruzes com lâminas? Foi isso o que você havia me dito?

– Impressionantemente afiadas!

– Talvez – murmurou Drucila, levando uma mão ao queixo e deixando o olhar verter o tom natural de azul, enquanto pensava. Virou-se para Poppea e ordenou:

– Espere! Não mate *a lebre* ainda!

A imperatriz soltou o prisioneiro e fitou Drucila com olhos submissos. Com a boca ensanguentada, lembrava uma criança que



se lambuzara com geleia.

– Não é Lebre o nome dele. É Baruch... Mas eu pensei que já estava satisfeita, poderosa Vênus.

Seus olhos brilharam quando disse:

– Comida não tem nome, querida... – Aproximou-se do prisioneiro e o pegou em seus braços, deitando-o sobre uma das tumbas.

– O que você vai fazer? – confundiu-se Nero.

Mostrou-lhe a mão espalmada, pedindo-lhe que se calasse. Encarou Morbidus e explicou:

– Minhas feridas sempre se regeneram em segundos. As de Poppea também. Não faz sentido você ser diferente... A não ser que a arma de Dotan tenha sido criada por algum bruxo. Talvez seja um artefato divino. Quem sabe? Talvez suas feridas não se regenerem porque foram queimadas pela magia das cruzes. Nero amuou-se, cruzou os braços e pensou: *Se o artefato é divino, ela deveria conhecê-lo. Não é uma deusa? Não vivia com os deuses?* No entanto, preferiu permanecer calado.

Drucila viu as duas espadas cruzadas, uma sobre a outra, que estavam afixadas na parede. Perscrutou o cômodo com o olhar e encontrou o grande machado – uma relíquia que pertencera a Gael, O Impiedoso, um rei bárbaro da Bretanha –, e que fora trazida dos campos de batalha por oficiais do império.

– Mas eu tenho que testar um palpite. – Puxou Morbidus para perto, fazendo seu capuz se mover e desvendando o rosto esfolado.

– Por Gaia – assustou-se Nero. Levantou-se da tumba de um salto e foi se sentar junto a Poppea.

– Deite-se. – Encarava o laçao e apontava para a superfície lisa da pedra que selava uma das tumbas.

– O que você vai...?

– Deite-se. É uma ordem – Drucila insistiu, falando um pouco mais alto.

Morbidus lhe obedeceu e se deitou ao lado do corpo moribundo e exangue de Baruch, o prisioneiro cristão (que pareceria estar morto, não fosse a respiração lenta e irregular).

Drucila retirou a túnica negra de Morbidus, deixando seu tórax exposto. Fitou Nero e estendeu a mão.

– O machado.

Nero devolveu-lhe uma expressão assustada.

Repetiu:

– Vamos, imbecil, o machado.

Morbidus tentou se levantar, mas ela o impediu ao espalmar uma mão na testa dele, empurrando-o e pressionando-o contra a superfície do tampo.

– Espere! O que você...? Não! Eu não vou deixar! Espere aí!

Nero mantinha os olhos esbugalhados enquanto entregava a arma à sua deusa.

– O que você vai fazer?

Ignorou-o. E, num átimo, rodopiou o machado no ar, descendo-o sobre o braço esquerdo de Morbidus. Uma nova machadada cortou o braço direito à altura do ombro. Continuou se movendo numa velocidade que a tornaria invisível aos olhos de um mortal e se lançou sobre o corpo do cristão. Dois golpes precisos amputaram do corpo do prisioneiro os dois braços.

– Aaahh! – Morbidus gritava mais de pânico que de dor.

O outro ainda abriu os olhos e deixou a boca aberta por um instante, mas não tinha força para gritar. E essa expressão de horror foi mantida mesmo após a lâmina do machado separar sua cabeça do corpo.

No rosto de Drucila havia um esgar de nojo.

– Um rato a menos.

Nero inclinou-se sobre o próprio corpo e vomitou, tombando de joelhos.

Drucila pegou os braços do cristão e encostou as bordas das feridas às superfícies reavivadas dos cotos de Morbidus.

Poppea bateu palmas de alegria ao ver os fios vermelhos dançando em redor das lesões, entrelaçando-se, enquanto os braços do doador se moldavam ao corpo de Morbidus com uma perfeição inacreditável.

A mímica de dor exposta nos músculos da face do laçao deu lugar à expressão de surpresa quando viu o movimento quase imperceptível de um dos dedos mindinhos... Uma contração

involuntária de um braço comprovou que o experimento fora bem-sucedido.

Drucila riu.

– Agora me deixe tentar outra coisa. – Pegou, pelos cabelos, a cabeça decepada e puxou da cintura de Nero um punhal que o imperador levava escondido para se defender. Fez uma incisão em redor da face do morto. O corte rodeava as orelhas, por trás, e cruzava a parte alta do crânio além da linha de inserção dos cabelos, estendendo-se ao lado oposto e passando por baixo da mandíbula, rente ao pescoço. Drucila arrancou a pele como uma máscara e entregou-a a Morbidus.

– O que está esperando? Deixe-me ver como vai ficar seu novo rosto.



## 58

Drucila deixou Nero com Poppea e ordenou a Morbidus que a acompanhasse até o calabouço.

Os cristãos capturados na noite anterior serviriam para aplacar a sede dos bebedores de sangue e para a recuperação do laçao, assim como para facilitar o bom funcionamento dos *transplantes*.

Dos quatro oficiais que saíram em busca de cultos cristãos na noite anterior, três obtiveram sucesso e trouxeram, para o calabouço, mais de quarenta prisioneiros.

Drucila não imaginava que o acordo que fizera com Amnon, um dos homens que acompanhavam Antonius durante o resgate de Dotan, no calabouço do palácio, lhe daria a localização exata de todos os cultos cristãos de Roma – além da chance de se salvar de uma morte verdadeira.

Antes de se tornar um demônio, Morbidus se chamava Amnon, um rapazinho franzino cuja única ambição era agradar aos apóstolos de Christus e se tornar um homem admirado por seu povo. Em sua devotada pretensão, oferecia-se para levar todas as cartas de Paulus para as pequenas congregações espalhadas pela cidade. Ao beber o sangue de Amnon, Drucila viu-se entrar em todas aquelas casas, *insulae* e galpões, viu a fé contida nos olhos e ouviu a devoção das palavras daqueles homens. Ao degustar o sangue de Amnon, ela viu que eles davam guarida ao filho de Dotan. E foi assim também que ela entendeu que eles escondiam Esther.

*Vou queimar essa vadia com ferro quente, dia após dia. Quero vê-la desmaiar de dor. E, quando ela acordar, vou torturá-la de novo... E de novo, até me cansar de ouvir seus lamentos infelizes.*

– Drucila? – ouviu a voz feminina que vinha de dentro de uma das celas. – Drucila! Por favor.

Aproximou-se e encontrou Adriani deitada num cantinho.

Tinha o corpo tomado por hematomas. Um dos olhos estava fechado de tão inchado, como se tivesse sido vazado por uma arma. Tentou falar novamente, mas não conseguiu dizer nada. Os dentes vermelhos com o próprio sangue ameaçavam a cair. A cabeça, completamente raspada, estava ainda mais pálida que o resto do corpo.

Drucila abriu a cela em que a moça estava. Cinco homens que dividiam o cubículo com Adriani deram passos para trás ao ver a imagem sinistra de Morbidus. Apesar de ter um novo rosto, o laçao continuava a escondê-lo com o capuz.

– O que eles fizeram? – perguntou Drucila, ajoelhando-se ao lado da moça.

– Um... péssimo... corte... de cabelo – sorriu, tossindo, deixando os lábios verterem sangue.

– Por quê?

– O colar... – foi tudo o que disse.

Drucila finalmente se lembrou das joias que roubou da casa de Titus, sua primeira vítima. Deixara o baú cheio de ouro e pedrarias debaixo da cama, na Casa de Yara. Concluiu que Adriani o encontrara e se apossou dele ao descobrir que a amiga passara a morar no palácio.

– Achei que eram presentes de um cliente apaixonado – a voz era um sibilo quase inaudível.

Morbidus trancou a cela e avançou sobre o primeiro prisioneiro que viu, penetrando seu pescoço com as presas. Ao atacá-lo, expôs seu novo rosto, inexpressivo como uma máscara feita de pele humana. Apesar de manter os traços de Baruch, a vítima de quem foi retirada, a pele não tinha o mesmo viço nem se contraía em expressões sempre que necessário.

Drucila ignorou a gritaria, enquanto amparava Adriani em seus braços.

– Amiga – não havia amor no jeito que falava; apenas lamento e compaixão –, se eu soubesse antes, não teria permitido que fizessem isso com você. – Lembrou-se de quando Adriani a ajudou, recebendo-a na Casa de Yara e oferecendo-lhe um prato de comida. Apoiou a nuca de Adriani com uma das mãos e virou o rosto da moça para expor seu pescoço.

As presas despontaram entre os lábios.

Os olhos pretos brilharam.

– Linda... – surpreendeu-se Adriani. – São negros como a noite. – Calou-se ao sentir as presas afiadas em seu pescoço. O sangue fluindo das feridas para a boca carnuda.

Envolvia a vítima num abraço apertado. Por um instante sentiu um sabor de despedida. Percebera, enfim, que Adriani sempre fora sua única amiga e que, somente ela, a ajudara sem pedir nada em troca. E a repeliu, observando os últimos fios de vida se esvaírem de seu corpo. Notou o pingente em seu pescoço. Adriani esculpira um novo Plutão e o levava junto ao peito.

Lembrou-se de que fora a amiga quem a apresentara ao seu verdadeiro deus. O único que realmente a amava e que a agraciara com a vida eterna. O pai que a abençoaria com o filho que tanto desejava. E, num ato impensado, cravou as presas no próprio punho, derramando o sangue negro na boca de Adriani.

A moça teve o instinto de virar o rosto e não beber, mas a outra insistiu, pressionando a ferida contra os lábios de Adriani.

De súbito, seus olhos se arregalaram. Sentia um sabor distinto do que imaginara, pois encontrou forças para agarrar o braço da vampira e sugá-lo cada vez mais forte.

Sua respiração se tornou ofegante. Seus olhos adquiriram um reflexo negro.

•

Nero mostrou um olhar triste e brincou com os dedos de Poppea, como uma criança mimada que fora contrariada.

– Você é minha esposa e é a mim que você deve obediência. Os deuses vêm depois.

A esposa o fitou com um olhar assustado.

– Não posso fazer isso. Você viu, não viu a cara que ela fez quando você insinuou o que queria?

– Não me interessa. Se você me amasse de verdade, faria o que lhe peço.

– Ah, Nero... – estava confusa. – Não insista. Você sabe que eu não posso.

– Olhe. Ei! Olhe pra mim. Preste atenção: você faz, e pronto. Do jeito que ela transformou você. Lembra-se daquele dia, na banheira?

Confirmou balançando a cabeça.

Ele deu de ombros e a encarou com um sorriso desconfiado. Puxou a esposa para perto e lhe beijou o pescoço, enquanto se deitavam na cama ensanguentada.

Ela se deitou de costas para ele.

O marido acomodou-se ao corpo da esposa e afastou seus cabelos para que pudesse lhe beijar o pescoço, alternando as carícias com pequenas mordidas.

Poppea sorriu.

– Você sempre tem o que quer, não é?

Ele alisou sua barriga com o dorso da mão, descendo em direção às coxas dela. A mão entre as pernas sentiu a pele fria se aquecer aos poucos, até que o prazer de Poppea lhe umedecesse as pontas dos dedos. Meteu-se na esposa às pressas, possuindo-a com uma paixão avassaladora.

As mordidas no pescoço se tornavam mais fortes.

Poppea alternava risos e gemidos, apertando a mão de Nero contra seu sexo.

Virou-se, e, em menos de um segundo, estava assentada sobre ele.

– E então? – ele a instigou.

Mantinha os olhos fechados e exibia o rosto cheio de prazer. Acariciava o peito dele com as pontas das unhas.

Sentiu que ela já começava a lhe ferir a pele com as garras.

No momento em que a imperatriz abriu os olhos e a boca, num clímax sensual, ele a viu de uma forma maldita e bela: os dentes afiados; os olhos negros de morte.

Cravou-lhe os dentes no pescoço, sorvendo seu sangue em goles generosos. Suas garras afundaram tão profundamente nas carnes do peito, que ele temeu que aquela fosse a hora em que ela decidira matá-lo. Agora lambia o sangue das feridas. Repentinamente, parou e, ainda com o rosto colado ao peito úmido e vermelho, fitou-o com um olhar enviesado e confuso.

– E se ela me matar por isso?

– Você não prometeu que morreria por mim, se fosse preciso? – riu. – Seremos deuses, nós dois. Ela nunca nos matará. O imperador de Roma e a mulher que carrega no ventre uma criança abençoada? Não terá coragem. Sei que não.

Ela verteu um semblante assustado e olhou para a porta.

– Que barulho é esse?

Nero tocou seu rosto e o virou, fazendo-a olhar para ele novamente.

– Não ouço nada, continue.

Perfurou a artéria carótida mais uma vez, chupando o sangue com força até perceber que Nero já não respirava. Repeliu-o, assustada, e rapidamente cortou o próprio pulso com as garras, derramando o sangue na boca de Nero.

*Bam.*

Assustou-se com o estouro que a porta fez ao ser arrombada.

Viu a silhueta de um homem alto, enevoado pela contraluz e pela poeira que se libertara da porta. Estava parado sob o umbral, tinha orelhas longas que despontavam entre os cabelos e trazia uma cabeça humana em uma das mãos.

O silêncio.

Poppea sentiu os músculos paralisarem.

O barulho seco do crânio tombando no chão e rolando pelo quarto.

Poppea viu que a cabeça tinha sido arrancada do corpo, pois o conjunto de ossículos da coluna – com seus vasos, nervos e ligamentos – ainda estava preso a ela.



Poppea finalmente gritou:

– O que você quer aqui? – E resolveu pedir socorro:

– Poderosa Vênus! Morbidus!

Dotan ofegava, tentando conter a própria fúria... Até que sua voz estrondou pelo quarto.

– Que Deus receba nos céus a alma daqueles que se arrependem de suas maldades! – Andou lentamente na direção de Poppea. – Mas aqueles que não entendem Sua grandeza nem o reconhecem como Senhor da terra e dos céus queimarão por toda a eternidade... De uma forma ou de outra, eu sou o instrumento de sua execução, não do seu julgamento. – Sacou uma das cruzes num átimo e girou sobre o corpo, arremessando-a.

Poppea, que continuava sentada sobre Nero, jogou o corpo para trás, mantendo os joelhos dobrados e as costas coladas às pernas do imperador.

A cruz passou rente ao seu rosto, cortando uma mecha de cabelos, e penetrou a parede do quarto.

Ela saltou da cama e se pendurou no lustre. Dotan contemplou a imagem de Poppea: nua e grávida, de cabeça para baixo; a pele branca ensanguentada; os olhos pretos de fúria.

– Dru-ci-laaaa!

Nero permanecia desacordado sobre a cama.

A outra cruz rasgou as correntes do lustre como se fossem de papel, fazendo o corpo de Poppea cair de costas no chão. Antes que ela se levantasse, Dotan cravou suas garras no pescoço dela e a ergueu acima da altura da sua cabeça.

*Grrr!*

A mão imensa do homem-lobo apertava o pescoço da imperatriz; a outra lhe rasgava o ventre. Um rio de sangue negro correu pelo corpo dela, gotejando no chão. Uma lágrima ladeou o rosto e tocou o último sorriso.

– Minha deusa virá por... – Calou-se quando sua cabeça foi arrancada do corpo.

Dotan viu a carcaça de Poppea se desintegrar numa poeira negra.

Em suas mãos, um feto demoníaco o fitava com um sorriso.



## 59

A cútis do bebê era lisa, preta e brilhante. Seus olhos eram da mesma cor da pele e fendidos por uma pupila vermelha. A boca era desproporcionalmente grande e cheia de presas afiadas como as de um crocodilo.

Dotan apertou o pescoço do pequeno demônio, até que as pupilas rubras se dilataram... Já sentia os ossos crepitando em suas mãos, quando viu que os olhos esbugalhados do monstrinho verteram em um tom verde. Em segundos, suas bochechas se tornaram rosadas e sua cabeça se encheu de cachinhos.

– Lucius?! – assustou-se Dotan, soltando o menino.

Enquanto caía, o Anticristo assumiu sua forma original e medonha. Girou no ar, como um gato que nunca cai de costas, e tocou o chão com mãos e pés. Correu em *quatro patas* e se escondeu debaixo da cama.

Foi nesse momento que Dotan percebeu que Nero não respirava. Tinha o pescoço dilacerado e se estendia sobre uma poça escarlate. Concluiu que a esposa do imperador se empolgara demais durante o ato e não resistira à tentação de se alimentar do próprio marido. Pegou a Cruz de Galeso que permanecia incrustada na parede e a usou para partir um dos apoios da cama. Com um novo golpe, destruiu o outro alicerce. Agora a parte inferior da cama estava parcialmente encostada no chão, o que tornava restrito o espaço debaixo do móvel.

– Por todas as *fúrias* do Tártaro! Que ousadia é essa? – Drucila apoiou o peso do corpo no umbral da porta, como se sentisse as pernas fraquejarem. – Poppea?! Onde...? Meu filho? Meu bebê?! Como...?

O vulto negro saiu de baixo da cama e se jogou em seus braços.

*Rápido demais para um feto prematuro*, pensou o lobo.

Drucila agarrou o filho no ar e o abraçou.

Dotan viu o contraste das garras negras afundadas na pele de mármore. Drucila sentiu um alívio momentâneo, e isso foi suficiente para fazer surgir uma lágrima sanguínea no canto de seu olho. Sentia a frieza e a textura pegajosa do corpo do filho em contato com seu peito.

*Dragus, meu bebê. Só meu.*

Finalmente realizara o sonho de *dar às trevas* um filho. Não seria uma mãe comum. Seu destino era ser conhecida como a genitora de Dragus, o Vampiro Imperador, o conquistador do mundo, o homem que iria unificar as nações e prostrá-las aos seus pés. Um deus morto-vivo.

Plutão magnífico encarnado, bebendo o sangue do seu peito...

*Chunc.* O som da lâmina penetrando a carne.

Surpreendeu-se ao sentir a arma trespassar seu tórax. O impacto da cruz de ferro a arremessou para trás. Estava confusa, sem entender direito o que acabara de acontecer. Seu corpo estava colado na parede do corredor. A lâmina que lhe atravessara o peito e que emergia em suas costas penetrou a parede também. Sentiu que o corpo do filho não tinha a mesma consistência.

A lâmina maior da cruz penetrara o corpo do bebê e da mãe ao mesmo tempo.

As fendas dos olhos negros se dilataram, tornando-os inteiramente vermelhos. O cenho franzido e a boca entreaberta num último suplício sem voz.

O olhar de Drucila verteu a cor azul quando ela percebeu que o sonho de ser mãe não havia durado mais que um segundo.

O diabinho tivera seu coração trespassado pela santa cruz. A arma, porém, errou o coração de Drucila, deixando que ela vivesse para ver sua própria desgraça.

– Nãããããããoo – um grito sofrido ecoou pelo palácio. – Maldito! Vai se arrepender por isso, seu demônio! Eu juro! Juro por todos os deuses do Olimpo que eu vou arrancar seu coração... – Calou-se quando a boca se encheu com o próprio sangue.

Dotan permaneceu calado enquanto resgatava a outra cruz e testava sua empunhadura. Não tinha mais pressa. Os soldados que estavam de guarda haviam sido contidos ou eliminados. Puxou a cruz que espetara Drucila com um movimento lento e contínuo, como se degustasse a derrota de sua inimiga.

– Aahh! – ela gemeu ao tombar de joelhos com as mãos apoiadas no chão. O vômito negro em jatos. Então uma tosse repentina se misturou com o riso, depois ela ergueu a cabeça e o encarou. – Se é assim que tem de ser... Mande-me logo para o Tártaro! Pelo menos lá eu posso aproveitar a eternidade ao lado do meu filho.

Ele cruzou as lâminas maiores de cada uma das cruzes, uma sobre a outra, posicionando-as em redor do pescoço de Drucila. Estava prestes a decepar sua cabeça, quando percebeu que o riso permanecia estampado nos lábios besuntados de sangue. Aquela era a reação de um ganhador, não a resposta que se esperaria de alguém que está prestes a perder a cabeça.

– Vai conhecer a mesma dor que eu estou sentindo. – O azul dos olhos dela se perdeu numa escuridão demoníaca. As presas despontando no sorriso.

Dotan se assustou ao perceber a faca penetrando sua mão direita. Outra adaga rasgou a pele das suas costas. Em seguida, uma terceira lhe perfurou o ombro direito, fazendo-o relaxar a mão que segurava uma das Cruzes de Galeso. Olhou para o lado e viu uma mulher correr como louca. Metia a mão entre as pernas e puxava as adagas das cintas que apertavam suas coxas, num gesto repetitivo e inacreditavelmente veloz.

Inclinou-se para trás e sentiu o ar se deslocar quando uma lâmina passou rente ao seu rosto. Ignorou Drucila por um instante e usou as cruzes como se fossem escudos, desviando as facas antes que elas o tocassem. Mas eram muitas, e uma delas ainda estava espetada em seu ombro.

Agora o corpo de Adriani desafiava a gravidade, enquanto corria pelas paredes do corredor. Ao se aproximar deles, pisou o ombro de Drucila, usando-o como apoio para chutar o rosto de Dotan.

Ao sentir o impacto, o lobo deu dois passos para trás. Se a transformação tivesse sido completada, ele nem sequer teria se mexido com o golpe. Não poderia arriscar perder o controle sobre a besta e pôr em risco a vida de cidadãos comuns.

Adriani caiu acorçada. Segurava uma adaga com uma mão e apoiava a outra mão no chão. Chutou Drucila com os dois pés, jogando-a para longe de Dotan, fazendo-a deslizar pelo corredor e criar um rastro de sangue.

– Não posso deixar que você a mate! – Adriani estava disposta a morrer pela mestra.

– Vou ter que desapontar você – retrucou Dotan.

Ele girou sobre o próprio corpo, golpeando a bebedora de sangue com as duas Cruzes de Galeso ao mesmo tempo. Uma das lâminas estava destinada ao pescoço, e a outra alvejava seu ventre.

Ela juntou os braços e as pernas enquanto pulava e rodopiava, como uma acrobata, fazendo seu corpo flutuar no ar, colocando-se na horizontal e se posicionando entre as duas lâminas, que passaram rentes ao seu corpo, sem que a tocassem.

A força do golpe em falso fez Dotan perder o equilíbrio por alguns instantes, e isso foi suficiente para que Adriani o apunhalasse quatro vezes, nos flancos e nas costas.

*Grrr.*

A fúria crescia em sua alma.

Seu rosto já não guardava traços delicados como antes, e seus músculos se intumesceram com veias dilatadas.

Um novo golpe das cruzes rasgou as paredes do palácio, enquanto Adriani se abaixava.

*Como o ferro pode destruir mármore e concreto tão facilmente?*, pensou ela. É magia, sim! E muito forte!

Um novo golpe.

O pulo mortal para trás foi a resposta.

– Vá embora, demônio – disse Adriani. Sua voz transmitia insegurança. Seus olhos negros se envergreenaram de medo. Insistiu: –

Você não ouviu o que ela disse? Não era uma ameaça! Era uma sentença! Vá embora! Poupe a minha deusa e talvez ainda haja tempo de você salvar seus amigos. Não percebe... – Surpreendeu-se com o novo golpe, mas conseguiu desviar-se dele.

– ... que...

Em fúria, o lobo avançava. Havia somente o dever à sua frente. A missão de livrar o mundo daquele mal que já tinha se tornado epidêmico.

– ... está faltando...

*Chunc.* O golpe da Cruz de Galeso abriu uma enorme incisão no tórax de Adriani e a arremessou para longe, fazendo-a deslizar pelo corredor. Nessa hora, Dotan percebeu que Drucila havia fugido.

– Aahh... – Adriani estava encostada numa parede. Em seu peito aberto, Dotan viu um coração que não batia. Os olhos negros se abriram. – Uuhh... Morbidus... já deve... ter chegado à... tinturaria.

As pupilas se dilataram nos olhos amarelos.

– Lucius?!

– Ele foi por ali! – gritou uma voz.

De repente, inúmeros soldados surgiram, vindo dos dois lados do corredor. Um deles pegou Adriani nos braços e a levou para longe.

*Não há tempo para lutar.* Imaginou as foices de Morbidus abrindo o corpo do menino ao meio. O lobo voltou correndo para o quarto do imperador e viu as janelas vedadas com tábuas. Nero mandara fechá-las para que o sol não invadissem o dormitório durante o dia e queimasse a pele de *sua Vênus*. Dotan se lançou por uma das janelas, esfaqueando as grossas tábuas de madeira como se fossem feitas de vidro.



## 60

Uma figura imensa pulava de um telhado para o outro, movendo-se como um raio, enquanto perscrutava as ruas com o olhar à procura de algum sinal de Lucius.

Roma permanecia acordada; suas vias estavam repletas de carroças e transeuntes. Havia uma agitação incomum durante aquela madrugada, mesmo para uma cidade tão grande e rica. Era como se todos os soldados do império tivessem sido convocados às pressas.

Dotan viu um transporte com militares carregando prisioneiros.

*E se Lucius estiver ali?*

Tentou controlar o impulso de matar todos os guerreiros, apenas para que pudesse ver o conteúdo da carroça e descobrir se o menino estava ali. No entanto, logo percebeu que havia outros veículos apinhados de presos. Entendeu, enfim, que a melhor opção seria começar pela tinturaria, pois, se Lucius estivesse entre os cativos da guarda, sua vida não correria risco imediato.

*Mas se Morbidus estiver na tinturaria...*

Corria ainda mais rápido que antes, sentindo o vento balançar os pelos brancos do seu corpo, tentando controlar o coração furioso e dominar a besta que subitamente foi tomada pela fome de carne humana. O desejo de sentir os ossos daqueles soldados crepitando a cada mordida.

*Não.*

Aquele era *o lobo* falando em sua mente. E o lobo era o instrumento, não o mestre. Tinha de se manter calmo e descobrir se algo acontecera a Lucius.

Chegou à cidade baixa e teve de correr pela rua, pois as coberturas dos casebres não eram tão sólidas quanto os telhados do Fórum.

Viu outro grupo de centuriões em frente a uma casa, derrubando portas e arrombando janelas, mas os ignorou e continuou seu caminho.

*Aguente, Lucius, aguente!*

Mais adiante, o grito de um garoto chamou sua atenção e o obrigou a parar. Viu um dos soldados espancando a criança, ao mesmo tempo em que os outros guardas levavam quatro cristãos para a carroça.

Uma mulher se debatia e gritava por seu filho, enquanto dois centuriões a apalpavam e a levavam para dentro do casebre. Tinham sorrisos de demônio em seus lábios.

Dotan sentiu uma dor excruciante, como se um punhal lhe penetrasse o coração. Mas não podia ajudá-los.

*Só o menino interessa! Só ele!*

•

Ao virar a esquina da tinturaria, onde seus aliados e seu filho se escondiam, o lobo viu o corpo de Natanael estendido no chão.

O rosto, colado no chão, estava imerso numa poça de sangue. O pescoço tinha sido vigorosamente cortado por uma lâmina. O braço direito fora torcido numa posição impossível. A mão esquerda ainda segurava o punhal.

Ele viu a lança pretoriana que fora enfiada na terra, em frente à entrada do estabelecimento. Os soldados enfeitaram a ponta da arma com a cabeça de Abimael, o proprietário da tinturaria.

– Lucius! – gritou Dotan, correndo pelo pátio como um louco.

O grito ecoando na noite era o único som que ele ouvia. Havia mais sangue espalhado no chão. Vira uma sandália abandonada. Um corpo boiando em uma das tinas.



Entrou na edificação e abriu as portas de todos os quartos, mas logo percebeu que não havia ninguém ali.

Correu até o pátio novamente. Agora andava entre as tinas, sem saber o que fazer. A lágrima brilhou no canto do olho. As íris amarelas de besta verteram a cor original, e os pelos do corpo desapareceram aos poucos. As orelhas verteram o aspecto humano no momento em que ele tombou de joelhos. Cerrou os punhos. As lágrimas lavando os olhos cheios de fúria.

– Luciuuus!

### **Vinte minutos antes...**

Petrus segurava uma pilha de papiros quando se sentou na beirada de uma das tinas.

Os cristãos colocaram esteiras no chão do pátio e se sentaram sobre elas, acomodando-se em redor do apóstolo.

Petrus encarou Natanael e perguntou:

– E o menino?

– Acordou bem melhor.

– Então o chame, pois quero que ele escute a pregação.

– Já o avisei, mas ele pediu para comer antes de vir. Acho que está mais animado. Diria até que já está bem, não fosse aquela cor esquisita... Está cinzento, percebeu? – Aproximou-se e murmurou: – Será que ele também está se tornando um demônio?

– O menino tem uma alma pura, meu irmão. Seja qual for o motivo da sua mudança, ainda permanece nele a graça de Deus e o bem maior que lhe foi dado: o livre-arbítrio. Cabe a ele decidir que caminho tomar... E Esther?

– Está com Lucius na cozinha. Talvez seja melhor começarmos – sugeriu Natanael.

Nesse instante, ele percebeu que havia um homem do outro lado da rua. Vestia uma túnica negra e os observava silenciosamente. Finalmente, levou uma das mãos ao capuz que lhe cobria o rosto e o revelou.

– Baruch?! – surpreendeu-se Natanael.

Abimael se ergueu com uma facilidade incomum para um homem da sua estatura e peso.

– Deus seja louvado! Aleluia! Eles soltaram Baruch!

Petrus abriu os braços e sorriu.

– Aleluia, *Yahweh*! Este é o nosso Deus: infalível e misericordioso!

Baruch andou até a entrada da tinturaria e subitamente parou. Abriu os braços e ensaiou um sorriso, que logo se desmanchou quando seu rosto se retorceu num espasmo.

Natanael percebeu que havia algo diferente em Baruch e preferiu observá-lo a distância. Abimael correu até o visitante e o recebeu com um caloroso abraço.

– Seu safado! – A gostosa gargalhada. – Queria matar todo o mundo de susto? Pensávamos que você era prisioneiro daquele demônio. Como você fez pra fugir?

O homem respondeu com um novo sorriso. Mais natural que o anterior.

– Ora, mas que formalidade é essa? Venha! *Entre!* Você sabe que, na minha casa, os amigos são sempre *bem-vindos*. – Deu as costas ao homem que pensava ser Baruch e se dirigiu à entrada do pátio.

Natanael os viu passar pelo portal de entrada – o dono da casa na frente; o visitante, atrás – e se surpreendeu quando o homem de preto se agitou num movimento rápido demais, impedindo que o cristão entendesse o que o outro fizera. Agora via Abimael parado, no meio do pátio. Os olhos arregalados. A boca tensa. A linha vermelha se desenhando em seu pescoço, devagar, até que o sangue transbordou numa cascata sobre seu peito. O corpo tombou de joelhos e revelou a figura de Baruch segurando duas foices ensanguentadas. O riso se contraía em espasmos. Uma sobancelha mais alta que a outra.

– Baruch?! – espantou-se Petrus. – O que você fez?!

Os olhos se tornaram negros e as presas despontaram no sorriso.

Natanael sacou o punhal da bainha e atacou o bebedor de sangue.

– Esse não é Baruch! É um demônio!

Morbidus, que usava a pele do rosto de Baruch como máscara, divertia-se com Natanael, que se agitava, dando golpes a esmo, sem que nenhum deles acertasse o alvo.

Todos gritavam ao mesmo tempo, apavorados.

Natanael fitou Morbidus por um instante.

– Desistiu?! – o demônio o instigou.

O pobre homem gritou ao se jogar sobre ele, desferindo um golpe com o punhal, de cima para baixo... Mas o vulto negro se dissipou em redor do inimigo. Natanael olhou em redor, porém não o encontrou. E se surpreendeu com a dor no pescoço. Ao inspirar, sentiu os pulmões se enchendo de sangue... Tocou no próprio pescoço e sentiu o líquido quente jorrando em pulsos. Cambaleou, até se ajoelhar em frente à tinturaria. Quase não sentiu o choque do rosto contra a terra. A vista escurecendo. “Levem todos para a carroça”, disse alguém. Os gritos de terror se tornavam cada vez mais distantes para Natanael. Aquele era o começo do silêncio de quem, aos poucos, se desligava do mundo ao redor.

Diversas vezes, Natanael imaginara o dia de sua morte. Imaginava o sorriso de quem viveu uma vida longa e devotada à sua crença. Um quarto modesto, uma viúva feia e velha consolando os netos em volta da sua cama, e o sol fraco que entraria pela janela se transformando no rosto do Messias que o inspirava e o enchia de fé. No entanto, tudo o que ele sentiu naquele momento foi *medo*.



# 61

## **Cinco minutos antes de Morbidus chegar à tinturaria...**

Por um instante, Esther se esqueceu da ameaça dos bebedores de sangue e riu ao ver o menino devorar o prato de sopa.

– Assim você se engasga, hein?

Lucius meteu um pedaço enorme de pão na boca.

– *Nã... Afi-afa* – balbuciou palavras ininteligíveis.

Esther riu novamente. Acariciou os cabelos do garoto, que estavam molhados e penteados para trás.

– Mudaram bastante – ela comentou. – Estão quase brancos e lisos.

– Como os de meu pai – ele retrucou, fitando-a por um instante. – Tudo o que eu sempre quis foi ser igual a ele.

Ela deu um sorriso como resposta. Tocou o próprio peito e acariciou a pequena cruz de madeira que levava pendurada ao pescoço.

– Mas eu não acredito que acontecerá um dia.

– Ué? Claro que vai! Um dia você será grande, justo e corajoso como ele.

Meneou a cabeça, olhando para o fundo do prato.

– Não depois de sentir o gosto do sangue do demônio.

Esther se levantou assustada e quase derrubou a cadeira.

– Deus Todo-Poderoso! Não diga isso, Lucius. Não, nunca mais! – A mão apertava a cruz através do tecido da túnica.

– Mas foi isso que aconteceu naquele dia, na torre do celeiro. Drucila transformou Luna num demônio ao dar o próprio sangue para que ela bebesse.

– Como você sabe o nome dela? Quem foi que... Olhe, garoto, acho bom parar com isso. Você já está me assustando!

– Eu vi tudo no sangue dela.

– É o quê?

– Luna colocou a mão cortada na minha boca e eu senti o gosto do sangue dela. Foi tudo muito rápido, mas eu vi, sim, os acontecimentos passarem na frente dos meus olhos: Luna bebeu o sangue de Drucila, que, por sua vez, bebeu o sangue do próprio Lúcifer, enquanto se banhavam num rio de sangue.

– Deus...

– E é por isso que eu mudei, depois daquele dia. A cor dos meus cabelos e a cor da minha pele são apenas parte da transformação. – Encarou Esther novamente e sorriu. – Talvez meu destino seja me transformar num ser preso entre o Bem e o Mal. Você acha que...?

– *Esse não é Baruch* – gritou a voz que vinha do pátio.

Os dois sentiram os músculos paralisarem de medo.

Ouviam as vozes sem que pudessem definir bem as palavras ou quem as proferia.

– Quero ir lá ver – irrompeu Lucius, levantando-se num átimo.

– Espere! – Esther tentou segurá-lo, mas ele a driblou e escapou pela porta, rápido como o vento, e parou novamente assim que entrou no pátio.

Viu Abimael tombar de joelhos, o sangue derramando sobre o peito; a cabeça rolando pelo chão.

Natanael tentava atingir o homem de preto com um punhal, mas não conseguia.

Lucius percebeu quão rápido eram os movimentos de Morbidus, mesmo sem saber como conseguia vê-los com clareza. Em todo o momento em que o invasor se mexia, em alta velocidade, seus olhos se moviam rapidamente também.

Esther congelara ao ver o corpo de Abimael se esvaindo em sangue. A boca entreaberta emitindo um gemido de terror.

– Desistiu?! – disse Morbidus para Natanael.

Lucius viu o corpo do bebedor de sangue se dobrando para trás, quando o cristão o alvejou com um golpe de punhal. O vulto negro engatinhou com mãos e pés no chão, e se retorceu em posições impossíveis, até que se posicionou por trás do cristão. Exibia uma expressão entediada, quando tocou o pescoço do rapaz com a lâmina da foice e, num movimento único e contínuo, abriu uma incisão à altura do seu pomo de adão.

– Levem todos para a carroça! – gritou um oficial, sob o umbral dos portões que davam acesso ao pátio.

– Eu não posso – murmurou Esther. Ela vai me torturar! Eu sei que vai!

– O menino! – vociferou um soldado.

Esther se virou e deu um passo na direção da porta, com a intenção de esconder-se dentro da casa, mas parou ao sentir a mão de Lucius lhe apertar o pulso.

– Aquele monte de cruces que você pendurou no quarto não vai nos salvar desse demônio! Está vendo o galpão? Corra para lá e me espere.

– Quê?! Mas não vai adiantar! Nós vamos... Ai, Deus.

– Vá, agora! Confie em mim! – o pequeno insistiu.

Ela o obedeceu.

O bebedor de sangue se divertia ao vê-los discutindo. Antes de se transformar em Morbidus, o jovem Amnon frequentava todas as casas em que se reuniam os cristãos em oração e se lembrava muito bem da casa de Abimael, pois foi naquele pátio que ele se converteu ao cristianismo. Na noite de sua conversão ele vira Paulus de Tarso em fervorosa adoração, pregando a palavra de Deus aos vinte jovens que tiveram de correr para o galpão da tinturaria a fim de se protegerem de uma chuva repentina. Terminara a cerimônia no galpão, sentindo um calor absurdo. E foi por isso que ele disse:

– Eu me daria ao trabalho de correr, se não soubesse que o galpão não tem janelas. – E dobrou-se numa gargalhada sinistra.

Os soldados continham os cristãos com socos e pontapés.

– Deixe o menino – gritou Petrus. Calou-se quando o cabo da espada se chocou contra sua nuca e o fez desmaiar.

Lucius e Morbidus andaram um na direção do outro, lentamente. O bebedor de sangue sorria; o menino o encarava como se o estudasse.

Estavam separados por um espaço de dois metros.

– Por que eles pensaram que você era Baruch? – perguntou o garoto.

– Porque eu estou *vestindo* a cara dele – disse Morbidus em tom de escárnio. – Agora, venha. Vou levar você para o palácio. Talvez você valha mais vivo que morto!

Lucius estendeu a mão espalmada, como se pedisse a palavra, e perguntou:

– O que você é?

– Sou Morbidus, a personificação da morte.

– Você não me entendeu. Quero saber *o que* é você.

Um espasmo no canto da boca do demônio transformou o sorriso em pavor.

– Sou um servo de Drucila, a divina Vênus, e fui contemplado pelos deuses com a vida eterna. Sou a morte. Sou o sibilo dos ventos da noite. Eu sou a escuridão!

Lucius sorriu.

– De que você está rindo, bastardo? Está caçoando de mim?! – Os olhos de Morbidus se abriram demais.

– Eu acho que você está mentindo. A escuridão é uma força maior. Um poder absoluto, como a luz ou o fogo. Ninguém pode *ser a escuridão*. Todo o mundo tem medo do escuro. Diga a verdade: você não tem medo das sombras?

O homem de preto riu, enquanto se ajoelhava diante do garoto.

– Veja meu verdadeiro rosto e me diga se alguém como eu pode ter medo do escuro! – O sorriso se desfez numa face contorcida, com olhos negros e dentes de punhal. – Um *filho da noite* ri dos perigos que se escondem na escuridão. – Levou a mão ao rosto e arrancou a pele de Baruch num único movimento. Agora exibia os ossos da face encobertos com músculos. Os olhos negros expostos, sem pálpebras; o riso espasmódico de quem não tem lábios.

Lucius levou as mãos à altura do peito e juntou-as, formando uma concha. Contraíu os lábios como se ensaiasse um assobio.

Morbidus se surpreendeu ao ver a pequena névoa negra, que escapou da boca de Lucius, deslizar pelo ar, enovelando-se nas palmas de suas mãos.

O menino agora segurava uma esfera negra de vapor.

– Veja, *filho da noite*. Esta é a verdadeira escuridão!

Morbidus aproximou o rosto das mãos de Lucius e tentou tocar no pequeno globo de fumaça, mas se surpreendeu quando o garoto se jogou para trás e deu um golpe com os dois braços para frente, arremessando a esfera negra nos olhos do bebedor de sangue.

– Aaahh! – assustou-se Morbidus. – O quê...? – Levantou-se, mas não sabia o que fazer. Os olhos negros se tornaram brancos como os de um velho cego.

– Mas que magia é essa?

Lucius correu para o galpão. Nunca antes se movera tão rápido. Por isso, os soldados quase não perceberam a porta do celeiro se abrir e logo em seguida se fechar.

– Peguem esse filho de uma cadela e arranquem a cabeça dele! – gritou Morbidus, furioso.

Os soldados correram até as portas do galpão e as escancararam, deixando a luz da noite clarear seu interior.

Morbidus tateou, até que encontrou uma tina, sobre a qual se sentou. Esfregava os olhos com as mãos. Aos poucos sua visão retornava. Os olhos vertendo um tom cinza-escuro.

Ouviu-se o barulho das tralhas sendo jogadas de um lado para outro. Um murmúrio fugaz e confuso dos soldados...

Silêncio.

– Tragam esse desgraçado! Vou ensiná-lo a respeitar uma autoridade!

– Senhor – gritou um dos soldados, de dentro do galpão. – Não há ninguém aqui!





## 62

Dotan chorava ajoelhado no meio do pátio, enquanto ouvia os gritos que vinham de diversos pontos da cidade. Mas o sofrimento daquelas pessoas desconhecidas já não importava. Não enquanto seu filho permanecesse refém daquele demônio de olhos azuis.

Percebeu que era inútil ficar se lamentando. Tinha de agir o mais rápido possível.

*São muitos. Não posso.*

Mas ele tinha de tentar.

Surpreendeu-se ao ver a pequena cruz de madeira caída em frente à porta do galpão.

*Esther...*

Andou até o umbral do depósito e se ajoelhou, para apanhar o pingente. O cordão havia se rompido, durante a fuga. Imaginou Esther abraçada a Lucius, enquanto os soldados os separavam e o continham. Olhou em redor, procurando por vestígios de sangue.

*Se o quisessem matar de imediato, eles o teriam feito aqui neste lugar.*

Dotan concluiu que os legionários tinham levado seu filho para o calabouço com os cristãos, pois os únicos mortos que encontrou na tinturaria foram Natanael e Abimael.

Haveria tempo para pensar numa forma de voltar ao palácio e resgatar os sobreviventes.

*Talvez, durante o dia...*

No entanto, a maior limitação de Drucila era também sua mais valorosa aliada, pois, enquanto todos dormiam, ela planejava as ações e dava ordens aos soldados do imperador.

Dotan levou o pingente ao pescoço e o amarrou. Entrou no galpão e tossiu por causa da névoa que pairava no ar. Havia barris de tinta tombados no chão. Viu utensílios de madeira e instrumentos de metal espalhados pelo recinto, mas não havia ali nenhum lugar para se esconder. De repente, um vento forte fechou as portas do galpão. Os cabelos de Dotan se assanharam com o deslocamento de ar que as portas criaram ao bater. Agora, tentava alcançar as portas em meio à escuridão. Até que as abriu, deixando a luz entrar novamente. Cerrou os punhos e saiu do galpão num passo decidido, mas parou ao ouvir a voz conhecida que vinha dos fundos do galpão.

– Pai?!

•

O palácio se tornou uma arena de sangue e escombros. Tapetes rasgados, colunas trincadas, paredes parcialmente destruídas pelas armas do homem-lobo e móveis revirados em toda parte. No quarto imperial ainda restava o monte de pó negro a que se resumira Poppea. E, sobre ele, a imagem do homem ajoelhado e derrotado pela própria miséria.

– Passamos anos juntos, eu e ela. E nunca nos entendemos muito bem, devo confessar... Depois de um breve período de paixão, Poppea se tornou maçante para mim. Não era muito inteligente nem entendia minhas necessidades mais elementares... Mas – arregalou os olhos. Uma linha tênue e rubra delineou a borda interna da sua pálpebra inferior. Uma lágrima vermelha varreu seu rosto.

O som da marretada pontuou a lamúria do imperador. Dois homens repunham as tábuas que vedavam a janela do quarto e que foram estraçalhadas por Dotan, durante sua fuga. Em redor de Nero havia oito corpos pálidos de crianças desacordadas. Em seus punhos jaziam pequenas lacerações rodeadas por coágulos de sangue.

– Mas foi no sangue que nossas almas se encontraram. – Nero juntou as cinzas de Poppea num montinho e as apanhou, colocando-as com cuidado num vaso branco de barro com desenhos que representavam a deusa Vênus e seus fiéis em culto. Andou até uma das tumbas e se deitou devagar em seu interior. Abraçou o vaso com os restos da esposa, limpou os olhos com o dorso de uma das mãos e disse: – Não é justo. Não é mesmo...

Na tumba ao lado, Drucila tinha o corpo parcialmente embebido em sangue. Transformara sua tumba numa banheira vermelha.

– Dragus... Meu... Bebê... – O rosto contorcido de tristeza.

– Não tenha medo, minha Vênus. Ele está com o nosso pai, banhando-se nos rios de sangue do Tártaro. Um deus não pode morrer – Adriani tossiu; engasgando por um instante.

Assim como Drucila, o demônio banhava seu corpo em sangue de crianças. E, ao se contorcer dentro da tumba, fez o sangue espirrar da cavidade do seu tórax – que ainda estava aberta.

– Tem certeza de que vai funcionar? – perguntou o imperador.

Drucila não respondeu.

– Não é do sangue que vem nosso poder? – perguntou Adriani.

A luz deixou de invadir o quarto, quando a última tábuas foi firmada na janela. Os homens cobriram as tábuas com uma malha de prata e fixaram-na às paredes com grandes pregos de ferro. Juntaram seus apetrechos e saíram do quarto às pressas.

Nero se levantou de sua tumba e deslocou as pesadas pedras que fechavam os sepulcros das outras duas.

Foi nesse instante que Morbidus abriu a porta do quarto com um chute.

– Ai! – gritou o imperador, apavorado. No susto, assumira trejeitos exageradamente afeminados.

O laçao o encarou por um instante com um olhar de estranhamento.

– Onde está a poderosa Vênus?

– Já descansa. O que houve?

O demônio negro olhou ao redor, sem entender o que acontecera ali.

– O menino e a mulher estavam na casa de Abimael, como eu imaginei.

– Mande-os para o calabouço e reforce a guarda.

Observava a brancura do imperador através das sombras do próprio capuz. Ficou alguns segundos em silêncio até que disse:

– Não vai me dizer que o augusto agora é um de nós?! – Contou as tumbas do quarto com um movimento de sua mão pálida. – Onde eu vou descansar?

– Sei lá. Talvez debaixo da cama.

– Não posso, meu *princeps*. E se alguém abrir a porta durante o dia? Não quero virar pó! Já está amanhecendo e...

Ao ouvir o outro mencionar a palavra “pó”, Nero se esvaiu em lágrimas de sangue.

O laçao parecia sem jeito. Até que irrompeu:

– Ah... Como eu dizia, eles estavam na casa de Abimael, mas não conseguimos trazê-los.

– E como não?

– O menino é um tipo de feiticeiro que se esconde nas sombras ou algo assim. Num instante, estava lá. E no momento seguinte, *vupt*, desapareceu.

– Simples assim?

– É. Simples assim.

Nero andou até a porta e a fechou. Já estava deitado em sua tumba quando disse:

– Agora é tarde. À noite, conversamos... Feche a minha tumba, vá.

– E eu?

– Não me interessa.

– Tudo bem. Eu encontro um lugar. Mas vou dizer: se o demônio branco vier arrancar sua cabeça, eu não vou estar aqui pra defender o *princeps*.

Nero se sentou num segundo.

– Espere! Ei, não é assim. Venha. A tumba é grande. Cabemos nós dois, sim, por que não? Você é magrinho, eu também. Venha! Venha!

Deitaram-se um ao lado do outro. Nero o olhava de soslaio e, mesmo tendo dificuldade para enxergá-lo na escuridão, tinha nojo do rosto esfolado de Morbidus. Depois deixou a vista se acomodar à falta de luz e olhou para a pedra que cobria a tumba.

– Você se encontrou com *ele*?

– Não.

– Deu sorte, então. Segundo Adriani, o demônio branco saiu daqui com a morte nos olhos. – Inclinou-se sobre o outro e o encarou. – Será que ele vai mesmo voltar? Talvez não! Quem sabe ele não fuja de Roma, hein? Talvez tenha se acovardado ao ver as ruas cheias de soldados. Nem o devorador de deuses pode enfrentar toda a legião romana sozinho!

Morbidus suspirou.

– Ele se preocupa com as pessoas que prendemos. E tem honra. Isso qualquer um percebe. Certamente vai voltar. – Deu as costas ao imperador. – Agora me deixe dormir. Não sei se Drucila lhe explicou como isso funciona, mas se não dormirmos durante o dia...

O imperador se calou por alguns instantes, depois riu.

– Estou excitado demais para dormir!

O laçao pensou: *Agora há pouco, chorava. E de uma hora para a outra começa a rir. Esse imperador é um completo imbecil!*

Depois, Morbidus disse:

– Eu posso saber qual o motivo da excitação do meu querido *princeps*?

– É que tenho uma surpresa para a minha Vênus! Ela pode ser uma deusa, infinita em sua grandeza, mas não entende nada de estratégia militar. Escute: sem que ela soubesse, tomei a liberdade de...



## 63

**D**otan encarava o menino sem acreditar.

– Mas...

Esther tombou de joelhos no chão e vomitou. Os cabelos caíam sobre o rosto pálido.

– Eu tinha que voltar – disse Lucius, olhando para Esther. – Eu disse, não disse, que ele estaria aqui esperando?!

Dotan correu até a porta do galpão e o abraçou, apertando-o com tanta força que o menino sentiu dificuldade para respirar. Depois o encarou e o examinou, procurando os ferimentos.

– Estou bem, pai.

– Mas o quê... Eu tenho certeza de que você não estava no galpão quando eu olhei, e, no instante seguinte, você estava lá! Como fez isso?

– Não sei dizer *como*, mas desde que... – Sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha. Tinha vergonha e medo de confessar ao pai que bebera sangue de um demônio. Continuou: – Lembra-se de que eu falei, no outro dia, que tinha visto um homem matando um porco na fazenda? Lembra, não lembra? E você me disse que não tínhamos porcos na fazenda? Pois bem, eu... Vou dizer: tenho certeza de que, naquele dia, eu viajei através da luz e me transportei para outro lugar.

O homem-lobo o encarava com olhos esbugalhados.

Esther continuava prostrada e vomitando.

– Não tivemos tempo de conversar direito, mas na noite em que Luna nos atacou, bebi o sangue dela por acidente. E desde aquele dia passei a me sentir mal diante da luz. Só que comecei a enxergar coisas nas sombras...

– Que tipo de coisas?

– Coisas feias. Mas elas não podem me fazer mal. Eu sei que não. São só imagens. Como pessoas e monstros feitos de vapor.

– Demônios! – gritou Esther, apavorada. – São demônios com olhos vermelhos e asas de morcego! Mulheres se esfregando em vassouras, bebês com pernas de bode! – Levantou-se com dificuldade. – Nunca... Nunca mais faça aquilo! Tenho certeza de que descemos ao inferno, eu e você! Mas nunca mais você deve fazer aquilo de novo. – Estava louca, com olhos esbugalhados e as mãos tremendo.

– Não diga bobagens, Esther! – irritou-se Dotan.

A moça baixou a cabeça, cruzou os braços sobre o peito e enxugou uma lágrima que ladeava seu rosto.

O menino sentiu-se envergonhado.

O pai se ajoelhou ao lado dele.

– Deus me agradeceu com um poder que eu nem imaginava que existisse. E havia tanto tempo que eu tentava ignorar minha missão, que já não me lembrava de quem eu realmente era. – Acariciou os cabelos de Lucius. – Seja lá o que tiver acontecido com você, naquele dia em que Luna nos atacou, *Ele* é quem permitiu que acontecesse. Nada vai mudar o que você é: um menino especial e muito corajoso.

O garoto abriu um largo sorriso e o abraçou.

O pai sentiu seu corpo frio por um instante.

– Eu só não entendi uma coisa: *onde* vocês estavam?

– Lucius me abraçou na escuridão do galpão – contou Esther. – E, no instante seguinte, estávamos no quarto dele, na sua casa de campo.

– Mas isso não é possível!

O menino pegou a mão do pai e sorriu.

– Tão possível quanto um homem que está morto e ressuscita.

O lobo coçou a cabeça por um instante. Viu os primeiros raios de sol clareando o céu da cidade.

– Logo vai amanhecer. Temos que encontrar um lugar para vocês dois se esconderem. Vou aproveitar a vantagem que o sol nos dá sobre aqueles demônios miseráveis e vou pôr aquele palácio abaixo!

Lucius puxou novamente o braço do pai.

– Não! Você tem que descansar. Há muitos soldados, pai! Você não vai conseguir! Venha, eu tenho uma ideia melhor: vamos para a casa da fazenda. Ninguém imagina que nós podemos nos esconder lá. Afinal, como podem imaginar que não precisamos da estrada para nos transportarmos?

– Deus – irrompeu Esther. – Nem por um milhão de denários eu volto ao inferno com você!

Dotan a encarou por um instante e, subitamente, arrancou-a do chão, jogando-a sobre o ombro.

– Me solte! Eu não vou! Prefiro me entregar àquela bebedora de sangue a ver aqueles monstros me cercando de novo!

Lucius encarou o pai. Conversavam somente com os olhos. O garoto abriu a porta do galpão e se perdeu na escuridão.

A mulher esperneava sobre os ombros do licantropo e arranhava suas costas, desesperada.

A escuridão os engoliu quando as portas se fecharam.

O menino tocou a mão do pai e inspirou profundamente.

O silêncio.

Agora ouviam o choro baixinho de Esther.

Uma multidão de homens e mulheres sem roupa apareceu em seu redor.

– Deus! – clamou Dotan, assustado. Apertou as empunhaduras das armas.

– Não – disse o menino. – Eles não fazem nada.

As mulheres serpenteavam em redor do homem-lobo, lambendo os lábios e acariciando os próprios seios. Uma delas se aproximou do ouvido de Dotan e sussurrou:

– Se você me quiser, você pode me ter. Venha... Deixe-os aí e venha comigo.



Dotan fechou os olhos. Ignorou a entidade e lembrou-se de um rosto conhecido: os olhos castanhos, os cabelos cacheados, o sorriso largo e familiar. Via Vered correndo numa superfície árida, escondendo-se na sombra de uma árvore, em frente a uma caverna. Eles se sentaram em uma pedra. Riam e conversavam, sentindo-se imensamente felizes.

– Ela está aqui também – contou o espírito, como se lambesse as palavras.

– Vered?! – espantou-se Dotan.

– Não, pai. Eles mentem.

Dotan virou o rosto para a entidade.

Esther parecia não respirar, até que gemeu, perdendo o controle da própria bexiga.

Então uma luz explodiu ao redor, fazendo todos os espíritos gritarem desesperados. A luz contornava o corpo franzino de Lucius, que segurava uma porta e a abria.

Aos poucos, os olhos do homem-lobo se acomodaram à luz e ele viu a cama pequena, os brinquedos feitos de madeira, as roupas de criança apinhadas sobre a cômoda. Colocou a mulher no chão e encarou o menino com a boca entreaberta. Tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu.



## 64

Dotan achou melhor seguir o conselho do menino, que lhe pedira que descansasse um pouco, antes de contra-atacar. Algumas horas de sono lhe trariam a sensatez necessária para que planejasse melhor suas ações e lhe curariam as lesões que as batalhas da noite anterior lhe trouxeram. Decidiu levar o filho e Esther ao quarto da torre do celeiro, mas a moça se apavorou no momento em que se lembrou do que acontecera ali. Disse que não iria se isolar na torre, onde não havia como fugir, caso Drucila entrasse pela janela da mesma forma como Luna o fizera.

Ele assentiu e escolheu o quarto do menino para que passassem a noite, pois ainda sentia o cheiro de Luna em seu quarto. Aquele odor certamente não o deixaria dormir.

Lucius se deitou em sua cama e se cobriu com o lençol.

Dotan trouxe o colchão do outro quarto e o colocou no chão, ao lado da cama. Quando cruzara o corredor, viu a poça de sangue no chão... Lembrou-se de Levy. O filho de uma escrava que crescera para se tornar o homem mais confiável da casa de Dotan. Um servo a quem o homem-lobo oferecera liberdade diversas vezes. Levy nunca aceitara, alegando que era melhor servir a um *dominus* especial do que ser um homem livre que vive à sombra de patrões miseráveis. Agora, tudo o que restara de Levy era aquela poça de sangue coagulado se entranhando no assoalho do corredor.

Esther permanecia sentada na beirada da cama do garoto e pressionava a pequena cruz de madeira contra a testa, mexendo a

boca e murmurando uma oração desconsolada.

Sentiam fome, mas não havia comida na casa. O que não fora levado pelos soldados no dia do sequestro de Dotan já apodrecera havia muito tempo.

Deixaram as janelas fechadas, para não chamar a atenção dos soldados que porventura passassem pela estrada – de onde se avistava a entrada da casa. Queriam também deixar o quarto mais escuro para que pudessem dormir.

Agora, pequenos feixes de luz trespassavam as tábuas da janela.

Esther fez questão de deixar os raios tocarem seu rosto, enquanto tentava se esquecer das entidades que acabara de ver.

•

Ao final da tarde, Dotan levou Lucius e Esther até a entrada do bosque que fazia limite com sua propriedade. Acendeu uma fogueira e deixou-os assentados em torno dela, enquanto entrava na mata à procura de comida.

– Não quero voltar para a cidade – reclamou Esther a Lucius.

O menino a encarou sem dizer nada.

– Ela não vai descansar enquanto eu não estiver morta.

– Não é tão simples assim. – O jeito sério do garoto era compatível com um homem dez anos mais velho que ele. A luz do final da tarde e o reflexo das chamas da fogueira emprestaram um tom azulado à sua pele.

– Não me interessa. Não volto e pronto.

Lucius se aproximou dela e encostou a cabeça em seu ombro.

– Não tenha medo. Eu cuido de você.

Ela sorriu, passou o braço sobre os ombros de Lucius e suspirou.

– Deus, estou me sentindo péssima. – De súbito, assustou-se ao ver os olhos de besta em meio às sombras da mata. – Lucius?! – Levantou-se de um salto e apontou para os olhos amarelos na escuridão ao ver o homem sair da mata com um cervo nos braços. O coração desacelerou quando ela reconheceu que aquele era Dotan e, parecendo irritada, disse: – Assim eu não aguento! Escapei da filha

de Satã e de um principado de trevas... Mas vocês dois ainda vão me matar de susto!



Lucius sacou o punhal e abriu uma incisão no pescoço do animal – que, apesar de ferido, ainda respirava – e encheu a caneca com sangue.

Depois que Dotan e Esther comeram a carne, todos descansaram ao redor da fogueira. Tinham de esperar a noite para que o garoto conseguisse usar seu poder.

Ao ver o céu completamente negro, Dotan encarou Lucius e perguntou:

– Você pode me levar para qualquer lugar que eu quiser?

O filho ponderou por um instante e explicou:

– Basta que no local de destino também haja escuridão.

– Vi três tumbas no quarto do imperador e tenho certeza de que é dentro de uma delas que Drucila se esconde.

– Jesus Christus – murmurou Esther, ajoelhando-se.

– E o que você quer que eu faça?

– Assim que escurecer, você me levará para a tumba daquele demônio e me deixará lá. E, haja o que houver, fuja assim que eu mandar. Está me ouvindo?

– Sim...

– Prometa, Lucius. Prometa para seu pai que vai obedecer! Deixe-me e volte para cá!

– Eu não vou ficar sozinha – lamentou-se Esther, apavorada.

– Não tenho certeza se consigo... – disse Lucius baixinho.

– Por quê?!

– É mais fácil quando eu conheço o ambiente. É que eu penso no lugar para onde quero ir, e não deixo de mirá-lo nem por um segundo. Por isso eu não me distraio com as entidades que ficam falando bobagens na escuridão! Penso no lugar e ando através das sombras até chegar lá... Se eu nunca vi o quarto do imperador, não sei se vou conseguir.

Dotan ajoelhou-se ao lado do filho e perguntou:

– Lembra-se da Basílica Júlia?!

Os olhos do menino se acenderam.

– Claro que me lembro, mas acho que, mesmo à noite, o prédio seja iluminado demais. – Calou-se por um instante, pensativo, e irrompeu: – A não ser que eu o leve à biblioteca do segundo andar.

– Perfeito! Fica próximo o suficiente do palácio! Leve-me até lá e eu me viro sozinho!

•

O peito de Dotan estava prestes a explodir.

O menino abriu a porta da biblioteca e deixou um pouco de luz entrar.

– *Grrr...* – contraía os punhos, furioso. – Malditos demônios! – Ainda ouvia os sussurros do súcubo que lhe oferecera devolver a vida de Vered caso o homem-lobo a possuísse. Tentou conter o lobo que crescia em sua alma e andou até a beirada do piso do segundo andar, de onde viu a nave da basílica no plano inferior.

O piso da nave era ornamentado com pedras coloridas que compunham figuras geométricas e dividiam o amplo salão em espaços menores. Em volta dela, havia colunas feitas com blocos de mármore travertino e inúmeros arcos, por onde entravam e saíam seus visitantes.

– Boa sorte – desejou o menino, fechando a porta da biblioteca e se escondendo novamente na escuridão.

O lugar era ainda mais bonito do que ele se lembrava.

Viu a lua prateada através de um dos arcos do segundo andar e sentiu a energia percorrer seu corpo. Fechou os olhos e se concentrou. Sabia que era ele quem mandava na besta, não o contrário. Lembrou-se da luz que vira nos olhos de Lucius, no dia em que ele conteve sua transformação. Viu novamente a face iluminada de Paulus. Lembrou-se das palavras da profecia... Agora tinha de ter fé e acreditar que se Deus o agraciara com um poder tão imenso, certamente Ele o ajudaria a controlá-lo. Fez uma breve oração, enquanto sentia as lâminas crescendo em suas garras. As presas despontaram e os cabelos cresceram, agitando-se ao vento.

Escalou uma das colunas sentindo as garras penetrarem no mármore e imaginava-se rasgando o corpo de Drucila.

Em segundos, estava sobre o telhado da Basílica Júlia. O vento frio que lambeu seu rosto tinha cheiro de carne queimada.

A lua estava manchada de vermelho.

No céu, ele viu uma suave fumaça e a seguiu, tentando identificar a sua origem. Andou até a beirada da cobertura e assustou-se ao ver as chamas tomando conta da colina. Além dos limites da cidade, avistou uma concentração das tropas de Nero. Ajustou o foco da visão e finalmente percebeu que havia pequenos agrupamentos cercando fogueiras ateadas em pontos equidistantes.

*O cheiro...*

Era o inconfundível odor de carne humana.

*Demônios!*

Dotan finalmente entendeu que aquelas piras eram, na verdade, os cristãos que os soldados capturaram na noite anterior. A angústia tomou conta da sua alma e uma fúria lupina lhe tomou o corpo. As lágrimas rolavam pelo rosto, enquanto sua respiração se tornava cada vez mais ruidosa e acelerada. O coração disparou, bombeando sangue para os músculos que se intumesciam e pareciam estar prestes a rasgar a pele.

Os pelos brancos se espalharam pelo corpo e o fizeram perceber que estava sendo possuído pelo lobo. Ainda havia tempo para lutar, para se controlar e decidir o que fazer. Parou na beirada do teto, no momento em que seus pés cresceram o suficiente para rasgar as sandálias militares. E pensou: *Que se dane!*

– *Grrraaarff* – Rasgou a túnica e sentiu o peito se expandir livremente.

O monstro branco saltou da sacada da basílica com braços e pernas estendidos, aterrissando com os pés e as garras espalmadas no chão de pedras do Fórum.

Fez-se um estrondo e, em seguida, uma nuvem de poeira se espalhou ao seu redor.

Pouco tempo depois, Dotan corria como se quisesse rasgar o solo da colina, usando braços e pernas, como um lobo que desliza pelas sombras de um bosque. Via apenas as chamas no alto da formação.

Seus ouvidos se aguçaram para que ele ouvisse os gritos de terror.

– Não mereço ser crucificado – gritou a voz conhecida. – Não sou digno de morrer como Christus – lamentava-se Petrus.

– Sua cruz foi invertida, hebreu – disse um soldado, com um tom irônico na voz. – Não vai morrer como seu Profeta. Pode ficar tranquilo. – Uma risada se espalhou pela noite. Um grito de dor perfurou os ouvidos do lobo quando as chamas tomaram o corpo do velho apóstolo.

– O demônio branco! – gritou um legionário. Sua cabeça foi arrancada do corpo antes mesmo que ele conseguisse sacar a espada.

O homem-lobo sacou as duas Cruzes de Galeso e as empunhou. Correu pelos campos, destroçando os soldados que investiam contra ele. Já não se preocupava em poupá-los, em ferir o número menor possível de inimigos. Não havia misericórdia ou honra. Apenas o ódio e a revolta de ver homens bons morrendo de uma forma hedionda.

Então, de repente, Dotan parou... Estava rodeado por corpos de soldados mutilados e inconscientes. Finalmente entendera quão desesperador era ver aqueles inocentes sendo queimados. Os olhos tremularam.

*Drucila!*

*Grrrrr!*

Enfrentou uma nova leva de soldados, partindo seus corpos com golpes das lâminas de ferro.

Ao ver seus homens sendo destroçados, um oficial se ajoelhou diante de Dotan e implorou:

– Me poupe! Eu sigo ordens... Não tenho culp... – A boca ainda aberta quando a cabeça rolou sobre seus ombros.

Os soldados começaram a fugir.

Das quatrocentas cruzes de madeira que restavam sobre a colina, apenas trinta chamejavam enormes labaredas. Nas outras, homens, mulheres e até mesmo crianças choravam à espera da sua execução. Foram crucificados de cabeça para baixo e tinham os corpos envolvidos em fitas de tecido que serviriam para fazer o fogo se espalhar mais rapidamente.

Dotan viu quando um grupo de guardas rodeou o imperador e a dama pálida do vestido negro, escoltando-os enquanto eles escalavam o lombo dos cavalos. Drucila gargalhava, golpeando o ventre do animal com os calcanhares nus. Nero cavalgava ao lado dela, cercado por mais de vinte cavaleiros.

Adriani montava um corcel branco sem sela. Perdeu alguns segundos encarando Dotan, até que levou uma mão à boca e mandou-lhe um beijo, cavalgando na mesma direção de sua mestra.

Os gritos das fogueiras humanas finalmente cessaram.

O silêncio era ainda mais ferino que as lamúrias que o precediam.





## 65

**D**otan sentia que o lobo finalmente fora contido e viu-se em sua forma humana mais uma vez. Ao perceber que estava nu, apressou-se em pegar a farda do corpo de um dos soldados abatidos e a vestiu rapidamente.

– Pelo amor de Deus – gritou um dos cristãos, apavorado. – Me tire daqui!

O herói se aproximou e viu que os braços e pernas do homem estavam amarrados à cruz. Com um golpe preciso em cada ponto das amarras, ele o libertou, fazendo-o tombar no chão.

*Chunc* – surpreendeu-se ao ouvir o som da lâmina rompendo a carne e se virou para ver o demônio ajoelhado debaixo de uma das cruzes, bebendo o sangue que jorrava do pescoço de uma moça. O fato de o corpo ter sido crucificado de cabeça para baixo facilitou a manobra.

Morbidus abraçava a cabeça da cristã e lambuzava o rosto esfolado no sangue dela, até que disse:

– Esta aqui até que era bonita. Vou usar o rosto dela por uns tempos... Será que fico bem *vestindo* um rosto de mulher?

Dotan se lançou contra o bebedor de sangue, girando as armas sobre o próprio corpo.

Morbidus deu um passo para trás, deixando as Cruzes de Galeso estraçalharem o tronco de madeira que sustentava o corpo sem cabeça.

Gritos se misturavam numa sinfonia desconcertante.

Morbidus livrou-se do capuz ensanguentado e moveu as duas foices, cruzando-as alternadamente à frente do corpo.

– Desta vez, você não vai me pegar pelas costas, seu cretino! Covarde! Olhe para mim: eu sou invencível. Você arrancou meus braços e eu usei os membros de outro homem. A minha Vênus, feita divindade por um deus maior, é quem me empresta seu poder! Você não pode me destruir!

O homem-lobo o encarou por um instante e irrompeu:

– Quanta besteira.

O bebedor de sangue correu na direção do lobo, mas, quando se preparava para saltar sobre ele, parou ao ver que Dotan já preparava um contra-ataque.

Dotan girou sobre os próprios calcanhares e arremessou uma das Cruzes de Galeso, *errando* o corpo de Morbidus. A arma descreveu um trajeto diferente do que o vampiro imaginara: a cruz rodopiava rasgando o ar em diagonal ao eixo da terra, deslocando-se ao mesmo tempo para cima e para o lado em que Morbidus estava, sem que o atingisse.

– Vai ter que melhorar a pontaria – tripudiou o demônio, sorrindo.

Dotan não se importou com o *erro*.

Os dois corpos voaram um na direção do outro, até se chocarem. As lâminas se cruzaram, produzindo faíscas – aquele era o som agudo da guerra travada entre dois seres fantásticos. Caíram. Um de costas para o outro.

Dotan segurava uma das cruzes com as duas mãos, usando uma empunhadura semelhante à de uma espada. Em seu rosto, via-se um resquício de dor. Olhou para baixo e viu o torso metálico da farda lacerada que exibia o ferimento. Apenas pele e músculos do abdome foram lesados.

Morbidus caíra ajoelhado. Segurava na mão esquerda uma das foices intacta; o cabo da outra arma destruída, na mão direita. Sentiu que sua mandíbula estava torta, deslocada para o lado esquerdo. E percebeu que a lâmina de Dotan cortara a lateral do seu rosto superficialmente.

– *Fou agabar gom* sua raça! – vociferou o bebedor de sangue. Mais apavorado que furioso.

– Não entendi – escarneceu o homem-lobo. – Pode repetir?

Morbidus correu em sua direção novamente.

Dotan o surpreendeu ao arremessar a cruz no sentido oposto. Uma trajetória semelhante à anterior: a arma girando numa diagonal.

Morbidus golpeava enquanto Dotan se esquivava.

A lâmina da foice passou perto da cabeça do lobo.

E um novo golpe quase atingiu seu flanco, mas Dotan conseguiu desviar. Um sorriso se abriu nos lábios do lobo quando ele parou, abrindo os braços e fechando os olhos, como se desistisse de lutar.

– Por Vênus! – bradou o demônio, enquanto levantava a foice sobre a cabeça de Dotan.

No momento em que descia a lâmina sobre o inimigo, ouviu um zumbido que precedeu a dor lancinante: uma das cruces que foram arremessadas voltou, decepando uma das mãos de Morbidus.

Dotan viu a cruz recém-fincada na terra, mas não a resgatou. Apenas se interpôs entre a arma e o demônio.

Morbidus se encheu de fúria e mostrou as presas para o lobo.

Os olhos de Dotan se tornaram completamente amarelos e suas orelhas despontaram entre os cabelos brancos. Exibiu suas garras para o demônio.

Morbidus pulou sobre o lobo, mas Dotan agarrou o bebedor de sangue no ar e o arremessou no chão.

Pisou no peito do demônio e disse:

– Ainda há tempo de se arrepender dos seus pecados e pedir perdão a Deus.

O outro respondeu cuspiendo sangue.

– Minha *fênus* é *guem*...

*Chuc!*

A cruz que caiu do céu como um raio decepou sua cabeça antes que ele concluísse. E o corpo de Morbidus se desfez em pó, debaixo do pé do inimigo.

Agora Dotan contemplava as duas cruces fincadas no chão. Distavam pouco mais de dois metros uma da outra. O lobo as resgatou da terra e disse para si mesmo:

– Melhorar a pontaria? Eu?



## 66

Os cavalos pareciam voar rente ao solo da colina. Em poucos minutos, a pretensa deusa, a prostituta bebedora de sangue e o imperador puxavam as rédeas dos animais e se alinhavam em frente ao palácio. Estavam cercados por mais de vinte oficiais.

Nero encarou Drucila com olhos negros de besta.

– Devíamos ter atacado! Todos ao mesmo tempo! – Puxava as rédeas do animal para o lado direito, fazendo o cavalo girar em torno do próprio corpo. A túnica negra se agitando com a brisa noturna. Exibia as presas a todo o tempo.

– Um César não se expõe nas primeiras horas de batalha – disse um centurião que não abandonara o imperador em momento algum.

Nero o encarou por um instante. Surpreendeu-o ao arrancar sua glote com um gesto veloz da garra. Puxou-o para perto e chupou o sangue que jorrava de suas carótidas. Deixou a carcaça morta caída no chão.

– O César é um imperador militar... Eu sou o Augusto! *Deus imperador!* – Gritou: – *Nero Claudius Augustus!*

Os oficiais o encaravam com pavor e irromperam todos ao mesmo tempo:

– *Ave, Augusto!*

Drucila o observava, enquanto se lembrava da voz de Plutão em sua mente, dizendo “*não*” no momento em que ela pensou em dar a vida eterna ao imperador.

– Por que enfrentá-lo, se podemos atingi-lo sem nem mesmo tocar nele?

Nero se aproximou.

– Do que você está falando?

Drucila apertou sua garganta, fazendo os olhos de Nero saltarem.

– Só há *uma* deusa aqui, e esta deusa sou eu. – E então o soltou.

Adriani tentou esconder o riso.

Drucila verteu o tom negro nos olhos e deixou as presas despontarem entre os lábios.

– Hoje será o dia da purificação de Roma. Os generais do imperador serão os homens mais temidos da terra! Uma cavalaria de olimpianos encarnados em corpos frios! Quem, entre vocês, deseja a vida eterna?

Todos os oficiais anuíram com movimentos de cabeça ou com murmúrios.

– Farei de todos vocês semideuses, assim como o seu imperador!

Nero arregalou os olhos quando murmurou:

– Drucila...

– Cale-se – ela ordenou sem fitá-lo. Voltou a se dirigir aos centuriões. – Hoje, Roma dorme infestada por ratos. Por homens que tramam contra o império e que anseiam pelo poder. Seres que se arrastam e que se escondem em casebres abandonados para pregarem as palavras de um profeta pobretão. Um deus que nada pode fazer diante da magnificência das divindades do Olimpo. Hoje vamos varrer os cristãos desta cidade e mandá-los para o círculo de fogo do Tártaro! Vamos queimar a cidade baixa e todos os miseráveis com ela! Ladrões e assassinos, inimigos do imperador! Queimem! Queimem a cidade baixa e todos os vermes cristãos! E amanhã farei de vocês bebedores de sangue como eu!

– Por Roma! – gritou um dos homens.

– POR ROMA! – responderam todos, a plenos pulmões.

•

Lucius estava ansioso. Mesmo conhecendo o poder do homem-lobo, tinha medo de que o pai não fosse forte o suficiente para lutar

com Morbidus e Drucila ao mesmo tempo.

Não se sentia seguro em casa e, somente depois de muita insistência, convencera Esther de que estariam mais seguros no quarto da torre do celeiro. Ela não parava de se lamuriar, fazendo orações desesperadas e se penitenciando. Falava a todo o tempo que estariam mais seguros se tivessem trazido as cruzes que ela pendurara no teto e nas janelas do quarto da tinturaria.

Irritado com as lamentações da mulher, o garoto subiu ao telhado e se encostou à mureta de proteção. Via a estrada de terra que passava próxima à propriedade, bem como os limites do bosque, os campos floridos e o vale onde os escravos cultivavam hortaliças.

– E se alguém vir você aí?! – disse Esther baixinho, enquanto trespassava a janela que levava ao telhado. – Entre!

O menino suspirou.

– Já estou ficando sem ar de tanto ouvir você reclamar...

– Desculpe. – Encostou-se à mureta, ao lado de Lucius. – Não tem medo?

Balançou a cabeça dizendo que sim.

Ela o abraçou e lhe beijou a testa.

– Se ele não voltar... – Baixou a vista por um instante. – Talvez seja bom procurarmos meu marido.

– Meu pai vai voltar.

– Sim... É claro que vai. Mas temos de pensar em todas as possibilidades. Esperamos até amanhecer, e, se ele não vier, nós iremos à minha casa. – Virou-se, apoiando as costas na mureta. Deixou o olhar se perder no campo de flores. – Emilianus me ama, sabe? Acho que, desde que se casou com Drucila, ele já sentia alguma coisa por mim... Ela tem raiva, porque acredita que *eu* o roubei dela, mas...

– O que é aquilo? – surpreendeu-se o garoto, apontando para a estrada.

– A Guarda Pretoriana! – assustou-se Esther. – Venha, entre logo! Ah, meu Deus! Entre logo, já disse...

Lucius apertou os olhos, tentando dar foco à visão.

– Não são guardas – ele disse, enquanto entrava no quarto pela janela do telhado.

Esther o acompanhou e fechou a janela.

– Tenho que descer e ver de perto – avisou o menino.

Ela meneou a cabeça e o segurou pelo braço. A voz era cheia de preocupação e ternura.

– Não faça isso. De forma alguma vou deixar você descer e se expor desse jeito. Seja lá quem eles forem, só iremos sair quando Dotan voltar...

O garoto suspirou.

Ela o soltou e se encostou à porta.

– Espero que você entenda.

Ele permaneceu calado enquanto pegava a vela sobre a cômoda do quarto. Sem que Esther esperasse, soprou a chama, deixando a escuridão se espalhar pelo cômodo.

– Ora, Lucius, não seja bobo! – sua voz era pura irritação – Lucius? Isso não é hora pra brincadeira de mau gosto, menino! Lucius? – Tateou a escadinha e subiu alguns degraus para que pudesse abrir a janela novamente, fazendo a luz da lua invadir o cômodo. – Lucius...? Cadê você?

•

Ele abriu a porta e viu o gramado em frente à casa. Andou apressadamente, passando ao lado da vala que fora aberta para enterrá-lo e que havia sido fechada. Lucius agora podia ver as pessoas que viajavam pela estrada com mais clareza. Eles vinham da cidade... Homens, mulheres e crianças vestindo roupas de plebeus. Estavam sujos com algum tipo de fuligem. Uma garotinha chorava convulsivamente, abraçada à mãe.

– Moça – chamou Lucius.

A mulher parou e o encarou.

A multidão que a acompanhava ignorou o menino e continuou em sua marcha.

– O que você quer...? – a expressão assustada.

– O que aconteceu?

– Deus está punindo o império por seus pecados e por seus falsos ídolos! É isso que está acontecendo. Demônios encarnados andam

entre nós! – Seus olhos se arregalaram. – Eu mesma vi o imperador morder um homem e beber seu sangue! Mas o Senhor mandou um anjo com espadas de fogo para destruí-los!

– Espadas de fogo? – estranhou Lucius.

– Na verdade, pareciam cruces... E não me refiro ao fogo comum das tochas ou das fogueiras que cozinham a nossa comida. Falo de um fogo divino: as chamas do poder de Deus fluem através das mãos daquele anjo. Eu pude ver, sim! Sempre que ele tocava as armas de ferro, elas incandesciam em divindade.

Lucius olhou em redor.

– Onde ele está?

– O imperador mandou que nos crucificassem, mas o anjo nos soltou. Deixamos tudo para trás e fugimos, trazendo apenas as roupas que estamos vestindo. – Beijou a testa da filha. – Mas pelo menos estamos vivos... Assim que nos libertou, o anjo saltou sobre um cavalo e correu em direção ao palácio.





## 67

—**S**enhora! – Vitorinu gritava desesperado, enquanto agitava o corpo de Yara. – A casa pegou fogo! A casa pegou fogo!

A mulher estava tombada sobre as almofadas da antessala da casa e, deitada de lado, mantinha todo o peso do corpo sobre um dos braços. Os olhos entreabertos quase não piscavam. Vez por outra, esboçava um espasmo no canto da boca. Sobre uma das mesas restava o narguilé repleto de drogas que ainda esfumaçava...

– *Domina*, acorde!

– Deixe-a aí, idiota! Ou vamos todos morrer! – gritou uma moça, enquanto forçava a porta da frente, porém sem conseguir abri-la.

Duas garotas saíram dos quartos, enroladas em lençóis.

– Que cheiro horrível de fumaça é esse?

– Yara não acorda. Tem que acordar... *Domina!*

Deixaram os lençóis tombarem e ignoraram sua nudez para ajudar as outras a abrirem a porta da frente.

– Devem ter colocado alguma coisa para prender a porta! Não abre! Ai, poderosa Ísis, tenha piedade de nossa alma!

Vitorinu percebeu a fumaça se insinuando entre a porta e o umbral. Finalmente entendeu que ele mesmo também corria risco de vida. Jogou todo o peso do corpo sobre a porta e a fez se deslocar um pouco. Agora a fumaça entrava em feixes grossos e cinzentos. O rapaz deu alguns passos para trás e se jogou novamente. Dessa vez a porta se abriu num barulho estrondoso.

As moças gritavam, passando pelo umbral com as mãos sobre o rosto.

Ao ouvir os gritos, todas as prostitutas da casa acordaram e se apressaram em sair.

Vitorinu voltou para buscar Yara, colocando-a sobre seus ombros com cuidado.

*Creck.*

Uma viga de madeira caiu em frente à saída e impediu a passagem com uma coluna de chamas.

O pobre rapaz parou diante da porta, sem saber o que fazer... Até que sentiu que a fumaça o sufocava. O corpo magro de Yara começava a pesar imensamente. Ele a colocou no chão e se deitou ao lado dela. Virou o rosto da mulher para ele e disse:

– Tenha medo, não, Yara. Morrer não deve ser tão ruim quanto parece... Lembra o que aconteceu com *Durcila*? – Entrecortou o sorriso com um acesso repentino de tosse. – Vai... doer não, viu...? *cof...* Vai ser igual a... *Durcila*. Morre agora... *cof...* Acorda, depois...

•

– *Dominus* – murmurou com uma voz muito doce.

Ao despertar, Emilianus percebeu que ainda segurava a taça de vinho. Estava deitado num longo divã que a escrava carregara para o jardim, nos fundos da casa. Dali era possível ver a maior parte da cidade baixa e alguns prédios do Fórum Romano.

– Estava sonhando.

Rachel parou diante do seu senhor e se inclinou sobre ele, despejando o vinho da jarra em sua taça. Os cachos loiros sobre os olhos esverdeados. Os lábios roliços e úmidos. A túnica folgada e velha revelando o tom rosado dos seios.

– Sonhei que vivia em minha propriedade na Espanha. E... – Deixou o olhar se perder sobre a cidade. – É que, às vezes, tenho vontade de deixar tudo aqui e... – sorriu. – Bobagem...

Ela se ajoelhou ao lado do senhor.

– Nada que meu *dominus* diz é bobagem. Continue.

– Era como se o tempo tivesse voltado: eu via Drucila com apenas treze anos, pisando as olivas para me fazer um “azeite especial”, como ela mesma dizia... – abaixou o olhar e suspirou.

– Eu piso azeite para meu senhor, se é isso o que o meu *dominus* quer.

Ele sorriu.

Ela se levantou e colocou a jarra sobre a mesa.

– Mas não posso fazer o tempo voltar, *dominus*... E confesso que, mesmo que eu pudesse, não o faria.

Encarou-a confuso.

– E por que não?

– Porque o tempo dos homens é um piscar de olhos para Deus. E todo o tempo que vivemos na Terra é um grão de areia diante da eternidade dos nossos espíritos. Viver no passado é uma maldição, *dominus*. E eu nunca amaldiçoaria meu senhor, que é tão generoso e bom.

Surpreendeu-se.

– Nunca ouvi você falar desse jeito.

– Havia mulheres demais nesta casa, meu senhor. Algumas mulheres falam tanto que tornam desnecessário, para as outras, dizer alguma coisa. As que mais falam são sempre as que menos pensam...

Ele riu, enquanto a observava.

– Talvez.

Silêncio.

– Sou a única mulher que restou nesta casa. Talvez agora meu senhor possa ouvir a minha voz com mais frequência. – O sorriso que se desenhava em seus lábios clareou todo o jardim. – Mas não tenha medo. Não vou virar uma tagarela.

Num ato impensado, ele se sentou no divã e entreabriu as pernas, puxando-a para perto e apoiando as mãos em sua cintura.

Ela colocou as próprias mãos sobre as mãos dele e as conduziu até a barra da túnica, à altura das coxas.

Emilianus tocou a pele rosada de Rachel e sentiu seu calor nas pontas dos dedos. Ela tirou a túnica às pressas e empurrou o homem, que caiu deitado sobre o divã.

– Por Júpiter – ele brincou. – Quem é esta?

Enlaçaram-se num beijo ofegante. As mãos nervosas se exploravam com tanta avidez que eles não perceberam a luz das chamas crescendo sobre os prédios da cidade baixa.

•

Nas ruas pairava um zumbido medonho: um misto de gritos de horror e risadas sadistas.

Numa ruela longa e estreita, as chamas escalavam as paredes das *insulae* com uma rapidez impressionante.

O corpo moreno e forte estava morto e era sustentado pelos braços da mulher-demônio.

– Psiu! – Drucila parou de sorver o sangue do rapaz e levantou a cabeça por um instante. – Calma. Não vai demorar. – Abriu nos lábios um sorriso ensanguentado. Ao ver o grupo de pessoas que se aproximava, ela arregalou os olhos e deixou sua vítima tombar no chão.

Uma silhueta feminina segurava a mão de um homem e corria, fugindo da fúria das chamas que a perseguiam. Os cabelos longos e lisos balançando; o corpo magro e ágil correndo nas pontas dos pés.

– Esther? – murmurou a monstra, como se lambesse as palavras. No momento em que o casal passou próximo a Drucila, ela puxou a moça para perto e a encarou.

O homem protestou:

– Ei! O que você... – Mas dois dedos com longas unhas o calaram ao trespassarem seu pescoço e penetrarem as carnes que formavam a base de sua boca. Ao entreabrir os lábios, a vítima revelou as pontas das garras de Drucila.

– Ai, meu Deus! – gritou a moça com uma voz irritantemente aguda. – Yonah?! Yonah?! O que você fez com ele?! – *crec.* Drucila quebrou o pescoço da moça num átimo. Deixou o olhar se perder nas chamas. Viu nelas a projeção do rosto de Esther quando pensou:

*Não era você, sua vadia! Mas vou encontrá-la! Nem que eu tenha que destruir a cidade inteira! Nem que eu tenha que morrer*

*tentando!*

•

Os cabelos que tinham sido raspados pela guarda cresceram em poucas horas e agora estavam ainda mais longos e negros que antes, arrumados em tranças, tombando sobre seus ombros. Adriani vestia uma túnica vermelha e escandalosamente curta, que revelava as cintas repletas de lâminas à altura das coxas. Estava escorada na mureta da tinturaria e limpava as longas garras com uma das adagas. Vez por outra olhava na direção da porta de entrada, que dava acesso ao pátio repleto de tinhas.

As chamas estalavam nas tábuas do velho galpão, derrubando vigas de madeira e vaporizando a palha da cobertura.

*Quem precisa de convite, quando se pode atear fogo na casa de alguém?*, pensou Adriani, exibindo um sorriso e deixando as presas à mostra. *Os ratos sempre voltam ao ninho...*

Subitamente, ouviu um barulho vindo de dentro da casa. Os olhos negros se agigantaram enquanto ela se escondia por trás da mureta.

Alguém abriu a porta com força, fazendo-a se chocar contra a parede. E da escuridão enevoadada saiu um garoto correndo. Os cabelos loiros e o corpo magro fizeram Adriani se lembrar de Lucius. Mas seria muita sorte encontrar o menino em meio àquela confusão. Escondeu-se novamente e esperou. Ouviu um grito de mulher e o choro agitado de uma criança que repetia palavras incompreensíveis.

– Ei, garoto, qual o seu nome? – ela perguntou, vertendo um aspecto humano nos olhos no momento em que o agarrou. Não queria assustá-lo antes de obter sua resposta.

– Me solte!

– Responda! – Os olhos se tornaram negros como a morte.

Ela mostrou as presas para o garoto e se preparou para beber seu sangue. Dessa forma, saberia quem ele realmente era. Se não fosse o pequeno Lucius (que ela vira somente em pensamentos, no instante em que bebeu o sangue de Drucila), pelo menos serviria para aplacar sua sede. Assustou-se ao sentir o punhal lhe trespassando o braço.

– Aaahh!

– Solte o meu filho, seu demônio! – gritou a mulher, retirando o punhal e enfiando-o no pescoço de Adriani.

Ao sentir a lâmina lhe vazar as artérias carótidas, Adriani se desesperou e soltou o garoto. Deu dois passos para trás, como se contemplasse a própria morte.

– Corra! – a mulher ordenou ao próprio filho.

O menino lhe obedeceu.

– Que Deus tenha piedade da sua alma, mulher... – Os olhos transmitiam mais repugnância que perdão. Deu as costas para Adriani e correu.

A bebedora de sangue retirou o punhal do pescoço e cuspiu o sangue negro e espesso, mas não demorou a perceber que as feridas se fechavam. Diferentemente das armas do licantropo, aquelas eram facas comuns e que não poderiam matá-la.

As mãos entre as pernas sacando os punhais se moviam como raios, uma depois da outra.

A mãe do garoto tombou de joelhos. Quatro facas cravaram-se em suas costas.

Ao ver que sua mãe não o seguia, o garoto parou e a procurou.

– Mãe?! Mãeeee! – O pânico estava refletido em seus olhos. Seu corpo, completamente paralisado.

Os lábios de Adriani tremulavam e os olhos se contorciam de ódio. Sacou outros três punhais da cinta e os arremessou mais rapidamente do que a visão humana poderia perceber.

Surpreendeu-se ao ver o vulto branco se interpor entre ela e o menino. Dotan usava as cruzes como escudos, mantendo seus eixos mais longos em contato constante com seus antebraços.



## 68

**D**otan encarou o menino e disse:

– Corra! Depois sua mãe encontrará você, vá!

O garoto lhe obedeceu.

Adriani entreabriu as pernas e fincou os pés no chão, enquanto acariciava as lâminas dos punhais presos às cintas atadas nas coxas.

– Vênus, em sua magnificência, previu que seria assim: o príncipe dos ratos apareceria no momento em que puséssemos fogo no ninho.

Dotan observou a silhueta perfeita de Adriani: a barra da túnica, curta demais, revelava as coxas torneadas. Os seios prensados no decote. A pele, que antes da morte era morena, agora tinha um tom claro, de caramelo. No rosto, parcialmente encoberto por uma sombra, mantinham-se escondidos seus olhos negros. O vento se insinuou entre as pernas de Adriani e elevou a barra da túnica, revelando uma nudez furtiva e bela... Por uma fração de segundo, o homem-lobo deixou de encará-la para contemplar sua beleza. Assustou-se ao sentir a fisgada no canto da boca; uma adaga passara rente ao rosto dele e lhe abrira uma grande incisão no lado esquerdo do pescoço.

– Súcubo! Demônio imundo! – Lançou uma das cruzes como resposta, num movimento furioso.

A cruz rasgou o ar, criando um zunido que se intensificava a cada giro de suas lâminas, e alcançou Adriani numa velocidade ainda maior do que ela imaginara ser possível. No entanto, num gesto de

esquiva, girando o corpo parcialmente para a direita e para trás, ela conseguiu livrar seu pescoço.

– Aahh! – ela gemeu, ao sentir o corte no ombro esquerdo. – Bastardo! Você vai arder nas chamas do Tártaro! Vai ser estuprado por *fúrias* e por todas as serpentes de Medusa!

Dotan limpou o rosto com o dorso da mão. Não sabia ao certo se fora a dor da ferida ou a visão hedionda que o comentário de Adriani lhe inspirou, mas tinha certeza de que logo não conseguiria manter sua forma híbrida entre homem e lobo. Agora a cruz em sua mão se tornara ainda mais leve, pois seus músculos se insuflavam numa velocidade assombrosa. Inspirou profundamente, tentando manter a calma. A voz era quase um rosnado, quando disse:

– Um dia terei o prazer de arrancar as serpentes das cabeças de Medusa e das outras górgonas. Uma a uma. E enfrentarei o anjo infernal, que é a fonte dos seus poderes. Mas, por enquanto, meretriz de Satã, minha missão é destruir os demônios encarnados, como você e sua criadora!

Ela tentou sacar um punhal com a mão esquerda, mas o braço não obedeceu ao comando da mente.

O lobo se lançou sobre a bebedora de sangue, elevando a arma acima da cabeça, empunhando-a como uma espada.

Ela usou a mão direita para sacar os punhais, mas logo percebeu que não daria tempo. Girou o corpo, pulando para o lado esquerdo, desviando-se do golpe da arma do lobo no último instante. Talvez devido ao fato de um dos braços permanecer flácido, o corpo da monstra demorou mais que o esperado para realizar o movimento, e, ao cair, ela tombou de joelhos no chão. O pé em sua garganta a arremessou de costas na areia. Sentia o gosto da terra na boca e uma dor no pescoço, que estava prestes a ser estraçalhado pelo pé do inimigo.

– Ainda há tempo para você se arrepender – avisou Dotan, encostando a lâmina da cruz no pescoço de Adriani. – Talvez assim sua alma não apodreça no inferno.

•



Nero viu o inimigo pisando a guerreira de sangue. Observava-os de longe, enquanto era escoltado por dois oficiais.

– Esperamos sua ordem, meu *princeps* – disse um deles, tentando conter o cavalo que se agitava com medo das chamas que crepitavam nas casas da rua.

O imperador mostrou as presas por um instante... Mas não sabia o que fazer.

Devido ao barulho e à distância, ele não ouvia o que Adriani dizia a Dotan, mas, dada a forma como gesticulava, apontando o dedo para seu algoz, imaginava que a bebedora de sangue o estivesse amaldiçoando.

A lâmina da cruz penetrou o pescoço de Adriani, devagar, muito devagar, até que ela estendeu os braços num último movimento suplicante... Tornou-se completamente negra e se esfacelou.

O imperador tracionou as rédeas, dando meia-volta.

– Que se dane. Que diferença fará uma rameira a mais ou a menos? – Olhou para os lados, repetidamente. – E a deusa Vênus, onde está?

– Impossível saber no meio desta confusão. Mas, se o augusto quiser, eu posso procurá-la.

– Não. – Levou uma das mãos ao rosto, sentindo o calor das chamas ganharem vigor. – Melhor voltarmos para o palácio.



## 69

—Se não tivesse certeza de que ela é uma deusa, eu já a teria matado com minhas próprias mãos! Quem ela pensa que é? Eu sou o imperador! Eu sou o Augusto!

Nero chutava tudo o que via à sua frente, andando apressado, enquanto era seguido pelos generais, até que chegou ao salão de festas do palácio e se jogou sobre as almofadas de seda. Uma escrava se apressou em lhe oferecer sua lira, e Nero a empunhou.

Os oficiais fitavam o imperador, como se esperassem por um comando. Agora, sentiam mais medo que respeito.

— Estão esperando o quê? Me deixem em paz. Vão conferir a segurança do palácio! Não quero ser pego de surpresa caso aquele infeliz apareça! — Mudou o semblante repentinamente e começou a dedilhar o instrumento, cantarolando uma música alegre que versava sobre deuses campestres.

Um dos generais se retirou. O outro se dirigiu à mesa e se serviu de uma taça com água.

— Por Júpiter! Mas que absurdo é este? — Sêneca adentrou o recinto num passo apressado. — Meu *princeps* sabe que a cidade baixa está em chamas?

Nero o ignorou.

— Augusto, não vai dizer nada?

A cantoria irritante continuou.

— Fui trazido de volta do meu exílio pelo seu tio a fim de prepará-lo para uma vida pública virtuosa, e ensinei um *camponês* a

discursar e se comportar como um monarca. E tudo isso para quê? Para ser recebido com o silêncio?

Nero abriu os braços e fechou os olhos, estirando-se sobre as almofadas. Em seguida, levantou-se sem mover um músculo sequer, como se seu corpo levasse do chão, enquanto seus pés permaneciam apoiados.

– Ora, mas... – Sêneca emudeceu. Por um instante, seria capaz de jurar que ouvia risos femininos vindos de todos os lados, e percebeu que as ninfas estampadas nas paredes do salão cobriam a boca ou se contorciam em risadas debochadas. Os sátiros e Centauros o encaravam com sorrisos enviesados. Resolveu ignorá-los.

Nero abriu um sorriso.

– Cansei desta cidade enferma e pobre. Sei que Roma está em chamas, mas é até melhor assim. Amanhã, construo tudo de novo, e dessa vez será uma cidade inteira feita de mármore. – Olhou em redor. – Quer saber? Cansei deste palácio também. Mandarei levantar outra mansão: a *Domus Aurea*! Um *palácio de ouro* para um deus imperador.

– Surtou? E o povo? Milhares de pessoas inocentes morrerão para que você *limpe* a cidade e construa prédios novos?

– Bom... Não foi esse o motivo, mas agora que foi feito...

– É aquela mulher, não é? Não posso ficar de braços cruzados, vendo você nos afundar assim, Nero.

O imperador arqueou as sobrancelhas.

– E o que você vai fazer?

Demorou mais que o necessário para falar, até que baixou o olhar e deu as costas para Nero.

– Nada. Não posso fazer nada... Melhor eu me retirar mesmo e...

– Augusto – gritou o oficial que os observava. – O senador Sêneca está mais preocupado do que parece. E já faz alguns dias que ele planeja contra o império. Teve apenas a prudente ideia de calar diante da sua pergunta, porque é um *covarde*! Um grande traidor!

– Do que você está falando? – Os olhos de Nero verteram ao tom negro num instante.

Sêneca se apressou em sair e disse:

– Um centurião neurótico, traumatizado de guerra, enxerga até a própria sombra como inimiga. – Mas ao tentar cruzar o umbral do salão, foi barrado pelas lanças cruzadas dos guardas pretorianos.

O general sorria enquanto caminhava na direção do senador.

– Há alguns dias, levei soldados disfarçados à cidade baixa. Queríamos mapear todos os pontos de congregação dos cristãos. Eu mesmo chefei a operação, porque os homens estavam dispersos demais, assustados com os acontecimentos sinistros que sabiam ter se passado no palácio.

– Ora, não me entedie! Diga logo o que descobriu!

– O senador perguntava por Dotan, o oficial renegado. Trajava um disfarce ridículo e, por pouco, não foi estripado por ladrões, enquanto o procurava. Certamente, queria levar informações confidenciais ao oficial desertor. Graças à usura de um quitandeiro, fiquei sabendo do seu plano.

– Ah... Eu...

Nero correu ao centro do salão e postou-se em frente a Sêneca, em menos de um segundo. Apertou seu pescoço com uma das mãos e o elevou do chão.

– É verdade? Hein, velho amigo? Você levava informações do palácio para o demônio branco?! Hein? Responda!

O senador emitia sons graves, entrecortados e ininteligíveis, enquanto sua pele vertia o tom arroxado do sufocamento.

O oficial levou a mão à arma e disse:

– Posso levá-lo para a masmorra, se é o desejo do meu *princeps*.

Nero colocou o velho homem no chão e o viu tombar, sem ar, de joelhos.

– Como eu já disse: cansei desta cidade enferma. A falsidade e a ganância talvez sejam as maiores doenças do império. – Rasgou a túnica de Sêneca com um golpe preciso de sua garra. – Levante-se.

Sêneca chorava, mantendo a cabeça baixa.

– Levante-se, já disse.

Pôs-se de pé com um pouco de dificuldade, tentando esconder as partes íntimas com as mãos.

– Todos os homens deviam morrer nus. Do mesmo jeito que nasceram. – Trespassei o abdome de Sêneca, com as garras de sua

mão direita, e o elevou do chão.

A imagem do velho nu, esperneando e suspenso no ar, causou nos guardas um inusitado mal-estar.

Ao ver que o homem já não se mexia, o imperador mostrou as presas e gargalhou.



## 70

Teve a nítida impressão de que, a cada viagem, o limbo de escuridão se tornava mais frio e inóspito. As almas que o circundavam já usavam palavras duras e tons de vozes agressivos, tentando chamar a atenção do menino. Lucius, porém, mantinha os pensamentos em Dotan e repetia a todo o tempo:

– Tenho que encontrar meu pai. Tenho que encontrar meu pai...

A luz que espantou os espíritos era fraca, alaranjada e vinha de uma das ruas sujas da cidade baixa.

– *Ainda há tempo para você se arrepender... Talvez assim sua alma não apodreça no inferno.* – A voz soava como sentença.

– Pai?! – Lucius se aproximou da entrada do beco, mantendo-se sempre escondido na escuridão. Sabia que Dotan não admitiria ser ajudado pelo filho em batalha, pois não queria que o pequeno corresse riscos.

Observou a rua ladeada por casas em chamas. Sentiu os pelos dos braços se eriçarem ao ver a lâmina de uma das armas do pai penetrar o queixo de uma mulher. Deitada no chão, ela era mantida lá pelo pé do homem-lobo em seu pescoço.

A angústia do garoto se desfez, quando ele a viu se esvair em poeira preta, do mesmo jeito que acontecera com Luna. Olhou para as próprias mãos, lembrando-se de que fora ele mesmo quem a matara ao amplificar a luz de uma simples vela e concluiu que não poderia fazer aquilo novamente. Não depois que provara o sangue de Luna. No entanto, se não o tivesse bebido, não conseguiria se

transportar pela noite, como acabara de fazer. Ouvia o relinchar dos cavalos e viu o imperador com seus legionários fugindo num galope desesperado.

No momento em que deu o primeiro passo em direção à luz, reconheceu a voz de mulher e parou.

– Vai ser difícil eu construir meu exército de bebedores de sangue se você os continuar destruindo desse jeito – disse Drucila.

Dotan girou uma das cruzes lentamente, enquanto andava na direção da arma enfincada no muro da casa em chamas. Ao empunhar a cruz flamejante, o fogo se apagou, como se de alguma forma sobrenatural o artefato se negasse a queimar o próprio dono.

– Confesso que o trabalho é um pouco insalubre, mas algo me diz que, a partir de amanhã, vou ter uma longa e merecida folga!

Drucila cruzou uma perna diante da outra, e mostrou um sorriso, enquanto escondia as mãos nas costas. Sacou duas espadas curtas e retas que tinham a medida aproximada dos eixos mais longos das Cruzes de Galeso.

– Mas não tem que acabar assim...

Dotan sorriu.

– Gládio Pompeu? – ele disse, fitando as espadas. – Eu não teria escolhido armas mais apropriadas.

– Não conhecia o nome das espadas. O armeiro que as fundiu foi quem escolheu o modelo e me ensinou alguns truques também. – Verteu um tom turquesa nos olhos e limpou o sangue da boca com o dorso da mão. – Como eu dizia há pouco, não tem que acabar assim.

– “Juntos seremos invencíveis.” É isso o que você vai me dizer? A frase é um clichê de batalhas, sabia?

Ela sorriu.

– Sou tão previsível assim?

– Tudo é previsível para quem já viveu mais de mil anos. – Ele tentava limpar a mente e ignorar a beleza de Drucila. Seus cabelos ganharam um movimento próprio: cachos negros serpenteando em volta do rosto perfeito e marmóreo. Já não via o sangue das vítimas que lhe sujava o rosto. As mamas túrgidas da bebedora de sangue, expostas no decote, chamaram a atenção do lobo.

*Não. Não posso deixar que aconteça de novo!*

– Gosta do que vê? – ela quis saber, sorrindo, sentindo os olhares de Dotan penetrarem suas carnes.

Concentrou-se nas mãos da inimiga: mesmo sabendo que suas garras eram armas mortais, não conseguia deixar de pensar que eram bonitas, à sua forma. *O desejo que eu estou sentindo não é verdadeiro. É somente uma mentira resultante dos feitiços desse demônio. Não posso deixar que me domine...*

Ele sabia o que tinha que dizer:

– Ainda há tempo para você se arrepender.

Ela respondeu com uma gostosa gargalhada e, ainda sorrindo, pediu:

– Vamos fazer um pacto. Que tal? Você já me causou problemas, e eu também não fui uma boa amiga. Façamos assim: ordenarei ao imperador que faça de você procônsul da província que escolher. Ou melhor: ficará em Roma e não terá de fazer nada. Viverá uma vida de regalos e prazeres, sem nenhuma obrigação.

Dessa vez foi o homem-lobo quem riu.

– Eu também já pensei que era um deus. – Calou-se por um instante e verteu um semblante sobejado de tristeza. – Mas logo percebi quão ridículo era pensar daquele jeito. Fui adorado e recebi sacrifícios, mas senti o peso do arrependimento por centenas de anos. O remorso, Drucila, é um sentimento que você nunca irá conhecer! – Surpreendeu-a ao lançar a cruz que rasgou o ar na direção do pescoço da bebedora de sangue.

Ela se dobrou para trás, tocando o chão com uma das mãos, formando um arco perfeito. Ao fazê-lo, deixou cair uma das espadas de prata.

A arma de Dotan passou tão perto do rosto de Drucila, que ela chegou a sentir a frieza da lâmina.

*BAM.* A Cruz de Galeso estraçalhou a porta de uma casa em chamas e se perdeu em seu interior.

Drucila se levantou de um salto e se surpreendeu ao ver que o homem-lobo caía sobre ela com toda a sua fúria. Ela rapidamente ergueu a espada à altura do rosto e se defendeu do golpe. O



impacto da cruz de ferro sobre a espada liberou faíscas e fez a vampira afundar alguns centímetros no chão de terra batida.

As armas estavam cruzadas. A força imensa do homem-lobo sobre o corpo pequeno a fazia ceder aos poucos.

– Percebi... – ela usava toda a sua força para segurá-lo. – ... que estou... apaixonada por você – mentiu.

Mesmo sabendo que aquela era mais uma artimanha de Drucila, o licantropo lembrou-se do dia em que os dois se enfrentaram, no meio da rua, e se enlaçaram em desejo. Via-se acorrentado, no calabouço do palácio.

Drucila segurava o Gládio Pompeu com as duas mãos e, ao sentir que as forças do homem-lobo haviam sido minadas pelos próprios pensamentos, girou o corpo para a esquerda, deslizando a lâmina da espada sob a arma do inimigo e escapando do seu jugo. Quando as armas se separaram, ela desviou o trajeto da sua espada para baixo, abrindo um profundo corte na perna direita de Dotan.

– Aaahhhh! – ele urrou de dor. – Mas o quê...? – Sentiu a pele da coxa formigando.

Ela o atacou com um golpe direto no abdome, tentando trespassá-lo com a espada, mas ele conseguiu se defender. Golpeava-o repetidamente, rápido, muito rápido, mas Dotan girava a cruz numa velocidade ainda maior que a dos golpes da bebedora de sangue. Então começou a sentir que suas forças se esvaíam... A cruz se tornava cada vez mais pesada... A ferida em sua coxa passou a queimar como se algum veneno mortal estivesse se espalhando por seus músculos.

– Aahh... – Deu alguns passos para trás e, ao fitar a espada de Drucila novamente, percebeu o reflexo pálido da *prata*.

Pararam e se encararam.

Drucila desviou o olhar para fitar a espada que deixara cair no começo da luta.

Ele pensou: *Não vou conseguir me defender de duas espadas de prata, a não ser que...* Correu e invadiu a casa em chamas para resgatar a outra cruz.

Drucila resgatou a espada caída a tempo de ver o lobo desaparecendo em meio às chamas. Sem pensar, correu na direção

do casebre e pulou, chutando o umbral da porta com os dois pés e fazendo o frontispício e os alicerces da edificação tremerem. O corpo branco girava no ar num salto mortal.

Lucius crispou-se de ódio, ainda observando tudo de longe. Sentia vontade de rasgar a garganta de Drucila com as próprias mãos e de cravar-lhe um punhal no coração.

*Ah, se eu ainda tivesse poderes sobre a luz, queimaria essa...*

O pavor limpou a mente do menino de qualquer pensamento quando ele viu a casa desabar.

A deusa negra gargalhava, ensandecida.

O menino abriu a boca num esgar de esperança.



## 71

Subitamente, ouviu-se um estrondo e os destroços da casa se espalharam numa explosão.

– Filho de uma meretriz... – murmurou Drucila quando viu a silhueta envolta em chamas saindo dos escombros. Em redor do seu corpo havia uma fina camada de luz azulada que o protegia das chamas e que eram mais intensas em volta das Cruzes de Galeso. À medida que ele se afastava do fogo, a luz em seu redor fenecia. As pequenas labaredas que dançavam sobre sua pele, sem que conseguissem feri-lo, aos poucos desapareceram. – Isso é impossível!

Drucila se lançou sobre Dotan e desferiu uma sequência de golpes alternados. Agora as lâminas de ferro e prata tilintavam umas contra as outras, até que Dotan girou uma das cruzes de baixo para cima, abrindo uma incisão que ia da virilha à mama esquerda da bebedora de sangue.

– Aaaaaahhhhhhhhhhhhh! – Ela tombou de joelhos, deixando as espadas caírem no chão, ao lado do corpo.

Ele cruzou as armas à altura do pescoço de Drucila, prestes a decapitá-la. Já não tinha intenção de esperar que ela se arrependesse dos seus pecados. Queria apenas ver a cabeça do demônio rolando antes de virar pó.

– Vered, não é? – ela irrompeu. – É Vered o nome dela? Eu a vi em seu sangue! É esse o nome, não é? Pois sou tudo o que você quiser que eu seja, meu amor! Tudo! Olhe para mim! Eu posso lhe

dar a eternidade ao lado da mulher que você não vê há milhares de anos! Olhe para mim!

Sentia raiva de si mesmo em deixar aquele súcubo falar, mas não conseguiu arrancar sua cabeça ao vê-la assumir as formas de Vered.

– Caminhamos pelos campos e nos escondemos nas grutas para trocar segredos. Não se lembra? Se não nos casamos naquela vida, poderemos fazê-lo agora! Hein? O que acha? – Tocou os punhos dele, afastou as cruces do pescoço e levantou-se muito devagar. – Basta que você me peça, Dotan! Peça a minha mão e eu me caso com você!

Dotan não via mais as chamas em sua volta nem o demônio pálido com as presas expostas. Enxergava as armas em suas mãos como se fossem buquês de flores.

– Ajoelhe-se – ela disse. – E eu me ajoelho também. Está vendo? Todos vieram ver a cerimônia: nossa família e os nossos amigos. O casamento mais festejado de Sodoma! Ajoelhe-se, meu primo, meu amigo, meu grande amor.

Ele lhe obedeceu. Drucila sabia que não havia homem mais forte que seus próprios desejos. E o amor que Dotan sentira por Vered naquela *outra vida* fora o único sentimento verdadeiramente intenso que tivera como humano.

Drucila pegou do chão a espada de prata.

Em sua mente, ele ouviu a voz de Vered: “Quem morre não tem a forma do corpo que o conteve em vida”. Então, despertou por um instante, vendo-se de joelhos no chão. *Me envenena com palavras!* Foi o que pensou. Num ato instintivo, abriu as mãos, deixando a fúria lhe percorrer o corpo. As garras cresceram num átimo e ele as usou para perfurar os próprios tímpanos.

Drucila ainda olhava a espada em sua mão, quando percebeu que ele a alvejara com um golpe. No entanto, devido às lesões e ao efeito tóxico da prata, ele já não se movia com a mesma rapidez, e a bebedora de sangue conseguiu desviar-se do golpe, encurvando o corpo.

Os braços do lobo se tornaram pesados e lentos, mas faziam o corpo de Drucila se deslocar para trás, na direção de uma árvore de tronco espesso, sempre que as armas se chocavam.

Ela juntou forças para pular e girar sobre o eixo do próprio corpo, em parafuso, tentando atingir a cabeça do inimigo, mas ele conseguiu trespassar o ombro do demônio com uma das lâminas e enfiá-la no tronco da árvore. Soltou as cruzes e agarrou as lâminas de prata com as próprias garras, arrancando-as das mãos de Drucila.

A bebedora de sangue gritava de dor, sentindo o poder divino que fluía através da cruz lhe queimar as carnes.

Ao sentir as mãos queimando, o lobo verteu ao semblante humano novamente... Estava fraco, mas tinha de continuar. Puxou a cruz que prendia Drucila à árvore, deixando-a cair deitada no chão. O homem-lobo se ajoelhou ao seu lado e tocou o pescoço dela com a lâmina.

Drucila abriu os olhos negros que vertiam em tom azul novamente. Encarou Dotan e lançou em sua mente as imagens que antes descrevera com palavras. Não precisava que ele a ouvisse para encantá-lo. Elevou uma das mãos e tocou o torso da farda que ele vestia, puxando-o para perto e fazendo-o deitar-se de costas ao seu lado. Pegou uma das espadas e montou o corpo de Dotan, mirando seu pescoço da mesma forma que ele fizera há pouco.

– Nããããooooooooo – o grito que se espalhou pela rua era cheio de medo e fúria.

Drucila se distraiu por um instante. E quando voltou a se concentrar em sua missão, alvejando o pescoço do inimigo, percebeu que toda a luz laranja que emanava dos prédios em chamas e a cercundava enfraqueceu. O fogo continuava a queimar as casas, mas verteu em um tom arroxado de repente. E uma a uma, todas as casas queimavam em azul, roxo e negro, até que tudo em seu redor foi engolido por uma escuridão absoluta.

– Que bruxaria é essa? – irrompeu a vampira, assustada. E se surpreendeu ao sentir a lâmina de um punhal rasgar a pele e os ligamentos do seu punho. – Aahh! – A lesão que se abriu logo se fechou, mas foi o suficiente para que ela soltasse o gládio. – Quem está aí?! Plutão, pai da escuridão, é você?! – Sentiu um novo golpe lhe rasgar o pescoço.

Dessa vez, Drucila deu um salto para trás, afastando-se do corpo de Dotan. Andava a esmo, nas trevas, tentando fugir, mas logo

sentiu o calor lhe queimando a pele. Concluiu que, apesar de não estar vendo nada, as chamas ainda ardiavam nas ruas de Roma. Assustou-se ao sentir que alguém a empurrara na direção das chamas, e virou-se muito rápido, usando as garras para golpeá-lo, mas não conseguiu atingi-lo.

Ouviu um riso às suas costas e se virou. Um novo golpe: dessa vez, sentia dois braços e duas pernas a envolvendo por trás.



## 72

**A**o sentir as presas penetrando seu pescoço, ela gritou:

– Quem se atreve a... Nero?! Me largue! – Subitamente calou-se quando o agressor lhe arrancou um naco de carne. Tentou acertá-lo com suas garras afiadas, mas ele desapareceu um segundo antes, desmanchando-se como fumaça. – Onde você está?! Apareça!

Drucila sentiu que o calor das chamas se esvaía, dando lugar a um frio cortante. A crepitação do fogo devorando a cidade subitamente desapareceu. Os gritos dos romanos morrendo carbonizados foram aos poucos fenecendo, até que um silêncio abissal a engoliu.

– Sou tudo o que você quiser que eu seja – ela sibilou, apavorada. Tentava tatear alguém em meio à escuridão, mas não via nem sentia absolutamente nada. De súbito, a lâmina lhe rasgou o ventre num golpe firme.

– Tudo o que eu quero é que você apodreça no inferno – exigiu a voz conhecida. Ela ouvira o som daquela voz em sua mente ao beber o sangue de Dotan.

– Lucius? – ela perguntou, surpresa. – Mas... – Calou-se novamente ao ver a legião de espíritos que a rodeava.

– É a mãe dos deuses – disse um deles.

– Fértil como a terra – gritou o espectro feminino que segurava a própria cabeça.

– Somente a morte fará de você uma divindade eterna entre os seus – gritou o espírito de uma mulher idosa, e Drucila a reconheceu: era a bruxa que realizara o cerimonial de Cibele.

O frio se converteu novamente em calor, só que, dessa vez, o ar não tinha mais movimento. Aos poucos os olhos de Drucila se adaptaram à pouca luz, mostrando-lhe onde estava.

– Mas isso é impossível – ela murmurou, ao perceber que estava dentro da mesma gruta em que a bruxa a iniciara no ritual de magia. O corpo da virgem sacrificada ainda restava dependurado no teto, preso pelos pés. O fedor era horrível. – O que está acontecendo?

A voz de Lucius vinha ora de um lado, ora de outro, como se o garoto flutuasse em redor da bebedora de sangue. Ou como se fizesse parte da escuridão, condensando-se em diversos lugares alternadamente.

– Posso ser muito novo ainda, mas há alguns anos eu escuto histórias sobre meu pai... Um legionário que já lutou em dezenas de batalhas e saiu vitorioso em todas elas... Um homem que, mesmo tendo o espírito de um lobo, submete-se a homens menos fortes que ele, porque entende que há coisas mais importantes na vida do que o poder... Sabe como se chamam homens assim?

– Idiotas!

– Heróis. E tudo o que eu sempre quis foi ser igual a ele, mas finalmente percebi que nunca serei como meu pai, porque um herói nunca dispensa a chance de perdoar quem lhe ofende. E você sabe disso, não sabe? É por isso que ele nunca vai conseguir derrotá-la, se não deixar que alguém o ajude... *Não ser* um herói é justamente a melhor ajuda que posso oferecer a meu pai!

Drucila fechou os olhos e se concentrou, deixando as lâminas crescerem ao máximo em suas mãos. Estava preparada para arrancar os olhos do menino assim que ele a atacasse novamente.

Lucius riu.

– Não seja idiota. Mesmo que você não me enxergue, eu posso ver você como se o sol brilhasse sobre nossa cabeça...

Drucila sentiu uma angústia crescendo no peito.

– Luna quem o transformou, não foi? Não faz sentido você ter um poder tão grande! Somente eu, que sou filha de Plutão, tenho poderes maiores que os dos outros bebedores de sangue! Isso é somente uma ilusão! É ou não é?



O menino riu novamente. Dessa vez, ela achou que a risada vinha de cima de sua cabeça.

– Não é. Eu trouxe você para cá no momento em que a abracei e mordi seu pescoço... Aliás, ainda não tinha sentido essa vontade de...

– Beber sangue humano? Você é um dos meus, querido! – verteu um tom maternal em sua voz. – Leve-me de volta e ensino a você os segredos da vida eterna. Eu prometo! Você será ainda mais poderoso do que é agora!

– Não somos iguais. Nem me interessa lhe dar explicações – ele disse. – Um homem santo me falou uma vez que *todas as criaturas, mesmo as da escuridão, têm um propósito...* E eu acredito nisso! Só que os morcegos têm de se contentar em viver nas cavernas – a voz do menino foi diminuindo em intensidade aos poucos, até sumir por completo.

Irritou-se:

– O imperador vai me procurar, garoto! Eu estou avisando: leve-me de volta ou será o seu fim! Garoto...? Ei! Responda... Lucius? Lucius? Luciuuus!



## 73

**D**espertou confuso.

Não via nada ao redor.

Apesar de o ferimento em sua coxa ser superficial, sangrava abundantemente, pois a letalidade da lesão fora amplificada pela toxicidade da prata.

O homem-lobo viu surgirem inúmeros pontos de luz que, aos poucos, tornaram-se labaredas.

– Pai! – chamou o menino, atrás dele.

Agora a escuridão se dissipara totalmente para revelar a imagem do menino: a pele cinzenta, os cabelos brancos e desgrenhados, os olhos completamente negros e as presas vazando entre os lábios vermelhos de sangue.

– Lucius?! – Os olhos de Dotan verteram em tom amarelo num reflexo. – O que ela fez com você?

Ouvia a voz do menino como se fosse um murmúrio. A lesão auditiva que o lobo infligira a si mesmo já começava a sarar antes de o sol nascer.

– Não tenho tempo para explicar o que aconteceu! Ainda podemos salvar muita gente!

– Onde ela está, aquela meretriz?! Eu vou arrancar a cabeça dela, eu... – Suas pernas fraquejaram e ele se calou.

– Eu sei que eu não devia, mas... Levei o demônio para a caverna próxima à casa de campo.

– O antigo templo de Cibele?

Meneou a cabeça dizendo que sim.

Dotan permaneceu sem fala por um instante, depois disse:

– E se ela escapar de lá?

– Foi você quem selou a entrada da gruta. Sabe muito bem que isso é impossível.

Via o filho como uma criança, não como um herói capaz de expor a própria vida por uma causa nobre, mas finalmente percebeu que estava enganado.

– Vou entender se quiser me mandar embora ou... – a voz do menino era fraca e triste.

– Do que você está falando?!

– Sou um demônio também... – Uma linha vermelha delineou sua pálpebra, e uma lágrima de sangue correu pelo rosto. – Não tivemos tempo para conversar direito, porque você foi capturado, e quando nossos amigos o libertaram você se concentrou em sua missão... – Limpou as lágrimas de sangue e fitou as mãos vermelhas por um instante. – No dia em que Luna me atacou na torre, eu a cortei com meu punhal. Ela reagiu, me fazendo beber um pouco do sangue dela. E, ao beber, eu entendi, porque vi tudo o que tinha acontecido: vi Drucila se alimentando do sangue de Satã; vi os sonhos de dominação do Maligno e...

– E por que suas presas demoraram tanto para aparecer?

– Acho que o *sangue maldito* estava brigando contra o *fluido abençoado* dentro de mim. Talvez se eu não tivesse me arranhado com os cotos das suas garras há muito tempo... Mas nada disso adiantou: agora eu sou um demônio também. – Levou as mãos ao rosto e chorou desesperado, assumindo trejeitos infantis.

Dotan sacou suas armas e se aproximou do filho.

O garoto se ajoelhou, fechou os olhos e abaixou a cabeça.

– Vou entender se você quiser me destruir.

O homem-lobo parou em frente ao filho. Seus olhos se encheram de lágrimas quando percebeu que, nas Cruzes de Galeso, uma tênue linha de luz acendeu-se quando se aproximou do menino.

– Você não tentaria me salvar se fosse um demônio. E mesmo que seja, Deus há de me perdoar, porque eu não vou deixar que nada de ruim aconteça ao meu filho.

As presas do menino brilharam quando ele exibiu um sorriso. Limpou as lágrimas com os dorsos das mãos, manchando ainda mais o rosto de vermelho.

O lobo deixou as cruzes caírem e abraçou o garoto.

Fez-se um grande silêncio e, logo em seguida, o som da crepitação das chamas voltou a chamar a atenção.

– Agora fique aqui. Ainda dá tempo de eu salvar algumas pessoas.

O menino segurou o pai pelo punho.

– Eu não perderia isso por nada!



## 74

—Os soldados vedaram a maioria das casas e *insulae* com calços de madeira! – diagnosticou o menino.

*Assassinos!*, pensou o homem-lobo, pouco antes de girar a cruz de ferro e estourar a porta de uma casa.

O umbral de entrada soprou uma nuvem de fumaça, e não demorou a sair de dentro da edificação um homem com uma senhora nos braços.

– Obrigado! – ele disse, colocando-a cuidadosamente no chão. Mas ao ver que a mulher respirava, seu companheiro suspirou aliviado e insistiu para que ela tentasse andar. Deveriam se apressar se quisessem sair vivos dali.

– O fogo está se espalhando muito rápido! Não vamos conseguir salvar muita gente se arrombarmos as portas, uma por uma! – concluiu o garoto. O estrondo de um dos prédios desabando coroou o argumento de Lucius com um efeito dramático. – Seria uma boa hora para chover!

Dotan arregalou os olhos ao dizer:

– Talvez isso seja possível!

O pequeno vampiro o encarou confuso.

– Lucius, lembra-se do dia em que passeamos pela margem do Rio Aniene?

O menino disse que sim, meneando a cabeça.

– E daí?!

- Lembra-se de como você ficou impressionado com a força das águas?
- Por Deus, pai, diga logo! – Via as chamas engolindo tudo.
- O rio alimenta o *Aqua Marcia*, o aqueduto que leva água à maior parte da cidade.
- E?!
- Leve-me ao aqueduto! Lá você vai entender!

•

### **Minutos depois, próximo ao Aqueduto**

– Mas isso é impossível, pai! Nós dois vamos morrer! – Fitava um dos arcos de pedra que se enfileiravam por mais de noventa quilômetros e levavam a torrente violenta de água até a cidade.

Segurou o filho pelos ombros.

– Então que seja uma boa morte!

O menino suspirou.

– Não está escuro suficiente. – Assim que o garoto terminou de falar, uma nuvem cinzenta se deslocou sobre a lua minguante.

Agora os arcos estavam turvados em meio à penumbra.

O menino se assentou no gramado e cruzou as pernas, fechando os olhos e se concentrando.

Dotan se afastou alguns metros e sacou as Cruzes de Galeso, mantendo o olhar no arco mais próximo.

– Pronto? – perguntou o menino, ainda de olhos fechados. Sua voz era um sibilo de temor e insegurança.

– Pronto – respondeu o lobo, confiante.

Lucius inspirou profundamente. Mesmo não precisando mais respirar, aquele era um gesto que ainda conseguia acalmá-lo. Os olhos fechados e a mente mergulharam numa imensa escuridão. Permaneceu estático por mais de um minuto, até que irrompeu:

– Agora!

Dotan encheu o peito de ar e girou sobre os próprios calcanhares, arremessando uma das armas com toda a força, emitindo um grito de dor. Sentia o ferimento da coxa arder e lhe roubar a energia.

*Zum.* A arma rasgou a parede de pedra como se fosse feita de pano e criou um vazamento por mais de dois metros de sua extensão. A pressão da água era assombrosa.

*Bam.* A segunda Cruz de Galeso destruiu a parede do lado oposto, no mesmo ponto do arco, fazendo o aqueduto explodir sobre suas cabeças.

A vista do homem-lobo escureceu.

A chuva de pedras precedeu a enxurrada. E, no último segundo, antes de a correnteza atingir o rosto de Lucius, ele abriu os braços e espalhou a sombra negra em seu redor.

•

O teto da casa velha explodiu pelos ares e a coluna de água se ergueu do chão como um chafariz.

O corpo de Dotan tombou inerte sobre uma árvore.

Lucius voou, rodopiando, até que caiu sobre o teto de uma das casas, esfaqueando-a. Depois, desabou no meio da sala.

A imensa coluna de água jorrou por mais de um minuto, regando as casas e *insulae* pelas quais passava e apagando a maior parte do fogo das ruas vizinhas.



## 75

Um feixe de luz se insinuou entre os galhos e incidiu sobre a ferida ainda aberta. O ferimento era enorme e assumira uma coloração pálida por causa da hemorragia. E, à medida que o sol se agigantava no céu, o corpo inerte era rodeado por uma fina camada de luz. A gota vermelha que escorria endureceu sobre sua pele, indicando que o processo de coagulação fora inteiramente reestabelecido. Depois foram as lesões menores que se fecharam, desaparecendo magicamente. Seu rosto pálido enrubesceu, como se os vasos se dilatasse para receber sangue novo. A última lesão a se fechar foi o corte feito pela espada de prata.

– Lucius?! – irrompeu o homem-lobo, assim que acordou.

Dotan desequilibrou-se e caiu da árvore, fazendo barulho ao se chocar com a terra úmida. Olhou ao redor e viu as tábuas molhadas das construções refletindo a luz do sol. Casas destruídas, corpos espalhados pela rua. Gente aglomerada, tentando recuperar seus pertences.

Um grupo de rapazes passou correndo. Um deles olhou para Dotan e avisou:

– Os voluntários estão se reunindo no Circo Máximo! Venha! Ajude!

Ele olhou ao redor e viu que o fogo naquela região tinha sido contido. E, como se lesse seus pensamentos, o rapaz explicou:

– Deus nos abençoou com sua Providência! No meio da noite, uma das casas da rua começou a jorrar água pelo teto e apagou a



maior parte do incêndio do Monte Aventino...

Dotan finalmente percebeu que, apesar dos seus esforços, o incêndio tomava proporções infinitamente maiores do que ele antes imaginara.

– E o resto da cidade?

– Falta água no Aventino e em parte do Monte Capitolino... O fogo se espalhou rápido demais! Não há muito a fazer: é retirar todas as pessoas das casas e tentar salvar o que der.

Apesar da gravidade do problema, Dotan só conseguia pensar em Lucius.

*Deus, e se o Sol o pegou?*



Quando os primeiros raios de sol se insinuaram por trás da colina, o imperador concluiu que Drucila nunca voltaria. Sua coragem e obstinação ruíram em segundos, ao perceber que estava sozinho. Ainda pensou em criar um batalhão de bebedores de sangue às pressas, mas viu que não adiantaria. A inexperiência dos soldados em lidar com suas novas limitações seria inteligentemente usada por Dotan para destruí-los, além de facilitar o acesso do lobo ao palácio durante o dia. Finalmente decidiu que era hora de fugir. Longe de Roma, ele pensaria numa forma mais sensata de lidar com a situação.

Chamou seus asseclas e ordenou que providenciassem uma comitiva que o levasse à Germânia.

Uma nuvem negra que cobria o céu da cidade era a prova de que o incêndio não fora debelado... Isso talvez desse a Nero tempo para fugir, pois concluiu que o lobo não perderia a chance de ajudar os cidadãos a escaparem de sua sina.

– Abram os portões do jardim! – Nero ordenou. – E deixem que todos os feridos se abriguem. O demônio branco vai pensar duas vezes, antes de invadir o palácio cheio de inocentes... E, se o fizer, não me encontrará aqui! – Mas, Augusto – irrompeu um dos oficiais –, seria imprudente fugir de Roma agora, no meio dessa confusão. Meu *princeps* sabe o que é melhor, sem dúvida, mas talvez seja mais

fácil para o homem-lobo atingi-lo em meio à comitiva. Uma viagem mal planejada pode ser tudo de que o seu inimigo precisa.

O imperador elevou a barra da túnica a alguns centímetros do chão, assumindo trejeitos delicados, e aproximou-se do general, andando nas pontas dos pés.

– Escute – Nero murmurou em seu ouvido –, você se julga inteligente?

O legionário deu um passo para trás ao sentir o hálito gelado do imperador arrepiar os pelos do seu pescoço.

– Se o augusto me permite um palpite, diria que sou mais sagaz que a maioria dos homens comuns e menos esperto que alguns dos meus superiores. – Arriscou um sorriso sobejado de insegurança e arrematou: – Pelo jeito, o imperador é muito mais ardiloso do que eu poderia um dia sonhar em ser. Começo a pensar que tem uma ideia melhor que a fuga.

Ao ouvir as bajulações de legionário, Nero empertigou-se, empinando o queixo, fitando o rapaz de soslaio.

– Não sei se devo... – Olhou para os lados, como se temesse que mais alguém o ouvisse, puxou-o novamente para perto e murmurou: – A ideia é simples, eis o que iremos fazer...

•

À noite, uma liteira com cortinas escarlates, bordadas com arabescos dourados, foi trazida para a frente do palácio. No centro do imenso jardim de Nero, entre as fontes, estátuas e plataformas de mármore, havia uma larga via de acesso que ligava o portão externo à entrada principal e ao estábulo. Fora dos limites do palácio, a estrada levava ao Fórum, de onde partiam as principais vias de Roma.

Os legionários abriram espaço entre os feridos, médicos e voluntários, reposicionando-os para que deixassem a passagem livre. Escravas trouxeram um pesado baú de madeira, adornado com um grande disco de prata sobre o qual fora talhado um perfil do rosto do imperador. Cruzaram a via calçada com pedras irregulares e

calcárias e, com muito cuidado, colocaram o baú no chão, ao lado da imensa liteira e à vista de todos.

Quarenta carregadores, homens altos e fortes, com braços definidos e pele escura, testavam a firmeza das vigas de ferro e madeira, e verificavam suas cortinas à procura de manchas e cortes.

Calígula, tio de Nero, mandara construir um estábulo dentro dos muros do palácio para seu cavalo, *Incitatus*, o qual nomeara senador de Roma. Depois da morte de Calígula, o estábulo fora ampliado e passara a ser usado para guardar os animais usados pela guarda pessoal do imperador. Soldados trouxeram os cavalos castrados, animais pesados e fortes, e os carregaram com mantimentos.

As escravas mais jovens e os eunucos mais belos foram agrupados junto a uma das fontes do jardim. Cada um deles abraçado a uma sacola de couro, com suas roupas e adornos pessoais. Uma das moças abriu sua bolsa e tirou de dentro dela uma tiara, que emprestou a um dos rapazes, um gaulês ruivo cujo rosto imberbe era indiscutivelmente belo.

Um grupo de escravas, velhas e gordas, trajando túnicas brancas de algodão, trouxe um imenso caldeirão fumegante, cestas com pão e um grande e redondo pedaço de queijo. Colocaram tudo sobre uma das plataformas de mármore do jardim, onde os plebeus logo se aglomeraram, e distribuíram pequenas cumbucas com sopa, pães e queijo.

– O imperador vai nos deixar – gritou uma velha magra e desgrenhada. Sentava-se na borda de uma das fontes e segurava o próprio punho, que fora enfaixado com linho. Tinha o rosto enegrecido por fuligem e vestia trapos rotos, cujo rasgão entre as pernas deixava as partes íntimas à mostra. A mulher, porém, não se incomodava com a nudez furtiva e parcial. – Vai abandonar os cidadãos à vontade dos deuses! – levantou-se.

Um jovem centurião, alto e muito magro, aproximou-se. Usava um elmo luzidio, de tão lustrado, e placa de peito com o formato idêntico aos dos músculos do tórax de um homem muito mais forte que ele. Apertava o cabo do gládio preso à cintura com uma mão. Alisava o cabo de madeira do chicote preso à cintura com a outra.

– Cale a boca, plebeia – ordenou para que apenas a mulher o ouvisse. Então, alteou a voz ao sentenciar: – Criticar o augusto é trair Roma, e a pena por traição é a morte. Nosso amado *princeps* acolheu os feridos em seu belo jardim como um ato de benevolência e piedade àqueles que foram vítimas do crime dos cristãos, que atearam fogo na cidade.

– Tudo o que os cristãos fizeram foi cultuar um deus diferente daqueles que o imperador venera! Quem pôs fogo em Roma foi a guarda pretoriana! Isso, todos os homens e mulheres que aqui estão podem atestar! Digo mais... – Calou-se, pois a ponta do chicote lambeu seu rosto, um segundo após o silvo do couro, que cortou o ar. Sentiu o gosto metálico do sangue, depois a dor latejante na pele apergaminhada das bochechas.

Tentou falar novamente, pedir ao centurião que a poupasse do açoite, mas tudo o que saiu de sua boca foi um esguicho de sangue. Ouvia o chicote sibilar novamente, e um instante depois sentiu o rasgão em sua coxa. Sem forças, tombou, de joelhos.

O legionário recolheu o chicote e o enrolou, guardando-o junto ao cinto. Retirou o elmo e o examinou por um instante. Levou uma das mãos ao rosto e o limpou, percebendo que algumas gotículas de sangue da idosa haviam respingado em sua pele de algeoz. Um largo sorriso se abriu no rosto do rapaz.

– Há mais alguém que deseje manifestar sua opinião e fazer críticas ao nosso *primus inter pares*, primeiro cidadão de Roma, augusto imperador? Há mais alguém que queira fazer companhia a esta ratazana traidora e dividir com ela o mesmo destino que lhe é reservado? Há madeira suficiente em Roma para construir milhares de cruces. Toda a plebe poderia ser crucificada de uma única vez!

– Não será necessário, Cassius!

Ao ouvir a voz conhecida, o centurião bateu as sandálias, uma contra a outra, e elevou o braço estirado.

– Ave, augusto – disse o centurião, a plenos pulmões.

A velha, que permanecia de joelhos, tocou o gramado, tremendo. Sua roupa estava ensopada pelo sangue e quase completamente aderida ao corpo. Um ponto vermelho surgiu em meio às ataduras do seu punho ferido, quando a ferida reabriu devido ao esforço.

– Pi-piedade, augusto! E-eu não... Eu só queria... É que...

Cassius levou a mão ao chicote novamente, mas Nero segurou o punho do centurião e o encarou, mexendo a cabeça em negativa e sorrindo.

– Não será necessário, centurião. Deixe-a e junte-se aos outros legionários. Quero partir o mais cedo possível! – Aproximou-se e sussurrou em seu ouvido: – Nada confere mais beleza a um homem que a originalidade. Um chicote? Adorei.

Cassius não soube o que dizer. Fez um novo cumprimento e se retirou.

Nero vestia uma túnica de seda branca cuja costura, feita com fios de cor violeta, formava inúmeros desenhos de uma mulher com cabelos de fogo. Quem visse aqueles desenhos diria, sem dúvida alguma, que retratavam Drucila, a deusa Vênus encarnada. Duas faixas da mesma cor dos bordados passavam sobre seu ombro esquerdo e davam a volta em seu corpo, sob o braço direito, imitando o drapeado de uma túnica senatorial romana. Sua pele nunca parecera tão branca e perfumada. Suas íris eram negras e brilhantes.

– Não tenha medo, mulher – disse o imperador, aproximando-se da velha. Rasgou um retalho da barra da belíssima túnica e estendeu a faixa de tecido à senhora.

Ao ver o gesto do imperador, um oficial médico se aproximou e ajudou a plebeia, levantando-a e conduzindo-a a uma das macas improvisadas.

– Quando olhar para a atadura de seda – continuou o imperador –, lembre-se de que o augusto ama e se preocupa com seu povo, até mesmo com os miseráveis, de baixo nascimento. E, quando sentir a dor das lesões feitas pelo chicote, lembre que as mereceu, porque o imperador é Roma, em sua plenitude, e Roma não pode ser desafiada. – Observou os homens e mulheres, que permaneciam estáticos, por um breve instante. – Os cristãos infectam a cidade e atentam contra o povo, mas esta não é a única ameaça que paira sobre nossas cabeças. Muitos costumam se esquecer, mas o império se estende além dos limites da cidade. O imperador, que deve governar, por meio de representantes, as mais longínquas e

inóspitas províncias tem sobre os próprios ombros uma responsabilidade absurda. Minha comitiva parte ainda hoje para a Germânia, mas deixo em Roma homens designados a caçar e punir todos os responsáveis pelo incêndio. Os cristãos invocaram um demônio branco, um lobo monstruoso que se alimenta de crianças e de mulheres, mas uma legião será especialmente treinada para caçá-lo e destruí-lo. Todos foram devidamente alimentados, e meus médicos cuidaram de suas feridas... Isso já não comprova a minha generosidade?

Um silêncio se instalou entre os plebeus que se amontoavam no jardim. Nero sorriu, mas logo verteu um semblante sério novamente. Então continuou:

– Àquele que entregar a localização de um culto cristão será paga uma recompensa. Mil sestércios por cada rato capturado. Entreguem-me o lobo comedor de crianças! Aquele que o trouxer, vivo ou morto, receberá cem mil sestércios, um lote de terra na Lusitânia, a casa que antes fora de Dotan, o Demônio Branco, sua propriedade de campo e todos os objetos de valor que lá forem encontrados.

O silêncio foi quebrado pelo murmúrio dissonante da plebe. Homens apoiados em muletas, outros quase cegos, uns com faixas de linho na cabeça e sangue tingindo a roupa ganharam um vigor inesperado e, como se fossem tomados por uma força sobrenatural, riram e estenderam seus braços gritando “ave” ao imperador.



## 76

**N**ão espero mais um segundo sequer!, pensou Esther, vendo o sol se erguer por trás da colina. Estava encostada na mureta, no alto da torre. Desceu a escada às pressas e andou até a estrada em frente à propriedade. Ao perceber a fumaça pairando sobre a cidade, sentiu o coração acelerar.

*Emilianus...*

Talvez Drucila já tivesse destruído o lobo e amaldiçoado Roma de uma forma irreversível. Imaginava um batalhão de demônios escravizando os cidadãos e mantendo-os presos como fonte de alimento. Uma realidade muito pior que a morte.

Sentia fome e percebeu que já começava a cheirar mal, pois usava a mesma roupa havia dias. Lembrou-se de que Luna tinha sido amante de Dotan, e, como tal, deveria ter vestes guardadas na casa dele.

A luz se insinuou pela porta e invadiu a sala, projetando as sombras dos móveis nas paredes. Esther notou a vela sobre a mesa, mas não tinha como acendê-la, pois o pavio estava completamente queimado.

*Que se dane!*, pensou, enquanto escancarava as janelas da sala. Correu ao quarto do dono da casa e perdeu alguns segundos vasculhando o armário, até que encontrou uma túnica branca. Pelo tamanho da roupa, concluiu que pertencia a Dotan e que ficaria folgada, mas não estava em condições de exigir. Foi ao átrio da casa e pegou um balde de água no reservatório de chuva do jardim para

que pudesse se lavar. Com o corpo ainda úmido, vestiu a roupa branca e apressou-se em sair, mas parou diante da porta.

*Para onde eu vou, Deus, para onde?! Mudou de ideia e fechou as janelas às pressas. Ninguém sabe que estou aqui! Mas pode haver soldados do imperador à minha procura nas estradas!* Quando se viu numa escuridão absoluta, resolveu entreabrir uma das janelas e deixar entrar um pouco de luminosidade.

Sentou-se numa cadeira da sala e deixou as lágrimas descerem pelo rosto. Estava cansada e sentia todos os músculos do corpo doerem. Não conseguira dormir na noite anterior por medo e ansiedade. Fitava a janela aberta do telhado e se lembrava de Luna invadindo o quarto, lutando com Lucius. Quando a fechava, via-se engolida pela escuridão, ainda mais ameaçadora. Passara a noite na sacada da torre observando a estrada, na esperança de avistar a figura de Dotan ou de Lucius.

Seus olhos pesavam e ela finalmente decidiu descansar. Resolveu usar a cama do garoto e, ao abrir a porta do quarto, assustou-se:

– Ai, meu Deus!

Havia um vulto negro pairando rente à parede, como uma sombra, deixando à mostra apenas o reflexo dos olhos e a brancura das presas em forma de punhal.

Esther sentiu as pernas fraquejando e tombou de joelhos.

– Não me mate, Drucila! Por favor! Não tive culpa, mulher, eu não tive! Me perdoe! Não me mate, não!

– Sou eu, Esther, não tenha medo – a voz era doce e rouca. O vulto negro se definiu em um corpo esguio, que andou até o limite entre a sombra projetada pela porta e a luz que invadia o quarto, vinda da sala.

– Lucius?!

– A luz me incomoda... – foi tudo o que ele disse.

Ela entendeu e fechou a porta.

Lucius se deitou na cama e ela se sentou ao seu lado.

– O que aconteceu? – A moça tentou esconder sua ansiedade, mas o tom de sua voz a delatava.

– Você teve medo de mim – disse o menino, baixinho. – Mas eu não vou fazer mal a você. – Virou-se, escondendo o rosto com o



lençol.

– Onde está seu pai?

– Não sei. Eu o perdi na cidade, e quando começou a amanhecer eu fugi para cá, com medo de que o sol me queimasse...

•

Durante o dia inteiro, Dotan ajudou os plebeus a apagarem as chamas que recuavam, mas, horas depois, ganhavam novo fôlego. Diferentemente das edificações do Monte Palatino e do Monte Capitolino, a maior parte da cidade fora construída com madeira. As casas eram apinhadas umas sobre as outras. Os prédios, fossem comerciais ou residenciais, tinham sempre dois ou três andares, e eram invariavelmente abarrotados de gente. Algumas ruas tinham trajetos tortuosos e estreitos. Tudo isso colaborou para que o incêndio se perpetuasse por muito tempo e fizesse muitas vítimas. Era como se nada pudesse detê-lo, ou como se uma força sobrenatural o impelisse.

Ao ver a lua despontando no céu, o homem-lobo finalmente sentiu o corpo enfraquecer. Ao longo do dia, arrombara portas e carregara feridos, mas não havia muito que fazer para deter o fogo.

– Nero nos abandonou! – gritava uma mulher pela rua. – Pegou sua lira e fugiu! – Ela contou ao lobo que vira a comitiva deixar a cidade.

Mais de dois mil legionários armados guardavam a liteira escarlate do imperador e, à frente da tropa, os estandartes exibiam as águias de ouro e o símbolo de Nero.

*Enquanto o povo sangra, seu princeps foge. A história de Roma se escreve com o sangue de homens comuns, enquanto os poderosos permanecem ilesos.* Foi o que pensou Dotan. O último dos demônios bebedores de sangue, o mais poderoso de todos os césaes, deixara a cidade à própria sorte. Uma decisão que, a princípio, não fez sentido para o homem-lobo, mas ele logo concluiu que a pusilanimidade de Nero era ainda maior que seu poder.

Um fato inegavelmente irônico.

•

Dotan voltou à casa de campo e encontrou Esther com Lucius. Ao ver o pai, o garoto verteu lágrimas vermelhas no rosto e correu ao seu encontro, dando-lhe um caloroso abraço. Bom, caloroso não, porque a pele de Lucius estava fria como nunca antes fora.

Ele concluiu que era hora de abandonar a cidade. Sua identidade fora revelada, e todos sabiam que o legionário renegado era um homem-lobo caçador de demônios bebedores de sangue. Estavam todos distraídos e assustados com o incêndio, mas, assim que o debelassem, eles voltariam às suas antigas querelas. O povo o perseguiria como salvador. E os legionários cobrariam do imperador que o general acusado de matar dezenas de soldados – mesmo que o tivesse feito para salvar inocentes – fosse preso e executado. Não temia por sua vida, pois havia mil anos que deixara de fazê-lo, mas tinha receio de que fosse obrigado a matar mais gente para se defender. Tinha também medo de que algum mal acontecesse a Lucius.

– Partimos ainda hoje. Seguiremos a cavalo pela Via Portuense. Conheço homens no porto que podem nos levar a Cartago ou a Trípoli. De um desses pontos, podemos seguir tranquilamente até Antioquia. Lá, nos alojaremos e enviaremos uma mensagem a Amenatepe.

Lucius o encarou confuso.

– Quem?!

O pai lhe explicou que deixara um filho no Cairo cuidando dos seus negócios, da mesma forma que Lucius faria um dia, em Roma, quando todos começassem a perceber que o general nunca envelhecia.

– Você pode vir conosco, se desejar – propôs Dotan a Esther. Não conseguiu deixar de ver seus contornos através da túnica de seda branca. Os cabelos negros e lisos caindo sobre os olhos. – Vai ser bom ter um rosto conhecido por perto.

– Obrigada, mas Emilianus deve estar sentindo a minha falta – ela se apressou em dizer.



Quando Emilianus e Rachel chegaram em casa, viram a mulher sentada no último degrau da escada.

– Esther?

A moça correu ao encontro do amado e o abraçou.

Ele a recebeu em seus braços.

– Pensei que você tivesse morrido...

– Estou ótima! – Beijou-o com ansiedade.

Rachel pigarreou.

O médico encarou a loira por cima do ombro de Esther e repeliu o abraço para dizer:

– Entre. Temos muito a conversar.



## 77

**Ano 68 d.C.  
Monte Esquilino, Roma**

Tiburcius caminhava a passos largos, até que subitamente parou. Viu-se em meio a um enorme jardim, decorado com fontes circulares. Levou a mão ao elmo de metal prateado e brilhante, encimado por uma crista de penachos negros, e o retirou para que pudesse enxugar o suor da testa. O mesmo brilho prateado rebrilhava em sua *lorica segmentata*, sua placa de peito. O punhal que levava à cintura, assim como o gládio que portava, era feito do mesmo metal precioso do elmo. Por um instante, sentiu-se perdido. Viu a lua brilhar num céu vazio de estrelas. *Logo será dia*, pensou o legionário. *Tenho que me apressar*. Rememorou todo o caminho que acabara de fazer. *Passei pelos estábulos, no Monte Célio, depois pelas termas e pelo prédio do arsenal da guarda*.

Olhou novamente em redor. À sua esquerda, descendo a colina, a algumas centenas de metros, o jardim era limitado por uma longa pista ovalada, onde escravos faziam a manutenção de duas bigas e escovavam os cavalos que as iriam transportar. Lembrou-se, enfim, do caminho e seguiu adiante, apressando o passo. Viu o prédio de três andares sustentados por dezenas de colunas que se alternavam com os portais em forma de arco. Contou os portais, até que encontrou o que queria.

Ao trespassar a entrada, viu-se em meio a uma via larga, pavimentada por pedras calcárias polidas. A via era ladeada por

edificações sustentadas por colunas de mármore, cujos arcos tinham inúmeros entalhes. As paredes foram enfeitadas com pinturas e relevos. Cada um daqueles arcos dava acesso a um salão diferente ou a uma escada que levava aos andares superiores. À sua frente, acima da edificação, podia-se ver a cabeça e o torso de uma estátua de bronze colossal. De uma das portas do prédio surgiu outro legionário.

– Maurus! – surpreendeu-se Tiburcius. – Por Júpiter, meu amigo, há quanto tempo!

Maurus devolveu-lhe um imenso sorriso e o abraçou. Depois o repeliu e deu um tapa de leve em seu pescoço.

– Isso é jeito de se dirigir a um superior?! – Era mais alto e mais forte que o amigo, mas seu temperamento violento, coragem e talento para bajulação tinham lhe garantido uma promoção e um posto de comando na *Legio Argenteus*, a legião de prata, a nova guarda pessoal do imperador. – O que o traz à *Domus Aurea*?

Tiburcius retirou o elmo novamente e enxugou a testa e o pescoço com o dorso da mão.

– Eu preferia o outro palácio, confesso. Era mais fácil e menos cansativo. A *Domus Aurea* é uma nova cidade dentro de Roma. Para que tudo isso? Tantos salões de festa e tantas fontes? Para quê?!

Maurus sorriu e colocou uma mão sobre o ombro do amigo.

– “A morada de um deus”, não era essa a ideia?

Tiburcius torceu a boca num esgar de desprezo.

– Tenho notícias da deusa Vênus – ele disse, cheio de incerteza.

O oficial levou uma mão aos olhos e os coçou, depois encheu o peito de ar e suspirou.

– Vamos começar tudo de novo...

– Sigo ordens, nada mais.

– Venha comigo. Enquanto andamos, você me conta – ordenou Maurus. O elmo de prata e a placa de peito reluzente contrastavam com a capa negra que lhe cobria os ombros.

Caminharam pela via calcária, até alcançar a pequena escadaria que dava acesso ao novo prédio.

– Um liberto me disse que Drucila foi vista em um dos prostíbulos do Aventino, mais especificamente no *Odor Piscis*.

Maurus deu uma ruidosa gargalhada.

– Pelo rabo de Plutão, Tiburcius, como você é idiota! – Apoiou as mãos sobre os joelhos e riu novamente.

O legionário ergueu os ombros e apoiou uma das mãos sobre o gládio.

– Não ria de mim. Não admito! – Sabia que não tinha coragem para desembainhar a espada. O único intuito do gesto era exigir respeito.

– Perdão, meu amigo, mas não tenho outra forma de dizê-lo: você é tolo, se acha que a mulher que dominou o imperador de Roma voltaria a se esconder num prostíbulo.

– Não custa averiguar.

– Então você já foi à cidade baixa procurar pela deusa?

O outro não respondeu.

– Sei que seu informante mentiu, porque estava no *Odor Piscis* há duas noites, e vi essa *pretensa* Drucila com meus próprios olhos. Uma velha imunda, cujo rosto era marcado por uma cicatriz que se estendia da orelha à boca, me abordou dizendo: “Quando o chicote do centurião abriu uma ferida em meu rosto, podia-se ver os poucos dentes que tenho entre as bordas do talho. Depois de costurar a ferida, foram necessários dois meses para que eu deixasse de sentir dor. Mas quatro anos se passaram, desde que a *insula* em que eu morava desabou em chamas, e ainda não consegui juntar dinheiro suficiente para retomar meu antigo negócio. Por isso, decidi vender meu único tesouro”.

– O que isso tem a ver com a deusa?

– A mulher trouxe a mim uma garota, que tinha pouco mais que quinze anos. Seus cabelos haviam sido pintados de preto. Tinha olhos verdes, mas a velha jurava que eram azuis. Estava notoriamente assustada, cheirava mal e vestia uma túnica puída e manchada, mas ainda assim era muito bonita. Os seios eram pequenos, mas o quadril era largo e carnudo. A velha pedia mil sestércios pela virgindade da neta, e a apresentou como Drucila, a Deusa Vênus Encarnada.

Dessa vez foi Tiburcius quem riu.

– Mais uma mentira.

– Seu verdadeiro nome era Venilia, e sua boca era doce como mel. Os seios são pequenos, mas duríssimos. E a...

– Que a deusa Moneta tenha piedade de você. Não acredito que criou mais uma dívida! Mil sestércios por uma prostituta?

Maurus parou subitamente e colocou a mão espalmada no peito do legionário.

– Não fale assim da minha Venilia. Ela não é meretriz. – Soltou o amigo e voltou a caminhar.

Permaneceram calados, enquanto cruzavam o salão. Deixaram seus olhos se perderem nos afrescos das paredes: imagens de um Tártaro com céu escarlate e rios de sangue. Uma mulher de cabelos negros e olhos azuis vestia uma túnica negra e estendia a mão, alimentando uma *fúria*. O teto, adornado com um mosaico de cores frias, reproduzia o céu, o sol e as nuvens. Um Apolo vestindo branco e dourado cruzava o céu numa biga conduzida por um cavalo alado. O chão também fora coberto com um mosaico que mostrava peixes, crustáceos e hidras. As paredes que não exibiam pinturas foram cobertas com marfim polido.

– Fiz um bom negócio com a velha – concluiu Maurus. – A menina era mesmo donzela, e depois de muita negociação convenci a velha a me conceder exclusividade por noventa dias.

Cruzaram o portal do salão e entraram num imenso jardim, cercado por colunas e corredores. No centro havia um grande bloco de concreto, encimado por uma estátua de bronze de treze metros de altura.

– E de onde você tirou mil sestércios?

Tiburcius parou aos pés do colosso de bronze e perdeu alguns instantes observando sua beleza. Assustou-se ao ouvir o som do metal raspando no couro da bainha, e percebeu que Maurus desembainhara o gládio.

– Por Roma – gritou num reflexo, desembainhando sua arma desajeitadamente e dando um passo para trás.

O oficial riu despidoradamente.

– Está louco, meu amigo? Acha que vou atacá-lo? – Puxou-o para perto, mostrando a lâmina da sua espada. – Veja!

Ao ver o brilho diferente no fio, Tiburcius arrematou:

– Este é um gládio comum... Você... Não acredito que vendeu seu gládio de prata para gastar em vadiagem!

Maurus embainhou a espada às pressas.

– Psiu! Está louco? – Olhou para os lados, à procura de alguém que os pudesse ouvir. – Conto a você porque confio na nossa amizade. Não vá me decepcionar!

– E se o Lobo Branco voltar? Como você vai se defender?

– Ora, não seja imbecil, Tiburcius. Há quatro anos que o lobo não é visto. Acredito que nunca irá voltar. Drucila, obstinada e poderosa, era capaz de tudo. O imperador, sozinho, não pode fazer nada.

O legionário levou a mão ao queixo, ponderando.

– Há inúmeros relatos de armas e elmos desaparecidos.

– Uma prova de que eu não sou o único a pensar assim.

Perderam alguns instantes em silêncio, contemplando a estátua gigantesca.

– Um imperador que teme a luz do sol ordenou que se esculpisse uma estátua de Hélios, o deus sol, e nela mandou entalhar seu rosto. Irônico, não é? – comentou o legionário.

O oficial sorriu, encarando o amigo.

– A verdade é o que menos importa. Quem vê o torso da estátua emergindo acima dos telhados da *Domus Aurea* e vê a face do bebedor de sangue no corpo de um deus se esquece de sua verdadeira aparência. Ao vê-lo dessa forma, muitos pensam no *princeps* como um ser divino.

– Não é o que dizem dele pela cidade.

Maurus sorriu.

– Há alguma nova teoria?

– Há alguns dias, no mercado, ouvi um velho dizer que Nero se converteu ao cristianismo e fugiu, e essa é a razão de não ser visto há quatro anos. Disse também que os senadores governam Roma, por isso inventaram que Nero está sempre viajando.

– Essa eu já tinha ouvido – comentou Maurus. – Um bêbado que enchia a cara de vinho no *Odor Piscis* cantou uma música cuja letra dizia que Nero virou uma *fúria* negra e voou para a lua.

Os dois riram ao mesmo tempo.

Tiburcius acrescentou:



– O açougueiro da minha rua aposta na teoria de que o imperador se suicidou, à beira de um rio, enfiando um punhal no próprio ventre. Todas as vezes que o carniceiro espeta um pernil, encenando o ato suicida, e grita “o mundo perde seu maior artista”, os clientes riem despudoradamente. Quando eu repito que o Augusto continua viajando, visitando as províncias romanas para conhecer suas necessidades e aconselhar seus governadores, o homem me chama de mentiroso.

– Ele não é o único. Acho que há muito tempo o povo deixou de acreditar nessa farsa. Mandar uma comitiva para a Germânia com uma liteira vazia foi uma jogada inteligente, mas todos concordam que o imperador já deveria ter voltado – Maurus meneou a cabeça.

– Estamos caminhando num sentido perigoso, amigo. O povo reclama dos aumentos dos impostos, necessários para a construção do novo palácio. “O imperador ordenou que se construísse uma cidade de mármore e ouro”, disseram os senadores ao povo, “e todos aqueles que foram vitimados pelo fogo e pela ambição dos cristãos conhecerão o prazer de viver como um nobre”.

Tiburcius riu, e um instante antes de falar ouviu o som de inúmeras sandálias castigando o piso de mármore de um dos corredores laterais que cercavam o jardim. Calou-se.

Perfilados, dois a dois, os homens marchavam numa longa coluna. Cem homens vestindo elmos e armaduras de prata. As capas pretas balançando ao vento, os penachos negros ondulando em suas cabeças a cada passo da marcha. Tiburcius viu os cabos dos gládios e punhais em suas bainhas e percebeu que a imensa maioria das armas não tinha o brilho da prata.

*Uma legião indefesa, pensou o rapaz. Mas de que serve um gládio, senão para o combate corpo a corpo? Engana-se quem imagina que tem chance de lutar contra o Lobo branco. Se o prendemos numa rede de prata, no dia em que invadimos seu domus no campo, é porque o pegamos de surpresa, sonolento e desarmado. Viu as lanças brilhantes mantidas junto ao corpo dos homens do destacamento. Não vendem as lanças, porque é a arma que usamos em formação. Sabem que, juntos, têm mais chance de sobreviver ao lobo.*

– Andemos – ordenou Maurus. – Já é hora da troca de turno dos lanceiros. Em pouco mais de uma hora, será dia. – Com um gesto, conduziu o amigo, e voltaram a caminhar, cruzando o imenso jardim.

A cada passo, o som da marcha dos lanceiros se tornava mais baixo, até que desapareceu.

– O povo cobra a devolução da prata confiscada – lembrou Tiburcius. – Por pouco não levei uma pedrada, ontem, quando passava pelo Campo de Marte. O homem que me atacou era um mendigo, mas dizia ser Vinicius Lanicius, o dono do antiquário que ficava no sopé do Monte Capitolino. “Levaram meus candelabros e minhas bandejas de prata”, ele gritava. Até que puxou do bolso um pergaminho.

– Era mesmo o tal Vinicius?

– Não faço ideia...

Chegaram ao final do jardim e cruzaram um novo portal, entrando em um salão circular, de teto ovalado e ornado com pinturas de centenas de homens nus, cujos corpos se sobrepunham, enlaçando-se. Era difícil saber, sem que se prestasse muita atenção, quais deles lutavam entre si e quais deles se enlaçavam numa relação erótica.

– Este salão eu não conhecia – comentou Maurus. – E então? O homem era ou não era o tal Vinicius?

– Não sei dizer, porque ele levantou a túnica e abaixou os calções. Defecou à frente do templo e gritou: “Aqui está, legionário, a serventia da promissória que eu recebi em troca da minha prata”. Por um instante, senti vontade de desembainhar o gládio e trespassar o pescoço do infeliz, mas, ao ver o homem limpar o rabo com a promessa de pagamento, fiquei sem reação. Um destacamento da Guarda Pretoriana avançou e espancou o homem. Depois, levaram-no, enquanto riam da situação.

– Já nos olham de forma estranha...

– Não somente os urbanicianos. Os pretorianos, vigiles e alamanos, legionários ou centuriões, todos nos odeiam. Sabem que ganhamos mais do que eles, e que nunca precisamos desembainhar as armas, em quatro anos.

– Que morram de inveja.

– Que não nos matem pelo mesmo motivo...

Permaneceram calados por algum tempo enquanto deixavam o salão circular e entravam na área que circundava o lago artificial. Da mesma forma que o imenso pátio do colosso de bronze, o lago era rodeado por corredores ornamentados com colunas. No centro do lago fora colocado um navio, e sobre ele havia sido construído um pequeno templo em homenagem à deusa Vênus.

– Não me acostumo com o tamanho desse palácio. Antes, tudo era mais fácil – comentou Tiburcius.

– Antes, todo o caminho que acabamos de percorrer era ocupado pelas mansões de vários senadores. Tenho certeza de que nenhum deles gostou de perder a propriedade que suas famílias mantinham havia dezenas ou centenas de anos.

Tiburcius observou o lago por um instante. Lembrou-se das inúmeras cruces de madeira, perfiladas na margem, dos homens e mulheres crucificados, enquanto as chamas consumiam seus corpos. Os gritos de terror, a agonia, até que todo o barulho cessasse. O imperador, assentado numa confortável cadeira sobre o convés do navio, dedilhava sua lira, enquanto apreciava as tochas feitas com cristãos.

– Pelo menos, as sessões de crucificação terminaram – disse o legionário, suspirando. – Já estava cansado daquilo.

– Sou capaz de apostar – retrucou o oficial – que a maioria dos homens que morreram aqui nunca sequer viram uma cerimônia cristã. Confesso que torturar os suspeitos e averiguar as denúncias me aborreciam mais que presenciar suas execuções. Mas, como o imperador nunca recompensou os delatores, os cristãos sumiram magicamente. “Mil sestércios por cada cristão”, ele disse. “Uma surra e metade dos dentes quebrados para os que cobrarem pagamento”, ele devia ter prometido.

Tiburcius sorriu, mas seus olhos eram tristes.

– Ele também nos prometeu vida eterna.

– A nós e a todos os legionários de prata.

– Acha que ele nunca irá cumprir a promessa que nos fez?

Maurus estacou, obrigando o amigo a parar também. Suspirou profundamente e tocou o rosto de Tiburcius.

– Se ele nos transformasse em bebedores de sangue, querido amigo, quem defenderia o imperador durante o dia? O lobo caminha sob o sol, mas os lacaios de Drucila não podem fazê-lo. Se, em quatro anos, o *princeps* não deu seu sangue para que nenhum de nós o bebesse, é certo que nunca o fará. É um imbecil, um fraco. E é por isso que ainda espera pela volta da deusa Vênus.

– Está morta, com certeza.

– Também acho que esteja. Mas, se não continuarmos procurando pela divina Drucila, o que mais faremos? Quatro mil centuriões, armados e vestidos com prata, fariam nada mais que comer e cochilar, dia e noite, guardando postos de observação em um palácio onde nada, absolutamente nada acontece.

Tiburcius sorriu e voltou a caminhar.

– As histórias que o povo conta sobre ela são ainda melhores que as inventadas a respeito do imperador.

– Há algo de novo? – interessou-se Maurus, acompanhando-o.

– Ouvi parte de uma conversa entre advogados, no Fórum, e um deles disse: “A amante do imperador era um demônio. Matou o *princeps* na hora do ato, depois esfolou o Augusto e vestiu sua pele como uma roupa”. Veja bem, o homem falava com uma convicção tão grande que, por um instante, até eu pensei que a história era real. Terminou, dizendo: “Agora, ela governa o império em lugar de Nero, e ninguém consegue ver a diferença. Falam que o imperador parece até mais nobre e másculo”.

Maurus, a muito custo, controlou o riso.

– Ouvi dois senadores conversando, e um deles garantiu que vira Drucila em Tarraconense, e que ela era amante do general Galba, procônsul da província.

Tiburcius verteu um semblante sério, novamente. Haviam chegado à entrada do salão octogonal, um dos maiores recintos do palácio.

– Também ouvi boatos sobre o general Galba. Comenta-se, entre os legionários pretorianos, que ele se autoproclamou imperador fora de Roma, e que reúne suas tropas para tomar o poder.

– Há meses que se fala disso.

– Então...

– Não sei se é verdade. O imperador já não se importa com assuntos políticos. Está obcecado com a ideia de reencontrar sua deusa. Sinceramente, eu também não me importo. Mas, se eu fosse o imperador, transformaria metade da *Legio Argenteus* em criaturas da noite.

Adentraram o salão octogonal e viram suas paredes revestidas de marfim. Sobre o salão, o teto abobadado tinha uma grande abertura, que permitia que a luz natural se espalhasse por todo o ambiente, emprestando um tom de prata ao mármore das colunas e estátuas.

Ouviram o doce som da lira amplificado pela acústica. A voz de Nero era embargada e triste.

Os legionários temeram interrompê-lo e permaneceram de pé, à entrada. Viram as estátuas espalhadas pelo salão. Júpiter, conhecido como o pai dos deuses, fora esculpido com um rosto jovial e impiedoso. Vestia o fardamento completo de um general romano, todo feito de ouro. Segurava um gládio cuja ponta se contorcia e se dividia, simulando um raio, e se estendia por quase um metro acima da sua cabeça. Segurava um escudo trabalhado com bronze e prata, sobre o qual uma águia de mármore abria suas asas. Os olhos de Júpiter, assim como os da maioria das estátuas do salão, eram feitos de quartzo negro polido, e tinham o mesmo aspecto dos olhos dos bebedores de sangue em sua forma demoníaca. Por trás de Júpiter, sua esposa, Juno, mantinha uma das mãos sobre o ombro direito do Senhor do Trovão. Os olhos da deusa eram de esmeralda; duas esferas verdejantes num lindo rosto de mármore. O artista pintara os lábios da estátua com um vermelho intenso, o que realçava as pontudas presas de marfim que despontavam de sua boca. Ela vestia uma longa túnica verde, cuja barra drapeada simulava os desenhos da cauda de um pavão.

Havia uma fonte no meio do salão e de suas águas emergia uma deusa Diana completamente nua, feita de mármore, com olhos negros de quartzo. Segurava um arco de bronze e uma aljava com flechas de prata.

A música subitamente parou.

– Quem está aí?! – assustou-se Nero, enxugando as lágrimas de sangue que escorriam no rosto. Suas presas despontaram, num reflexo, ao mesmo tempo em que suas garras se alongaram.

Nero vestia uma túnica branca de seda, conspurcada com inúmeras manchas, umas cor de vinho, outras amarronzadas, comprovando que havia semanas que o *princeps* não trocava de roupa.

– Drucila?! – Estava assentado aos pés de uma das estátuas do salão, sob a incidência direta da luz da lua.

– Ave, augusto! – bradou Maurus, elevando o braço estirado.

– Ave! – gritou Tiburcius, e no instante seguinte percebeu que falara alto demais.

– Por que motivo resolveram me incomodar dessa vez? Encontraram a minha Drucila? – Levantou-se e encarou os dois legionários a distância. Depois fez um gesto nervoso com a mão direita, ordenando-os que se aproximassem. – Venham, eu *não mordo*.

Maurus andou com passos firmes e parou em frente ao imperador, batendo as sandálias uma contra a outra, assumindo uma posição rígida e uma feição inexpressiva.

– Ora, não me canse com formalidades. Diga logo por que veio – irrompeu Nero.

Maurus relaxou, assumindo uma postura mais confortável.

– O legionário... – Virou-se para ver que Tiburcius permanecia à entrada do salão. – O bravo Tiburcius – chamou-o com um gesto – traz notícias da poderosa Vênus.

O legionário finalmente se aproximou.

– Imploro ao nosso amado e misericordioso *princeps*, augusto imperador de Roma, *primus inter pares*, que perdoe este humilde legionário, porque apenas repito os comentários que escuto nas ruas de Roma.

– Fale logo.

– Não há nenhuma prova irrefutável, apenas especulações. De todos os comentários, talvez o único que se valha a pena investigar seja o de que... – Calou-se e encarou Maurus por um instante. Depois que o amigo meneou a cabeça, ordenando-o que

prosseguisse, arrematou: – Dizem que a poderosa Vênus deixou Roma para se juntar ao general Galba, procônsul da Hispânia Tarraconense.

Nero assumiu trejeitos efeminados, levando uma das mãos à cintura e a outra à boca, e simulou uma risada, mas permaneceu mudo e imóvel como uma estátua.

Os legionários se entreolharam, desconfiados.

– Galba é um fraco – irrompeu Nero. – Não quero mais ouvir falar dessa história. Ninguém pode ameaçar o imperador de Roma. Há milhares de legionários dentro dos limites da cidade, dois mil deles somente na *Domus Aurea*. Todos atendem à minha vontade. Se Galba ou qualquer outro quiser tomar meu lugar, que tente, estou esperando. – Andou até uma mesa, sobre a qual estava um jarro de louça, e encheu uma taça com sangue. – E quanto à teoria de que Drucila se juntou ao traidor, é igualmente ridícula! – Levou a mão ao peito. – Minha amada Vênus ainda está por perto... Posso senti-la. Não sei onde exatamente, mas sinto sua dor. Ela tem fome, muita fome... Às vezes, acordo ouvindo sua voz, em minha cabeça. “Sangue”, ela sussurra. “Escuridão”, depois tudo se dissipa.

Nero andou até uma das estátuas, uma deusa com cabelos de ágata polida, em forma de chamas, que reluziam, oscilando do amarelo ao vermelho. Os traços do rosto de mármore eram idênticos aos de Drucila. Os olhos foram feitos de lápis-lazúli. Os lábios, entreabertos, deixavam as presas de marfim à mostra. Ela tinha os braços entreabertos ao lado do corpo e segurava duas espadas de prata. Fora vestida com uma longa túnica vermelha com bordados de cor preta. Uma longa abertura deixava sua coxa pálida à mostra. Pisava um lobo desfalecido, que exibia uma enorme lesão no pescoço. Nero tocou o rosto da estátua, e lágrimas de sangue ladearam seu rosto, mais uma vez. – Vou encontrá-la, minha deusa! Ou morrerei...

– Ave, agosto! – o grito se espalhou pelo salão octogonal.

Nero parou.

Maurus e Tiburcius ergueram o braço em cumprimento ao velho oficial, que adentrava o salão esbaforido.

O homem parou e apoiou uma mão no ombro esquerdo da estátua de Júpiter. Arfava. Recompôs-se, retirou o elmo de prata e enxugou a testa com o dorso da mão.

– Ave, augusto – disse, sem se dar ao trabalho de estirar o braço em cumprimento. – Os estandartes do general Galba foram vistos na Via Ápia a algumas milhas da cidade. – Ainda resfolegando, levou a mão à boca e tossiu.

– O que ele quer? – irrompeu Nero.

– Como assim? – antecipou-se Maurus. – Nosso amado *princeps* sabe que o general Galba meteu uma coroa de louros sobre a própria cabeça e declarou-se imperador de Roma.

– O imperador sou eu! – Seus olhos verteram um negro noturno.

– Meu *princeps* – interveio o velho oficial. – Segundo o mensageiro, as tropas do general somam aproximadamente quarenta mil soldados. Talvez mais...

– Absurdo! Reúna todas as legiões de Roma e matem os traidores! Não aceito perdão aos rendidos! – Cerrou o punho com tanta força que suas garras penetraram as próprias mãos. Sangue negro escorria pelos antebraços do imperador e tingiam sua túnica. – Quero quarenta mil cabeças espetadas em pontas de lança e distribuídas pela cidade, para que todos vejam que nenhuma força é grande o suficiente para ameaçar o poder do Príncipe da Escuridão! – Pisou o corpo do lobo de mármore e o quebrou em milhares de pedaços.

O velho oficial meneou a cabeça.

– Não temos homens suficientes...

Nero encarou-o, estático.

– Amado *princeps* – disse Tiburcius, com voz rouca. Cerrou os punhos, para disfarçar a tremedeira. – Talvez seja uma boa ideia reunir todas as legiões e centúrias, contar nosso efetivo e somente depois decidir o que fazer... – Calou-se, e ao ver que todos o ouviam arrematou: – Há boatos... É provável que muitos dos nossos homens já pertençam à legião do general Galba.

– Quê?!

– A ameaça é antiga! – irrompeu o velho oficial. – Mas o nosso poderoso *princeps*, augusto imperador, nunca se importou em tomar



providências. A guarda pretoriana está dividida, pois os homens não sabem a qual imperador devem obediência, já que há dois césores. Os senadores ainda não se pronunciaram quanto à condição de traidor de Galba, e enquanto não o fizerem os legionários urbanicianos não desembainharão seus gládios. Os legionários alamanos se aquartelaram. Cerraram os portões e ainda não anunciaram uma posição, mas para mim é óbvio que não podemos contar com eles. Resta apenas a *Legio Argenteus*, mas a prata, apesar de reluzente e bela, é mais frágil que o ferro. – Calou-se, levou a mão à testa e a enxugou mais uma vez. – Será um massacre.

Nero verteu um olhar humano novamente. Agora, ouvia-se apenas o chiado da água da fonte e os passos do imperador ecoando pelo salão. Até que parou, sorrindo.

– Centurião – ordenou para Maurus. – Reúna todos os homens da *Legio Argenteus*. O momento pelo qual todos esperavam finalmente chegou! A poderosa Vênus terá sua legião de bebedores de sangue! – empertigou-se.

– É tarde demais – gritou o velho oficial. – Tarde demais... – Deu um passo para trás, olhando o céu da madrugada através da imensa abertura no teto do salão. – Já é quase dia, não está vendo?! O sol vai destruir todos nós, antes que possamos... Não dará certo! Sei que não.

– Talvez os homens que temos possam segurar os traidores até que a noite caia novamente – disse Tiburcius.

Maurus tocou o antebraço do amigo e o encarou, meneando a cabeça em negativa.

– Fuja! – irrompeu o centurião esbaforido. – Fuja! Ainda há tempo para deixar a cidade incógnito! Se o augusto insistir em ficar, vamos todos morrer.

– Eu não vou fugir! – gritou Nero, com garras e presas à mostra.

– Eu não quero morrer! – retrucou o centurião.

O imperador golpeou seu pescoço com suas garras laminadas. A cabeça do homem rolou e bateu no chão de mármore, criando um som hediondo. O corpo gordo tremulou, fazendo a armadura de

prata tilintar pouco antes de tombar no chão. Nero tinha um dos braços tingidos de vermelho. A túnica úmida aderida ao peito.

Maurus e Tiburcius se entreolharam por um instante e se ajoelharam ao mesmo tempo, abaixando a cabeça em sinal de submissão ao imperador.

O primeiro raio de sol da manhã caiu sobre uma das estátuas do salão, chamando a atenção de Nero. O imperador viu a estátua de Plutão, que vestia uma túnica negra com arabescos de ouro. Estava assentado num trono, numa postura que geralmente era vista em representações de Júpiter. Suas garras negras de quartzo penetravam os encostos de braço do trono. No rosto de mármore, os olhos pretos refletiam o sol. Os dentes de marfim despontavam de uma boca que parecia sorrir.



## 78

Os escravos estranharam quando o centurião Maurus ordenou que cobrissem o caixão com areia.

– Mas o imperador vai ficar sem ar! – irrompeu Tiburcius.

– Não se preocupem – disse Nero, sorrindo de dentro do ataúde.

– Eu vou ficar bem.

Retiraram o caixão que transportava o Augusto pelos fundos do palácio, sob a luz de um sol escaldante.

– Ai, que calor – repetia o imperador de dentro do caixão. Sua voz era quase um murmúrio abafado pela terra.

– Meu *princeps* está bem? – sussurrou um dos quatro soldados que o carregavam, enquanto o colocavam sobre a charrete.

Maurus o estapeou com o dorso da mão e gritou:

– Faça de conta que não há ninguém aí, imbecil! Não entende o que estamos fazendo aqui?

Os soldados trocaram suas fardas por túnicas de estopa com capuzes e esconderam suas espadas sob a roupa. Uma comitiva de doze homens conduziu o imperador pela estrada que levava ao porto mais próximo.

•

Quatro cavalos robustos tracionavam o carro encoberto com uma lona. Os soldados disfarçados de camponeses acompanhavam o comboio, sempre atentos.

– Comandante! – irrompeu um dos homens. – Há um destacamento se aproximando!

O oficial fechou a mão direita e a elevou, ordenando que os soldados parassem.

– Carrega um estandarte romano, mas não são nossos homens. – Apontou para frente, ordenando-lhes que avançassem. – Esqueçam que são legionários! Mantenham as vistas baixas e os capuzes levantados. Camponeses não elevam o olhar para um oficial, lembrem-se disso. Quero vê-los todos encurvados, ou eles vão perceber.

Havia cerca de cem oficiais cavalgando à frente de uma legião que marchava, ao longo da via, numa fila que se prolongava, perdendo-se no horizonte.

Ao identificar o homem que os conduzia, o oficial baixou a vista e ordenou aos soldados que permanecessem calados.

Assim que o pelotão se aproximou, seu comandante irrompeu:

– Não sabem que esta é uma via exclusiva das centúrias e das legiões romanas?

O militar disfarçado manteve a cabeça baixa, escondida no capuz, ao dizer:

– Queira nos perdoar, comandante. Somos apenas camponeses ignorantes fugindo de uma moléstia que se abateu sobre nossa família. Uma febre matou nosso pai, pobre homem, e o estamos levando para a terra dos nossos antepassados, onde ele será enterrado.

O general se aproximou, mantendo as rédeas do cavalo sempre tracionadas, obrigando o animal a manter um trote nervosamente elegante. Quatro militares se afastaram do pelotão para acompanhar o general de perto.

– Vítimas de febre devem ser queimadas, não enterradas. Os humores que o corpo exala infectam os que o rodeiam... Ponham o caixão abaixo e ateiem fogo nele.

Os pretensos camponeses se entreolharam.

– Perdão, general...

– Este é Servius Galba Imperator César Augustus! Imperador de Roma – gritou um dos oficiais que acompanhava o comandante.

Galba mostrou-lhe a mão espalmada.

– Está esperando o quê?! – disse, fitando o cocheiro.

– Nosso... Nosso pai nasceu numa tribo da Gália onde acreditam que o fogo amaldiçoa a alma do morto. Para alcançar o descanso eterno, deve ser enterrado junto aos nossos antepassados. Nós imploramos, ó misericordioso *princeps*, deixe-nos realizar esse último desejo do nosso pai...

Galba observou-os por um instante.

– São todos irmãos?

– Doze, de vinte e seis irmãos, querido *princeps*, filhos de um casal que...

– Não me interessam os detalhes – interrompeu-o Galba. – Quero que abram o caixão!

Tiburcius, com as rédeas da carroça em mãos, deixou escapar um gemido de ansiedade.

– Mas o corpo de meu velho pai não é nenhuma ameaça ao império... Afinal, se a Guarda Pretoriana nos deixou partir por esta via, é porque temos a permissão de Nero para...

O general deixou escapar uma gargalhada e foi acompanhado por todo o pelotão.

– O que é tão engraçado?

– O engraçado, camponês, é que Nero não manda em nada!

Um dos soldados esclareceu:

– Todas as determinações de Nero Claudius, antecessor de Servius Galba Imperator César Augustus, tornaram-se inválidas. – Sacou a espada e arrematou: – E se o *imperador* Galba ordena que abram o caixão, é isso o que vão fazer!

Silêncio. Até que o cocheiro se levantou e descobriu a lona que escondia o ataúde.

Subitamente, Galba afobou-se:

– Ora, mas quanta bobagem! Deixem isso pra lá! Vamos, sigam! Tenho muito mais a fazer que ficar me importando com gente ralé. – Puxou as rédeas e seguiu cavalcando, deixando-os para trás.

A legião seguiu marchando, até que um cavaleiro se aproximou da carroça. Os viajantes se surpreenderam ao perceber que o centurião vestia uma armadura diferente: uma placa de peito com contornos

do torso de mulher. Os olhos que se revelavam sob o elmo de ferro eram castanhos e refletiam uma luz amarelada. Seus cílios eram longos. Usava uma capa vermelha e um elmo encimado por penachos da mesma cor. Os cabelos tinham um tom castanho-avermelhado e estavam arrumados numa longa trança que caía sobre o ombro esquerdo e caíam entre os seios de metal da armadura. A espada que levava presa ao cinto era longa e reta, diferente dos gládios romanos.

– Imperador! – gritou a moça.

Galba parou ao ouvir o grito da voz feminina e rapidamente se aproximou.

– O que há?!

– Para que serve um caixão repleto de terra? – ela o instigou, fitando o ataúde.

O general a encarou por um instante, depois olhou para o caixão ainda fechado. Não saberia dizer como, mas a capitã intuiu o que estava dentro do caixão mesmo sem abri-lo.

– Uma mulher militar? – estranhou um dos viajantes.

– Rodha não é uma mulher comum – respondeu o general, sorrindo. Olhou novamente para a moça. – Tem certeza?

Ela meneou a cabeça, dizendo que sim.

O general desceu do cavalo e subiu na carroça.

– General... – tentou argumentar um dos lacaios de Nero.

– Cale-se – respondeu o general, desembainhando a espada e encostando-a ao seu pescoço. – Você – ordenou ao cocheiro, que suava abundantemente. – Abra o caixão.

Tiburcius lhe obedeceu, revelando o conteúdo: estava repleto de terra negra até muito próximo das bordas.

Galba estocou a areia a esmo com sua espada três vezes seguidas. Sentira apenas que a ponta da lâmina penetrava em algo que se assemelhava a carne humana.

– Jeito estranho de carregar seus mortos. – Quando estava prestes a dar as costas para o comboio, percebeu que a terra do caixão emanava fios cinzentos de fumaça. – O que é isso?

– Nossos irmãos tentaram cremá-lo, mas conseguimos convencê-los do erro, no último instante. O fogo já tinha começado a queimar

suas roupas e seus cabelos, por isso ainda solta fumaça – tentou emendar um dos fugitivos.

O general se aproximou do caixão novamente.

A terra agora esfumaçava abundantemente e exalava um odor pungente de carne queimada.

Galba apoiou as duas mãos na beirada. Gotas de suor desciam por seu rosto. O sol brilhava, impietoso, sobre suas cabeças.

De repente, um corpo irrompeu do caixão, espalhando terra para todos os lados numa grande explosão. Nero se jogou sobre Galba e lhe apertou o pescoço com uma das mãos. Na outra, suas garras se alongavam. Os dentes de punhal à mostra.

– Eu sou o único imperador! Eu sou o augusto! – E, no exato momento em que sua garra se aproximou do pescoço do general, todo o corpo do bebedor de sangue se desmanchou em poeira negra.

Galba andou para trás, tropeçando na beirada da carroça e caindo desajeitadamente no chão.

– Maldito Plutão! Que merda é essa?! – E se levantou de um salto.

– Matem todos! Todos! Agora! Quero ver as cabeças desses demônios rolando pelo chão!



# EPÍLOGO

**Roma**  
**19 de julho de 1943**

**A**s turbinas se somavam, orquestrando dor e morte.

Centenas de aviões rasgavam o céu enevoado de fumaça. As estrelas estampadas na lataria identificavam as máquinas de guerra americanas enviadas pelo presidente Franklin Delano Roosevelt.

A chuva de ogivas desceu como uma maldição sobre a cidade milenar, destruindo prédios e monumentos. Um míssil, que fora prematuramente abandonado e errara seu alvo original, caíra sobre o pedregulho enorme e o reduziu a pó, revelando a entrada de uma gruta.

– Franz! Aqui! – gritou o soldado alemão. Estava agachado, em meio à vegetação. Levantou o fuzil e o balançou, tentando chamar a atenção do colega.

O outro correu em sua direção, sempre abaixado, até que se jogou ao seu lado, escondendo-se no mato.

– Estamos mortos, Rolf! Mortos! Há aliados em todo lugar! Esta cidade virou um inferno! E esses italianos filhos da mãe parecem ter a capacidade de desaparecer no ar quando aparece um inimigo! Covardes! Estamos mortos, Rolf! Mortos!

O outro o ignorou por um instante. Via a fumaça que emanava da formação rochosa.

– Ali! Pode ser uma caverna!



– Mas é dali que vieram as bombas! Vamos pro outro lado, *mann*, pro outro lado!

– Ora, raciocine: os aviões não vão explodir os mesmos pontos duas vezes, vão? Venha! Acho que há uma caverna lá adiante! Vamos nos esconder nela, até que o bombardeio cesse!

Entraram na gruta, desaparecendo na penumbra.

Desceram a rampa de entrada apressadamente, até que um deles escorregou nas pequenas pedras que atapetavam o chão e, num reflexo, agarrou a manga da farda do colega. Os dois deslizaram pela ladeira e rolaram da pequena escadaria.

– Mas que diabo é isso?! – disse um deles, ainda no chão. – Que tipo de lugar é este?

O colega levantou-se, apoiando-se no objeto de ferro, grande e redondo.

– Parece um caldeirão.

A pouca luz que invadia a caverna era suficiente para que eles vissem as inscrições feitas com sangue no chão e nas paredes.

– Magia negra, *mann*!

O outro deu de ombros.

– Tá com medo? Prefere encarar os aliados?

Franz pegou do colete a pequena lanterna e começou a explorar o lugar.

– Meu Deus... – Viu as pernas e o quadril de um esqueleto enegrecido, dependurado no teto.

No chão, exatamente abaixo do corpo suspenso, havia outro cadáver mumificado. Esse defunto, porém, estava muito mais bem conservado que o outro.

– Rolf.

O outro se aproximou.

– Que é isso?

– Acho que era uma mulher – arriscou Franz, de cócoras, tocando os cabelos longos e negros que se soltavam do crânio ressequido.

– Solta isso. É nojento.

Franz examinou o corpo, iluminando-o de cima a baixo. Era mesmo uma mulher de estatura baixa que vestia um luxuoso vestido negro com detalhes dourados. O tecido puído contrastava com o

brilho dos fios de ouro. Estava deitada em posição fetal, abraçada a dois braços humanos.

– Será que os braços são do outro corpo? O pendurado?

– Sei lá – respondeu o colega, espreitando a entrada da gruta. – Estou mais preocupado com os que estão vivos, não com as múmias de uma caverna imunda! – Logo em seguida, ouviu um murmúrio e viu a luz da lanterna girar, focando as paredes da gruta a esmo. – Franz?! – Virou-se no exato momento em que a lanterna se apagou. – Franz, deixe de ser imbecil. Isso lá é hora pra sacanear? Hein?! Acende a luz, *mann*. Deixa disso... – Ouviu um barulho estranho, como o som de uma criança mamando ou de um casal de namorados se beijando. Um gemido. Duas batidas secas, como pisadas fortes no chão. Ou seria o som de um crânio se chocando contra a terra? – Franz?! – Subitamente, a luz se espalhou diante dos seus olhos e o ofuscou. – *Sheiße!* Você é um palhaço, Franz! Sabia disso?! – Ajustou o foco da visão e percebeu que havia uma pessoa segurando a lanterna e olhando para sua lente. O corpo tinha poucos cabelos aderidos à cabeça. O rosto era esquelético e cinzento. Seus olhos eram negros e esféricos e absorviam parte da luz da lanterna, em vez de refleti-la.

– O que significa “fascismo”? – ela perguntou, passando a língua nos lábios murchos.

– Ai, meu Pai!

Ela o encarou por um instante, antes de atacá-lo, cravando os dentes em seu pescoço. Sentia o sangue descer pelo esôfago carcomido. A cada gole, percebia a pele clareando e as feridas se fechando. As pernas se intumesceram de músculos e uma fina camada de gordura se espalhou sob sua epiderme, devolvendo-lhe os contornos femininos. Os seios, que antes se assemelhavam a sacos velhos e vazios, insuflaram-se até despontar do decote do vestido, túrgidos e eriçados em viço.

Soltou a carcaça vazia do soldado e deu alguns passos na direção da saída, mas parou ao sentir o calor dos raios do sol que iluminavam a entrada.

*Mas que porcaria de tempo é este em que o fogo cai do céu dessa maneira?*, pensava, enquanto via as imagens de guerra que o

sangue dos soldados lhe mostrara.

Levou as mãos aos cabelos e os arrumou. Depois de tantos séculos, ainda teria de esperar algumas horas até a noite cair. Entediada, decidiu sentar-se sobre uma pedra e se surpreendeu ao perceber que algo limitava seus movimentos. Levantou-se às pressas, retirando o vestido desajeitadamente.

Nua, ela contemplou o próprio ventre.

Globoso e gravídico.

– Oh! Pai das Trevas! – ela se ajoelhou. As lágrimas de sangue descendo pelo rosto. – Você finalmente me abençoou! – E se dobrou em risadas de alegria.

## #Novo Século nas redes sociais

Conheça - [www.novoseculo.com.br/](http://www.novoseculo.com.br/)

Leia - [www.novoseculo.com.br/blog](http://www.novoseculo.com.br/blog)

Curta -  [/NovoSeculoEditora](https://www.facebook.com/NovoSeculoEditora)

Siga -  [@novoseculo](https://twitter.com/novoseculo)

Assista -  [/EditoraNovoSeculo](https://www.youtube.com/EditoraNovoSeculo)



# Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)  
[33](#)  
[34](#)  
[35](#)  
[36](#)  
[37](#)  
[38](#)  
[39](#)  
[40](#)  
[41](#)  
[42](#)  
[43](#)  
[44](#)  
[45](#)  
[46](#)  
[47](#)  
[48](#)  
[49](#)  
[50](#)  
[51](#)  
[52](#)  
[53](#)  
[54](#)  
[55](#)  
[56](#)  
[57](#)  
[58](#)  
[59](#)  
[60](#)  
[61](#)  
[62](#)  
[63](#)  
[64](#)  
[65](#)  
[66](#)  
[67](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[75](#)

[76](#)

[77](#)

[78](#)

[Epílogo](#)